



MITOS HINDUS E BUDISTAS

ANANDA K. COOMARASWAMY IRMÃ NIVEDITA

Tradução
MARÍA CRISTINA GUIMARÃES CUPERTINO

Título original
MYTHS OF THE HINDUS AND BUDDHISTS

SUMÁRIO

- PREFÁCIO
- I - MITOLOGIA DOS POVOS HINDU-ARIANOS
- II - O RAMAIANA
- III - O MAHÂBHÂRATA NARRADO EM QUINZE EPISÓDIOS
- IV - KRISHNA
- V - BUDDHA
- VI - SHIVA
- VII - OUTRAS HISTÓRIAS DOS PURÃNAS, DAS EPOPÉIAS E DOS VEDAS
- VIII- CONCLUSÃO

PREFÁCIO

A irmã Nivedita, a quem este trabalho foi inicialmente confiado, não necessita apresentação para o mundo ocidental e nem para os leitores indianos. Autêntica discípula de Swami Vivekananda, que por sua vez foi discípulo do grande Ramakrishna, ela trouxe para o estudo da vida e da literatura indianas um sólido conhecimento da ciência educacional e social ocidental e uma insuperável dedicação às pessoas e aos ideais do seu país de adoção. Seus maiores trabalhos são *The Web of Indian life*, literalmente a única descrição real da sociedade indiana escrita em inglês, e *Kali, the mother*, no qual, também pela primeira vez, a profunda ternura e o terror do culto da deusa-mãe indiana são apresentados aos leitores ocidentais de uma forma que revela a real significação social e religiosa desse culto. Com seus livros, Nivedita tornou-se não só uma intérprete da Índia para a Europa como também a inspiração para um novo tipo de estudiosos hindus, que já não querem se anglicizar, e estão convencidos de que todo progresso real, diferentemente das

simples controvérsias políticas, deve se basear em ideais nacionais, em intenções que já estão claramente expressas na religião e na arte.

A morte prematura da irmã Nivedita fez com que o presente trabalho precisasse ser completado por outra pessoa. As seguintes partes são de autoria da irmã Nivedita: Mitologia das raças hindu-arianas (p. 11-15); Apresentação do Ramaiana (p. 25-32); o Mahabharata completo (p. 119-206, exceto p. 179-183); um trecho da parte sobre Shiva (p. 276-279); o comentário sobre Kacha e Devayani (p. 320-322) e A História de Dhruva, Shani, Imagens de Estrelas etc. (p. 353-362). Todo o restante é de minha responsabilidade.

As ilustrações são reproduções de aquarelas executadas especialmente para este livro por artistas hindus sob a supervisão de Abanindo Nath Tagore, vice-diretor da Escola de Arte de Calcutá, que também contribuiu com algumas das imagens. * Assim, as histórias têm a vantagem, única nessa série hindu, de ser ilustradas por artistas que as conheceram desde a infância e que por isso são bastante capazes de sugerir seu ambiente espiritual e material adequado.

Faz-se necessária uma breve explicação do princípio que orientou a seleção e a organização desses mitos e lendas. Minha intenção foi relatar tais mitos de uma forma tão próxima quanto possível do original, mas de modo geral bastante condensada, mais ou menos como eles são conhecidos por todo hindu bem-educado, entre os quais incluo os camponeses incultos mas audaciosos e as mulheres que adquiriram seu conhecimento dos Puranas ouvindo recitações ou lendo-os, visitando os templos (onde as histórias são ilustradas por esculturas), ouvindo canções regionais ou assistindo a representações de mistérios. As histórias relatadas aqui, além disso, incluem grande parte do conhecimento absolutamente essencial para todo estrangeiro que se propõe de algum modo a cooperar com o povo hindu para a realização dos fins a que este aspira — formulados do modo mais claro na mitologia e na arte. Entre esses estrangeiros espero que se incluam não apenas os apaixonados pelos ideais hindus, como era a própria Nivedita, mas também funcionários públicos e missionários. Os mitos hindus aqui narrados incluem quase todos aqueles habitualmente ilustrados na escultura e na pintura indianas. Por fim, eles incluem grande parte daquilo que muito em breve deverá ser reconhecido como pertencente não apenas à Índia, mas a todo o

mundo; sinto que isso é verdadeiro, sobretudo no Ramaiana, seguramente a melhor história de magnanimidade, verdade e amor ao próximo jamais escrita.

ANANDA K. COOMARASWAMY

OBSERVAÇÃO: As ilustrações, por motivos técnicos do original, não fazem parte desta edição.

Capítulo I

MITOLOGIA DOS POVOS HINDU-ARIANOS

O estudo da mitologia

Na história antiga do homem a Ásia formou um vasto terreno de civilização do qual países como o Egito, a Arábia, a Grécia, a Índia e a China constituíam as extremidades. O Egito e a Arábia foram destinados, por sua posição geográfica, a ser posteriormente invadidos e ter sua cultura destruída. A Grécia e sobretudo a Índia formavam o que se pode chamar culs-de-sac. Como se avançando pelas longas praias de alguma enseada oculta, a onda gigantesca de épocas consecutivas tomaria de assalto esses países, cada uma delas deixando na costa uma linha de maré que talvez nenhuma de suas sucessoras seria capaz de encobrir inteiramente. Por isso podemos esperar descobrir na Índia, como em nenhum outro lugar no mundo, meios de estudar a sucessão das épocas na cultura.

A civilização se desenvolve por novas uniões de tribos e povos, cada um com a sua perspectiva, resultante do conjunto característico de costumes impostos a ele pelas condições geográficas da região que constitui a sua terra natal e escola. A Ásia Ocidental é uma das áreas de confluência do mundo. Ali, pelas próprias necessidades da configuração, cruzavam-se as grandes estradas do norte para o sul e do leste para o oeste, e cidades mercantis — pontos de troca de mercadorias — surgiram nos entroncamentos. Igualmente óbvio é o fato de que a Índia e as partes remotas do vale do Nilo constituíram locais de trabalho e de produção. Ali se estabeleceram e se associaram diversos povos. Ali nações agrícolas se desenvolveram. Ali se acumulou a

civilização. E ali podemos observar a gradual elaboração de esquemas de pensamento que não só exibem, gravada em si, a sua própria história como também se tornam por sua vez causas e fontes de influência dinâmica sobre o mundo exterior.

Não é impossível recuperar a história das idéias que o mundo herdou do povo que vivia às margens do Nilo. Mas aquele povo, como sabemos, negligenciou de modo imperdoável a ligação com o seu próprio passado. Entre povo e passado há apenas uma continuidade fragmentada, um lapso de tempo que não representa um processo de causa e efeito, e sim, mais precisamente, uma perpétua interrupção dessa série; pois, na história, uma única geração que se encante com peculiaridades alienígenas é quase suficiente para comprometer toda a continuidade da civilização e da cultura. A mão do passado, desejoso de legar seus tesouros para o uso do futuro, confia séculos de acumulação à frágil barca de cada época que transcorre. É preciso que haja certa obstinação, uma lealdade obstinada e até mesmo um tantinho de conservantismo, talvez, para que nada se perca na longa marcha do tempo. E quando confrontados com grandes impérios, com uma inesperada extensão da idéia de cultura ou com a suprema tentação de uma nova religião, segurar bem o que temos, acrescentando apenas tanto quanto possamos carregar de modo saudável e determinado.

O caráter da Índia

Essa atitude é o que caracteriza um caráter nacional forte, e na Índia, desde o começo da história do país, ela tem sido firmemente mantida. Nunca adversa a uma nova idéia, seja qual for a sua origem, a Índia jamais deixou de pôr todas elas à prova. Sequiosa de novas idéias, mas ciosamente relutante em aceitar novos costumes ou experimentar uma expressão nova, ela tem sido lentamente criadora e decididamente sintética desde os tempos mais remotos até o presente.

Na verdade o defeito do conservantismo hindu tem sido a tendência desse povo de perpetuar diferenças sem assimilação. Sempre houve espaço para povos mais fortes, com sua própria bagagem de costumes e ideais,

estabelecerem-se nos interstícios da civilização bramanista sem ser influenciados e sem influenciar. Até hoje Calcutá e Bombaim têm bairros habitados por outros povos — o bairro chinês, o birmanês etc. — sem que nenhum desses povos contribua ou receba alguma contribuição da vida civil em meio à qual se situa. Até hoje os baniya, hindus pertencentes a uma casta de mercadores, são sobrevivências de um mundo antigo. Mas essa não-miscigenação não foi uniforme. A personalidade de Buddha constituiu a fonte de um impulso religioso para a China e meia dúzia de países menores. O império gupta representa uma época na qual hóspedes estrangeiros e culturas estrangeiras eram tão bem recebidos e apreciados na Índia quanto atualmente são na Europa e na América. E, por fim, só o surgimento do islamismo conseguiu encerrar esses longos períodos de comunicação que deixaram seus traços na fé e no pensamento do povo hindu.

Os temas da religião

O hinduísmo é, na verdade, uma imensa síntese, que colheu seus elementos de uma centena de direções diferentes e incorporou todos os temas de religião concebíveis. Os temas de religião são múltiplos. Adoração da terra, adoração do sol, adoração da natureza, adoração do céu, homenagem prestada a heróis e ancestrais, adoração da mãe, adoração do pai, preces pelos mortos, associação mística de certas plantas e animais: todos esses temas e ainda outros estão incluídos no hinduísmo. E cada um deles assinala algum período específico do passado, com sua combinação característica ou invasão de povos outrora desconhecidos uns dos outros. Agora eles estão bem unificados, formando um grande todo. Mesmo assim, por visitas a santuários distantes, pelo estudo da literatura de certos períodos definidos e pela cuidadosa observação de seu encadeamento, ainda é possível localizar algumas das influências que entraram na sua composição.

Ao longo da história, de tempos em tempos um grande impulso sistematizador se empenha em moldar num todo orgânico uma crença aceita ou parte dela. Tais tentativas têm sido feitas com maior ou menor sucesso na compilação de livros como os Puranas, o poema épico chamado Ramaiana e o

mais perfeito de todos, o Mahabharata. Cada um deles toma alguma norma antiga que foi transmitida oralmente talvez durante séculos e a registra por escrito, modificando-a e ampliando-a de forma a atualizá-la conforme a visão do autor.

O Mahabharata

O Mahabharata é o resultado do maior esforço já feito com a intenção de conservar, numa forma compilada, todas as antigas crenças e tradições de um povo. O próprio nome, Mahabharata, mostra que o movimento que culminou na compilação dessa grande obra teve atrás de si uma consciência viva da unidade do povo bharata ou hindu. Por essa razão percebe-se nesse trabalho um grande esforço para apresentar uma incorporação completa dos ideais encontrados no organismo social, na religião, na história antiga, na mitologia e na ética do povo indiano.

Assim, se quisermos seguir a mitologia hindu, desde os primórdios indistintos até a perfeita maturidade, através de todas as suas fases intermediárias multiformes, não poderemos ter melhor meio do que o Mahabharata. Pois na Índia a mitologia não é um mero tema de pesquisa e estudo de coisas antigas; ela ainda permeia inteiramente a vida de seu povo, como uma influência controladora. E é a mitologia viva que, passando por estágios de representação de sucessivos processos cósmicos e daí em diante assumindo forma definitiva, tornou-se um fator influente na vida cotidiana do povo — é essa mitologia viva que se apresenta no Mahabharata.

14

É preciso deixar claro que a mitologia que marcou com mais vigor a forma plenamente desenvolvida do Mahabharata é aquela que exerceu uma influência poderosa na sociedade indiana. Outros mitos se manifestaram por algum tempo, de modo vago e nebuloso, e se desvaneceram como fumaça, deixando atrás de si poucos vestígios e não chegando a assumir nenhuma forma concreta na memória do povo. Assim, encontramos um dito popular comum em Bengala segundo o qual "qualquer coisa que não seja encontrada no Mahabharata não será encontrada nas terras de Bharata (Índia)". No Mahabharata deparamos, por um lado, com as formas primitivas da mitologia, e por outro, com suas formas inteiramente desenvolvidas. Encontramos nessa criação da mente indiana uma revelação cabal dessa mesma mente.

Na infância da mente humana os homens costumavam confundir suas próprias fantasias e sentimentos com o comportamento de pássaros e feras, com os vários fenômenos da terra e da água e com os movimentos do sol e da lua, das estrelas e dos planetas, e viam todo o universo nessa forma humanizada. Em tempos mais recentes, quando o homem já havia atingido uma importância maior aos seus próprios olhos, a glória de mundos estelares se empalideceu diante da sua grandeza.

Neste livro tratamos desses dois estágios da mitologia. Por um lado, oferecemos alguns relances das formas primitivas que a mitologia assumiu depois de passar pela nebulosa indefinição das épocas primitivas. Por outro lado, fizemos um relato mais completo das histórias da época em que a mitologia atingiu sua maturidade.

Capítulo II O RAMAIANA

Fontes

Valmiki é um nome quase tão nebuloso quanto Homero. Não há dúvida de que ele pertencia à casta brâmane e era intimamente ligado aos reis de Ayodhya. Colecionou canções e lendas de Rama (que tempos depois vieram a se chamar Rama-Chandra, em homenagem a Parashu-Rama); e é muito provável que mais tarde se tenham feito alguns acréscimos ao seu trabalho, sobretudo no Uttara Kanda. Dizem que ele inventou a métrica shloka; a linguagem e o estilo da poesia épica indiana devem a ele sua forma precisa. De acordo com o Ramaiana, ele foi contemporâneo de Rama, abrigou Sita nos seus dias de exílio solitário e ensinou o Ramaiana aos filhos dela, Kusa e Lava.

O tema do Ramaiana, que em sua forma mais simples é a história da reconquista de uma esposa raptada, não é diferente de outra grande epopéia, a Ilíada, de Homero. No entanto, é improvável — embora se tenha sugerido essa possibilidade — que a Ilíada derive do Ramaiana: é mais provável que ambos os poemas tenham se originado de fontes lendárias comuns, datadas de mais de mil anos antes de Cristo.

A história de Rama é narrada num dos Jatakas. Mas havia naqueles tempos muitas outras versões em circulação, e essa pode ser considerada uma versão resumida. Num dos últimos séculos antes de Cristo, provavelmente, as versões correntes da saga de Rama foram recolhidas pelo poeta brâmane e transformadas numa história com enredo claro e coerente; mas a forma completa, que é acrescida do Uttara Kanda, pode ser mais recente, do ano 400 d. C. Como um todo, em sua última redação o poema parece pertencer essencialmente à fase anterior do renascimento hindu e reflete uma cultura muito semelhante à que é representada nos afrescos de Ajanta (séculos I a VII d. C); mas evidentemente a trama do poema é muito mais antiga. A versão oferecida neste volume contém cerca de um vigésimo do Ramaiana completo. É uma versão condensada, na qual está incluído todo o material mais importante; mas não se acrescentou nenhum episódio ou figura de linguagem a que o original não conferisse autoridade.

A ética do Ramaiana

Uma das características mais importantes da epopéia de Valmiki reside em sua notável apresentação de duas sociedades ideais: uma idealmente boa e uma idealmente má. Ele extrai da vida humana, por assim dizer, uma moralidade quase pura e uma imoralidade quase pura, temperadas com a apresentação da virtude oposta em quantidade apenas suficiente para as necessidades da trama. Assim, ele dá o maior relevo ao contraste entre o bem e o mal conforme o modo como esses valores se apresentavam para os formadores da sociedade hindu. Pois é preciso saber que os legisladores, como Manu, e também os poetas da Índia antiga, concebiam sua própria arte literária não como um fim em si mesma, mas inteiramente como um meio para um determinado fim — e esse fim era a realização de uma sociedade que se aproximasse ao máximo da sociedade ideal. Os poetas eram sociólogos práticos, que usavam deliberadamente o grande poder de sua arte para moldar o desenvolvimento das instituições humanas e estabelecer ideais para todas as categorias de homens. O poeta é, de fato, um filósofo, no sentido nietzscheano do indivíduo que fica na retaguarda dirigindo a evolução de um tipo desejado. Os resultados têm demonstrado a sabedoria dos meios escolhidos, pois se a sociedade hindu sempre, no seu todo, se aproximou do ideal ou dos ideais que

têm sido a força diretriz de seu desenvolvimento, isso ocorreu por meio do culto dos heróis. Os Vedas pertenciam essencialmente aos doutos, é verdade; mas os poemas épicos foram traduzidos para todos os vernáculos por poetas como Tulsi Das e Kamban, tão vigorosos quanto o próprio Valmiki. Além disso, o material das epopéias, como também muito dos Puranas, tem sido divulgado não apenas para os alfabetizados como também para os analfabetos, incluindo as mulheres, por constante recitação e também no teatro, na música folclórica e na pintura. Até tempos relativamente recentes nenhum menino ou menina hindu crescia sem conhecer a história do Ramaiana, e sua maior aspiração era ser igual a Rama ou Sita.

A origem mítica da casta

É no Ramaiana e nas leis de Manu (em torno de 500 a.C.) que encontramos a principal descrição do sistema ideal hindu de Cor (casta). A origem mítica da Cor, de acordo com Manu, é a seguinte: todas elas são provenientes do Brahma, sendo que os brâmanes brotam da boca; os chátrias, do braço; os vaixiás, da coxa; os sudras, do pé. Esse mito é verdadeiro num sentido alegórico; é usado mais literalmente para dar sanção divina a todo o sistema. Mas não se deve supor que Manu ou Valmiki descrevam uma sociedade que realmente tenha existido em alguma época em toda a Índia. Antes, a história da sociedade hindu poderia ser escrita sob o aspecto do grau de aproximação ou de divergência em relação aos sistemas dos utopistas Valmiki e Manu. O poder de influência desses sistemas até nossos dias, equiparável à força dos hábitos, pode ser constatado pelo fato de que hoje o objetivo de muitos reformadores não é absolutamente abolir o sistema de castas, mas pouco a pouco unir as subcastas até que as únicas divisões sociais efetivas sejam as quatro Cores principais.

É essa evolução, aliada a algumas medidas para a transferência de uma casta a outra daqueles que são capazes e desejam adotar as tradições e aceitar a disciplina de uma Cor mais alta, que também eu gostaria de ver ocorrer. A transferência de casta ou aquisição de Cor está continuamente se

realizando, mesmo na atualidade, pela absorção de tribos aborígenes dentro do sistema hindu; mas histórias como a de Vishvamitra ilustram a imensa dificuldade teórica de tais ascensões. Muitos protestos têm surgido na Índia contra essa exclusividade extrema, sendo o mais notável o de Buddha, que, longe de aceitar o poder divino de um brâmane por nascimento, ensinou que não é pelo nascimento que alguém se torna brâmane: Só por suas ações alguém se torna brâmane.

A força do princípio da hereditariedade sempre prevaleceu contra tais reações, e o máximo que os reformadores efetivamente conseguiram foi criar novos grupos de castas.

A sociedade ideal de Valmiki

Vamos examinar muito brevemente a natureza da sociedade ideal de Valmiki. Logo de início nos impressiona a sua complexidade e o alto grau de diferenciação das partes interdependentes que a constituem. Ela se baseia na concepção da gradação de classificação, porém essa classificação depende não da riqueza e sim apenas das qualidades mentais. Aceita-se sem questionamento a doutrina da reencarnação; e sendo a concepção de karma (segundo a qual o resultado de nossas ações inevitavelmente frutifica numa outra vida) associada a ela, resulta logicamente dessa teoria que a posição social deve ser determinada apenas pela hereditariedade. Aquele que mereceu ser brâmane nasceu brâmane e aquele que mereceu nascer sudra nasceu sudra.

Essa é a teoria que encontra expressão prática no sistema de castas, conhecido pelos hindus como sistema de "Cor" (varna), em linguagem moderna "nascimento" (jati). Fundamentalmente, há quatro cores: os brâmanes, que são os sacerdotes e filósofos; os chatrias, a camada dirigente; os vaixiás, comerciantes e agricultores, e os sudras, Serviçais das outras três castas, que são as únicas a "nascer duas vezes", quer dizer, a receber iniciação religiosa na adolescência. Há também um grande número de subdivisões dessas quatro castas principais; essas subcastas surgem teoricamente de casamentos entre pessoas de castas diferentes e se distinguem na prática como castas de ocupação.

Todas as teorias hindus da Cor reconhecem um respeito e uma moral (dharma) adequados: seguir qualquer outro que não seja "o dharma próprio" da casta de um homem constituía um pecado sumamente desastroso, que merecia um castigo condigno. Nessa concepção do "dharma próprio" surge imediatamente a profunda distinção da moral hindu com relação a todas as morais absolutistas, como a mosaica ou a budista. Como um exemplo concreto, o Decálogo Mosaico estabelece o mandamento "Não matarás", e esse mandamento proíbe do mesmo modo ao filósofo, ao soldado e ao mercador — uma situação de certa forma ilógica. Mas o hinduísmo, permeado como é pela doutrina do akimsa (inofensivo), não se dispõe a impô-lo aos chátrias ou aos sudras: aqueles que não devem matar ou ferir qualquer ser vivo são o eremita e o filósofo acima de tudo, ao passo que o cavaleiro que se recusou, em tempo de emergência, a matar, não seria louvado como humanitário, mas antes seria digno de censura como alguém que negligenciou seguir sua moral própria. Essa questão é suscitada no Ramaiana quando Sita sugere a Rama que, vivendo agora na floresta, o refúgio dos eremitas, eles deviam adotar a moral iogue e evitar matar não só os animais selvagens como também os rakshasas; ¹.

Mas Rama replica que está obrigado pelos deveres dos cavaleiros e também por promessa a proteger os ermitões, e que deve obediência à ordem dos nobres.

Na sua forma extrema, essa doutrina da moral própria é representada como plenamente vivenciada apenas na idade de ouro, quando ninguém além dos brâmanes praticava ascetismo ou atingia a Iluminação Perfeita; na segunda idade os brâmanes e os chátrias eram igualmente poderosos, e consta que nessa idade Manu compôs os shastras (livros das leis), estabelecendo os deveres das quatro varnas (castas). Na terceira idade os vaixiás também praticavam o ascetismo; e na quarta até mesmo os sudras se empenhavam em austeras penitências. Assim, as quatro idades representam uma progressiva deterioração de uma teocracia ideal para uma total democracia. No tempo de Rama o começo da quarta idade é renunciado pelo único sudra que se tornou iogue e foi assassinado por Rama, não tanto como castigo quanto para evitar a conseqüente perturbação da sociedade, já manifestada na morte prematura de um menino brâmane.

Numa sociedade aristocrática como a observada por Valmiki, a severidade da disciplina social tende ao ponto máximo: aqueles que têm o maior poder devem praticar o maior autodomínio, em parte porque noblesse oblige e em parte porque essa disciplina austera é a condição necessária sem a qual o poder se esvairia rapidamente.

Se quisermos compreender alguns dos mais significativos — e mais incompreensíveis e indefensáveis, para o democrata e individualista — episódios do Ramaiana, devemos lembrar esse caráter essencial de uma verdadeira sociedade aristocrática. Ao chátia e mais que tudo ao rei compete o dever de manter o dharma; portanto, ele deve não só proteger os homens e deuses contra a violência, por exemplo, matando os rakshasas, como também deve ele próprio, tendo em vista o exemplo, se conformar às regras da moral aceita, mesmo quando essas regras não tenham para ele qualquer significado. É assim que Rama repudia Sita duas vezes, embora esteja no íntimo perfeitamente satisfeito, durante todo o tempo, com sua total fidelidade. Esse repúdio de Sita constitui o traço mais dramático e notável de toda a história. Rama e Sita voltam a se unir depois de um ano de separação, encerrando um conflito árduo e longo: nesse momento, em que o sentimento moderno pediria um "final feliz", realiza-se a suprema prova do caráter para ambos, e a tragédia final é apenas protelada pelo surgimento de deuses e pela legitimação de Sita por meio de provas a que ela é submetida. Nesses trágicos episódios, que formam a crise moral culminante da vida de Rama e de Sita, Valmiki se legitima completamente como professor e também como artista. A sociedade ideal de Valmiki é quase livre de pecado, o que o torna absolutamente capacitado para exibir as conseqüências de grande alcance dos malfeitos de uma pessoa ou de seus simples erros. Nem mesmo Kaikeyi é apresentada como ignóbil.. Ela é apenas muito jovem, irracional e voluntariosa; mas na esteira de seus erros se desenvolve toda a tragédia da vida de Rama e cumprem-se os objetivos dos poderosos deuses.

Em contraste com esse mundo humano da idade de prata se esboça o mundo pecador e desumano dos rakshasas, onde cobiça, luxúria, violência e desdém tomam o lugar da generosidade, da brandura e da verdade. Mas essas paixões más são dirigidas contra os homens, os deuses e todos aqueles que para os rakshasas são forasteiros, pois entre eles próprios há afeição filial e

uma dedicação insuperável das esposas; há coragem indômita e a mais pura lealdade. A cidade dos rakshasas é muitíssimo agradável, construída por Vishvakarman. Os rakshasas praticam todas as artes, louvam os deuses e merecem destes, pelo ascetismo e pela penitência, grandes dádivas. Resumindo, esses rakshasas não são, absolutamente, desumanos, mas sua condição é uma imagem do aspecto "a-dhárnico", iníquo, da sociedade humana — uma alegoria que todos compreenderíamos, se nos fosse apresentada hoje pela primeira vez, como os pingüins de Anatole France.

A história

O cerco de Lanka é extensamente narrado no original e com um humor grotesco. Mas sua violência é redimida por muitos incidentes de ternura cavalheiresca e lealdade. Depois de morta, Ravana passa a ser considerada por Rama como amiga: Mandodari sofre por ele do mesmo modo como Sita sofre por Rama. A história é cheia de maravilhas, mas o elemento mágico tem muitas vezes um significado profundo e não é meramente um ornamento fantástico. Todos os grandes poderes dos protagonistas, de um lado e de outro, são apresentados como obtidos graças ao autocontrole e à concentração mental, e não como fruto de qualquer talismã fortuitamente adquirido. Dessa forma, em última instância o conflito torna-se essencialmente um conflito de caráter contra caráter. Tomemos outra vez o caso das armas mágicas, dotadas do poder de bruxarias irresistíveis. Hanuman é atingido e paralisado por uma dessas armas, mas se liberta assim que suas forças físicas se juntam às mentais. Aqui, seguramente, há uma clara evidência da percepção do princípio de que reforçar com a violência o poder da sabedoria é inevitavelmente uma política malsucedida.

Assim, a importância do Ramaiana de Valmiki transparece para aqueles que o lêem e relêem com atenção, e pode-se facilmente compreender sua influência duradoura na vida e nos ideais de caráter hindus. Não é possível encerrarmos as considerações sobre esse aspecto do mito de Rama e Sita sem expressarmos um profundo pesar pela eliminação desse meio de educação nos sistemas educacionais modernos da Índia, em nome da neutralidade religiosa. Pois não estaríamos exagerando se disséssemos que

alguém que não conheça bem a história de Rama e Sita jamais poderá ser, num sentido verdadeiro, um cidadão indiano, nem estará familiarizado com a moral como a concebeu o maior dos mestres da Índia. Talvez se pudesse ir mais longe e dizer que alguém que não esteja familiarizado com a história de Rama e Sita jamais poderá ser um verdadeiro cidadão do mundo.

O Ramaiana como epopéia animal

Aqui e ali, por todo o mundo, ouvimos falar da grande epopéia animal do homem primitivo. Completa, ela não existe mais, e não mais é recuperável. Pode apenas ser imaginada e inferida por uma pista aqui, um fragmento ali. Mas em parte alguma, no mundo moderno, o material para a sua restauração é tão abundante quanto na Índia. Até hoje há na imaginação indiana uma rara comunhão com a expressão animal. Homem ou menino, qualquer que seja a sua posição na sociedade, ao contar alguma história de rato ou esquilo trará a narrativa para um clímax com os próprios gritos que já observou nesse animal. Supõe-se instintivamente que pelo menos os sentidos fundamentais, se não os pensamentos, dos outros animais são os mesmos que os nossos. E nisso, seguramente, nessa interpretação imediata, nessa profunda intuição de afinidade, encontramos os verdadeiros traços do temperamento que contribuiu para a formação do budismo e do jainismo, as fés benévolas.

O povo hindu é humano e entre ele raramente se observa crueldade. Isso se comprova pelo modo como todos os pássaros e animais domésticos se aproximam dos seres humanos, sem manifestar nenhum temor em relação a eles. Mas nessa atitude inconsciente da imaginação indiana, nesse arremedo e rápida percepção do caráter meio divertido e meio patético da criação que não fala, temos uma herança real da infância do mundo, daqueles primitivos tempos de folga do homem, nos quais os animais de quatro pés eram seus irmãos e companheiros.

Esse espírito fantasioso, esse alegre senso de parentesco, nos fala através das histórias dos nascimentos de Buda (Jatakas) do mesmo modo como um sentimento similar o faz nas Fábulas de Esopo ou nos contos do tio Remus. Os Jatakas, na verdade, tratam da vida animal como veículo de uma filosofia elevada e de um nobre romance, em vez de apenas fazê-la

exemplificar provérbios sagazes ou comunicar o simples bom senso. O amor de Buddha e Yashodara constituiu a lenda poética de sua era, e não havia nada de incoerente com o espírito da época em fazer de pássaros e animais atores freqüentes no seu drama. Os cisnes eram os pregadores dos evangelhos na corte de reis. Manadas de veados, do mesmo modo como os homens, têm em seus meio chefes e aristocratas que darão a vida por aqueles que os seguem. Mas mesmo aqui já vemos em atuação a clara mente ariana, devolvendo ordem e precisão aos fios emaranhados de um corpo de pensamento muito mais antigo. Dessa substância mais antiga nascem as tendências que recorrentemente virão à tona no grande sistema teológico de épocas posteriores. Dela se formam os heróis, tais como Hanuman e Garuda, que descem à arena mais recente a cada nova formulação da idéia hindu, como figuras já familiares, para participar de sua ação.

O que perdemos através de toda a poética dessa arianização gradual é o elemento de admiração reverente - pois esta, embora presente, está se reduzindo cada vez mais. A mente ariana é, sobretudo, uma mente organizadora, sempre vendo as coisas de um modo crescentemente científico, crescentemente racional.. A cor e a fantasia que tornam as mitologias antigas tão ricas em estímulo para a imaginação quase sempre são uma contribuição de povos anteriores e mais pueris. Para a humanidade, na aurora de sua existência, parecia haver no animal alguma coisa divina. A ausência da fala — àquelas alturas algo de que a linguagem humana não ficava tão distante — constituía um oráculo. Seus modos de vida secretos e a maneira como de repente eles surgiam no caminho eram sobrenaturais. A pálida inteligência à espreita em seus olhos parecia uma grande benevolência que não seria abrangida ou penetrada pelo pensamento humano. E quem poderia dizer qual era a reserva de sabedoria acumulada atrás da carinha velha do macaco cinzento na floresta, ou escondida pela cobra enrolada dentro de sua cova ao lado da árvore?

A atração do animal

Com toda a capacidade de fantasia própria das crianças, o pensamento do homem brincava com o elefante e a águia, o macaco e o leão. Muitas tribos e povos tinham seu animal mítico, adorado como um deus e que ao mesmo

tempo era um suposto ancestral. Com o surgimento dos grandes sistemas teológicos, tudo isso será organizado. As míticas criaturas semi-humanas descerão; deixarão de ser deuses e se tornarão veículos e companheiros dos deuses. Um deles estará montado num pavão, outro, num cisne. Um será levado por um touro, outro por uma cabra. Mas exatamente nesse fato estará implícita uma declaração das associações divinas do subordinado. O emblema assim constituído assinalará um compromisso, uma síntese de dois sistemas, duas idéias: uma relativamente nova e uma incomparavelmente mais antiga e mais primitiva. Pois o mesmo processo que torna o décimo livro do Rig-Veda tão diferente dos que o antecedem, visto que nele a consciência religiosa do povo que falava sânscrito começou a atentar para as concepções genuínas das pessoas daquela terra, é característico do aumento da consciência do hinduísmo durante todo o período histórico. A mente ariana, com sua profusão de grandes deuses da natureza — deuses do céu, do sol e do fogo, do vento, das águas e da tempestade, deuses que tinham muito em comum uns com os outros, em toda a mitologia ariana, do Helesponto ao Ganges —, precisava gradualmente reconhecer e incluir as divindades mais antigas, mais vagas, mais indistintamente cósmicas, das várias populações asiáticas. Esse processo é bastante claro e historicamente identificável. Apenas os elementos rivais precisam ser admitidos e enumerados. Do desenvolvimento da mitologia de Indra e Agni, de Vayu e Varuna, muito pouco se pode dizer. É bastante provável que ela tenha nascido fora da Índia e quando foi levada para lá, assim como para a Grécia, já estivesse plenamente madura. Da mesma forma, não podemos seguir os passos pelos quais a imaginação indiana veio a conceber o universo, ou o deus do universo, como um ser com cabeça de elefante. Obviamente a idéia nasceu na própria Índia, onde os elefantes vagueiam pelas florestas e enfrentam os rios. O aparecimento do mesmo culto em países como a China e o Japão é claramente a sobrevivência de alguma influência religiosa muito antiga, vinda do sul longínquo.

O ser com cabeça de elefante

O que, exatamente, quer dizer esse Ganesha ou Ganapati — Senhor das Multidões, ou seria originalmente Senhor do Território? O que significa

essa cabeça de elefante branca num corpo vermelho? Vasto e cósmico ele certamente é. Seria ele na verdade a nuvem branca que cintila no entardecer contra o sol rubro? De qualquer maneira, Ganesha perdura até hoje como o deus do sucesso e da sabedoria terrena. Seu atributo divino é simplesmente realizar todos os desejos. Deve-se adorá-lo no começo de todos os cultos, para que estes tenham um bom resultado — prova segura de uma duradoura prioridade. No Japão afirma-se que ele é conhecido como deus das cidades e que manifesta uma certa rudeza em seu culto. Isso, por si, mostra a grande antigüidade de Ganesha, embora como senhor das cidades da Índia ele não possa ser tão velho quanto as da Índia do Sul, que se dedicam sempre à Mãe Terra, com um altar de pedra tosca.

A ternura e a admiração reverente dos primeiros hindus por esse seu grande deus é algo que salta aos olhos. As profundezas da noite parecem ser seu vasto vulto. Toda a sabedoria e toda a riqueza estavam sob seu cuidado. Ganesha nos legou obras escritas. Legou-nos riqueza. Era, ele próprio, o universo estrelado. O sucesso era a sua dádiva. Tudo o que existia estava contido dentro dele. Era absolutamente natural que ele fosse o Realizador de Desejos! Ganesha não é a divindade de um povo que teme seu deus. Ele é suave, calmo e amigável, um deus que ama o homem e por ele é amado. Uma bondade genuína e uma certa habilidade sábia estão inscritas em seu semblante. Mas tampouco ele é o deus das concepções teológicas habituais. Ele é intuitivo, simples, capaz de uma ligeira grosseria, cheio de um vigor rude e de uma virilidade primitiva, destinado desde o nascimento a um futuro maravilhoso, na fé e na arte, assim como o início de todos os empreendimentos fadados a rumar para o sucesso. Menos antigo que as aldeias primitivas Mãe do Dekkan, ele, não obstante, talvez tenha dado início ao culto organizado. Já era velho quando o budismo era uma criança. Além de tudo, ele não é deus dos religiosos nem dos reis, nem de teocracias nem de nações, mas sim, muito provavelmente, daquela velha e difusa cultura mercantil, a civilização dos bharatas. Até hoje ele é o principal deus dos comerciantes, e um fato curioso é que quando numa cidade indiana um comerciante abre falência, todos os Ganeshas existentes no seu escritório são virados de cabeça para baixo para que os recém-chegados tomem ciência do ocorrido.

A epopéia do hinduísmo

A primeira das escrituras sagradas do hinduísmo — escrita no início da era cristã para a nação que estava se consolidando — foi o poema épico de Valmiki conhecido como o Ramaiana, que é o evangelho do mundo da pureza e do sofrimento, mas também, de modo não menos notável, o conto de fadas da natureza. No início do reino de Ganesha, a época da formação do budismo e do Jataka tinha começado e terminado, e com o passar dos séculos a influência do gênio ariano se havia feito sentir cada vez mais claramente. Assim como em toda obra de arte obtemos um vislumbre da cultura que a precede, também no Ramaiana, embora grande parte dele profetize acontecimentos futuros, nos encontramos transportados para dentro do mundo infantil de uma época anterior. Como todos os mundos desse tipo, no mundo do Ramaiana os pássaros e os animais domésticos conversavam e se comportavam como homens. Para a gente daquele tempo, evidentemente, a floresta era um reino de mistério. Habitada por sábios e eremitas, ela era repleta de belas flores e doces fragrâncias, abrigava pássaros de canto suave, era fresca e verde, e sob sua influência suave podia-se obter toda a santidade. A austeridade podia ser praticada em sua solidão elevada. Mas a floresta era também o hábitat de feras mortais. E muitas estavam cercadas de um terror sobrenatural; pois não se sabia que o demônio Maricha tinha o poder de mudar à vontade a sua forma? Assim, quem poderia dizer se um tigre ou um urso era mesmo o que parecia ser ou se não se tratava de um ser mais astuto e temível? Entre as sombras da noite caminhavam formas estranhas e presenças maléficas. Monstros disformes e demônios poderosos, que deviam obediência a um terrível parente de dez cabeças na distante Lanka, vagueavam sob sua proteção. Quantas vezes o caçador surpreendido pelo cair da noite não ouviu aterrorizado o som sussurrante vindo das sombras das árvores e do matagal, com a impressão de estar ouvindo às escondidas os inimigos da alma!

Mas os deuses eram sempre maiores que os poderes do mal. Afinal, era a penumbra da divindade que caía, muito densa, por todo o refúgio sagrado da floresta. Não estavam ali os gandharvas e siddhas, ministrantes musicais do ar superior? Não estavam ali as apsaras, as ninfas celestiais, que nos impediam

de aproximar muito do limite dos lagos da floresta na hora do crepúsculo para que não as surpreendêssemos em seu banho, incorrendo por isso em alguma condenação? Não estavam ali os kinnaras, pássaros humanos que carregavam sob as asas instrumentos musicais? Não se sabia que dentro de seu silêncio dormia Jatayu, rei, durante sessenta mil anos, de todas as tribos de águias, e que entre essas tribos vivia em alguma parte Sampati, seu irmão mais velho, incapaz de voar por ter tido as asas queimadas no esforço de protegê-lo do sol? E por toda a parte da floresta iam e vinham bandos de macacos. Estes eram dotados de uma sabedoria mais que humana, capazes de, a uma ordem, fazer surgir lindas flores em galhos que até então só tinham folhas, e, entretanto, eram infelizes por estarem em permanente luta contra sua natureza agitada de macaco, que sempre fazia cair sobre si, como uma maldição, um estranho destino execrável de diabrura e futilidade.

É uma sociedade organizada, essa que a imaginação indiana atribui às espécies de animais. Estas têm suas famílias e genealogias, seus soberanos e alianças políticas e seu quinhão pessoal de tragédia ou comédia. Ao longo de todas as fases dramáticas do Ramaiana a contra-intriga é fornecida por cinco grandes macacos que Sita vê abaixo de si, sentados no topo de uma colina, quando está sendo carregada no céu noturno por Ravana. O principal deles é Sugriva, o macaco com pescoço de monstro que teve esposa e reinado arrebatados por seu irmão mais velho, Bali, e espera se vingar. Assim, Sugriva é um rei no exílio, cercado por seus conselheiros e capitães, como um príncipe encantado de um conto de fadas. Alguns estudiosos encontram nesse quadro dos cinco macacos principais no topo da colina o fragmento de alguma antiga cosmogonia que provavelmente já teria alguns milênios de idade.

Hanuman

Mas move-se por todo o Ramaiana um ser que, embora também macaco, é de espécie diferente. Naquelas partes da Índia como o Himalaia ou o interior do estado de Maharashtra, onde os símbolos do hinduísmo primitivo ainda existem em profusão, pequenas capelas de Hanuman são tão comuns quanto as de Ganesha, e o macaco, como o elefante, adquiriu um singular convencionalismo de forma com certeza antiquíssimo. Ele é sempre visto de

perfil, vigorosamente retratado em baixo-relevo numa laje. A imagem transmite mais a impressão de um emblema complexo do que de realismo plástico. Mas não há dúvida quanto à energia e à beleza das qualidades que ele representa. Pode-se perguntar se há em toda a literatura outra apoteose da lealdade ou da entrega de si mesmo como a de Hanuman. Ele é o ideal hindu do servidor perfeito, o servidor que encontra a plena realização da humanidade, da fidelidade e da obediência; o subordinado cuja glória está em sua própria inferioridade.

Hanuman já devia ser velho quando o Ramaiana foi concebido. Tentar saber agora o que teria sido o primeiro impulso que o criou seria algo inútil. Mas Hanuman está ligado a uma ordem maior que a de Sugriva e Bali, os príncipes a quem ele serve, visto que, como Jatayu, ele é tido como filho de Vayu, conhecido nos Vedas como o rei dos ventos. De qualquer maneira, a profundidade e a seriedade da parte do grande poema atribuída a ele lhe asseguram uma imortalidade indelével. Qualquer que tenha sido sua época ou origem, Hanuman é apreendido e colocado pelo Ramaiana entre as concepções religiosas da mais alta significação. Quando ele se inclina para tocar os pés de Rama, aquele príncipe que é também uma encarnação divina, testemunhamos o encontro dos primeiros adoradores da natureza com os grandes sistemas que influenciarão o futuro da religião. Mas não devemos esquecer que nessa figura aqueles sistemas primitivos adquiriram uma qualidade espiritual e fizeram uma contribuição duradoura para o idealismo do homem. Em épocas posteriores a religião de Vishnu, o Preservador, nunca poderá prescindir do maior dos devotos, o deus macaco; e mesmo nas suas fases mais recentes, quando Garuda, o pássaro divino que maravilhava a imaginação de todos os povos primitivos, tomou seu lugar final como o veículo ou servo de Narayana, Hanuman nunca foi realmente substituído. A maravilhosa criação de Valmiki conserva até o final dos tempos seu domínio sobre o coração e a consciência dos homens.

A história de Rama contada por Valmiki

Um dia o ermitão Valmiki perguntou ao grande rishi² Narada se ele podia lhe falar de algum homem que vivesse em perfeita graça, virtude, coragem e

benevolência. Então Narada relatou-lhe toda a história que é atualmente chamada o Ramaiana, pois o homem sobre quem Valmiki desejava ouvir era o grande Rama.

Valmiki voltou para sua cabana na floresta. Quando passava pelos bosques, viu um homem-pássaro e uma mulher-pássaro cantando e dançando. Mas naquele mesmo momento um caçador malvado disparou uma flecha contra o homem-pássaro e o matou, e sua companheira lamentou-o longa e amargamente. Então o ermitão se tomou de piedade e revolta, maldisse o caçador e se foi.. Mas enquanto caminhava, suas palavras voltavam-lhe à mente, e ele viu que elas formavam um verso numa métrica nova: "Que isso seja chamado um shloka", disse ele.

Chegado à cabana, logo lhe apareceu o brilhante Brahma de quatro faces, o Criador do Mundo. Valmiki o adorava; mas o desditoso homem-pássaro e o recém-descoberto shloka lhe tomavam a cabeça. Então Brahma dirigiu-se a ele com um sorriso: "Foi por minha vontade que aquelas palavras saíram de tua boca; de agora em diante essa métrica será muito famosa. Compõe com ela toda a história de Rama; relata, ó homem sábio, tudo o que sabes e tudo o que ainda desconheces de Rama e Lakshmana e da filha de Janaka e de toda a tribo dos rakshasas. O que desconheces ser-te-á revelado e o poema será verdadeiro da primeira à última palavra. Além disso, esse teu Ramaiana se espalhará pelo mundo, entre os homens, enquanto durarem as montanhas e os mares". Assim dizendo, Brahma desapareceu.

Então Valmiki, que residia no eremitério entre seus discípulos, pôs-se a compor o grande Ramaiana, que confere retidão e riqueza a todos os que o ouvem, assim como a realização de desejos e o rompimento de vínculos. Ele pesquisou mais profundamente a história que havia ouvido de Narada e a partir de então se sentou de acordo com o ritual da ioga e pôs-se a meditar sobre aquele assunto e mais nenhum outro. Depois, pelos poderes que lhe conferia a ioga, ele contemplou Rama e Sita, Lakshman e Dasharatha, cada um com sua esposa e seu reino, rindo e conversando, tolerando e condescendendo, fazendo e desfazendo, como na vida real, e os viu com a mesma clareza com que se vê uma fruta sustentada na palma da mão. Percebeu não só o que tinha existido quanto o que viria a existir. Só então, depois de concentrada meditação, quando toda a história imprimiu-se em sua mente tal como um

quadro, ele começou a compô-la em shlokas, das quais, quando concluiu seu trabalho, havia não menos de vinte e quatro mil. Então ele refletiu sobre como aquilo poderia ser publicado fora do país. Para isso escolheu Kusi e Lava, os perfeitos filhos de Rama e Sita, que viviam na eremitério da floresta, versados nos Vedas, na música e em todo tipo de arte, agradáveis em tudo de se ver. Valmiki ensinou-lhes o Ramaiana até que eles pudessem recitá-lo com perfeição, de forma que aqueles que os ouvissem tivessem a impressão de ver diante dos olhos tudo o que a história narrasse. Depois os irmãos foram para Ayodhya, a cidade de Rama, onde Rama encontrou os ermitões e os acolheu; e ali, diante de toda a corte, o Ramaiana foi recitado em público pela primeira vez.

Dasharatha e o sacrifício do cavalo

Era uma vez uma cidade grande e bonita, chamada Ayodhya — que significa "Inconquistável" —, no país de Koshala. Ali todos os homens eram honrados e felizes, instruídos e contentes, verdadeiros e bem providos de bens, comedidos, caridosos, cheios de fé. Seu rei era Dasharatha, um verdadeiro Manu entre os homens, uma lua entre as estrelas. Ele tinha muitos conselheiros sábios, entre os quais Kashyapa e Markandeya, e tinha também santos sacerdotes ligados à sua família, sendo um deles Vashishtha e o outro Vamadeva. A um outro grande sábio, Rishyasringa, ele deu sua filha Santa. Seus ministros eram homens capazes de perfeição ao aconselhar e julgar; eram muito versados nas artes da política e sempre bem-falantes. Um único desejo de Dasharatha não fora satisfeito. Ele não tinha um filho, que perpetuaria sua linhagem. Por isso, depois de praticar em vão muito ascetismo, ele determinou por fim a maior de todas as oferendas: o sacrifício de um cavalo. Chamando os sacerdotes da família e outros brâmanes, deu todas as ordens necessárias para essa tarefa. Depois, voltando para os aposentos internos do palácio, contou às suas três esposas o que havia sido decidido, e com isso o rosto delas brilhou de alegria como flores de lótus no princípio da primavera.

Passado um ano, o cavalo que tinha sido solto voltou e Rishyasringa e Vashishtha realizaram a cerimônia, com grandes festividades e alegria. Então,

Rishiasringa disse ao rei que nasceriam quatro filhos dele, perpetuando a sua raça. E com essas doces palavras o rei se rejubilou.

Vishnu nasce como Rama e seus irmãos

Ora, nessa ocasião todas as divindades estavam reunidas para receber a sua parte das oferendas e reunidas elas se aproximaram de Brahma com uma súplica. "Um certo rakshasa mau que se chama Ravana nos oprime muito", disseram elas, "o que sofremos pacientemente porque lhe prometestes uma dádiva - não ser morto por gandharvas, yakshas, rakshasas ou deuses. Mas agora sua tirania se torna intolerável e, ó Senhor, devíeis imaginar algum meio de eliminá-lo". Brahma respondeu-lhes: "Esse rakshasa mau não se dignou pedir-me imunidade ao ataque dos homens; pelo homem, apenas, ele será morto". Isso fez rejubilarem as divindades. Naquele momento chegou ali o grande deus hindu, Vishnu, vestindo roupas amarelas, portando clava, disco e búzio e cavalcando Garuda. As divindades o reverenciaram e pediram-lhe que as fizesse nascer como os quatro filhos de Dasharatha, para a destruição do astuto e irreprimível Ravana. Então aquele com os olhos de lótus, fazendo de si mesmo quatro seres, escolheu Dasharatha para seu pai e desapareceu. Numa forma estranha, como um tigre flamejante, ele reapareceu no fogo sacrificai de Dasharatha e, cumprimentando-o, apresentou-se como mensageiro de Deus. "Tu, ó tigre entre os homens", disse ele, "aceita este arroz e este leite divinos e compartilha-os com tuas esposas". Então, Dasharatha, exultante, tomou o alimento divino e deu uma porção dele a Kaushalya, outra porção a Sumitra, ainda outra a Kaikeyi e, por fim, a última porção novamente a Sumitra. No devido tempo, nasceram delas quatro filhos, que partilhavam a natureza de Vishnu - de Kaushalya, Rama; de Kaikeyi, Bharata; e de Sumitra, Lakshmana e Satrugna; e esses nomes lhes foram dados por Vashishtha.

Enquanto isso os deuses criaram poderosas hostes de macacos corajosos, inteligentes e espertos, que mudavam de forma, difíceis de ser mortos. Esses macacos seriam os auxiliares do heróico Vishnu em sua batalha contra os rakshasas.

Os quatro filhos de Dasharatha atingiram a adolescência, e eram mais destemidos e mais virtuosos que todos os demais. Rama, especialmente,

tornou-se o ídolo do povo e o favorito de seu pai. Dominando os Vedas, conhecendo com igual profundidade a ciência dos elefantes e dos cavalos e sabendo dirigir carros, ele era também o próprio espelho da cortesia. Lakshmana dedicava-se ao serviço de Rama, de forma que os dois estavam sempre juntos. Lakshmana seguia Rama como uma sombra fiel, partilhando com ele de tudo o que era seu e protegendo-o sempre que ele saía para exercícios ou para caçar. Da mesma forma Satrugna se ligou a Bharata. Foi assim até que Rama tivesse a idade de dezesseis anos.

Ora, havia um grande rishi chamado Vishvamitra, que originalmente era chátia, mas, por haver adotado práticas ascéticas jamais vistas, tinha obtido dos deuses a posição de rishi brâmane. Ele vivia no eremitério de Shiva, chamado Siddhashrama, e saiu de lá para pedir uma dádiva de Dasharatha. Dois rakshasas, Maricha e Suvahu, auxiliados pelo malvado Ravana, continuamente perturbavam seus sacrifícios e poluíam seu fogo sagrado; ninguém, além de Rama, podia vencer esses demônios. Dasharatha saudou alegremente Vishvamitra e prometeu-lhe satisfazer qualquer pedido dele, mas quando soube que seu caro filho Rama fora requisitado para um serviço tão terrível e perigoso ficou perturbado, e a luz de sua vida parecia ter se apagado. Entretanto, ele não pôde quebrar a palavra dada, e Rama e Lakshman foram embora com Vishvamitra para os dez dias de ritos sacrificais. Mas, mesmo tendo sido um tempo tão diminuto, foi nesse período que teve início sua humanidade, seu amor e seu empenho tenaz.

Vashishtha animava o coração de Dasharatha, assegurando-lhe que a vitória de Rama era certa. Assim, com a bênção de seu pai, Rama partiu com Vishvamitra e seu irmão Lakshman. Uma brisa fresca, deliciada ao ver Rama, bafejava suas faces, e do céu choviam flores sobre eles. Vishvamitra mostrava o caminho. Os dois irmãos, carregando os arcos e as espadas, usando jóias esplêndidas e luvas de couro de lagarto, seguiam Vishvamitra como gloriosas chamas, tornando-o brilhante pelo reflexo de sua própria irradiação.

Chegados ao eremitério, Vishvamitra e os outros sacerdotes começaram o sacrifício. E quando os rakshasas, como nuvens de chuva escurecendo o céu, irromperam adiante em formas horríveis, Rama golpeou e pôs em fuga Maricha e Suvahu e feriu os outros demônios vigias noturnos. Terminados os

dias de sacrifícios e ritual em Siddhashrama, Rama perguntou a Vishvamitra que outros trabalhos ele ainda devia fazer.

Rama se casa com a filha de Janaka

Vishvamitra respondeu que Janaka, rajá de Mithila, estava prestes a celebrar um grande sacrifício. "De lá", disse ele, "nós nos retiraremos. E tu, ó tigre entre os homens, irás conosco e lá contemplarás um arco magnífico e maravilhoso. Esse grande arco os deuses deram, há muito tempo, para o rajá Devarata; nem os deuses nem gandharvas, asuras ou rakshasas nem os homens têm força para retesar-lhe a corda, embora muitos reis e príncipes tenham tentado fazer isso. Aquele arco é adorado como uma divindade: o arco e o grande sacrifício de Janaka tu contemplarás".

Assim, todos os brâmanes daquele eremitério, com Vishvamitra à frente e acompanhados por Rama e Lakshman, partiram para Mithila; e os pássaros e animais selvagens que viviam em Siddhashrama acompanharam Vishvamitra, que tinha no ascetismo a sua riqueza. Enquanto iam pelos caminhos da floresta, Vishvamitra contou histórias antigas aos dois irmãos e especialmente a história do nascimento do Ganga, o grande rio Ganges.

Janaka recebeu os ascetas com muitas honras e, indicando-lhes lugares de acordo com a posição de cada um, perguntou-lhes quem eram aqueles irmãos que caminhavam entre os homens parecendo leões ou elefantes, parecendo deuses, e que eram tão agradáveis de se ver. Vishvamitra contou ao rei Janaka toda a história dos filhos de Dasharatha, sua viagem a Siddhashrama e a luta com os rakshasas, e que Rama tinha ido a Mithila para ver o famoso arco.

No dia seguinte, Janaka convidou os irmãos para ver o arco. Primeiramente contou-lhes como aquele arco tinha sido dado por Shiva aos deuses e pelos deuses ao seu próprio ancestral, Devarata. E completou: "Tenho uma filha, Sita, não nascida de homens, mas brotada num sulco, quando eu arava o campo e o cavava. Aquele que curvar o arco eu entregarei minha filha. Muitos reis e príncipes têm tentado, sem sucesso, curvá-lo. Agora eu vos mostrarei o arco e se Rama conseguir dobrá-lo, eu lhe darei minha filha Sita".

Então o grande arco foi trazido numa carroça de oito rodas, puxada por cinco mil homens altos. Rama retirou o arco da caixa e esforçou-se por curvÁ-lo; o arco cedeu facilmente e ele o retesou até que, por fim, partiu-o em dois, e o som que se ouviu foi de um terremoto ou de um trovão. Os milhares de espectadores estavam admirados e aterrorizados. E todos, exceto Vishvamitra, Janaka, Rama e Lakshman, se prostraram no chão. Então Janaka exaltou Rama, deu ordens para que se preparasse o casamento e enviou mensageiros para Ayodhya, encarregados de convidar para o casamento de seu filho o rajÁ Dasharatha, que devia abençoá-los.

Depois os dois reis se encontraram e Janaka entregou Sita a Rama, e sua segunda filha, Urmila, a Lakshman. A Bharata e Satrughna, Janaka deu Mandavya e Srutakirti, filhas de Kushadhwaja. Então aqueles quatro príncipes, cada um segurando a mão de sua noiva, andaram três vezes em volta do fogo sacrificial, do dossel do casamento, do rei e de todos os ermitões, enquanto do alto choviam flores e soava a música celestial. Então, Dasharatha, seus filhos e as quatro noivas voltaram para casa levando consigo muitos presentes e foram recebidos por Kaushalya, Sumitra e Kaikeyi, a de cintura fina. Sendo agora honrados e ricos, aqueles quatro excelentes cavalheiros ficaram morando em Ayodhya servindo a seu pai.

Ora, daqueles quatro filhos, Rama era o mais querido de seu pai e dos homens de Ayodhya, de modo geral. Em todas as virtudes ele se sobressaía; porque era de temperamento sereno; em todas as circunstâncias, de ventura ou de desventura, nunca se encolerizava sem razão; lembrava-se até mesmo de uma simples gentileza, mas esquecia uma centena de injúrias; conhecia bem os Vedas e todas as artes e ciências da paz e da guerra, assim como a hospitalidade, a política, a lógica, a poesia, o treinamento de cavalos e de elefantes e a arte de manobrar o arco e a flecha; honrava as pessoas de idade avançada. Não menosprezava ninguém, mas solicitamente buscava o bem-estar das pessoas; servia ao pai e às mães e era dedicado aos irmãos, especialmente a Lakshman. Bharata e Satrughna permaneciam com seu tio Ashwapati, que morava em uma outra cidade.

Rama feito herdeiro legítimo

Mas Dasharata refletiu que havia reinado por muitos, muitos anos e estava cansado, então pensou que não poderia ter maior alegria do que ver Rama instalado no trono. Reuniu um conselho de seus vassallos, conselheiros, reis e príncipes vizinhos, que residiam em Ayodhya, e em palavras solenes, com rufar de tambores, dirigiu-se àquela assembléia de homens:

“Sabeis bem que por muitos anos tenho governado este império, sendo um pai para aqueles que nele vivem”. Sem pensar em minha própria felicidade, tenho passado meus dias governando de acordo com o dharma.³

Agora desejo descansar e quero investir meu filho mais velho, Rama, como herdeiro legítimo e confiar-lhe o governo. “Mas para isso, meus senhores, preciso de vossa aprovação; pois a opinião do desapaixonado é diferente da do exaltado, e a verdade surge do conflito das várias opiniões”. Os príncipes rejubilaram-se com as palavras do rei, como pavões que dançam ao ver nuvens pesadas de chuva. Surgiu o sussurro de muitas vozes enquanto, a um tempo, os brâmanes, os comandantes do exército, os cidadãos e os camponeses ponderavam. Juntos, eles então responderam: "O velho rei! Nós vos asseguramos que desejamos ver o príncipe Rama investido no título de herdeiro, montando o elefante do reino, sentado sob o guarda-sol do domínio".

O rei inquiriu ainda uma vez, para maior certeza: "Por que quereis Rama para vosso governante?"

E eles responderam: "Em razão de suas muitas virtudes, pois ele se sobressai entre os homens, como Sakra entre os deuses. Em clemência ele é como a Terra, em debate, como Brihaspati. Ele fala a verdade e é um vigoroso arqueiro. Está sempre ocupado com o bem-estar do povo e não é dado a depreciar quando encontra um defeito entre muitas virtudes. É perito em música e seus olhos vêem com justiça. Nem seu prazer e nem sua cólera são em vão; ele é facilmente abordável, tem autocontrole e quando parte para a guerra ou para a proteção de uma cidade ou província volta sempre vitorioso. Ele é amado por todos. De fato, a Terra o quer para seu Senhor".

Então o rei convocou Vashishtha, Vamadeva e outros brâmanes e lhes ordenou que apressassem os preparativos para a investidura de Rama.

Ordenou-se que se providenciasse o aprovisionamento de ouro, prata e pedras preciosas, vasos para rituais, grãos, mel e manteiga purificada, tecidos até então desconhecidos, armas, carros, elefantes, um touro com chifres dourados, uma pele de tigre, o cetro e o guarda-sol, além de uma grande quantidade de arroz, coalhada e leite para a alimentação de centenas ou milhares de pessoas. Lçaram-se bandeiras, as estradas foram molhadas, dependuraram-se guirlandas nas portas; os fidalgos foram notificados para se apresentarem de armadura e os dançarinos e cantores para se manterem de prontidão. Então Dasharatha mandou buscar Rama, aquele herói de braços longos, belo como a lua e que alegrava os olhos de todos os homens. Rama passou através do povo como uma lua num céu estrelado de outono e, inclinando-se profundamente, beijou os pés do pai. Dasharatha levantou-o e sentou-o numa cadeira preparada para ele, dourada e coberta de pedras preciosas, onde ele parecia uma imagem ou reflexo de seu pai no trono. Então o velho rei comunicou a Rama o que se havia decidido e anunciou que ele seria proclamado herdeiro. E acrescentou um sábio conselho nestas palavras: "Embora sejas virtuoso por natureza, eu te aconselharia por amor e pelo teu bem: Procura ser o mais benevolente e o mais contido em tua sensualidade; evita toda concupiscência e cólera; mantém teu depósito de armas e munições e teu tesouro; pessoalmente, e por meio de outros, procura estar bem informado com relação aos negócios de Estado; governa com justiça, para que o povo possa rejubilar-se. Prepara-te para a ação, meu filho, e empreende tua tarefa".

Então os amigos de Kaushalya, mãe de Rama contaram-lhe tudo o que tinha sido feito e receberam ouro, gado e pedras preciosas em recompensa pela boa notícia, e todos os homens, com grande contentamento, foram para casa e agradeceram aos deuses.

Depois o rei tornou a chamar Rama e teve com ele uma conversa. "Meu filho", disse ele, "amanhã serás investido como herdeiro legítimo, pois estou velho e tenho tido sonhos maus, e os astrólogos me informaram que minha estrela da vida está ameaçada pelos planetas Sol, Marte e Rahu. Portanto tu, com Sita, deveras fazer uma refeição, bem guardado por teus amigos. Bem depressa eu te investirei, pois o coração, mesmo dos virtuosos, muda pela influência de conjunções naturais e ninguém sabe o que pode vir a acontecer".

Depois Rama deixou seu pai, e procurou a mãe nos aposentos íntimos. Encontrou-a no templo, vestida de seda, adorando os deuses e pedindo pela saúde dele. Lá estavam também Lakshman e Sita. Rama reverenciou-a e lhe pediu que preparasse tudo o que ele e Sita iriam precisar em sua noite de abstinência. Voltando-se depois para Lakshman, ele disse: "Reinarás na terra comigo, pois essa é a tua boa fortuna, não menos que a minha. Minha vida e meu reino eu desejo apenas por tua causa". Em seguida ele foi com Sita para seus alojamentos e também Vashishtha foi até lá, para abençoar a abstinência.

Durante toda aquela noite as ruas e estradas de Ayodhya estavam cheias de homens apressados; o tumulto e o sussurro de vozes soavam como o rugido do oceano quando é lua cheia. As ruas estavam limpas e lavadas, e com guirlandas, fios de bandeirolas e estandartes; lâmpadas acesas foram colocadas em tocheiras de metal rendilhado. O nome de Rama estava nos lábios de cada homem, e todos aguardavam o dia seguinte, enquanto Rama, dentro de casa, fazia abstinência.

A conspiração de Kaikeyi

Durante todo esse tempo a mãe de Bharata, Kaikeyi, não tinha ouvido uma única palavra sobre a intenção do rajá Dasharatha. Kaikeyi era jovem e apaixonada, e muito bonita; era generosa por natureza, mas não tão bondosa ou sábia que não fosse suscetível de ser influenciada por desonestas incitações de seus próprios desejos ou pela instigação de outras pessoas. Sua fiel criada era velha e corcunda, uma mulher de muito mau gênio chamada Manthara. Ora, Manthara, vendo a alegria reinante e sabendo que Rama seria investido como herdeiro do trono, foi correndo informar a ama sobre esse infortúnio para Bharata — pois era assim que, em sua mente estreita, ela via a honra de Rama.

"Ó criatura insensível", disse ela, "por que estais despreocupada e contente quando vos acontece uma tal desgraça?" Kaikeyi perguntou-lhe que desgraça tinha acontecido e então Manthara respondeu com palavras enraivecidas: "Ah, minha senhora, uma terrível destruição se seguirá à vossa felicidade; por essa razão estou mergulhada num medo incomensurável e sofrendo com a opressão e a mágoa. Queimando como um fogo, corri, aflita, à

vossa procura. Sois verdadeiramente uma Rainha da Terra. Mas, embora vosso Senhor fale suavemente, ele é astucioso e de mau coração, e deseja prejudicar-vos. E o bem-estar de Kaushalya que ele procura, não o vosso, quaisquer que sejam as doces palavras que possa ter para vós. Bharata foi mandado para longe e Rama tomará assento no trono! Na verdade, minha menina, cuidando de vosso marido, estáveis nutrindo uma serpente venenosa! Agora deveis agir com urgência e encontrar um caminho para salvar-vos e a Bharata e a mim". Mas as palavras de Manthara alegraram Kaikeyi; ela se rejubilou com a notícia de que Rama seria o herdeiro, e dando uma jóia à criada corcunda disse-lhe: "Que recompensa eu posso dar-te por esta notícia? Estou, na verdade, contente por ouvir essa história. Rama e Bharata me são muito caros, e eu não encontro diferença entre eles. É bom que Rama sente-se no trono. Obrigada por tua boa notícia".

Então a criada corcunda ficou mais encolerizada e atirou fora a jóia. "Não é possível!", disse ela, "sois louca em vos regozijardes com tamanha calamidade! Que mulher de bom senso ficaria contente com notícias nefastas e com a escolha do filho de outra esposa? Vós sereis, por assim dizer, escrava de Kaushalya, e Bharata, apenas um criado de Rama".

Mas Kaikeyi, ainda assim, não tinha sido levada à inveja. "Por que lamentar-me ante a fortuna de Rama?", perguntou ela. "Ele é muito digno de ser rei; e se o reino for seu, será também de Bharata, pois Rama sempre vê seus irmãos como a si próprio". Então Manthara, suspirando muito asperamente, respondeu a Kaikeyi: "Compreendeis pouco, pensando ser bom o que é vossa má sorte. Queríeis dar-me um presente por causa da promoção de outra esposa! Eu sei seguramente que, uma vez bem estabelecido, Rama banirá Bharata para uma terra distante ou para o outro mundo. Bharata é seu inimigo natural, pois que outro rival ele tem, uma vez que Lakshman deseja apenas seu bem-estar e Satrughna é ligado a Bharata? Tendes o dever de salvar Bharata de Rama, que o vencerá, como a um leão ou a um elefante: vossa co-esposa, a mãe de Rama, também procurará vingar-se daquele pouco caso que fizestes dela certa vez. Vossa sorte será triste quando Rama governar a terra. Devíeis, enquanto há tempo, planejar colocar vosso filho no trono e banir Rama".

Isso despertou o orgulho e o ciúme de Kaikeyi. Ela ficou rubra de cólera e, respirando profunda e fortemente, respondeu a Manthara:

"Hoje mesmo Rama deverá ser banido e Bharata, investido como herdeiro. Tens algum plano para realizar essa minha vontade?"

Então Manthara a fez lembrar uma antiga promessa: como, muito tempo atrás, numa grande batalha com os rakshasas, Dasharata tinha sido ferido e quase morrera; como Kaikeyi o havia encontrado inconsciente no campo de batalha, o tinha carregado para um lugar seguro e o curara; como Dasharatha lhe prometera dois favores e ela os tinha reservado para exigí-los quando e como quisesse.

"Agora", disse Manthara, "pedi a vosso marido estes favores: fazer de Bharata o herdeiro do trono e banir Rama para a floresta por quatorze anos. Durante esses anos, Bharata estará tão bem estabelecido e ter-se-á feito tão querido do povo que não necessitará recear Rama. Assim, deveis entrar no quarto da raiva, deixar cair vossas jóias e, vestindo uma roupa suja, não conceder nem uma única palavra ou olhar para Dasharata. Sois sua esposa favorita, a quem ele nada pode recusar e tampouco consegue tolerar ver-vos agastada. Ele vos oferecerá ouro e jóias, mas vós rejeitareis quaisquer ofertas que não o banimento de Rama e a proclamação de Bharata".

Assim, Kaikeyi foi levada a escolher como bom o que, na verdade, era o pior mal; muito exaltada pelas palavras da criada corcunda, a linda Kaikeyi levantou-se como uma égua dedicada à sua cria e tomou um mau caminho. Ela agradeceu e elogiou a corcunda Manthara e prometeu-lhe ricas recompensas quando Bharata estivesse no trono. Depois, tendo se despojado de suas jóias e das belas roupas, atirou-se no chão do quarto da raiva. Ela batia no peito e exclamava: "Saiba que ou Rama será banido e meu filho investido ou eu morrerei: se Rama não for para a floresta, eu não desejarei leite nem roupas, pasta de sândalo ou unguentos, comida ou bebida, ou a própria vida". E então, como um céu estrelado escondido por pesadas nuvens de chuva, aquela dama real se zangava, se acabrunhava; como uma mulher-pássaro em desespero depois de abatida por flechas envenenadas, como a filha de uma serpente em sua fúria.

Bem antes do alvorecer, Dasharata resolveu informar Kaikeyi da cerimônia próxima. Não a encontrando em sua sala adornada com pinturas e

nem nos aposentos dele, imaginou que ela estaria no quarto da raiva. Dirigiu-se para lá e contemplou sua esposa mais jovem jazendo no chão, como uma videira derrubada ou uma corça presa numa armadilha. Então aquele herói, como um elefante da floresta, ternamente tocou a rainha dos olhos de lótus e perguntou o que a afligia. "Se estás doente, há médicos; se souberes de alguém que mereça uma punição e foi recompensado, ou que mereça ser recompensado e tenha sido punido, que o digas: não posso negar-te nada. Sabes que eu não posso deixar de atender a um pedido teu. Pede, então, qualquer coisa que desejes e que te deixará aliviada".

Assim consolada, ela respondeu: "Ninguém me ofendeu, mas tenho um desejo que, se quiseres conceder-me, eu te direi". Dasharatha jurou pelo próprio Rama realizar tudo o que ela quisesse.

Então Kaikeyi revelou seu horrível desejo e convocou Céu e Terra, Dia e Noite, deuses do lar e qualquer ser vivo para testemunharem que ele tinha prometido satisfazer sua vontade. Ela lembrou-o daquela antiga guerra com os asuras, quando salvara a sua vida e ele lhe havia concedido dois favores. O rei foi, assim, laçado por Kaikeyi como um cervo que cai numa armadilha. "Ora, aqueles favores que tu me prometeste conceder, aqui e agora, são estes: deixa que Rama, vestido numa pele de cervo, leve por catorze anos uma vida de eremita na floresta de Dandaka e que Bharata seja investido como herdeiro legítimo. Tu, agora, provas tua palavra real, de acordo com tua raça, caráter e nascimento. A verdade, assim dizem os eremitas, será de suprema vantagem para os homens quando eles atingirem o mundo que virá em seguida."

O dilema de Dasharatha

Então Dasharatha foi tomado pelo desespero e desfaleceu. Quando voltou a si, implorou a Kaikeyi que abrisse mão de seu direito. Por muito tempo ele implorou, chorando lágrimas amargas e achando que tudo não passava de um sonho mau; mas Kaikeyi respondia apenas com exortações para que ele cumprisse a palavra dada, fazendo-o se lembrar de muitos exemplos antigos de verdade: falou-lhe de Saivya, que deu sua própria carne para um falcão ao vê-lo perseguindo a pomba que ele havia protegido, e de Alarka, que doou seus olhos para um brâmane. "Se não cumprires o que foi prometido estarás

desgraçado para sempre, e aqui e agora eu me matarei", disse ela. Então Dasharatha, movido por Kaikeyi como um cavalo aguilhoado, gritou: "Estou fortemente preso pelo laço da verdade: essa é a razão de toda a minha aparente loucura. Meu único desejo é ver Rama".

Quando o dia estava nascendo, Vashishtha ordenou ao cocheiro de Rama que informasse o rei de que tudo estava pronto para a cerimônia. Quase incapaz de dizer qualquer coisa, tamanho o seu desespero, o rei mandou o cocheiro levar Rama até onde ele estava. Assim, deixando Sita com alegres palavras, Rama dirigiu a carruagem pelas ruas festivas rumo ao palácio do pai; aqueles que não tinham a felicidade de ver Rama ou de por ele ser vistos desprezavam a si mesmos e eram desprezados por todos.

Respeitosamente, Rama cumprimentou o rei e Kaikeyi, mas Dasharatha, arrasado, apenas pôde dizer num murmúrio débil: "Rama, Rama". Profundamente aflito, Rama se perguntava se tinha feito alguma coisa errada ou se havia acontecido alguma desdita ao pai. "Ah, mãe!", disse ele para Kaikeyi, "que desgraça abateu tanto meu pai?" Então ela respondeu insensivelmente: "Rama, nada está afligindo teu pai; mas ele tem de dizer-te alguma coisa e, sendo tu o seu filho predileto, ele não consegue articular a fala que irá te prejudicar. Entretanto, debes cumprir o que ele me prometeu. Há muito tempo o Senhor da Terra prometeu-me dois favores; agora ele em vão quer construir um dique, depois que toda a água já passou — pois tu sabes que a verdade é a raiz de toda religião. Se fizeres tudo o que ele ordena, seja bom ou mau, eu te contarei tudo". Rama respondeu: "Cara senhora, não me digais tais palavras; pois se ele ordenar, sou capaz de me atirar ao fogo ou de beber um forte veneno. Sabei que eu realizarei os seus desejos; promessa de Rama nunca falha". Então Kaikeyi contou-lhe a história dos favores e disse: "Esses são os favores que ele me prometeu: que tu viverias como um ermitão na floresta de Dandaka durante quatorze anos, com roupas de pele e cabelos emaranhados, e que Bharata seria proclamado, hoje, herdeiro. Teu pai está demasiado abalado e não pode sequer olhar-te, mas salvarás a honra dele cumprindo aquelas importantes promessas que ele me fez".

Rama não ficou desgostoso ou enraivecido com aquelas palavras cruéis, mas respondeu tranqüilamente: "Seja como dissestes. Sinto apenas pelo estado de meu pai. Que envieis, imediatamente, mensageiros para Baratha,

enquanto eu, sem questionar o desejo de meu pai, vou para a floresta. Mesmo que ele, em pessoa, não me tenha dado a ordem, vosso comando é suficiente. Permiti-me, agora, ver minha mãe e confortar Sita, e vós, ajudai e atendei a ambos, a Bharata e a nosso pai, pois isso deve ser feito". Então Rama, impassível, seguido por Lakshman, este vermelho de raiva, procurou sua mãe e encontrou-a fazendo oferendas a Vishnu e outras divindades. Ela o cumprimentou alegremente. Depois de responder com reverência, ele lhe disse tudo o que havia acontecido: Bharata seria indicado como herdeiro e ele iria viver catorze anos em exílio na floresta. Como uma grande árvore sããl

abatida pelo machado do lenhador, ela se atirou ao chão e chorou inconsolavelmente. "Ah, meu filho", disse ela, "se não tivesses nascido, eu teria lamentado apenas não ter tido filho, mas agora minha desdita é muito maior. Sou a mais velha das rainhas e tenho sempre suportado muita coisa das esposas mais jovens. Agora serei como uma das criadas de Kaikeyi, ou até mesmo menos. Ela é sempre ranzinza comigo. Como posso eu agora, negligenciada por meu marido, olhá-la nos olhos? Por vinte e sete anos de tua vida esperei pelo final da tristeza, mas agora não sei por que a morte tarda em levar-me daqui. Toda a doação de esmolas e o ascetismo que pratiquei foram em vão. Contudo, ah, meu querido! Eu te seguirei até mesmo na floresta, como uma vaca segue seu bezerro; porque não posso suportar o tempo até tua volta ou viver entre as outras esposas. Por caridade, leva-me contigo, como uma cervo da floresta". Mas Lakshman exortava o irmão a resistir, com palavras duras e impacientes, jurando lutar por Rama e censurando asperamente Dasharata. Então Kaushalya juntou sua súplica à de Lakshman e disse que se mataria caso Rama a deixasse. Mas Rama, intocado pelo desejo de domínio, respondeu a Lakshman que Kaikeyi tinha sido apenas um instrumento nas mãos do destino; que outros de sua linhagem haviam cumprido tarefas difíceis ordenadas pelo pai. Que ele seguiria o mesmo caminho, pois ninguém sofre degradação quando obedece ao pai. "O dedicado irmão, estou determinado a obedecer às ordens de meu pai". Para Kaushalya, ele respondeu: "O rei foi apanhado por Kaikeyi numa armadilha, mas se o deixardes quando eu tiver ido embora, ele certamente morrerá. Portanto, ficarás e o servirás, de acordo com o teu dever. E passarás teu tempo honrando os deuses e os brâmanes". Então, Kaushalya acalmou-se e abençoou o filho, pedindo aos deuses e rishis, altares

de pedra e árvores, montanhas e veados da floresta e a todas as criaturas do céu que o guardassem. Depois, com fogo sagrado e ritual brâmane, abençoou sua partida e caminhou três vezes em torno de Rama no sentido do movimento solar, e ele foi encontrar Sita.

Sita, que nada sabia do que havia acontecido, levantou-se e cumprimentou-o com as pernas trêmulas, pois já não podia esconder sua aflição. Então Rama contou-lhe tudo o que havia sido feito e disse: "Agora Bharata é rei; tu não deveras louvar-me, mesmo entre teus amigos; então, que vivas em paz, como alguém simpático a eles; que te levantes cedo, adores os deuses, reverencies os pés de meu pai, Dasharatha, e honres minha mãe, Kaushalya, e depois dela, minhas outras mães, com igual amor e afeição. Cuida de Bharata e de Satrughna como se eles fossem teus filhos ou irmãos, pois eu os quero mais que à minha própria vida. Assim vive tu aqui enquanto eu viver na floresta".

Sita segue com Rama para o exílio

Então Sita respondeu: "Posso apenas zombar de palavras tão inadequadas, impróprias de ser ouvidas, muito menos de ser faladas por um grande príncipe como tu. Pois, ó senhor, um pai, mãe, filho, irmão ou cunhada age de acordo com o resultado de suas próprias ações. Mas uma esposa, ó melhor dos homens, partilha a sorte de seu marido. Portanto, foi-me ordenado, não menos que a ti, o exílio na floresta. Se vais para lá, eu irei antes de ti, andando sobre abrolhos e capim espinhoso. Serei tão feliz ali como em casa de meu pai, pensando apenas em servir-te. Não te causarei incômodos, mas viverei de raízes e frutos. Eu te precederei na caminhada e comerei depois de ti. E haverá esplêndidas lagoas com gansos selvagens e outras aves e com flores de lótus bem abertas, onde poderemos nos banhar. Serei feliz contigo, mesmo por cem ou mil anos!"

Rama lutou para dissuadi-la, falando das dificuldades e perigos suportados pelos habitantes da floresta: ferozes animais selvagens, serpentes venenosas, cama feita de folhas, alimento escasso, ritual árduo, fome, sede e medo. Mas Sita, com lágrimas nos olhos, respondeu pacientemente: "Esses males me parecem bênçãos, se tu estiveres comigo, nem viverei desamparada. Além disso, os brâmanes da casa de meu pai profetizaram que eu viveria na floresta, e um iogue foi procurar minha mãe, quando eu era pequena, e disse-

lhe a mesma coisa. Saibas que eu estou tão inteiramente ligada a ti quanto Savitri a Satyavan; tua companhia é para mim o céu, e tua ausência, o inferno. Seguindo-te, serei irrepreensível, pois um marido é como Deus para a esposa. Leva-me, por favor, para partilhar igualmente tua alegria e tua tristeza, do contrário tomarei veneno ou porei fogo em meu corpo, ou me atirarei no rio". Assim ela rogou, enquanto grandes lágrimas rolavam em seu rosto, como gotas de água numa pétala de lótus.

Então Rama cedeu aos seus desejos: "Ah, formosa mulher! Já que não temes a floresta, tu me seguirás e partilharás minha probidade. Entrega teus bens aos brâmanes e prepara-te rapidamente para a viagem". O coração de Sita se alegrou e ela entregou seus bens aos brâmanes, alimentou os pobres e aprontou tudo para partir.

Lakshman também segue

Então Lakshman, também ele com lágrimas nos olhos, segurou os pés de Rama e disse: "Se vais para a floresta cheia de elefantes e cervos, eu também te seguirei e viveremos juntos, onde as canções dos pássaros e o zunido das abelhas deliciam os ouvidos. Irei antes de ti na estrada, encontrando o caminho, carregando os arcos, a enxada e a cesta; encontrarei diariamente as raízes e os frutos que necessitares e tu te abrigarás com Sita nas encostas enquanto eu faço todo o trabalho para ti". Rama não pôde, também, por nenhum argumento, dissuadi-lo. "Despede-te então de todos os teus parentes", disse Rama, "e traz da casa de meu guru⁵ os dois jogos de armaduras e as armas brunidas que Janaka me deu como presente de casamento. Distribui meus bens entre os brâmanes". Depois Rama, Sita e Lakshman foram se despedir do pai e das mães de Rama. Então um nobre brâmane chamado Sumantra, que viu Dasharatha prostrado pelo pesar e se comoveu com a partida de Rama, juntando as mãos e usando palavras brandas mas penetrantes, suplicou a Kaikeyi que cedesse; mas o coração daquela nobre senhora estava endurecido e não cedia, de maneira alguma. No entanto, Kaikeyi ficou lívida, sufocada pela cólera, quando Dasharatha quis enviar para a floresta, com Rama, os bens e os homens de Ayodhya, pois ela exigia que Rama fosse destituído e que sua fortuna pertencesse a Bharata.

Mas Rama disse: "O que eu farei com uma comitiva na floresta? De que vale conservar os arreios de um magnífico elefante quando se renunciou ao próprio elefante? Que nos tragam roupas de ermitões, uma enxada e um cesto". Então Kaikeyi trouxe roupas de ermitões, uma para Rama, outra para Lakshman e outra para Sita. Mas esta, vestida com roupa de seda, tremeu como uma corsa ante uma armadilha e chorou ao ver as roupas de ermitã. Eles tentaram persuadir Rama a deixar Sita ficar em casa esperando sua volta. E Vashishtha repreendeu Kaikeyi: "Não estava no compromisso que Sita iria para a floresta", disse ele. "Seria melhor se ela ficasse no trono de Rama, pois para todos que se casam a esposa é um segundo eu. Que Sita governe a terra no lugar de Rama, sendo o próprio Rama, pois estejas certa de que Bharata se recusará a tomar acento no trono que seria de Rama. Olha, Kaikeyi, não há uma pessoa neste mundo que não seja amiga de Rama; hoje mesmo podes ver os animais selvagens, os pássaros e serpentes seguirem-no e as árvores se inclinando na sua direção. Portanto, deixa Sita estar bem ornamentada e ter consigo carros, bens e Serviçais, quando seguir Rama".

Então Dasharatha deu-lhe suas roupas e jóias e, deixando de lado o vestido de ermitã, Sita brilhou, resplandecente, enquanto o povo murmurava contra Kaikeyi e Sumantra jungia os cavalos ao carro de Rama. A mãe de Rama disse adeus a Sita, aconselhando-a, de acordo com os deveres das mulheres, a considerar seu senhor um Deus, embora ele estivesse exilado e tivesse sido despojado de fortuna, ao que Sita respondeu: "É mais fácil a lua perder o brilho do que eu me afastar dessa conduta. O alaúde sem cordas é silencioso, o carro sem rodas é imóvel; dessa forma, uma mulher separada de seu senhor não pode conhecer felicidade. Como poderia eu negligenciar meu próprio marido, que foi instruído sobre os deveres maiores e os menores por aqueles que estão acima de mim?"

Então Rama se despediu de Dasharatha e de suas mães. Disse-lhes com as mãos postas, num gesto de prece: "Se alguma vez, irrefletidamente, lhes falei com descortesia ou sem querer as ofendi, perdoai-me. Eu vos saúdo, a todos, meu pai e mães, e parto". Então, Sita, Rama e Lakshman caminharam três vezes em volta do rei, na direção dos ponteiros do relógio, e se foram.

Rama, Lakshman e Sita, em terceiro lugar, entraram no flamejante carro dourado, levando suas armas e cotas de malha, o machado, o cesto e os

presentes de Dasharatha para Sita; e Sumantra instigou os excelentes cavalos, tão rápidos quanto o próprio vento. Na cidade, homens e animais estavam emudecidos pela dor e, fora de si, corriam desabaladamente atrás de Rama, como viajantes sedentos que haviam avistado água. Até mesmo a mãe de Rama correu atrás do carro. Então Rama disse ao cocheiro: "Vá depressa!", pois, como um elefante aguilhado, ele não suportaria olhar para trás. Logo Rama já estava muito longe, e as pessoas, que agora já não podiam mais vê-lo, olhavam fixamente o rastro do carro. Então Dasharata voltou-se para Kaikeyi e amaldiçoou-a com a separação de cama e de lar, e disse, vendo a cidade com as ruas vazias e os quiosques fechados: "Leva-me depressa até o aposento de Kaushalya, a mãe de Rama; apenas ali posso encontrar um pouco de repouso".

Rama, Sita e Lakshman vão para o exílio

Avançando depressa durante dois dias, Rama atingiu a fronteira de Koshala e, virando-se para trás na direção de Ayodhya, despediu-se da terra e do povo. "Ah, a melhor das cidades", ele disse. "Digo isso a ti e às divindades que te guardam e em ti residem: quando voltar de minha floresta natal, depois de ter pago o meu débito, verei a ti, a meu pai e a minha mãe novamente". Então eles deixaram Koshala abundante de riqueza e gado e de nobres brâmanes. Passaram por terras risonhas até atingirem o abençoado Ganga, claro como cristal, freqüentado por todas as criaturas, por deuses e anjos, sem pecado e destruidor de pecados. Ali, Guha, rei de Nishadha, cumprimentou-os, alimentou os cavalos e guardou-os durante toda a noite. De madrugada, quando se fizeram ouvir a voz triste do cuco e o grito do pavão, ele mandou buscar uma esplêndida balsa. Então Rama pediu uma pasta de goma e ele e Lakshman fizeram de seus cabelos uma guedelha, à maneira dos eremitas que moram na floresta. Rama disse adeus a Guha; a Sumantra, o cocheiro, ordenou que retornasse a Ayodhya, embora ele pedisse permissão para prosseguir até mais adiante. Então, enquanto faziam a travessia, Sita pediu a Ganga por um retorno seguro, catorze anos mais tarde, prometendo adorar aquela rainha do rio e fazer-lhe muitas oferendas.

Naquela noite eles ficaram debaixo de uma grande árvore, na margem oposta, e comeram carne de javali, caçado por Rama e Lakshman; e os dois irmãos juraram proteger-se mutuamente e o mesmo fazer por Sita, solitários ou entre outros homens. Lakshman caminharia na frente, depois, Sita e Rama. Eles conversaram também sobre Ayodhya, e Rama, temendo o coração ruim de Kaikeyi, queria que Lakshman voltasse para cuidar de Kaushalya. Ele se pôs a censurar Kaikeyi e, de certa maneira, seu pai, dominado pela vontade de uma mulher. Mas Lakshman confortou o irmão, para que ele não mais chorasse. "Não debes te afligir", disse ele, "pois assim afliges a Sita e a mim, ó Rama! Não posso viver sem ti mais que um peixe fora d'água; sem ti, não quero ver meu pai nem Satrugna ou Sumitra, nem o próprio Céu". Isso confortou Rama, que dormiu com Sita sob uma figueira-brava enquanto Lakshman vigiava.

No dia seguinte eles chegaram ao lugar sagrado onde o Ganga se une com o Jamna, em Prayag. Ali eles se encaminharam para o eremitério de Bharadwaja, guiados pelas espirais de fumaça do fogo sacrificai. Chegando lá, tiveram uma acolhida calorosa. Bharadwaja aconselhou-os a procurar a montanha de Chitrakuta, a dez léguas de Prayag. "Há uma moradia apropriada para vós", disse ele, "adornada com muitas árvores, ressonante com gritos de pavões e visitada por grandes elefantes. Há manadas de elefantes e de cervos. Errarás pelos bosques com Sita e te deliciarás com os rios, regatos, cavernas e fontes. E com os pios dos cucos, os berros dos cervos, com as frutas e raízes gostosas". Ele ensinou-lhes o caminho para a montanha, atravessando o Jamna e passando pela grande figueira-brava Shyama, pelo Dusky e daí, por uma bonita estrada arenosa, pelas florestas do Jamna afora.

Então, Rama, Sita e Lakshman despediram-se de Bharadwaja, atravessaram o Jamna numa balsa e foram para Shyama. Imediatamente após a chegada ali, Sita pediu a Jamna, apresentando muitas oferendas de vacas e vinho, que Rama voltasse incólume. Sita orou também para Shyama, saudando-a de mãos postas: "O grande árvore, eu me inclino diante de ti! Que a vontade de meu senhor seja cumprida e que possamos outra vez contemplar Kaushalya e Sumitra". Enquanto eles seguiam floresta adentro, Sita, vendo árvores e flores desconhecidas, fazia muitas perguntas a Rama quanto ao nome e às virtudes de cada uma delas; e Lakshman, para agradá-la, levava-lhe

flores e frutos. Sita se alegrava com os riachos ondulantes, os gritos de garças e pavões, a vista de elefantes e macacos.

No segundo dia eles atingiram a montanha Chitrakuta, onde ficava o eremitério de Valmiki. Cumprimentado por aquele rishi, Rama contou-lhe o que acontecera. Depois Lakshman trouxe diversos tipos de madeira e os irmãos construíram uma bonita casa com portas e coberta de folhas. Então Lakshman matou um cervo e o cozinhou. Rama fez oferendas rituais às divindades daquele lugar e, depois da comunhão com as divindades, entrou com Sita e Lakshman na casa perfeitamente colmada. De coração feliz, eles se rejubilaram e deixaram de afligir-se por Ayodhya.

Sufrimento e morte de Dasharatha

Entrementes, Ayodhya era um lugar de sofrimento e lamentações, sem consolo para o rei e para o povo. No quinto dia do exílio de Rama, justamente quando por um momento Kaushalya cedera à dor e censurava seu senhor, veio à mente de Dasharatha a lembrança de um pecado cometido no passado, por meio de uma flecha que encontrou seu alvo pelo som. Pecado que agora havia gerado o fruto do exílio e da morte. Lembrando esse pecado, ele contou a Kaushalya, naquela mesma noite, como o havia cometido:

"Eu era um arqueiro tão exímio que havia adquirido a fama de poder atingir o alvo orientando-me apenas pelo som. Tu, senhora, não eras casada e eu era um jovem príncipe. Foi quando, depois de dias de calor escaldante, choveu pela primeira vez; rãs e pavões se rejubilavam, as árvores eram sacudidas pelo vento e pela chuva e as montanhas estavam escondidas pelos pesados aguaceiros. Num dia tão agradável, saí para caçar perto do rio Sarayu e lá ouvi um som, como se estivessem enchendo uma jarra ou como o rugido de um elefante. Então atirei uma flecha na direção do som, pois estava escuro e não se podia ver nada. Então ouvi gemidos e gritos e encontrei um eremita perto da margem ferido pela flecha; ele me falou onde era a sua casa, pediu-me que procurasse seus velhos pais no eremitério próximo dali e morreu logo em seguida, o que eu lamentei. Então procurei o pai e a mãe dele, que estavam ansiosos, dada a sua demora, e confessei-lhes minha ação; e o rishi, cujas imprecações poderiam ter me queimado até me reduzir a cinzas, poupou-me a vida porque eu lhe havia dito, espontaneamente, tudo o que acontecera. Mas quando a pira funeral estava pronta e aqueles velhos, chamados por uma visão de seu filho, queimaram seus corpos sobre a pira juntamente com o dele, o casal me amaldiçoou com uma sentença: no final eu encontraria minha morte chorando por um filho. Sabes, bondosa senhora, que o fruto das más ou das boas ações é colhido por aquele que as pratica. O indivíduo que pratica uma ação sem considerar as conseqüências é infantil. Aquele que derruba uma plantação de mangas e irriga outras árvores pode esperar por frutos quando contempla a flor, mas quando vem a estação das frutas ele lamentará. Isso acontece comigo agora: estou morrendo de pesar pelo exílio de Rama. Mal te enxergo e sinto minha mente embotada; estou como uma lâmpada fumegante

com a chama baixa, quando resta apenas um pouco de óleo. Ah, Rama! Ah, Kaushalya, ah, infeliz Sumitra, ah, cruel Kaikeyi". Assim lamentando, o rajá Dasharatha morreu.

Quando a notícia se espalhou, no dia seguinte, Ayodhya ficou mergulhada na mais profunda dor, pois num reino sem rei tudo vai mal; a chuva não cai, não há júbilo nem prosperidade, nem segurança; um reino sem um rei é um rio sem água, um bosque sem grama, um rebanho sem guardador; um rei é pai e mãe, e empreende o bem-estar de todos os homens e seus animais. Isso considerado, os oficiais do palácio e os sacerdotes da família, presididos por Vashishtha, decidiram enviar mensageiros em busca de Bharata a fim de chamá-lo com urgência para um assunto que não podia ser adiado; mas os mensageiros nada poderiam dizer-lhe sobre o exílio de Rama ou a morte do rei. Viajando a toda pressa em carros puxados por bons cavalos, eles atingiram certa noite a rica cidade de Girivraja, em Kekaya, onde vivia Bharata com seu tio materno.

Naquela mesma noite Bharata tinha sonhado muitos sonhos maus e não pudera ser confortado. "Eu, Rama, Lakshman ou o rei estamos para morrer", disse ele. Então os mensageiros chegaram e foram bem recebidos. Bharata perguntou se tudo estava bem com seu pai, as mães e os irmãos, e asseguraram-lhe que tudo estava tranqüilo. Então os embaixadores entregaram sua mensagem e Bharata transmitiu-a ao tio e ao avô e em seguida se despediu, pois iria imediatamente para Ayodhya. Os embaixadores lhe haviam levado muitos presentes, como tecidos de lã e peles de cervo, elefantes, cães e cavalos velozes, mas Bharata, cheio de ansiedade por causa dos sonhos e da pressa com que sua viagem fora feita, teve pouco prazer com os presentes e, levando consigo Satrughna, partiu logo para Ayodhya.

No alvorecer do sétimo dia o filho de Kaikeyi contemplou a magnífica cidade. Vendo que tudo estava escuro e silencioso naquele lugar de tristeza e observando muitas cenas infaustas que pressagiavam desdita, Bharata entrou no palácio real com o coração pesado. Não vendo o pai em seus aposentos, procurou pela mãe, Kaikeyi, e tocou-lhe os pés. Encantada, ela se levantou de sua cadeira dourada e perguntou-lhe como fora a viagem e como ele estava. Depois de responder às suas perguntas ele quis saber notícias do pai. "Onde está aquele senhor dos homens, pois anseio por tocar-lhe os pés. Durante a

maior parte do tempo ele fica aqui convosco, mas vosso quarto e vosso leito estão vazios. Ele estará com Kaushalya? Então Kaikeyi, cega pelo brilho da glória e julgando desejável para Bharata aquilo que na verdade ele considerava um mal, respondeu-lhe: "Teu pai se foi pelo caminho de tudo o que vive". Ele então lamentou longa e tristemente, e por fim disse: "Felicidade para Rama e para aqueles que estavam presentes quando meu senhor ainda vivia e puderam realizar os ritos fúnebres. Mas onde está Rama, que é meu pai, irmão e amigo? Eu sou seu servo e me abrigo aos seus pés. Por favor, informai-o de que estou aqui. E dizei-me como meu pai morreu e quais foram suas últimas palavras". Então Kaikeyi contou-lhe como o pai havia morrido. "E estas foram suas últimas palavras", disse ela: 'Abençoados sejam aqueles que verão Rama e o fortemente armado Lakshman voltando para cá, junto com Sita!.' Então Bharata suspeitou da ocorrência recente de uma desgraça e perguntou à mãe para onde Rama, Lakshman e Sita tinham ido. "Rama foi com Sita e Lakshman, usando roupas de eremitas, para a floresta de Dandaka", respondeu ela, e lhe contou toda a história dos favores, imaginando alegrá-lo. Mas ele ficou muitíssimo zangado e acusou Kaikeyi de assassinar Dasharatha. "Como um carvão em brasa, nascida para a destruição de nosso povo, sois vós, a quem meu pai inadvertidamente abraçava. Quão pouco sabíeis a respeito do meu amor por Rama! Apenas em consideração a ele, que vos chama de mãe, não vos repudio. Este reino é uma carga muito pesada para mim e que mesmo se assim não fosse eu não o receberia. Agora trarei Rama de volta da floresta e o servirei. Mas vós sofrereis miséria neste mundo e no próximo; o que vos convém é morrer queimada ou com uma corda no pescoço, ou no exílio". Então chegaram Kaushalya e Vashishtha e saudaram Bharata; e, orientado por aquele sábio habilidoso, Bharata cumpriu todos os ritos fúnebres do pai e com suas mães caminhou no sentido do sol em volta da pira funerária em chamas, e depois de dez dias de luto recolheram-se as cinzas. Então, como ele ainda lamentasse desmesuradamente, Vashishtha aconselhou-o, dissertando sobre a vida e a morte dos seres e sobre os pares⁶ que pertencem a cada criatura. Assim confortados, aqueles chefes ergueram a cabeça novamente, como a bandeira brilhante de Indra manchada pelo sol e pela chuva.

O reinado de Bharata

No décimo quarto dia os ministros convidaram Bharata para tomar assento no trono; mas ele recusou-se e ordenou que se preparasse uma expedição para ir em busca de Rama. Quando tudo estava pronto ele tomou um carro e se pôs a caminho, acompanhado de mais seis mil carros, mil elefantes, cem mil cavalos, homens graduados e cidadãos: mercadores, comerciantes, oleiros, tecelões, armeiros, ourives, tintureiros e atores, e além destes, muitos homens cultos e brâmanes respeitadíssimos.

Passando pelo reino de Guha, a multidão foi alimentada por ele e depois por Bharadvaja em Prayag. "Uma palavra", disse Bharadvaja para Bharata. "Não devíeis culpar Kaikeyi". "Esse exílio do rei é para o bem dos homens, dos deuses, dos asuras e dos ermitões". De Prayag a impressionante multidão marchou para Chitrakuta e chegou ao eremitério de Rama. Então Bharata avançou sozinho e caiu aos pés do irmão. Rama estava sentado no interior da casa de telhado de folhas, com os cabelos emaranhados coroando-lhe a fronte e tendo como vestimenta a pele de um cervo preto. Ele era assim como uma chama; tinha ombros de um leão, braços fortes e olhos de lótus. Parecia dono deste mundo circundado pelo mar, como o eterno Brahma; ao seu lado estavam Lakshman e Sita. Bharata chorou ao ver seu irmão, acostumado aos trajes reais, vestido daquela maneira. Mas Rama levantou-o do chão, beijou-lhe a cabeça e lhe perguntou por Dasharatha. Bharata relatou tudo o que havia acontecido e rogou a Rama que voltasse para reinar em Ayodhya, mas Rama não quis. "Como posso eu, a quem meu pai e minha mãe ordenaram vir para a floresta, viver de outra maneira? Deves reinar de acordo com a vontade de nosso pai; não debes culpar Kaikeyi, pois a obediência é dever dos filhos, esposas e discípulos, e a vontade de uma mãe não é menos forte que a de um pai". Então Bharata respondeu: "Se o reino é meu, tenho o direito de entregá-lo a ti; aceita-o!" Mas Rama não quis consentir nisso e não foi demovido por nenhum argumento, de Bharata, de sua mãe, de Vashishtha ou de ninguém daquele grupo. Então Bharata pediu a Rama suas sandálias douradas e, inclinando-se sobre elas, jurou: "Durante esses quatorze anos morarei como um ermitão fora dos muros de Ayodhya, transferindo para tuas sandálias douradas o poder de governar. Se depois desse tempo não vieres, morrerei pelo fogo". Com esse plano Rama concordou, e abraçando Bharata e

Satrughna ele disse: "Assim seja". Mas acrescentou uma coisa: "Não nutra ressentimento contra Kaikeyi; seja bondoso com ela. Isso nós ambos, eu e Sita lhe pedimos". Então Bharata caminhou na direção do sol, para perto de Rama, e, colocando as sandálias sobre um elefante, levou-as de volta para Ayodhya, seguido por toda aquela multidão. Lá ele instalou no trono as sandálias e, vivendo em retiro, governou como ministro delas.

Rama não quis morar em Chitrakuta por duas razões; a primeira foi que, pelo ódio que lhe dedicavam as hordas de rakshasas, esses demônios incomodavam os ermitões do lugar; e a segunda foi porque os animais do exército de Ayodhya haviam conspurcado a montanha. Além disso, o lugar fazia-o lembrar muito vivamente a mágoa do irmão, dos cidadãos e da rainha-mãe. Assim, ele foi, com Sita e Lakshman, para Dandaka e penetrou naquela floresta profunda como o sol que é escondido por uma massa de nuvens.

A vida na floresta

Rama, Sita e Lakshman vaguearam pela floresta, sendo bem recebidos em todos os eremitérios. Os grandes sábios desses eremitérios também se queixavam dos demoníacos vigias da noite e pediam proteção a Rama contra eles. De boa vontade Rama prometia atendê-los. E quando certo dia a bondosa Sita sugeriu que eles deviam depor as armas, abandonando as regras de cavaleiros para adotar as dos santos e cessando as hostilidades até mesmo com os rakshasas — ela havia dito então: "O próprio fato de carregar armas muda a mente daquele que as leva" —, Rama respondeu que aquilo não podia ser porque ele estava obrigado por um dever de cavaleiro e por uma promessa pessoal.

Dessa maneira, Rama viveu na floresta por dez anos, permanecendo em cada eremitério durante um mês, uma estação ou um ano. Certa vez um rakshasa feroz agarrou Sita e levou-a consigo, mas Rama e Lakshman conseguiram matá-lo depois de muita luta. Uma outra vez eles encontraram um poderoso abutre, mas o animal foi amável com eles e se apresentou como Jatayu, amigo do pai de Rama. Jatayu prometeu ajudar Rama e proteger Sita quando Rama e Lakshman tivessem de viajar juntos.

Por fim, Rama, Sita e Lakshman vieram para Panchavati. Ali, uma faixa de belo gramado se estendia ao longo do rio Godaveri, em cujas margens havia uma profusão de árvores floridas. Aves enxameavam nas águas, bandos de cervos viviam nos bosques, os pavões gritavam, as colinas eram cobertas de boas árvores, flores e ervas. Nesse lugar Lakshman construiu uma espaçosa casa de bambu, coberta de folhas e flores e com um piso aplainado. Para ali foi também Jatayu; e Rama, Sita e Lakshman ficaram contentes como os deuses no Céu.

Certo dia Rama e Sita estavam sentados conversando com Lakshman quando chegou em Panchavati uma feroz e medonha rakshasi irmã de Ravana. Ao ver Rama ela o desejou imediatamente. Seu nome era Surpanakha. Recusada por Rama, ela procurou tomar-se esposa de Lakshman e repelida por ele, voltou-se novamente para Rama e quis matar Sita. Então Lakshman empunhou a espada e cortou-lhe as orelhas e o nariz, e ela fugiu, sangrando, até encontrar Khara, seu irmão mais moço, cuja cólera ao ver a desdita da irmã foi imensa. Ele mandou catorze rakshasas para matar os dois irmãos e Sita e trazer o sangue para Surpanakha beber. Mas Rama, com suas flechas, matou todas aquelas criaturas malvadas.

Então Khara ficou realmente tomado por uma raiva furiosa e foi, ele próprio, com catorze mil rakshasas, todos eles mutáveis, horríveis com suas bocarras, arrogantes como leões, corajosos, encantando-se com a crueldade. Enquanto esse exército avançava ocorreram muitos agouros. Mas Khara estava desvairado e não se desviava do que julgara ser um caso sem importância — matar três seres humanos.

Rama, percebendo a aproximação do exército, mandou Lakshman e Sita para uma caverna escondida e vestiu sua cota de malha. Ele queria lutar sozinho. E todos os deuses e espíritos do ar e criaturas do céu vieram assistir à batalha. Os rakshasas chegaram como um mar ou como nuvens pesadas e fizeram chover sobre Rama suas lanças, até que os deuses da floresta ficaram amedrontados e fugiram. Mas Rama não temia nada, e com suas flechas que perfuravam até a medula incomodou tanto os rakshasas que eles correram para Khara, procurando proteção. Khara os reagrupou e eles novamente investiram, arremessando uma sucessão de árvores arrancadas e seixos. Tudo isso foi em vão, pois Rama, só e lutando a pé, matou todos os catorze mil

terríveis rakshasas e ficou face a face com o próprio Khara. A batalha deles foi terrível, como se entre um leão e um elefante; o ar estava escurecido pelas flechas em vôo. Por fim, uma flecha descarregada por Rama consumiu o demônio. Os deuses, muito contentes, fizeram chover flores sobre Rama e voltaram para o seu lugar. E Sita e Lakshman saíram da caverna.

A fúria de Ravana

Mas a notícia da destruição dos rakshasas foi levada a Ravana e aquele que a levou aconselhou Ravana a vencer Rama arrebatando-lhe Sita. Ele aprovou esse plano e procurou o astucioso Maricha para promover seus desígnios. Mas Maricha o aconselhou a desistir de tentar o impossível, e Ravana, persuadindo-se, voltou para casa em Lanka.

Ravana tinha vinte braços e dez cabeças; sentava-se em seu trono dourado como um fogo flamejante alimentado com oferendas sacrificais. Cicatrizes de muitos ferimentos recebidos em batalhas com os deuses marcavam-no todo. De porte real e sempre deslumbrantemente enfeitado era aquele poderoso e cruel rakshasa. Seu costume era destruir os sacrifícios dos brâmanes e possuir as esposas dos outros — de forma alguma ser morto por deuses, fantasmas, pássaros ou serpentes. Então Surpanakha foi até o irmão, mostrou-lhe suas feridas, falou-lhe de Rama e Sita e censurou-o por ter se comportado indevidamente ao deixar de se vingar da morte de seus súditos e do irmão. Ela o incitou a seqüestrar Sita e fazê-la sua esposa. Ravana tomou sua carruagem e viajou pela costa até uma grande floresta para consultar Maricha, que morava ali num eremitério e se dedicava ao aperfeiçoamento do autodomínio.

Maricha aconselhou Ravana a não se intrometer com Rama. "Tu irias te sentir feliz", disse ele, "se Rama, uma vez encolerizado, deixasse um único rakshasa vivo ou contivesse sua mão para não destruir tua cidade de Lanka". Mas Ravana estava desvairado e alardeou que Rama seria uma presa fácil. Acusou Maricha de ter má vontade com ele e ameaçou-o de morte. Então Maricha, por medo, consentiu, embora vindo de Rama ele não visse nada além de morte quando se encontrassem novamente. Ravana ficou satisfeito e,

levando Maricha em seu carro, dirigiu-se para o eremitério de Rama, dizendo como Sita seria seqüestrada graças a um estratagema.

O cervo de ouro

Maricha, obedecendo a Ravana, assumiu a forma de um cervo de ouro e vagava pelo bosque, perto da cabana de Rama. Seus chifres eram como jóias gêmeas; o rosto era malhado, as orelhas eram como duas flores de lótus azuis, as faces, lisas e macias como as pétalas de uma flor, os cascos, negros como azeviche, as ancas, delgadas, a cauda aprumada, de todas as cores de arco-íris — foi o aspecto de um cervo assim que ele assumiu. Suas costas eram ornadas de ouro e prata e ele vagava pelos relevados da floresta, procurando ser visto por Sita. Quando ela o viu, ficou pasma e chamou Rama e Lakshman e, encantada, pediu a Rama que prendesse ou matasse o cervo para ela, instigando-o para a caçada. Rama também estava fascinado pelo esplêndido cervo. E não quis dar atenção à advertência de Lakshman, de que aquilo devia ser um rakshasa disfarçado. "Nesse caso tenho mais uma razão para matá-lo", disse Rama. Em seguida pediu: "Mas vigie Sita, ficando aqui com o bom Jatayu. Estarei de volta dentro de muito pouco tempo, trazendo comigo a pele do cervo".

Ora desaparecendo ora se aproximando, o cervo mágico levou Rama para longe até que este se cansou e deixou-se cair sob uma árvore umbrosa. Então ele apareceu novamente, acompanhado de outro cervo, e aos saltos foi se afastando. Mas Rama tomou de seu arco e disparou uma flecha que o feriu no peito, fazendo-o saltar alto no ar e cair gemendo no chão. Quando estava prestes a morrer, Maricha assumiu sua aparência e, lembrando-se da ordem de Ravana, pensou numa forma de conseguir que também Lakshman se afastasse de Sita. Então chamou, gritando com a voz de Rama: "Ah, Sita! Ah, Lakshman!" Ao som daquele grito horrível, Rama foi tomado de um medo inominável e voltou às pressas para Panchavati, deixando Maricha morto.

Sita ouviu aquele grito e incitou Lakshman a ir ajudar Rama, repreendendo-o com palavras ásperas; ele sabia que Rama era inconquistável e que a guarda de Sita lhe tinha sido confiada. Mas ela o chamou de monstro da maldade e disse que ele não tinha interesse por Rama e a desejava.

Lakshman não pôde suportar aquelas palavras e, embora inúmeros maus presságios o prevenissem, Sita o forçou a ir ao encontro de Rama. Então ele se despediu e saiu, mas enquanto se afastava voltou-se muitas vezes e olhou para Sita, temendo por sua segurança.

Sita é raptada

Ravana assumiu a aparência de um iogue errante; carregando um cajado e uma tigela de mendigo, ele se aproximou de Sita, que esperava, sozinha, a volta de Rama. A floresta o conhecia; as próprias árvores permaneciam imóveis, o vento amainava; por medo, o Godaveri fluía mais vagorosamente. E chegou bem perto de Sita e a fitou; um desejo ruinoso o invadiu. Ele elogiou sua beleza e convidou-a a deixar aquela floresta perigosa e ir viver com ele em palácios e jardins. Por julgá-lo um brâmane, um visitante, ela lhe deu alimento e água, respondeu que era esposa de Rama e lhe contou a história da vida deles; perguntou ao visitante qual era o seu nome e qual a sua família.

Ele respondeu que era Ravana e pediu-lhe que fosse sua esposa, oferecendo-lhe palácios, criados e jardins. Mas àquela proposta ela se enfureceu desmedidamente e respondeu: "Sou a serva de Rama, leão entre homens, inabalável como qualquer montanha, vasto como o oceano poderoso, radiante como Indra". Arrancadas o dente da boca de um leão ou nadarias no mar com uma pesada pedra presa ao teu pescoço? Poderias ter a mim tanto quanto ao Sol ou à Lua. Rama parece ser pequeno diante de ti, mas é diferente como um leão é diferente de um chacal, um elefante de um gato, ou o oceano de um pequenino regato, ou o ouro do ferro. A esposa de Indra poderias arrebatá-la para com ela viver; mas se me arrebatares, a esposa de Rama, tua morte será certa e eu também seguramente morrerei". E ela tremeu de medo, como uma bananeira sacudida pelo vento.

Mas os olhos amarelos de Ravana ficaram vermelhos de raiva, o rosto plácido se transformou e ele assumiu sua aparência original, horrível, com dez rostos e vinte braços. Agarrou pelos cabelos e pernas aquele ser delicado, saltou para dentro de seu carro dourado, puxado por um asno, e subiu para o céu. Ela gritou alto e bom som por Lakshman e Rama: "E ó vós, floresta e

árvores floridas", gritou ela, "e vós, Godaveri e divindades do bosque, e cervo e pássaros, eu vos imploro: dissei a meu senhor que Ravana me raptou".

Então ela viu o grande abutre Jatayu numa árvore e rogou-lhe proteção; ele acordou de seu sono e, vendo Ravana e Sita, falou com o rakshasa, aconselhando-o a deixar aquele caminho danoso. Jatayu alertou-o de que a morte seria seguramente a vingança de Rama para aquela ofensa, e disse: "Enquanto eu estiver vivo não seqüestrarás a virtuosa Sita. Lutarei contigo e te arrancarei de teu carro". Com olhos enfurecidos, Ravana saltou sobre Jatayu. Houve uma batalha mortal no céu; Ravana disparou muitas flechas contra Jatayu, enquanto o rei dos pássaros o feria com o bico e as garras. Tantas flechas feriram Jatayu que ele parecia um pássaro semi-oculto no ninho; mas ele quebrou com os pés dois arcos de Ravana e destruiu o carro de viajar no céu, e assim Ravana caiu no chão, com Sita no colo. A essa altura, porém, Jatayu estava exausto. Ravana, então, pulou novamente, caindo sobre ele, e com uma adaga cortou suas asas, de forma que ele tombou moribundo. Então saltou sobre o amigo e envolveu-o em seus braços, mas ele jazia imóvel e silencioso, como um fogo extinto da floresta. Então Ravana agarrou-a novamente e partiu através do céu. Ela brilhava contra o corpo do rakshasa como um relâmpago dourado entre nuvens pesadas, ou um tecido dourado sobre um elefante preto. Por causa dela toda a natureza se entristecera; as flores de lótus haviam fanado, o sol escurecera, as montanhas choravam em cascatas e levantavam para o alto seus cumes, como braços, os deuses da floresta estavam aterrorizados, o jovem cervo vertia lágrimas e todas as criaturas lamentavam. Mas Brahma, vendo Sita arrebatada, rejubilou-se e, prevendo a morte de Ravana, disse: "Agora nossa tarefa está cumprida". Os eremitas estavam alegres e tristes ao mesmo tempo. Tristes por Sita e alegres porque Ravana devia morrer.

Enquanto eles viajavam pelo céu, Sita viu cinco macacos no topo de uma montanha e, sem que Ravana percebesse, atirou-lhes suas jóias e seu véu dourado, como uma oferta para Rama. Ravana deixou para trás os bosques e as montanhas, cruzou o mar e foi para sua grande cidade de Lanka,⁷ onde a deixou num aposento secreto, completamente só, bem guardada e bem servida. Foram enviados espiões para vigiar Rama. Quando Ravana voltou, mostrou a Sita todo o palácio, com os tesouros e os jardins que

ele continha, pediu-lhe que fosse sua mulher e afligiu-a de todas as maneiras. Mas ela escondeu o rosto e soluçou num choro mudo. E quando ele novamente instou com ela, Sita tomou uma lâmina de grama e, colocando-a entre si e Ravana, profetizou sua morte nas mãos de Rama e a ruína de todos os rakshasas, e o rejeitou completamente. Então ele passou das súplicas para as ameaças, chamou horríveis rakshasas e a entregou aos cuidados deles, ordenando-lhes que dobrassem a sua vontade, pela violência ou tentando-a. Lá estava a bondosa Sita, como um navio submergindo ou como uma coelha entre ferozes cães.

A ira de Rama

Então Rama, voltando de sua perseguição a Maricha, tinha o coração pesado. Ao encontrar Lakshman, ele o censurou muito por ter deixado Sita sozinha. Chacais uivavam e pássaros piavam quando eles voltaram apressados. Ao se aproximarem do eremitério, suas pernas falharam-lhe e um tremor sacudiu-o todo: Sita não estava ali. Eles exploraram os pequenos bosques de árvores floridas e as margens do rio, onde se viam flores de lótus abertas; percorreram as cavernas das montanhas e perguntaram ao rio, às árvores e a todos os animais onde estava Sita. Então Rama supôs que ela tivesse sido devorada pelos rakshasas, que assim vingavam Khara. Mas chegados ao lugar onde Jatayu havia lutado contra Ravana, eles viram as armas quebradas, o carro e o chão pisado, e então Rama enraiveceu-se com todos os seres e clamou que destruiria céus e terra se os deuses não lhe trouxessem de volta Sita. Nesse momento eles perceberam o agonizante Jatayu e, tomando-o por um dos rakshasas que havia comido Sita, Rama quase o matou. Mas Jatayu falou debilmente e lhe relatou o que havia acontecido, e assim Rama, atirando ao chão o arco, abraçou o pássaro amigo e lamentou sua agonia. Jatayu falou de Ravana e confortou Rama, assegurando-lhe a vitória e a recuperação de Sita; mas nesse momento seu espírito se foi e sua cabeça e seu corpo penetraram terra adentro. E Rama chorou a morte do amigo: "Ah, Lakshman", disse ele, "este nobre pássaro viveu aqui, contente, muitos anos e agora está morto por minha causa. Ele perdeu a vida procurando salvar Sita. Veja, entre cada categoria de animais há heróis,

mesmo entre pássaros. Estou mais triste por este abutre que morreu por mim do que pela perda de Sita".

Então Lakshman trouxe madeira e fogo e ali eles queimaram Jatayu, com todos os direitos e oferendas devidos a homens nascidos duas vezes e disseram os mantras para a sua ida rápida até a morada dos deuses cintilantes; e aquele rei dos abutres, morto em batalha por uma causa justa e consagrado por Rama, atingiu uma condição gloriosa.

Então Rama e Lakshman partiram, buscando Sita por toda parte. Logo encontraram um horrível rakshasa, e não lhes foi fácil enfrentá-lo. No entanto, ferido de morte, ele se rejubilou, pois fora amaldiçoado com aquela forma por um ermitão e assim teria de viver até que Rama o matasse e o livrasse. Rama e Lakshman queimaram-no numa enorme pira. Ele então surgiu das cinzas e, subindo num carro celestial, aconselhou Rama a procurar a ajuda do grande macaco Sugriva e dos quatro outros macacos da montanha Rishyamukha. "Não desprezes Sugriva", disse ele. "Aquele macaco real é forte, humilde, corajoso, habilidoso e educado, tem grande perícia para mudar de forma e é bom conhecedor dos lugares freqüentados por todos os rakshasas. Tu te aliarás a ele fazendo um voto de amizade diante de uma fogueira, que será tua testemunha, e com a ajuda dele certamente terás de volta Sita". Então ele partiu, dizendo adeus aos outros e apontando o caminho para Rishyamukha. E passando pelo eremitério de Matanga, foram para aquela montanha cheia de árvores, abrigo de muitos pássaros, que fica além do lago Pampa.

A aliança de Rama com Sugriva

Não levou muito tempo para que Rama e Lakshman atingissem a montanha Rishyamukha, onde morava Sugriva. Esse Sugriva estava exilado; fora expulso de casa e despojado da esposa por seu cruel irmão Vali. Ao ver os heróis de grandes olhos portando armas, ele supôs que os dois tinham sido mandados por Vali para destruí-lo. Então ele fugiu e enviou Hanuman disfarçado em ermitão para falar com os cavaleiros e saber quais eram suas intenções. Lakshman contou a Hanuman tudo o que acontecera e lhe disse que Rama agora procurava a ajuda de Sugriva. Então Hanuman, considerando que Sugriva também precisava de um defensor para a recuperação de sua esposa

e de seu reino, levou os cavaleiros até ele, e lá Rama e o macaco chefe mantiveram uma conversa. Hanuman fez uma fogueira com dois pedaços de lenha e, passando por ela no mesmo sentido do movimento do sol, Rama e Sugriva juraram amizade e um se comprometeu a ajudar o outro. Eles ficaram se olhando atentamente e nenhum deles se cansava de fitar o outro. Sugriva contou sua história e pediu a ajuda de Rama, que prometeu se empenhar em vencer o irmão do chefe dos macacos; em troca, Sugriva se encarregou de recuperar Sita. Ele contou a Rama como ela fora levada por Ravana, como deixara cair seu véu e as jóias e mostrou aquelas provas a Rama e Lakshman. Rama os conhecia, mas Lakshman disse' "Eu não reconheço os braceletes ou os brincos; apenas conheço bem as tornozeleiras, pois não levantava os olhos acima de seus pés".

Então, diz a história, Rama viajou com Sugriva para a cidade de Vali, venceu Vali e estabeleceu Sugriva no trono. Passaram-se quatro meses da estação chuvosa, e quando o céu ficou limpo e as enchentes diminuíram, Sugriva enviou seus marechais para convocar as hostes de macacos. Eles vieram do Himalaia, de Vindhya e de Kailas, do leste e do oeste, de longe e de perto, de cavernas e florestas, centenas e milhares e milhões, e cada grupo era capitaneado por um chefe veterano. Todos os macacos do mundo se reuniram ali e permaneceram diante de Sugriva, de mãos postas. Então Sugriva os ofereceu a Rama, para seu serviço. Mas Rama achou melhor Sugriva assumir todo o comando, uma vez que ele compreendia mais a disposição daquela tropa e estava bem inteirado do assunto a ser executado.

A busca de Sita

Até aquele momento, nem Rama nem Lakshman nem Sugriva sabiam de Ravana mais do que seu nome; ninguém sabia onde ele vivia nem onde conservava Sita escondida. Assim, Sugriva despachou todo aquele exército sob as ordens dos chefes para procurar pelos quatro cantos até os mais remotos confins onde vivessem homens ou demônios, onde o sol brilhasse. Mas ele confiava tanto em Hanuman quanto em todos aqueles macacos juntos; pois aquele filho do deus do vento herdara de seu pai a energia, a rapidez, a impetuosidade vigorosa e o poder de acesso a todos os locais da terra ou do

céu, e além disso era corajoso, diplomático, perspicaz e sabedor da conduta conveniente à ocasião e ao lugar. E embora Sugriva confiasse plenamente em Hanuman, este era ainda mais confiante em seu próprio poder. Rama também depositou sua confiança em Hanuman e deu-lhe o anel de sinete para que ele o mostrasse como sinal a Sita quando a encontrasse.

Então Hanuman curvou-se até os pés de Rama e partiu com o exército preparado para esquadrihar o quadrante sul, deixando Rama durante um mês com Sugriva, à espera de sua volta. E depois de um mês retornaram os exércitos que haviam procurado no norte, no oeste e no leste. Estavam desgostosos e desalentados por não ter encontrado Sita. Mas o exército do sul procurou em todos os bosques, cavernas e lugares ocultos, até que, por fim, chegou ao grandioso oceano, o lar de Varuna, ilimitado, ressonante, coberto de ondas temíveis. Um mês havia se passado e Sita não fora encontrada; por essa razão os macacos estavam desanimados, contemplando atentamente o mar e à espera de seu próprio fim, pois não tinham coragem de voltar até onde estava Sugriva.

Mas ali, numa caverna próxima, morava um enorme abutre já muito velho, chamado Sampati, que ao ouvir os macacos conversando sobre seu irmão Jatayu se aproximou e pediu notícias dele. Então os macacos relataram-lhe todo o caso e Sampati contou que havia visto Sita levada por Ravana e que Ravana vivia em Lanka, a cem léguas, do outro lado do mar. "Dirigi-vos para lá", disse ele, "e vingai o rapto de Sita e a morte de meu irmão. Pois eu tenho o poder de prever e agora mesmo percebo que Ravana e Sita estão lá, em Lanka."

Sita é encontrada em Lanka

Os macacos ficaram mais esperançosos, mas quando desceram para a praia e se sentaram perto do mar ondulante ficaram novamente tristes e procuraram se aconselhar uns com os outros, bastante desanimados. Um macaco disse então que podia saltar vinte léguas, outro, cinqüenta, outro, oitenta e ainda outro, noventa; e Angada, filho de Vali, podia cruzar mais de cem, mas seu poder não lhe garantia a volta. Então Jambavan, um honrado macaco falou a Hanuman, lembrando seu nascimento e sua origem, como o

deus vento o havia gerado e sua mãe, Anjana, o havia concebido nas montanhas; e como quando criança ele pensava que o sol era uma fruta que crescia no céu e por isso saltara trezentas léguas na direção dele; e como Indra lhe havia atirado um dardo, quebrando-lhe a mandíbula; e como o deus do vento, enraivecido, começou a destruir os céus e a terra até que Brahma o serenou e concedeu-lhe a graça de que seu filho seria invulnerável e Indra concedeu-lhe a graça de escolher sua própria morte. "E tu, heróico macaco, prova tua coragem agora e salta através do oceano", disse ele, "porque nós o consideramos nosso defensor, e no que diz respeito ao movimento e ao vigor do ímpeto tu ultrapassas todas as coisas."

Então Hanuman levantou-se e a multidão de macacos se rejubilou. Inchado de orgulho e força, ele se vangloriou do feito que ia realizar. Subiu a montanha Mahendra, sacudindo-a em sua cólera e espantando todos os animais que viviam nos bosques e cavernas. Cômico de ter recebido uma tarefa árdua, na qual nenhum amigo poderia ajudá-lo e nenhum inimigo poderia embarçá-lo, Hanuman permaneceu de pé, levantando a cabeça como um touro, e, suplicando ao sol, ao vento das montanhas, ao que se criou e a todos os seres, transportou seu coração para a tarefa a ser realizada. Ele tornou-se grande, levantou-se como um fogo, os cabelos eriçados, e urrou como um trovão, sacudindo a cauda; assim ele reunia energia de corpo e de espírito. "Descobrirei Sita ou trarei Ravana acorrentado", pensou Hanuman, e nesse momento ele saltou de tal forma que até as árvores foram puxadas para cima com seu ímpeto e caíram novamente atrás dele. Ao se arremessar através do ar como uma montanha ele tinha os olhos faiscantes como fogueiras numa floresta e a cauda erguida como um estandarte de Sakra. E desse modo Hanuman manteve seu avanço através do mar. Nem quando o oceano amigo ergueu o monte Mainaka, cheio de árvores, frutas e raízes, Hanuman quis parar para descansar, mas, subindo, seguiu pelo ar como o próprio Garuda. Então uma feroz rakshasi chamada Sinhikha surgiu do mar, agarrou-o pela sombra e quis devorá-lo. Mas ele arremessou-se para dentro de sua boca e, tornando-se excessivamente grande, irrompeu para fora novamente, quebrando-a toda e matando-a. Nesse momento ele percebeu a praia à distância e, julgando seu enorme tamanho impróprio para uma missão secreta,

retomou seu tamanho e forma naturais e assim pousou na praia de Lanka; nunca ele se sentira tão pouco esgotado e fatigado.

Hanuman viu no cume da montanha a cidade de Lanka, cercada por uma muralha dourada e cheia de edificações enormes como montanhas sombrias: a obra de Vishvakarman. Embora impaciente, ele esperou o crepúsculo e então, encolhendo-se até ficar do tamanho de um gato, entrou na cidade à noite sem que os guardas o percebessem. Lanka parecia-lhe uma mulher que tinha o mar como manto, currais de gado e estábulos como jóias, e cujos seios eram as torres sobre a muralha. Quando ele entrou, essa mulher o arrostou com um aspecto terrível e barrou-lhe o caminho. Então Hanuman derrubou-a, embora com brandura, em respeito à sua condição feminina, e ela cedeu e permitiu-lhe realizar seu intento. Hanuman encaminhou-se para o palácio de Ravana, muito alto, no topo da montanha, cercado por um muro e um fosso. Naquele momento a lua cheia estava alta, navegando como um cisne, e ele observou os habitantes do palácio, alguns bebendo, alguns comendo, alguns ocupados com coisas de amor, alguns tocando instrumentos, alguns dormindo. Muitas lindas esposas dormiam nos braços do marido, mas Sita, de virtude ímpar, ele não pôde encontrar. Por essa razão o vigoroso macaco estava abatido, desapontado. Ele saltou de pátio em pátio, visitando as residências de todos os rakshasas importantes, até que por fim chegou aos próprios aposentos de Ravana, uma verdadeira mina de ouro e jóias, chamejante com a luz prateada. Por toda parte ele procurou Sita, sem deixar um só canto inexplorado; escadas douradas, carros pintados, janelas de cristal e câmaras secretas ornamentadas com pedras preciosas, tudo foi inspecionado, mas Hanuman não viu Sita. Ele sentia o odor de carne e bebida, e até suas narinas vinha também o Ar que tudo impregna e que lhe dizia: "Vem aqui, onde Ravana se encontra". Seguindo o Ar, ele foi até o dormitório de Ravana. Lá estava, deitado sobre um glorioso leito, o senhor dos rakshasas, dormindo e respirando pesadamente; seu corpo era enorme ornado de jóias esplêndidas, como o arrebol perfurado pela cintilação de relâmpagos; suas manoplas jaziam sobre a colcha branca como terríveis serpentes de cinco cristas; encimando pilares, quatro lâmpadas douradas iluminavam-lhe o leito. Ao redor dele estavam suas esposas, claras como a lua, enfeitadas com gloriosas gemas e grinaldas de flores viçosas. Algumas, esgotadas pelo prazer,

dormiam reclinadas; outra agarrava um alaúde, como uma jovem amorosa agarra seu amante; ainda outra, uma moça clara, exímia dançarina, fazia gestos graciosos, mesmo dormindo; outras se abraçavam umas às outras. Ali estava também Mandodari, a rainha de Ravana, que excedia a todas as demais em esplendor e encanto. Hanuman cuidou que ela seria Sita; a suposição alegrou-o e por isso ele agitou os braços e balançou a cauda, cantou e dançou, escalou os pilares dourados e saltou novamente para o chão, impulsionado por sua natureza de macaco.

Mas a reflexão mostrou seu erro, pois ele disse: "Sem Rama, Sita não seria capaz de comer, beber ou dormir; ela não se enfeitaria e nem aceitaria a companhia de nenhum outro que não ele; essa não é ela". Então Hanuman explorou mais longe, pelo palácio, procurando em muitos quartos femininos, mas em vão. Muitas belas senhoras ele viu, mas não Sita, e Hanuman supôs que ela teria sido morta ou devorada pelos rakshasas. Então ele deixou o palácio e sentou-se por algum tempo sobre a muralha da cidade, sentindo-se deprimido. "Se eu voltar sem ter descoberto Sita", refletiu ele, "meu trabalho terá sido de balde. E o que dirão Sugriva e os filhos de Dasharata e todos os macacos? Seguramente Rama e Lakshman morrerão de pesar, e depois deles Bharata e Satrughna e as rainhas-mães, e vendo isso, Sugriva, amigo de Rama, morrerá também, e as rainhas dos macacos, Angada e todos os macacos! Os nobres macacos nunca mais se reunirão em bosques, montanhas e lugares secretos e nem se divertirão com brincadeiras. Um lamento altissonante se levantará quando eu voltar.e eles engolirão veneno ou se enforcarão, ou saltarão do cume de altas montanhas. Assim, eu não devo retornar malgrado; antes morrer de fome. Não seria correto levar todos aqueles nobres macacos a morrer por minha culpa. Permanecerei aqui e investigarei em Lanka muitas vezes; examinarei até mesmo o bosque de árvores asoka além da muralha."

Hanuman se curvou para Rama, para Sita, para Shiva, para Indra, para a Morte, para o Vento, para a Lua, para o fogo e para Sugriva, e depois de, com o pensamento profundamente concentrado, dedicar-lhes uma oração, explorou com sua imaginação o bosque de árvores asoka. E ali ele encontrou Sita. Então ele saltou do muro como uma flecha sai do arco e entrou no bosque em sua forma material. O bosque era um lugar de prazer e encantamento,

cheio de árvores floridas e animais felizes: mas Hanuman o devastou e quebrou as árvores. Permaneceu de pé apenas uma bonita árvore asoka, entre pavilhões e jardins arredondados, com piso dourado e muros prateados. Hanuman saltou até o alto dessa árvore e pôs-se a observar tudo à sua volta, pensando que, se estivesse na floresta, Sita viria para aquele lugar atraente. Ele viu um palácio de mármore com escadas de coral e piso de ouro brilhante, e ali jazia uma prisioneira, fraca e magra como se em jejum. Ela suspirava sob pesada dor, vestida com roupas sujas e guardada por horríveis rakshasis, como um cervo entre cães ou uma chama obscurecida pela fumaça.

Então Hanuman pensou que aquela devia ser Sita, pois ela era linda e pura, como uma lua obscurecida pelas nuvens, e usava jóias iguais às aquelas descritas por Rama. Hanuman verteu lágrimas de alegria e pensou em Rama e Lakshman. Mas então o arrogante rakshasa Ravana, que havia acordado, chegou ao bosque de árvores asoka com um grande séquito de mulheres enquanto Hanuman ainda estava escondido na árvore. As mulheres seguiam seu heróico marido como relâmpagos seguem uma nuvem, e Hanuman ouviu o som de suas tornozelas tilintantes quando elas atravessavam o pavimento dourado.

Hanuman fala com Sita

Ravana foi para perto de Sita. Ao vê-lo, ela tremeu como uma bananeira, escondeu o rosto e soluçou. Então ele tentou cortejá-la de muitas maneiras, seduzindo-a com riqueza, poder e conforto; mas ela recusou-o definitivamente e previu sua morte nas mãos de Rama. Ravana então se encolerizou e deu a Sita um prazo de dois meses, depois dos quais, se não se entregasse, ela seria torturada e assassinada; e confiando-a às horríveis rakshasis que a guardavam, com ordens de que elas lhe quebrassem a resistência, Ravana, cercado das esposas, retornou aos seus aposentos. Então Sita, afastando-se dos horríveis demônios femininos que a ameaçavam com morte e tortura e insultavam Rama, engatinhou até o tronco da árvore onde Hanuman estava escondido.

Hanuman ponderou que era preciso falar com Sita. Mas temia assustá-la ou atrair a atenção da guarda e trazer a destruição para si, pois, embora

pudesse matar todos os rakshasas, ele não conseguiria, se esgotado, cruzar de volta o oceano. Então ele sentou-se, escondido, na árvore e relatou as virtudes e os feitos de Rama, falando numa inflexão suave, até que Sita o ouviu. Ela prendeu a respiração, por medo, ergueu o olhar para o interior da árvore e viu o macaco; ele era expressivo e humilde, e seus olhos brilhavam como um fogo dourado. Então ele desceu da árvore, o rosto corado, modestamente vestido, e de mãos postas falou com Sita. Ela, por sua vez, disse-lhe que era Sita e pediu notícias de Rama. Hanuman contou-lhe tudo o que acontecera e falou de Rama e de Lakshman, de forma que ela ficou quase tão satisfeita quanto se tivesse visto Rama em pessoa. Mas quando Hanuman se aproximou um pouco, Sita estremeceu, pensando que ele fosse Ravana disfarçado. Ele teve muito trabalho para persuadi-la de que era amigo de Rama, mas quando, por fim, ela viu o anel de sinete, pareceu-lhe já estar salva, e ela ficou satisfeita e triste ao mesmo tempo — satisfeita por sabê-lo vivo e triste por sabê-lo aflito.

Então Hanuman sugeriu carregar Sita em suas costas através do oceano, até Rama. Ela elogiou sua força, mas não quis ir com ele, porque temia cair no mar, sobretudo se os rakshasas os seguissem, e porque voluntariamente ela não tocaria nenhuma pessoa além de Rama, e também por desejar que fosse de Rama a glória de sua libertação e da destruição dos rakshasas. "Mas, por favor, traz depressa Rama até aqui!" Então Hanuman louvou sua sabedoria e modéstia e pediu-lhe uma prova para mostrar a Rama. Ela contou-lhe uma façanha com um corvo, conhecida apenas por ela e por Rama, que acontecera muito tempo antes em Chitracuta, deu-lhe uma jóia de seu cabelo e enviou uma mensagem para Rama e Lakshman, pedindo-lhes que viessem salvá-la. Hanuman pegou a jóia e, despedindo-se de Sita, preparou-se para partir. Então Sita deu-lhe mais uma outra mensagem para Rama, pela qual ele podia saber seguramente que Hanuman a encontrara. "Diga-lhe: 'Um dia minha sobrancelha foi apagada e tu pintaste outra com terra vermelha — tu deves te lembrar disso. O Rama! Vem depressa! Pois já não o vejo há dez meses e só posso suportar mais um mês'. Que a boa sorte o acompanhe, heróico macaco!", disse ela.

Hanuman queima Lanka

Mas ter encontrado Sita, apenas, não satisfazia Hanuman. Ele precipitou-se para o bosque de árvores asolca, quebrou as árvores e danificou os pavilhões, como se fosse o próprio Vento. Os rakshasas enviaram pedidos de socorro a Ravana e ele, ouvindo que um enorme macaco estava destruindo seus criados, enviou o vigoroso Jambumãli, arco na mão, para sem demora matar Hanuman; e ele de fato o feriu com uma flecha pontiaguda quando Hanuman estava sentado no telhado de um templo. Mas em seguida Hanuman arremessou um dardo contra ele e o esmagou. Então um exército heróico de rakshasas comandado pelo príncipe Aksha atacou Hanuman e encontraram a morte. Em seguida Indrajit foi enviado contra ele e travou-se uma terrível batalha, da qual até os próprios deuses se admiraram. Indrajit arremessou um milhão de lanças contra o macaco, mas ele, correndo pelo céu, escapava de todas. Então Indrajit parou e concentrou a mente para refletir sobre o verdadeiro caráter de Hanuman; com sua percepção espiritual ele concluiu que seu opositor não seria morto por armas de guerra. Assim, ele imaginou um meio de refreá-lo e atirou nele uma lança de Brahma. Com isso Hanuman foi atingido e conheceu o laço inquebrável, caindo no chão. Mas ele refletiu que seria bom conversar com Ravana e por isso não reagiu, deixando que o levassem. Vendo-o imóvel, eles o amarraram ainda mais apertado com cordas e tiras de cascas de árvores, gemendo compadecidos enquanto faziam isso. Mas aquela amarração foi o meio de livrá-lo, pois o poder de aglutinação de uma arma de Brahma é quebrado imediatamente se outro laço se soma a ele. Contudo, o astuto macaco não deu sinal de que as ataduras estavam bambas; e os ferozes rakshasas, gritando um para o outro "Quem é ele? O que ele quer?" e "Matem-no! Queimem-no! Comam-no!", arrastaram-no até Ravana.

Interrogado pelo ministro de Ravana, Hanuman respondeu ser realmente um macaco e disse que havia ido a Lanka como enviado de Rama para cumprir suas ordens e espionar Ravana; contou a história de Rama até aquele momento e deu a Ravana um conselho judicioso; entregar Sita para se salvar. Ravana ficou furioso e quis mandar matar Hanuman; mas os conselheiros lembraram-no de que não havia justificativa para uma pena de morte infligida a alguém que dizia ser um enviado. Assim, Ravana pôs-se a pensar numa

penalidade adequada e imaginou pôr fogo na cauda de Hanuman. Os rakshasas amarraram algodão embebido em óleo na cauda do macaco e atearam fogo. Mas o heróico macaco acalentava um plano secreto; ele suportava que os rakshasas o conduzissem de cá para lá, em Lanka, porque assim ficava conhecendo melhor os caminhos e as fortificações existentes no lugar. Então levaram ao conhecimento de Sita que aquele macaco com quem ela havia conversado estava sendo levado pelas ruas de Lanka e proclamado espião, e que sua cauda estava sendo queimada. Ao saber da notícia ela se afligiu e, rogando ao Fogo, disse: "Como tenho sido fiel ao meu senhor, peço-vos que sejais frio para Hanuman". O fogo cresceu, em resposta à sua oração, e naquele mesmo instante o pai de Hanuman soprou frescor entre a chama e seu filho.

Percebendo que o fogo ainda queimava, mas que sua cauda estava fria como gelo, Hanuman imaginou que, se o fogo tinha esfriado, isso certamente era por causa de Rama, de Sita e de seu pai. Então ele rompeu os laços e saltou para o céu, enorme como uma montanha, e correu por todos os cantos de Lanka, queimando os palácios e seus tesouros. E depois de ter queimado completamente metade de Lanka e matado muitos rakshasas, Hanuman apagou sua cauda no mar.

Hanuman volta para Rama

De repente ele se arrependeu de seu ato precipitado, pois pensou que Sita tivesse morrido no incêndio. Então ele refletiu: "Ter queimado Lanka é um fato sem importância, mas se Sita perdeu a vida, eu falhei em meu trabalho, e prefiro morrer a voltar para Rama sem nada ter conseguido". Pensando um pouco mais, no entanto, ele chegou a uma segunda possibilidade: "Pode ser que aquela mulher formosa tenha sido salva por sua própria virtude; o fogo que não me chamuscou nunca queimaria aquela nobre senhora". Com isso, Hanuman apressou-se em voltar para a árvore asoka. Ali encontrou Sita sentada e cumprimentou-a, e ela a ele, e uma vez mais os dois falaram de Rama, e ele previu que Rama salvaria Sita dentro de pouco tempo e mataria os rakshasas. Então Hanuman saltou, como uma montanha alada, e viajou através do mar, ora perfeitamente visível ora encoberto pelas nuvens, até que

chegou a Mahendra, agitando a cauda e rugindo como o vento em uma caverna majestosa. E todos os macacos rejubilaram-se desmesuradamente ao vê-lo e ouvi-lo, sabendo que ele devia ter encontrado Sita; eles dançaram e correram de pico em pico, balançaram os galhos das árvores e levaram frutas e raízes para Hanuman comer. Então Hanuman contou a Angada e a Jambavan tudo o que havia feito enquanto a legião de macacos sentava-se em volta dele perto da árvore, no cume de Mahendra.

Quando tudo tinha sido relatado, Angada virou-se para os macacos e disse: "Ó nobres macacos, nosso trabalho está feito e chegou a hora de voltarmos para encontrar Sugava, sem mais demora". Ao que eles responderam: "Vamos embora". Então Angada deu um salto no ar e foi seguido por todos os macacos, escurecendo o céu como se fossem nuvens e urrando como o vento. E indo logo até onde estava Sugriva, Angada falou primeiro para o magoado Rama, dando-lhe notícias de Sita e louvando o trabalho de Hanuman. Então Rama conversou com Hanuman e fez-lhe muitas perguntas sobre a saúde da esguia Sita. Hanuman contou-lhe tudo e transmitiu-lhe a mensagem dela, sobre o corvo e a sobancelha pintada, mostrando-lhe por fim a jóia do cabelo de Sita, confiada a ele como sinal. Rama chorou à vista daquela jóia preciosa: magoava-o vê-la e não à própria Sita. Mas ele rejubilou-se em sabê-la viva e que Hanuman a encontrara.

Então Rama louvou Hanuman como o melhor dos criados, que tinha feito até mais do que lhe fora pedido; pois um criado meramente bom faz aquilo que lhe é ordenado e nada mais, e um criado mau é aquele que não faz nem mesmo o que seu senhor lhe ordena. "Hanuman", disse ele, "fez seu trabalho e ainda mais, e eu lamento muito não poder prestar-lhe algum serviço em retribuição. Mas a minha afeição é imensa". E ao dizer isso ele abraçou como a um irmão o autocontrolado e bondoso Hanuman.

Em seguida Sugriva falou e ordenou uma marcha de todo o bando na direção do extremo sul, para um cerco a Lanka, enquanto Hanuman relatava a Rama tudo o que havia aprendido da força e das fortificações da cidade, dizendo: "Considerai a cidade como já tomada, pois eu a devastei sozinho, e destruí-la completamente será uma tarefa fácil para uma tropa como essa".

Então o exército de macacos seguiu seu caminho, comandado por Sugriva e Rama, e os macacos pulavam de alegria, saltavam em júbilo e

brincavam uns com os outros. Com eles ia um grupo de ursos amigos liderados por Jambavan, que ficava na retaguarda. Passando sobre muitas montanhas e encantadoras florestas, o exército foi finalmente para Mahendra e os macacos contemplaram o mar diante de si; dali eles marcharam para a praia, perto das rochas batidas pelas ondas, e acamparam. Eles cobriram toda a praia, como um segundo mar ao lado do vaivém das ondas. Então Rama convocou um conselho para planejar um meio de atravessar o oceano. Estabeleceu-se uma guarda e ordenou-se que ninguém deveria se afastar, porque ele temia o feitiço dos rakshasas.

Vibhishana abandona os rakshasas

Enquanto isso Ravana convocava outro conselho em Lanka, pois "a vitória ocorre quando se pede um conselho", como dizem os sábios. "Sabeis como o macaco Hanuman devastou Lanka. Agora Rama atingiu a praia do oceano com um exército de macacos e ursos e secará o oceano ou fará uma ponte sobre ele, sitiando-nos aqui. Estudai um meio de proteger a cidade e o exército", disse Ravana para os seus conselheiros. E os generais aconselharam-no a confiar a batalha ao seu filho, o príncipe Indrajit, enquanto outros, como Prahasta, Nicumbha e Vajrahanu, jactavam-se de, sozinhos, ser capazes de engolir o exército de macacos. Mas Vibhishana, irmão mais novo de Ravana, aconselhou outro modo de ação. "Devemos recorrer à força apenas quando outros meios, como conciliação, presentes ou a sementeira de dissensões tenham malogrado. Além disso, a força é eficaz apenas contra os que são fracos ou desagradáveis para os deuses. O que, além de morte, pode resultar de um conflito com Rama, autocontrolado, vigilante e forte graças ao poder de todos os deuses? Quem alguma vez pensou que Hanuman poderia fazer tanto? Deves ser bem advertido disso e deves deixar Sita para o seu senhor, a fim de salvar-te, e a nós". E, cumprindo um papel perigoso, ele seguiu o irmão até seu quarto, saudou-o e falou ainda mais, pensando em seu bem: "Desde o dia em que Sita veio para cá, "disse ele, "os presságios têm sido maus: o fogo está sempre obscurecido pela fumaça, encontramos serpentes nas cozinhas, o leite das vacas seca, animais selvagens uivam em volta do palácio. Devolve Sita ao senhor dela, a fim de que não soframos todos

por causa do teu pecado". Mas Ravana, raivosamente, mandou embora o irmão e vangloriou-se de que manteria Sita consigo, mesmo que todos os deuses estivessem contra ele.

Ora, a razão pela qual Ravana nunca tinha, até então usado força contra Sita era que, certa vez, quando ele havia feito mau uso de uma dama celestial, Brahma lançou-lhe uma maldição: se outra vez ele procedesse do mesmo modo contra a vontade de alguma outra vítima, sua cabeça se quebraria em uma centena de pedaços. E agora Ravana estava magro, consumido pela paixão, exausto, como um cavalo esgotado por uma longa viagem, e desejava a morte de Rama para ser o dono de Sita. Por essa razão, ele voltou a se aconselhar com seus generais quanto à guerra, mas Vibhishana, ainda uma vez, opôs-se a ele, até que Ravana raivosamente o chamou de covarde e traidor. Então Vibhishana deliberou que já era tempo de não mais sofrer tais insultos e, levantando-se com seus quatro seguidores pessoais, disse a Ravana que havia falado pelo bem dele, "mas o condenado recusa conselho, assim como um homem às portas da morte recusa o remédio". Dito isso ele atravessou o mar num vôo e foi ao encontro do exército, dizendo que havia ido ali para fazer aliança com Rama. A maioria dos chefes de macacos queria matá-lo, por ter pouca confiança num rakshasa, mesmo não sendo ele um espião disfarçado; mas Rama falou-lhe claramente e combinou, em retribuição por sua assistência na guerra, colocá-lo no trono de Lanka quando Ravana tivesse sido morto.

A "Ponte de Adão"

Então Hanuman, Sugriva e Rama aconselharam-se com Vibhishana sobre como atravessar o oceano, e ele opinou que Rama devia procurar ajuda de Oceano para a construção de uma ponte. Concordou-se quanto a isso e Rama, estendendo um leito de grama sacrificai, deitou-se sobre ele, voltado para o leste, as mãos postas voltadas para o mar, e disse: "Ou o oceano cederá ou eu morrerei!" Assim ficou Rama durante três dias, silencioso, concentrado, conforme prescrito, atento para o oceano. Mas Oceano não respondeu. Então Rama enfureceu-se; ele se levantou, tomou de seu arco e quis secar o mar e deixar deserto o lar de Varuna. E disparou na direção do

mar terríveis lanças, que incendiavam e penetravam nas águas, provocando grandes tempestades, afligindo as nagas e as makaras do mar, de forma que os deuses ermitões que passavam pelo céu gritaram: "Aí de mim!" e "Basta!" Mas Oceano não se mostrou e Rama, ameaçando-o, colocou em seu arco uma flecha de Brahma consagrada com um feitiço de Brahma e atirou. O céu e a terra escureceram, montanhas tremeram, relâmpagos reluziram e todas as criaturas temeram, e o enorme abismo foi cavado com um impetuoso movimento. Então Oceano surgiu do meio do mar, como o sol em Meru. Estava enfeitado com jóias, engrinaldado e adornado com gemas preciosas, e se fazia acompanhar por nobres rios, como o Ganga, o Sindhu e outros. Aproximou-se de Rama com as mãos postas e falou francamente:

"O Rama, sabes que cada elemento tem suas próprias qualidades inerentes. A minha é esta, ser insondável e difícil de atravessar. Nem por amor nem por medo posso fazer parar o movimento incessante das águas. Mas tu conseguirás passar sobre mim por meio de uma ponte; eu a sustentarei e a segurarei com firmeza". Então Rama ficou tranquilo, mas a flecha de Brahma esperava encontrar seu alvo e poderia não ser contida. Rama perguntou a Oceano: "Onde eu posso deixá-la cair?" E Oceano respondeu: "Há uma parte do meu domínio, na direção do norte, assombrada por maus fantasmas. Deixa a flecha cair lá". Assim, Rama fez voar a seta flamejante, e a água do mar, na direção do norte, secou e queimou; o lugar onde havia mar transformou-se num deserto. Mas Rama abençoou o deserto e o tornou fecundo.

Então Oceano disse para Rama: "O criatura gentil, há aqui um macaco chamado Nala; ele é filho de Vishvakarman e tem a habilidade do pai. É cheio de energia e construirá a ponte sobre mim e eu a sustentarei". Dito isso, Oceano mergulhou novamente para o fundo das águas. E então Nala disse a Rama: "Oceano falou a verdade; apenas porque não me perguntaste nada eu escondi minha capacidade até agora".

Seguindo as ordens de Nala, todos os macacos passaram a arrancar árvores e rochas, a trazê-las das florestas para a praia e a assentá-las no mar. Alguns carregavam madeiras, alguns usavam varas de medição, alguns carregavam pedras; o tumulto e o barulho de penhascos e rochas atirados dentro do mar eram impressionantes. No primeiro dia fizeram-se catorze léguas e no décimo quinto a ponte estava pronta, larga, elegante e firme — como a

risca que biparte o cabelo na cabeça de Oceano. Então o exército de macacos a transpôs, Rama e Lakshman montados em Sugriva e Angada. Alguns macacos iam na ponte, outros mergulhavam no mar e ainda outros moviam-se aos saltos, e o barulho deles abafava o som das ondas do oceano.

Lanka é sitiada

Os presságios de guerra que se mostraram foram horríveis: a terra tremeu, das nuvens choveu sangue, um círculo de fogo se desprende do sol. Mas os macacos rugiam desafios aos rakshasas, cuja destruição aqueles sinais previam. Então Rama, contemplando Lanka que se elevava a ponto de insinuar-se nos céus, construída por Vishvakarman, produzida, por assim dizer, mais pela mente que pela matéria, pendurada no céu qual massa de nuvens alvíssimas, se entristeceu ao pensamento de Sita estar prisioneira ali; mas organizou as tropas de ursos e macacos e planejou o cerco de Lanka.

Entrementes, os espões de Ravana, que, disfarçados de macacos, haviam sido mandados ali para colher notícias, levavam as informações para Lanka e advertiam seu superior do poder irresistível de Rama, aconselhando-o a libertar Sita. Mas Ravana estava exasperado e os expulsou com impropérios, para em seguida enviar outros em seu lugar. Contudo, o resultado era sempre o mesmo. Assim, não havia outro recurso senão dar combate ou abrir mão da esposa de Rama. Mas Ravana tinha um plano para preparar a submissão de Sita à sua vontade. Ele lhe disse que a legião de macacos havia sido dispersada e que Rama fora morto, e nesse momento entrou uma rakshasi trazendo uma cabeça semelhante à de Rama e o arco. Reconhecendo-os, Sita sofreu terrivelmente; chorava alto e não cessava de se lamentar. Pedia a Ravana que a matasse ao lado da cabeça de Rama, para que ela pudesse segui-lo. Mas então entrou um mensageiro do general rakshasa chamando-o para a guerra e Ravana regressou ao campo de batalha; e quando saiu, a cabeça e o arco desapareceram imediatamente e Sita soube que aquilo eram simulações e vãs ilusões.

Rama é ferido

Os quatro rakshasa seguidores de Vibhishana tinham espionado em Lanka e sabiam qual era a disposição das tropas de Ravana; e Rama planejou o cerco nas quatro portas, de acordo com as informações, colocando o macaco Nila na porta oriental, guardada pelo general Prahasta; Angada foi posto na porta ocidental, guardada por Mahaparshwa; Hanuman na porta sul, guardada pelo príncipe Indrajit; e o próprio Rama atacaria a porta norte, guardada por Ravana. Então Rama mandou Angada como enviado para Ravana, a fim de desafiá-lo a lutar com ele. Mas Ravana tentou matar Angada, esquecendo o respeito devido a um enviado. Angada deu um enorme salto, quebrou o telhado do palácio e voltou para Rama. Logo em seguida os macacos avançaram ordenadamente e enxamearam pelas paredes, ocupando todos os fossos e infligindo terror no coração dos rakshasas. Grupos escaladores subiram nos muros e com árvores e pedras derrubaram os portões, gritando: "Vitória para Rama e para Sugriva!" Os rakshasas por sua vez arremeteram com um horrível soar de clarins e lutaram contra os macacos, e o barulho da batalha encheu todo o ar. Então houve uma terrível confusão entre amigo e inimigo, entre homem e animal, e o chão ficou coberto de carne e molhado de sangue. Assim, um combate com forças equilibradas se estendeu até o entardecer. Mas os rakshasas ansiavam pelo pôr-do-sol e nela noite, pois é então que eles têm mais força. E quando caiu a noite os demônios atacaram, devorando macacos aos milhares. Então os combatentes do lado de Rama se reagruparam e prevaleceram, por um tempo, derrotando Indrajit. Mas este, recorrendo à sua mágica, tornou-se invisível e fez chover flechas mortais sobre Rama e Lakshman; lutando com estratégias torpes, ele os cingiu firmemente, de forma que os dois caíram desamparados, cobertos de mil ferimentos.

Com os olhos cheios de lágrimas, Sugriva, Hanuman, Vibhishana e todos os líderes dos macacos permaneciam em volta daqueles heróis feridos. Mas Indrajit, invisível para quem quer que não fosse seu tio Vibhishana, rejubilou-se e desfechou muitas lanças que feriram Hanuman, Níla e Jambavan, e então voltou vitorioso para Lanka e seu pai fez-lhe uma recepção cordial. E durante algum tempo a luta cessou.

Vibhishana reagrupou os assustados macacos e confortou Sugriva, dizendo: "Não é hora de ceder à dor. Rama não está morrendo. Reúnam suas forças e as inspirem com novas esperanças". Mas os macacos estavam de tal

forma tomados de pânico que, se uma palha se movesse, eles julgariam ser um rakshasa. E enquanto isso Ravana, levando Sita em seu carro, mostrou a ela Rama e Lakshman tombados sem sentidos e atingidos por muitas flechas, feridos e jazendo no pó; ela julgou que eles estivessem mortos e gritou de dor, e então Ravana levou-a de volta para Lanka.

Nesse ínterim Rama voltou a si e viu Lakshman aparentemente morto. Então ele se lamentou pungentemente e louvou a ação dos macacos, embora malsucedida, dando-lhes licença de ir aonde quisessem, cruzar a ponte e voltar para casa. E até mesmo Vibhishana já não tinha mais gosto pela luta e nem desejava o trono de Lanka. Mas Sugriva confortou-os e lhes deu uma nova coragem, e o líder dos macacos, Sushena, falou de uma erva mágica que cresce perto do Oceano Leitoso e é capaz de ressuscitar os mortos. "Que o filho do Deus do Vento vá à procura dela", disse ele.

A chegada de Garuda

Mas enquanto ele falava, levantou-se um vento tempestuoso que açoitou o mar e sacudiu as montanhas, e subitamente os macacos viram Garuda correndo pelo ar como um fogo ardente. Quando ele se aproximou, as flechas saíram dos heróis feridos como serpentes apavoradas se lançando para longe; e quando ele fez uma reverência e lhes tocou o rosto com as mãos, os filhos de Dasharatha se curaram e voltaram a ter o mesmo vigor e brilho primitivos, e até mais. Então Rama perguntou a Garuda quem ele era, e Garuda respondeu: "Sou teu amigo, tua vida que corre livremente externa a ti. Sou Garuda e vim para ajudar-te, pois ouvi dizer que foste atingido pelas flechas mágicas de Indrajit. Agora deves procurar saber como na luta os rakshasas se valem de velhacaria e de mágicas, e nunca deveras confiar neles numa batalha. Vou-me embora. Não precisas te perguntar como surgiu a amizade entre nós; finda a batalha ficarás sabendo de tudo. Não há dúvida de que matarás Ravana e terás Sita de volta". Dito isso, Garuda, depois de abraçar Rama e Lakshman e nesse abraço envolver também os chefes dos macacos, elevou-se aos céus e voou embalado pelo vento.

Então os chefes dos macacos, vendo Rama e Lakshman de volta à vida e com plenos poderes, começaram a rugir e a agitar a cauda; ouviram-se

tambores e tímpanos, e agarrados a galhos de árvores centenas e milhares de macacos avançaram novamente em direção às portas de Lanka. Os comandos da noite surgiram liderados por Dhumraksha (Olho Azul) e houve uma investida mortífera. Os macacos mordiam, dilaceravam e lutavam com árvores e pedras, e os rakshasas os matavam e feriam com flechas e os rachavam com seus machados e esmagavam-nos com suas clavas. Então, vendo que seria muito difícil cercar os macacos, Hanuman, agarrando uma pesada pedra, avançou sobre Dhumraksha e lançou-a sobre seu carro, esmigalhando-o; em seguida golpeou vigorosamente Dhumraksha e, armado com um pico de montanha, voltou a se precipitar sobre ele. Mas o rakshasa desceu sua clava sobre a cabeça de Hanuman, ferindo-o gravemente; então Hanuman, indiferente ao ferimento, fez o cume da montanha voar até Dhumraksha e esmagá-lo no chão como um monte que desmorona. Vendo que seu comandante havia sido morto, os rakshasas bateram em retirada.

Batalha difícil

A paz foi curta. Ravana havia enviado outro chefe dos rakshasas, o mortífero Dente de Trovão. Angada enfrentou-o quando, tendo levado ao encontro dele a legião de macacos, o viu espetar cinco e até nove macacos com cada arremesso. Os dois se empenharam num duelo mortal até que por fim Angada cortou o pescoço do demônio e o derrubou. A essa altura Ravana estava um tanto abalado e com maus pressentimentos, mas mandou chamar Prahasta (Mão Longa), seu principal general. Este formou outro exército e num esplêndido carro saiu pela porta oriental, acompanhado de seus conselheiros — Matador, Garganta Ruidosa e Grandalhão. Aquele foi um combate em que centenas de rakshasas e de macacos encontraram a morte e que deu ocasião a muitos feitos heróicos. Prahasta, de seu carro brilhante, despediu milhares de dardos de matar macacos e um verdadeiro rio de sangue correu entre os dois exércitos antagônicos. Então Nila, filho de Agni, brandindo uma árvore recém-arrancada, investiu contra Prahasta; mas este feriu o macaco com uma chuva de setas. Por fim seu arco se quebrou no conflito, e os dois travaram combate corpo a corpo, com unhas e dentes. Prahasta golpeou Nila mortalmente com sua clava e Nua lançou uma grande árvore ao peito de Prahasta; mas este

desviou-se com destreza e avançou sobre Nila. Então Nila arremessou no rakshasa um enorme rochedo, quebrando-lhe a cabeça, e ele caiu morto. A hoste de rakshasas bateu em retirada: como água correndo através de um dique quebrado, eles desapareceram e entraram em Lanka, golpeados pelo medo e pela dor.

Ao saber da morte de Prahasta, o encolerizado Ravana proclamou que, embora com o coração abatido, ele próprio destruiria Rama e Lakshman com mil arremessos. Ele subiu em seu carro cintilante e comandou um exército de rakshasas contra os macacos; parecia o próprio Destruidor, acompanhado de fantasmas e monstros devoradores de carne, de olhos candentes. Barriga Grande, Cão, Destruidor de Homens e Três Cabeças, lutadores que usavam picos de montanhas e clavas, acompanharam Ravana. Mas ele, quando se viu cara a cara com os sitiadores, deu ao exército ordem de descanso e avançou para lutar sozinho. Então Sugriva arremessou-lhe um pico de montanha, porém ele cortou-o com suas lanças douradas e os pedaços tombaram inutilmente. Em seguida ele lançou no rei macaco um dardo chamejante que o levou ao chão gemendo de dor. Então outros chefes, em grupo, atacaram Ravana, mas ele os destruiu de forma semelhante, de maneira que eles gritaram pela ajuda de Rama. Lakshman orava por aquela batalha. Rama então o encarregou dela e ele entrou em campo. Mas Hanuman já estava estafando Ravana, que por isso gritou: "Muito bem, macaco; és um inimigo que me faz regozijar". Dito isso ele desferiu em Hanuman um soco violento que o fez tremer e cair, e Ravana virou-se para lutar com Nila. Mas o filho do Deus do Fogo, inflamado pela raiva, saltou sobre o carro de Ravana e dardejou como fogo em todas as direções; e o coração de Ravana se abateu, mas ele pegou um dardo mortífero e alvejou Nila, ferindo-o de morte. Mas então Lakshman se encarregou da batalha e os dois heróis lançaram chuvas de flechas, e assim ambos ficaram muito feridos. Um dardo incendiado fez tombar o irmão de Rama. Então Ravana agarrou Lakshman, mas, embora fosse capaz de levantar o Himalaia, não pôde levantar Lakshman do chão, pois lembrou-se de que ele era uma parte do próprio Vishnu e ficou imobilizado. Nesse momento Hanuman voltou e, depois de desferir no rei rakshasa um golpe violento que o fez cair, desfalecido e sangrando, no chão de seu carro, levantou facilmente Lakshman, levando-o para Rama. Não sou muito tempo antes que Rama e Lakshman recuperassem

os sentidos; e Rama montou nas costas de Hanuman, empenhado em uma terrível batalha com o rei de Lanka. Rama destruiu o carro de Ravana, feriu-o com dardos, com um disco em chamas cortou em duas sua coroa e com uma flecha golpeou-o, deixando-o fraco e tonto' então, poupando-lhe a vida, o fez voltar para Lanka, dizendo: "Realizaste feitos de heroísmo e vejo-te abatido; retira-te para Lanka agora, pois sentirás meu poder em outra batalha". Dessa forma o generoso Rama poupou seu inimigo, e todos os deuses e quadrantes, os mares e as criaturas do planeta rejubilaram-se ao ver o rei rakshasa por terra.

Orelha de Pote desperta

Mas Ravana lembrou-se de seu irmão Kumbhakarna (Orelha de Pote). Ele costumava dormir longos sonos de seis, oito ou dez meses, engolir alguma coisa e dormir novamente. Contudo numa batalha ele era o guerreiro mais terrível e o melhor dos rakshasas; e já tinha dormido nove meses quando Ravana enviou uma tropa para acordá-lo. Eles o encontraram dormindo em sua toca; estava deitado como uma montanha, bêbedo de sono e vasto como o Inferno, a respiração alta e áspera movendo tudo o que estivesse diante de si, cheirando a sangue e gordura. Os rakshasas prepararam para ele uma grande quantidade de cervo e búfalo, arroz no vapor e jarras de sangue, montanhas de alimentos empilhados tão alto quanto o Meru. Depois começaram a tentar acordá-lo; tocaram trombetas, gritaram e rufaram tambores de tal forma que até os pássaros do céu caíram mortos de medo. Mas Orelha de Pote dormia o mais profundo dos sonos e os rakshasas a custo se mantinham de pé diante do furacão de sua respiração. Então tentaram um grito de dez mil vozes juntas, aplicaram-lhe pesados golpes com toras de madeira e fizeram soar mil tímpanos ao mesmo tempo. Como Orelha de Pote não reagia, eles se enraiveceram e passaram a trabalhar seriamente; alguns morderam-lhe as orelhas, alguns jogaram sobre ele mil potes de água, alguns o feriram com lanças e clavas e ainda outros conduziram mil elefantes contra ele. Com isso ele por fim acordou e espreguiçou, e tornou a espreguiçar tanto que uma verdadeira tempestade se pôs em curso; os espasmos da fome o assaltaram e ele procurou comida. Então viu o banquete e pôs-se a comer com sofreguidão;

comeu e bebeu. E quando os rakshasas julgaram-no saciado, puseram-se à sua volta, saudaram-no, informaram-no de tudo o que havia acontecido e solicitaram sua ajuda. Já meio adormecido novamente, ele se levantou e alardeou que regalaria os rakshasas com um banquete de carne de macaco e sangue; e completou: "Eu me embriagarei com o sangue de Rama e Lakshman". Então ele se banhou e, indo até o irmão, fê-lo tomar coragem. Bebeu dois mil frascos de vinho e saiu, como uma montanha móvel recoberta de malha dourada, para atacar os macacos. Estes correram, aterrorizados, mas Orelha de Pote apanhou-os, correndo de um lado para o outro, devorou-os aos punhados, de maneira que sangue e gordura pingavam de sua boca. Então Rama, com Hanuman, Angada e outros corajosos macacos, caiu sobre ele, cercado de árvores e topos de montanhas como nuvens em volta de um cume; e Orelha de Pote, ainda meio adormecido, começou a levantar-se e a lutar a sério. Hanuman, do céu, deixou cair picos de montanhas sobre ele; mas ele engolia vinte ou trinta macacos de uma só vez e a cada golpe matava centenas deles, e feriu Hanuman e corria de um lado para outro.

Morre Orelha de Pote

Orelha de Pote lançou uma segunda flecha mortal em Hanuman; mas este pegou-a e a quebrou, e então todos os macacos gritaram, aterrorizando e pondo em fuga o rakshasa. Mas Orelha de Pote subiu no cume de uma montanha e atingiu Sugriva; vendo-o tombar, levantou-o e o carregou consigo. Os macacos estavam dispersos e seu rei fora feito prisioneiro. Mas Sugriva levantou-se, voltou-se para Orelha de Pote, feriu-o e correu. A batalha recomeçou e Lakshman lutou contra os rakshasas. Então Rama entrou na peleja e feriu seu inimigo com muitas flechas. Um dos braços alvejados voou longe e ao cair destruiu cem macacos; com um segundo arremesso ele arrancou o outro braço; com dois discos de bordas agudas, cortou as pernas do demônio e com um dardo de Indra arrancou-lhe a cabeça. Seu tronco tombou como uma grande colina mar adentro e os deuses e heróis se rejubilaram.

Os sucessos do rakshasa

Ravana estava com o coração cada vez mais pesado. Mas o príncipe Indrajit procurou seu pai, jurou naquele mesmo dia matar Rama e Lakshman, e partiu. Antes, contudo, ofereceu libações a Fogo e sacrificou uma cabra; e o brilhante Deus-Fogo, sem fumaça, com sua língua tremeluzente, levantou-se para receber a oferenda, deu a Indrajit uma arma brâmane e abençoou com feitiços seu arco e seu carro. Munido daquela arma, Indrajit matou hostes de macacos e abateu Sugriva, Angada, Jambavan, Nila e outros chefes, mas ele próprio era invisível. Então Rama, vendo-o armado daquela maneira e inatacável, simulou uma derrota. E Indrajit voltou vitorioso para Lanka.

Hanuman vai buscar ervas medicinais

Vibhishana e Hanuman percorreram o campo observando aquele quadro horrível e sinistro de milhares de mortos e feridos. Eles aproximaram-se do rei dos ursos, Jambavan, e lhe perguntaram se ele ainda vivia. Jambavan respondeu debilmente, reconhecendo a voz de Vibhishana, e indagou se Hanuman estava vivo; então Hanuman inclinou-se para Jambavan e segurou-lhe o pé. Jambavan exultou e, apesar das feridas, disse para o filho do deus Vento: "Trabalha para este exército de ursos e macacos, pois apenas tu podes salvá-lo. Pularás sobre o mar e atingirás o Himalaia, rei das montanhas, e trarás de lá as quatro ervas da vida, que crescem nele, e retornarás incontinenti com o remédio para o exército de macacos".

Hanuman urrou e saltou através do oceano e sobre montanhas, florestas, rios e cidades, até que chegou ao Himalaia e observou as ermidas que ali havia. Subiu as montanhas, mas as ervas estavam escondidas. Irritado e impaciente, Hanuman arrancou toda a montanha, saltou com ela pelo ar e voltou para Lanka, sendo aclamado por todo o exército. E os macacos mortos e feridos levantaram-se, como se de um sono repousante, curados pelo sabor das quatro ervas medicinais. Mas todos os mortos rakshasas tinham sido atirados ao mar. Então Hanuman levou novamente o pico da montanha para o Himalaia e voltou para Lanka.

Sugriva, percebendo que os rakshasas sobreviventes eram poucos para guardar a cidade, atacou suas portas e um exército de macacos carregando

tições flamejantes entrou, queimou-a e devastou-a. Agora já havia caído a segunda noite e a cidade em chamas brilhava na escuridão qual um monte flamejante com as fogueiras da floresta. Mas Ravana não cessava de enviar tropas contra os macacos. Primeiro Kumba e Nikumba comandaram os rakshasas e foram mortos em uma batalha mortal; depois Maharaksha, filho de Khara, foi morto e Indrajit voltou a combater. Ele lutou invisível, como sempre, e feriu gravemente Rama e Lakshman. Então Indrajit retirou-se e depois voltou num carro, tendo a seu lado um prodigioso arremedo de Sita. Ele percorreu o campo para cima e para baixo, segurando-a pelos cabelos e espancando-a, e por fim a matou à vista do exército de macacos. Hanuman, acreditando naquela demonstração falsa, interrompeu a batalha e levou a notícia para Rama. E Rama caiu, como uma árvore cortada pela raiz. Enquanto eles lamentavam, Indrajit foi até o altar de Nikhumbila fazer sacrifícios ao deus do Fogo.

O filho de Ravana é morto

Nesse ínterim Vibhishana foi ao encontro de Rama e encontrou-o dominado pela dor. Soube então por Lakshman que Sita matara Indrajit. Mas Vibhishana imaginou que aquilo havia sido uma demonstração sem importância, menos possível do que o oceano secar. "É um estratagema", disse ele, "para conter o exército de macacos enquanto Indrajit não completa um sacrifício ao Fogo para obter, como recompensa, a invencibilidade na batalha. Portanto, não lamentem, mas apressem-se em impedi-lo de fazer suas ofertas, do contrário até os deuses correm perigo". Então Rama levantou-se e, com Lakshman e Vibhishana, perseguiu o filho de Ravana. Os três o surpreenderam quando ele estava prestes a encontrar Nikhumbila, que viajava num carro de fogo. Então aconteceu o conflito pior e mais acirrado jamais visto: Lakshman agüentava firme aquela batalha, e diziam que os ancestrais, os deuses, os pássaros e as serpentes o protegiam das flechas mortais. E foi assim que Indrajit finalmente morreu: Lakshman pegou uma seta de Indra e orou do modo mais verdadeiro para a divindade que ali vivia: "Se Rama é honesto e digno de confiança, o primeiro de todos os homens em heroísmo,

então, mata esse filho de Ravana". Alvejando a velocíssima seta para sua orelha, Lakshman lançou-a e ela cortou o pescoço do rakshasa, lançando ao chão sua cabeça e o tronco, e os rakshasas, vendo o chefe morto, depuseram as armas e fugiram. E todos os macacos se rejubilaram, pois, salvo o próprio Ravana, nenhum herói rakshasa estava vivo. Então Rama acolheu com grande afeição Lakshman, que estava ferido, e ordenou a Sushena o fornecimento de remédios para ele e para os macacos atingidos. O chefe dos macacos aplicou um poderoso medicamento no nariz de Lakshman e este o aspirou; imediatamente a parte de sua vida que se estava indo permaneceu e ele se curou.

Ravana chorava amargamente o filho. "Os três mundos e este planeta, com todas as suas florestas, parecem-me vazios", gritava ele, "desde que tu, meu herói, foste para a morada de Yama. Tu que deverias realizar meus ritos fúnebres, não eu os teus". E Ravana queimava de raiva e dor. Então ele resolveu matar Sita para se vingar, mas Suparshwa o conteve, dizendo: "Não podes matar uma mulher. Mas quando Rama estiver morto poderás possuí-la". Toda Lanka ressoava com as lamentações das rakshasis pelos rakshasas mortos em batalha e Ravana se enfureceu, imaginando meios de conquistar Rama; ele rangia os dentes e mordida os lábios, e com Barriga Grande, Olho Vesgo e Flanco Grande, seguidos pelo resto do exército de demônios, foi para o campo de batalha alardeando: "Hoje vou acabar com Rama e com Lakshman".

A fúria de Ravana

Os macacos não chegavam a se pôr de pé perante ele; eram destruídos como moscas no fogo. Mas Sugriva empenhou-se em uma luta com Olho Vesgo e deu cabo dele. Isso levou os dois exércitos a se enfrentarem novamente, com uma matança terrível de parte a parte e o conseqüente desaparecimento de ambos, como acontece com um lago no verão. Em seguida Barriga Grande foi morto por Sugriva e Angada matou Grande Flanco, o que levou os macacos a rugir em triunfo. Mas então chegou Ravana, empunhando uma arma brâmane e dispersando os macacos para a direita e para a esquerda.

Ravana não ficou ali. Foi ao encontro dos filhos de Dasharatha e então se encaminhou para onde Rama estava descansando, os grandes olhos como as pétalas de uma flor de lótus, o braço longo, incontestável, segurando um arco tão enorme que parecia ter sido desenhado no céu. Rama guardou de flechas o arco e puxou a corda, levando milhares de rakshasas a sucumbir ao terror daquele som metálico. E então começou uma batalha mortal entre os heróis. Aquelas flechas feriram o rei de Lanka como serpentes de cinco cristas e caíram sibilando no chão; mas Ravana levantou uma espantosa arma asura e fez voar para Rama uma chuva de flechas com cara de leão e de tigre, e algumas com a boca escancarada como a de um lobo. Rama respondeu com setas que tinham cara do sol e de estrelas, de meteoros ou de relâmpagos, destruindo os arremessos de Ravana. Depois Ravana lutou com outras armas celestiais e levantou uma flecha de Rudra, irresistível e chamejante, decorada com oito sinos ruidosos, enviando-a para Vibhishana; mas Lakshman colocou-se à frente dela e salvou Vibhishana da morte. Rama, vendo aquela flecha cair sobre Lakshman, orou: "Paz para Lakshman! Que sejas frustrada e deixes tua energia partir". Mas a flecha abrasada atingiu o peito de Lakshman e abateu-o; nenhum macaco pôde retirá-la. Rama inclinou-se para a frente, retirou-a, quebrou-a em duas partes e depois, embora sofrendo desmesuradamente por Lakshman e angustiado com o sofrimento dele, chamou Hanuman e Sugriva e lhes disse: "Chegou, afinal, a hora. Hoje realizarei o feito que será relatado por todos os homens e deuses e por todos os mundos enquanto o mundo contiver uma criatura viva. Hoje meu sofrimento terá um fim e tudo aquilo por que tenho me batido acontecerá".

Então Rama pôs-se a meditar sobre a batalha, mas Hanuman foi novamente ao Himalaia e trouxe para Lakshman a montanha de plantas curativas. Sushena pegou a planta que dá vida, e fez Lakshman aspirar seu perfume, após o que ele se levantou íntegro e bem disposto, e Lakshman abraçou o irmão e o incentivou a realizar imediatamente o que estava pretendendo. Sakra fez descer do céu seu carro e seu cocheiro, chamado Matali, para ajudar na luta o filho de Dasharatha, e Rama o elogiou e ocupou seu lugar nele. O carro parecia iluminar todo o mundo com seu esplendor. Mas Ravana alvejou-o com uma arma rakshasa, e suas flechas de ouro com caras ferozes vomitando chamas se derramaram de todos os lados sobre Rama e se

transformaram em serpentes venenosas. Então Rama pegou uma arma Garuda e atirou uma saraivada de flechas douradas que se transformaram em pássaros e devoraram todas as flechas-serpentes dos rakshasas. Nesse momento as divindades que reinam sobre todas as armas foram em auxílio de Rama. Fosse por essa auspiciosa graça ou por outros sinais favoráveis, o fato é que Rama começou a fustigar Ravana furiosamente e feriram-no, e o cocheiro, considerando-o moribundo, retirou-se do campo de batalha. Então o respeitado Agastya, que com os deuses havia ido até lá para testemunhar a derrota de Ravana, aproximou-se de Rama e ensinou-lhe: "Rama, Rama, herói muito bem armado, meu rapaz, escuta com atenção o eterno segredo, o Coração do Sol, por meio do qual podes vencer qualquer inimigo. Adora o Sol, senhor do mundo, em quem mora o espírito de todos os deuses, Salve! Salve! Ó Mil Raios, salve Aditya! Tu, que despertas o lótus! Tu, fonte de vida e de morte, destruidor de toda a escuridão, luz da alma, que acordas todos os que dormem e moras em todos os corações! És os deuses e todos os sacrifícios e os frutos deles. Rama: cultua com esse hino o deus do Universo e conquistarás Ravana hoje!"

Ravana morre

Rama dedicou um hino ao Sol, purificou-se com pequenos goles de água e ficou contente. Então se voltou para lutar com Ravana, pois o rakshasa tinha recobrado a consciência e estava ansioso pela batalha. Cada um combatia o outro como um leão em chamas; com suas flechas mortíferas Rama derrubava cabeça após cabeça do Dez Pescoços, mas novas cabeças sempre surgiam no lugar das cortadas e a morte de Ravana não parecia de modo algum mais próxima do que antes — as flechas que haviam matado Maricha, Khara e Vali não podiam tirar a vida do rei de Lanka. Então Rama apanhou a arma brâmane que lhe fora dada por Agastya; essa arma tinha na cabeça o Vento, nas asas o Sol e o Fogo, e em toda ela o peso de Meru e de Mandara. Abençoando aquela lança com mantras védicos, Rama colocou-a no arco e ela disparou na direção de seu alvo, dividindo o peito de Ravana; depois, banhada em sangue, voltou e humildemente entrou na aljava de Rama.

Assim morreu o senhor dos rakshasas, e os deuses fizeram chover flores no carro de Rama e cantaram hinos de louvor, pois o fim desejado — aquele fim pelo qual Vishnu tinha tomado forma humana — acabava de cumprir-se. Os céus estavam em paz, o ar se tornara claro e brilhante e o sol fulgurava sem nuvens no campo de batalha.

Ravana é pranteado

Mas Vibhishana chorava amargamente por seu irmão e Rama o confortava, dizendo: "Um herói morto em batalha não devia ser pranteado. O êxito na batalha não é para sempre; por que deverias lamentar a queda daquele que pôs em fuga o próprio Indra? Farias melhor realizando os funerais dele. Conforte-se também com isto: com a morte, nossa inimizade terminou, e Ravana é tão caro para mim como tu."

Então se reuniu do lado de fora de Lanka uma multidão de rakshasas em prantos, procurando seu senhor e gritando amargamente. E Mandodari fez este lamento: "O tu, Grande Soldado, irmão mais moço de Vaisravana, quem pôde enfrentar-te? Tu amedrontaste deuses e rishis; não é admissível que agora um homem, lutando a pé, te tenha matado. Mas tua morte veio a acontecer por causa de Sita, e eu fiquei viúva. Não ouviste minhas palavras e nem pensaste em quantas donzelas mais formosas tinhas além dela. Ai de mim! Como eras belo e como era amável o teu sorriso. Agora estás banhado em sangue e ferido por flechas. Querias dormir numa cama dourada, mas agora jazes no pó. Por que foste embora e me deixaste só? Por que não me acolheste?" Mas as outras esposas de Ravana consolaram-na e a ergueram, dizendo: "A vida é incerta para todos e tudo muda". Enquanto isso Vibhishana fez prepararem a pira funerária e Ravana foi levado para o sítio da incineração e queimado, tendo sido observados todos os ritos e honras devidos aos heróis. As esposas de Ravana voltaram para Lanka e os deuses partiram para sua morada. Então Lakshman, usando uma água que Sugriva trouxera do oceano numa jarra dourada, consagrou Vibhishana senhor da cidade e rei dos rakshasas, e com isso macacos e rakshasas se rejubilaram.

Sita é levada para Rama

Rama chamou Hanuman e mandou-o procurar Sita e informá-la de tudo o que havia acontecido. Encontrando-a ainda perto da árvore asoka, guardada por rakshasas, Hanuman se pôs diante dela em atitude humilde e lhe contou a história. Ela então lhe confiou esta mensagem: "Desejo contemplar meu senhor". O macaco, radiante, foi imediatamente até Rama e transmitiu-lhe a mensagem. Rama chorou, depois ficou absorto em pensamentos e por fim disse para Vibhishana, num suspiro profundo: "Apressa-te a trazer Sita para cá, banhada e adornada devidamente, com pasta de sândalo e jóias". Hanuman dirigiu-se a ela e transmitiu-lhe a ordem de Rama. De bom grado ela teria negligenciado o banho, pois assim partiria mais cedo. "Mas debes fazer de acordo com a palavra de teu senhor", disse ele. "Que seja assim", replicou ela, e quando ficou pronta foi transportada por dignos carregadores até o palanquim de Rama. Vendo-a após aquele longo tempo em que Ravana a mantivera como prisioneira, Rama, vencido pela dor, foi tomado ao mesmo tempo por sentimentos de fúria, alegria e pesar. "O senhor dos rakshasas, ó gentil rei", disse ele para Vibhishana, "trazei Sita para perto de mim". Então Vibhishana afastou a multidão de macacos, ursos e rakshasas, e com tambores e bastões os servidores empurraram rudemente o exército reunido. Mas Rama os fez desistir disso e ordenou que Sita descesse do palanquim e fosse a pé ao seu encontro, dizendo para Vibhishana: "Seria melhor que confortasses essas pessoas do nosso povo em vez de molestá-las. Não há pecado quando as mulheres são vistas no estrangeiro em tempo de guerra ou de perigo, para a escolha própria⁸ ou para o casamento. Sita está em perigo agora e não pode haver erro em vê-la, ainda mais estando eu aqui para guardá-la". Vibhishana baixou os olhos àquela censura e humildemente levou Sita para Rama. Ela permaneceu de pé, envergonhada, ocultando na aparência externa, por assim dizer, seu eu verdadeiro, contemplando com encantamento, alegria e amor o rosto de Rama. À vista dele sua tristeza desvaneceu e ela brilhou, radiante como a lua.

Mas Rama, vendo-a permanecer humildemente perto de si, não pôde mais conservar-se em silêncio e gritou: "O gentil pessoa, eu submeti teu inimigo e limpei a mancha em minha honra. Frutificou o labor de Hanuman, que cruzou as profundezas e devastou Lanka; de Sugriva, com seu exército e seu

conselho, e de Vibhishana; e eu fiz o que havia prometido, cumprindo com minha própria força o dever de um homem". Então Sita olhou tristemente para Rama, como uma corça, os olhos cheios de lágrimas. Rama, vendo-a tão perto, mas pensando em sua honra aos olhos dos homens, se dilacerou. "Limpei o insulto à nossa família e a mim mesmo", disse ele, "mas estás manchada por morar com outro homem que não eu. Que homem de alta posição recebe de volta uma esposa que viveu muito tempo na casa de outro? Ravana te apertou contra o peito e olhou para ti com olhos pecadores. Vinguei seu malfeito mas estou desligado de ti, ó bondoso ser! Sou forçado por um sentimento de honra a renunciar a ti, pois como Ravana poderia ter deixado de te notar, bela e graciosa como és, quando a tinha sob seu poder! Escolhe que lar queres — o de Lakshman, o de Bharata, o de Sugriva ou o de Vibhishana."

Ouvindo aquelas palavras cruéis de Rama, breves como sua fala habitual, Sita tremia como uma videira oscilante e, lavada em pesadas lágrimas, envergonhava-se diante das pessoas ali reunidas. Mas ela enxugou o rosto e respondeu: "Ah! Por que falas assim, áspera e rudemente? Vendo o procedimento de outras mulheres, não confias em nenhuma! Mas, ó tu, herói dos braços longos, me ouve: sou testemunha suficiente de minha pureza. Não foi com meu consentimento que outro homem me tocou. Meu corpo não estava em meu poder; mas meu coração, que se encontra sob minha influência, está fixo somente em ti. Ó tu, meu senhor e fonte de honra, nossa afeição cresceu, vivendo continuamente juntos por um longo tempo; e agora, se não reconheces minha fidelidade, estou destruída para sempre. O rei! Por que não me repudiaste quando Hanuman veio? Então eu teria renunciado à minha vida e tu não terias necessidade de empreender todo o teu trabalho nem de colocar uma carga nos ombros de teus amigos. Estás enfurecido; como um homem comum, não vês nada em mim que não seja o sexo feminino. Sou chamada a filha de Janaka, mas na verdade nasci da Terra; não conheces meu verdadeiro eu". Então Sita virou-se para Lakshman e disse, com a voz embargada; "O filho de Sumitra, faça para mim uma pira funerária! É esse o meu único refúgio! Marcada com um estigma imerecido, eu não viverei". Lakshman, com a mágoa e a contrariedade estampadas no rosto, virou-se para Rama e, em obediência a um gesto seu, preparou a pira fúnebre.

A provação de Sita

Andando em volta de Rama, os olhos baixos, Sita aproximou-se do fogo com as mãos fechadas, levantou-se e orou: "Visto que meu coração nunca se afastou de Rama, que tu, ó Fogo, testemunha dos homens, me guardes; já que Rama me repudia como manchada, a mim que na verdade sou imaculada, sê meu refúgio". Sita aproximou-se da pira e penetrou nas flamas candentes, e então jovens e velhos reunidos ali foram tomados de dor, e surgiu de todos os lados o som intenso de gemidos e lamentos.

Rama permaneceu imóvel e absorto. Mas em carros brilhantes os deuses desceram em Lanka e de mãos postas lhe pediram que se apiedasse. "Tu que proteges os mundos, por que repudias a filha de Janaka, deixando-a escolher a morte pelo fogo? Como pode ser que não saibas quem és? Existias no começo e existirás no fim. Tu és o primeiro dos deuses, tu mesmo, o mais antigo ancestral e criador. Por que tratas Sita à maneira de um simples homem?", perguntaram eles. Ao que Rama replicou: "Eu me conheço apenas como homem: Rama, o filho de Dasharata. Que o ancestral me diga quem eu sou e de onde vim".

Então Brahma respondeu: "Ouve tu, cuja virtude reside na verdade. Ó Senhor, és Narayana, que carrega disco e clava; és o javali de uma única presa; vais além do passado, do presente e do futuro; o arco do tempo é teu; és criação e destruição; és o matador de todos os inimigos, apesar da clemência e do controle das paixões. És o refúgio de todos os deuses e ermitões. Estás revelado em cada criatura, em vacas e em brâmanes; em cada quadrante; no céu, no rio e no pico das montanhas; mil membros, mil olhos e mil cabeças são teus; teu coração sou eu, tua língua, Sarasvati; o fechar de teus olhos é a noite, o abrir, o dia. Sita é Lakshmi e tu és Vishnu e Krishna. Ó Rama, agora Ravana está morto. Sobe ao Céu, tua tarefa está cumprida. De forma alguma faltarão aqueles que volvam o coração para ti e tampouco deixará de haver quem cante teu poema".

Então o Fogo, ouvindo aquelas palavras propícias, levantou-se carregando no colo Sita, radiante como o sol da manhã, com jóias de ouro, os

cabelos negros ondulados, e entregou-a de volta a Rama dizendo: "O Rama, aqui está tua Sita, a quem mancha alguma tocou. Sita não se afastou de ti em uma só palavra, pensamento ou olhar. Embora tentada a cada dia, ela não pensou em Ravana, nem mesmo no mais fundo de seu coração. Tome-a de volta, pois ela é imaculada". Permanecendo por algum tempo em silêncio, Rama ponderou, com olhos brilhantes, sobre o discurso de Agni. Então respondeu: "Porque essa bela mulher viveu muito tempo na casa de Ravana, sua pureza precisava ser provada perante o povo reunido. Caso eu a recebesse sem provas, o povo lamentaria que Rama, filho do rei Dasharata, tivesse sido movido pelo desejo e desrespeitado as leis sociais. Sei bem que o coração de Sita esta preso apenas a mim e que somente sua virtude lhe deu refúgio suficiente contra os assaltos de Ravana; ela é minha, como os raios de sol são do sol. Não posso mais renunciar a ela. Em vez disso, cabe a mim obedecer a tuas palavras propícias". Assim o glorioso filho de Dasharata recuperou a esposa. E o seu coração se alegrou.

Visões dos deuses

Shiva começou a falar, revelando a Rama que seu pai, Dasharata, estava dentro de um carro brilhante entre os deuses, e então Rama e Lakshman o saudaram; ele, fitando seu filho predileto, apertou Rama contra o peito e disse: "Mesmo no céu, entre os deuses, não estou feliz, sentindo tua falta. Até hoje fico recordando as palavras de Kaikeyi. Tu me remiste de minha promessa e me livraste de todas as dívidas. Agora soube que desde a morte de Ravana és o principal varão encarnado. Kaushalya ficará alegre de ver-te retornar vitorioso. Abençoados sejam aqueles que te contemplarem investido como Senhor de Ayodhya! Teu período de exílio terminou. Agora faz o teu reinado com teus irmãos, e que tenhas longa vida!" Então Rama pediu ao pai: "Perdoai Kaikeyi e retirai a terrível maldição pela qual repudiaste a ela e a vosso filho". E Dasharata disse: "Assim seja", e voltando-se para Lakshman, completou: "Que o bem se derrame sobre ti, tua verdade e tua honra, e que consigas um alto lugar no céu. Que obedeças a Rama, a quem todos os deuses adoram de mãos postas". E para Sita ele recomendou: "Não debes sentir ressentimento por Rama ter renunciado a ti; isso foi feito para o teu bem.

Conseguiste agora a glória que uma mulher dificilmente consegue. Conheces bem o dever de esposa. Não preciso te falar que teu marido é teu verdadeiro deus". Então Dasharata voltou em seu carro para o céu de Indra.

Em seguida Indra, pondo-se diante de Rama, dirigiu-se a ele de mãos postas, dizendo: "O Rama, primeiro dos homens, não viríamos encontrar-te se não tivéssemos uma razão para isso. Ora por uma bênção que desejas". Então Rama falou, encantado: "Ó Senhor do Céu e primeiro entre os eloqüentes, eu vos peço que me concedais que todos os macacos mortos na guerra retornem à vida e vejam novamente suas esposas e filhos. Eu vos peço que recuperéis os ursos e macacos que lutaram por mim e trabalharam arduamente sem se preocupar com a morte, e que haja flores e frutos e raízes para eles e rios de águas claras, mesmo fora da estação, por toda parte aonde eles forem". E Indra concedeu aquela grande bênção, de forma que um exército de macacos ressurgiu e, como animais que tivessem acabado de acordar, perguntavam: "O que aconteceu?" Então os deuses, dirigindo-se a Rama, disseram-lhe: "Volta para Ayodhya, enviando os macacos para o destino deles. Conforta Sita, procura teu irmão Bharata e, sendo investido como rei, conceda boa sorte a cada cidadão". Nesse ponto os deuses partiram e o feliz exército acampou.

A volta de Rama

Quando o dia surgiu, Rama, de pé no carro Pushpaka que lhe fora dado por Vibhishana, estava pronto para a partida. Aquele carro se movia por si mesmo e era lindamente pintado e grande; tinha dois andares, com janelas, bandeiras e estandartes, muitos compartimentos, e emitia um som melodioso enquanto corria ao longo da estrada aérea. Então Vibhishana disse: "Posso fazer mais alguma coisa?" E Rama respondeu: "Satisfaças com jóias e riqueza esses ursos e macacos, que levaram a bom termo o meu caso. Depois disso, eles viajarão para seus países. E tu governarás como um homem honrado, autocontrolado, piedoso e que coleta as rendas com justiça, para que todos se liguem a ti". Então Vibhishana distribuiu riqueza para todo o exército e Rama se despediu de ursos e macacos e de Vibhishana. Mas eles gritaram: "Queremos ir contigo para Ayodhya!" Então Rama convidou-os, satisfeito, e todos — Sugriva, Vibhishana e todo o exército — entraram no portentoso veículo. O

carro subiu céu adentro, puxado por cisnes dourados, e viajou em sua estrada aérea enquanto macacos, ursos e rakshasas se punham à vontade.

Mas quando eles passaram pela cidade de Kishkindha, capital de Sugriva, Sita pediu a Rama que levasse também Iara, esposa de Sugriva, e outras esposas de macacos, e ele deteve o carro enquanto Sugriva trazia Tara e as mulheres dos outros macacos. Elas embarcaram e se puseram a caminho de Ayodhya. Eles atravessaram Chitrakuta, o Jamna e o Ganges onde esse rio se divide em três, e por fim viram Ayodhya e saudaram-na; e todos os ursos e macacos e Vibhishana levantaram-se, encantados de vê-la brilhando, bela como Amaravati, a capital de Indra.

Foi no quinto dia depois do último de catorze anos de exílio que Rama cumprimentou o ermitão Bharadwaja e por ele soube que Bharata esperava sua volta, levando uma vida de ermitão e dignificando as sandálias. E Bharadwaja concedeu-lhe uma graça: que quando eles passassem pelas estradas para Ayodhya as árvores teriam flores e frutos, mesmo aquelas que não estivessem na estação. E foi assim por três léguas, do eremitério até o portão de Ayodhya: as árvores tinham flores e frutos e os macacos pensavam estar no céu. Mas Hanuman foi encarregado de ir na frente para trazer notícias de Ayodhya e de Bharata, e partiu apressadamente em forma humana. Encontrou Bharata no seu eremitério, vestido como um iogue, magro e exausto, mas radiante como um sábio poderoso e governando o mundo como vice-rei das sandálias. Então Hanuman relatou-lhe tudo o que havia acontecido a Rama desde que os irmãos se separaram, em Chitrakuta. O coração de Bharata encheu-se de alegria e ele deu ordens para preparar a cidade e adorar todos os deuses com música e flores e que todo o povo viesse para dar boas-vindas a Rama. As estradas foram molhadas e as bandeiras, içadas, e a cidade se encheu dos sons de cavalos, carros e elefantes. Então Rama veio e Bharata rendeu-lhe culto, banhou-lhe os pés e humildemente cumprimentou-o; mas Rama levantou-o e abraçou-o. Bharata fez uma reverência para Sita, saudou Lakshman, abraçou os chefes dos macacos, chamando Sugriva de "nosso quinto irmão", e elogiou Vibhishana.

Rama foi até sua mãe, tocou-lhe humildemente os pés e em seguida fez uma saudação aos sacerdotes. Então Bharata trouxe as sandálias, colocou-as nos pés de Rama e com as mãos postas disse: "Tudo isto, teu reino, que me

confiaste, eu te devolvo agora: vê, a riqueza de teu tesouro, o palácio e o exército estão dez vezes multiplicados". Apertando o irmão ao peito, Rama se pôs a caminho do eremitério de Bharata. Chegando lá, disse para o bom carro, "Volta para Vaishnavan — eu te concedo a partida". Pois aquele carro que corria por si mesmo tinha sido tomado por Ravana a seu irmão mais velho, mas agora, a uma ordem de Rama, ele retornava ao Deus da Fortuna.

Rama é investido com Sita

Então Bharata devolveu o reino a seu irmão, dizendo: "Que o mundo te contemple hoje investido, como o sol radiante do meio-dia. Ninguém, a não ser tu, pode suportar o pesado fardo de um império como o nosso. Que não mores mais em lugares solitários, mas durmas e te levantes ao som de música e ao tinir das tornozeleiras das mulheres. Que governes as pessoas enquanto durar o sol e até onde a terra se estende". E Rama disse: "Assim seja".

Vieram barbeiros habilidosos e Rama e Lakshman lavaram-se, tiveram suas guedelhas cortadas e vestiram roupas brilhantes. As rainhas de Dasharatha atenderam Sita e ornaram-na com esplêndidas jóias, enquanto Kaushalya enfeitava as esposas dos macacos e os sacerdotes ordenavam as providências para a coroação. Então Rama subiu num carro dirigido por Bharata; Satrugna segurava o pára-sol, Lakshman agitava um abanador e Vibhishana, outro. Sugriva montava um elefante e os demais macacos montavam outros, chegando a nove mil o número desses animais. Com música e som de trombetas o senhor dos homens entrou em sua cidade. Quatro jarras de ouro foram dadas a Hanuman, Jambavan, Vegadarshi e Rishabha para que eles buscassem água pura dos quatro oceanos, e eles avançaram para dentro do céu e trouxeram a água sagrada dos confins mais longínquos do oceano — ao norte, sul, leste e oeste. Então Vashishta, colocando Rama e Sita em seu trono dourado, aspergiu aquele primeiro entre os homens e consagrou-o rei de Ayodhya. Os deuses se rejubilaram, os gandharvas cantaram e as apsaras dançaram; a terra estava cheia de colheitas, as árvores, carregadas de flores e frutos, e todos exultavam. Rama entregava as dádivas dos brâmanes: ouro e ornamentos, vacas e cavalos. Para Angada ele deu uma corrente de ouro, como as usadas pelos deuses, e para Sita, um colar de pérolas sem igual e

outros ornamentos e roupas esplêndidas. Mas ela, segurando as pérolas na mão, lançou um olhar para seu senhor, e dele para Hanuman, lembrando-se de seus bons serviços. E Rama, entendendo sua vontade, concedeu-lhe a licença pedida e ela presenteou Hanuman com o colar. E o filho do Rei do Vento, modelo de energia, reputação, capacidade, humildade e coragem, usando aquela coroa brilhou como uma montanha iluminada pela lua. E Rama deu jóias e bens para todos os outros heróis.

Então Sugriva, Hanuman e Jambavan, com todo o exército, retornaram cada um para sua casa e Vibhishana dirigiu-se para Lanka. Mas Rama governou Ayodhya, e no seu tempo o homem vivia mil anos, e choveu devidamente e os ventos foram sempre favoráveis e não houve aflição causada por doença, por animais selvagens ou por invasão, mas todos os homens viveram contentes e alegres.

O reinado de Rama

Quando Rama se sentou no trono, todos os grandes ermitões foram visitar aquele que havia recuperado seu reino. Chegaram do leste e do oeste, do norte e do sul, conduzidos por Agastya, e Rama os reverenciava e lhes oferecia esplêndidos assentos de grama sacrificai e pele de cervo bordada a ouro. Os sábios louvaram seu destino, especialmente por ter matado o filho de Ravana, mais poderoso que o próprio Ravana, e livrado do medo homens e deuses. Rama fez perguntas aos sábios sobre a história passada de Ravana e do filho de Ravana e eles lhe relataram toda a história da origem dos rakshasas: como eles haviam ido para Lanka; como Ravana, Kumbhakarna e Vibhishana tinham obtido, cada um deles, uma dádiva de um avô; as maldades feitas por Ravana; e como os deuses tinham escolhido Vishnu para tomar forma humana e conseguir sua morte. Falaram também da origem e dos feitos dos macacos Vali, Sugriva e Hanuman. "O Rama", disseram eles, "na idade de ouro o demônio procurou lutar contra ti, pois aqueles que os deuses destroem vão para o céu dos deuses até que nasçam outra vez na terra; aqueles que Vishnu mata vão para o céu de Vishnu, e assim sua desgraça é uma bênção. E foi por isso que Ravana raptou Sita e tu assumiste forma humana para destruí-lo. Ó grande senhor, és Narayana, lembra-te! És o eterno Vishnu e Sita é Lakshmi."

Rama e todas as pessoas que ali estavam — os irmãos de Rama, os chefes dos macacos, os rakshasas subalternos de Vibhishana, os reis vassalos e os brâmanes, chátrias, vaixiás e sudras de Ayodhya — maravilharam-se com as palavras dos grandes sábios. Agastya pediu licença a Rama e partiu. E a noite caiu.

Hanuman é recompensado

Festejando com mel e carnes bem cozidas, frutos e raízes, os macacos moraram em Ayodhya mais de um mês, embora, por sua devoção a Rama, esse tempo lhes parecesse apenas um momento. Por fim, chegou a hora de irem para sua cidade e Rama abraçou-os, a todos, afetuosamente e deu-lhes bons presentes. Mas Hanuman inclinou-se e pediu esta dádiva: que ele

pudesse para sempre se dedicar unicamente a Rama e que pudesse viver na terra enquanto nela se contasse a história dos feitos do primeiro dos homens; Rama concedeu-lha e tirou do pescoço uma jóia, uma corrente, colocando-a no pescoço de Hanuman. Um por um, os macacos chegaram até Rama, tocaram-lhe os pés e então se foram; mas choravam de tristeza por deixá-lo.

Segunda tribulação de Sita

Rama governou Ayodhya por dez mil anos; e finalmente Sita concebeu. Então Rama perguntou-lhe se havia algo que ela quisesse muito fazer e ela respondeu que desejava visitar os eremitérios dos sábios perto do Ganges. Rama respondeu-lhe: "Que assim seja". E a visita foi marcada para o dia seguinte.

Na mesma noite aconteceu que Rama encetou uma conversa com seus conselheiros e amigos e perguntou-lhes: "O que os cidadãos e camponeses falam de Sita, de meus irmãos e de Kaikeyi?" Responderam-lhe que eles falavam muito da grande conquista de Ravana por Rama. Mas Rama pediu informações mais precisas e um conselheiro respondeu: "Na verdade o povo fala de teus grandes feitos e da tua aliança com ursos, macacos e rakshasas. Mas eles murmuram porque trouxeste Sita de volta apesar de ela ter sido tocada por Ravana e ter vivido por muito tempo na cidade de Lanka. Com tudo isso, dizem, tu ainda a admites. 'Ora, nós também passaremos por cima dos erros de nossas esposas, pois os súditos sempre seguem os costumes de seu rei'. Isso, ó rei, é o que se fala". Então o coração de Rama soçobrou. Ele despediu os conselheiros e mandou chamar seus irmãos. Quando estes chegaram, puseram-se ao seu lado de mãos postas e tocaram-lhe os pés, e então, vendo seus olhos cheios de lágrimas, esperaram com ansiedade que ele falasse. Rama contou-lhes o que havia sabido. "Estou aniquilado por essas difamações", disse ele, "pois sou de uma família ilustre e Sita não é nascida menos nobre. E Sita, para provar sua inocência, submeteu-se à provação pelo fogo diante de todos vós, e o Fogo e o Vento e todos os deuses declararam-na pura. Mesmo agora meu coração sabe que ela é irrepreensível. Mas a censura das pessoas feriu-me; a má fama é um tal infortúnio que eu preferiria a morte a essa desgraça. Assim, tu, Lakshman, não faças perguntas, mas leva Sita

contigo amanhã até ao eremitério de Valmiki, perto do Ganges, como se estivesse cumprindo o desejo que ela acaba de expressar. E, por meus braços e minha vida, não procureis demover-me disso, para que eu não vos considere meus inimigos". Os olhos de Rama estavam cheios de lágrimas, e ele foi para seus aposentos soluçando como um elefante ferido.

Na manhã seguinte Lakshman fez preparar um excelente carro e aproximou-se de Sita dizendo: "Rama deu-me ordens de levar-te a visitar os eremitérios próximos do Ganges, de acordo com teu desejo". Então Sita, carregada de dádivas preciosas, entrou animadamente no carro. No segundo dia eles chegaram à margem do Ganges, cuja água tira todos os pecados. Mas Lakshman pôs-se de pé e chorou em voz alta. Então Sita perguntou-lhe por que ele chorava. "Ora", disse ela, "há apenas dois dias não vês Rama. Ele me é mais querido que a vida e no entanto eu não estou tão triste quanto tu. Leva-me para atravessar o rio e visitar os ermitões e entregar-lhes meus presentes; depois voltaremos: de fato, estou aflita por ver novamente meu senhor, de olhos semelhantes às pétalas do lótus, peito de leão, o primeiro dos homens". Então Lakshman chamou um barqueiro e eles atravessaram o rio. Quando chegaram à outra margem, ele se pôs de pé, de mãos postas, ao lado de Sita e depois de pedir-lhe que o perdoasse e não o julgasse culpado, disse-lhe: "Esse é um assunto muito triste para palavras, assim vou falar-te abertamente que Rama te repudia porque os cidadãos falam contra ti; ele ordenou-me que te deixasse aqui, dizendo-te ao partirmos que ele estava satisfazendo um desejo teu. Mas não te lamentes, pois eu bem sei que és inocente e podes morar com Valmiki, amigo de nosso pai. Que te lembres sempre de Rama e sirvas os deuses. E que sejas abençoada". Então ela caiu desmaiada. Mas voltou a si e queixou-se amargamente: "Ai de mim! Devo ter pecado enormemente na minha vida passada, para ser assim afastada de meu senhor, embora sem nenhuma culpa. O Lakshman, outrora não me era difícil viver na floresta, pois eu podia servir a Rama. Mas agora como posso viver ali sozinha e que resposta darei a quem me perguntar que pecado cometi para ser banida assim? De bom grado eu me afogaria nestas águas, mas não posso causar a destruição do povo de meu senhor. Faz como Rama te ordenou, mas leva esta minha mensagem para ele: 'Tu sabes, ó Rama, que sou sem mancha e dedicada inteiramente a ti. Compreendo que renuncias a mim para evitar a má fama, e é meu dever

servir-te, mesmo nisso. Um marido é o deus de uma mulher, seu amigo e guru. Não me lamento pelo que me acontece, mas porque o povo falou mal de mim'. Vai e diz essas coisas a Rama". Então Lakshman cruzou o rio outra vez e foi para Ayodhya. Mas Sita caminhou de um lado para outro sem encontrar refúgio e começou a gritar. Então os filhos de Valmiki encontraram-na ali e Valmiki veio para a beira do rio, confortou-a e a levou para o eremitério, entregando-a às esposas dos eremitas para que elas a acolhessem com afeição.

Tendo encontrado o irmão mergulhado em aflição e com os olhos cheios de lágrimas, Lakshman, também ele muito triste, tocou-lhe os pés e com as mãos postas lhe disse: "O senhor, fiz tudo o que mandaste e deixei aquela dama incomparável no eremitério de Valmiki. Não devias lamentar, portanto; pois é assim a obra do tempo, da qual os sábios não se lamentam. Onde há crescimento há decadência. Onde há prosperidade há também ruína; onde há nascimento há morte. Portanto, o apego a esposa ou filhos, amigos ou riqueza, é errado, pois a separação é certa. Nem deves ceder à dor diante do povo, para que não te censurem outra vez".

Rama ficou confortado e elogiou as palavras e o amor de Lakshman. Então chamou os sacerdotes e conselheiros que estavam à espera e ocupou-se novamente com as questões de Estado. Porém ninguém tinha vindo naquele dia para nenhum assunto, pois no tempo de Rama não havia doença ou pobreza e ninguém queria reforma. Mas quando Lakshman saiu, um cão que esperava perto do portão olhou para ele e ladrou. Ele então perguntou qual era o seu caso. O cão lhe respondeu: "Desejo contá-lo a Rama, que é o refúgio de todas as criaturas e proclama 'Nada temas' para todas elas". Lakshman foi até Rama e informou-lhe, e Rama mandou dizer ao cão que o fosse encontrar. Mas o cão não quis ir, dizendo: "Somos os nascidos mais vis e não podemos entrar na casa dos deuses, reis ou brâmanes". Então Lakshman levou essa outra mensagem para Rama; mas este mandou novamente chamar o cão e deu-lhe licença para entrar.

A justiça de Rama

O cachorro entrou, pôs-se na frente de Rama, elogiou sua verdade e pediu-lhe perdão. E Rama perguntou: "O que posso fazer por ti? Fala sem

medo". O cão contou como um certo mendigo brâmane o tinha espancado sem causa. Rama mandou chamar o brâmane, que veio e perguntou o que Rama queria dele. Então Rama ponderou para ele: "O homem nascido duas vezes, feriste este cão que não te feriu. Ai de mim, a cólera é a pior das paixões, como uma adaga afiada, e expulsa toda virtude. O mal que pode causar a falta de controle é maior que o causado pela espada ou por uma serpente, ou por um inimigo implacável". O brâmane respondeu: "Eu estava pedindo esmolas; estava cansado e tinha fome, e esse cachorro não queria se mover, apesar dos meus pedidos, então o espanquei. Mas, ó rei, sou culpado pelo meu erro e deveríeis punir-me, para que eu possa escapar do medo do inferno".

Rama imaginou o que seria uma punição apropriada, mas o cão solicitou: "Designai esse brâmane como chefe de uma família". Rama acatou a sugestão e mandou-o embora num elefante. Os conselheiros ficaram estupefatos. Rama então disse a eles: "Não compreendeis esse caso; mas o cão sabe o que isso significa". Depois o cão, a um gesto de Rama, explicou: "Eu já fui chefe de família e assistia os deuses e brâmanes, e servia os criados antes de me alimentar, e era delicado e benevolente; mesmo assim, descí até este lamentável estado. O rei, esse brâmane é cruel e impaciente por natureza; ele não conseguirá se desincumbir dos deveres de chefe de família e cairá no Inferno". Então Rama refletiu sobre as palavras do cão, mas este foi embora e se entregou à penitência em Benares.

Uma outra vez um brâmane foi até o portão do palácio carregando o corpo sem vida do filho e lamentando: "Ó meu filho, tens apenas catorze anos de idade e não sei por que pecado morreste; nunca menti ou feri um animal e tampouco cometi nenhum pecado. Deve ser por alguma outra razão que foste para o país de Yama. Talvez seja porque o rei pecou, pois coisas como essas não podem acontecer. Portanto, ó rei, dá vida novamente ao meu filho ou, caso contrário, minha mulher e eu morreremos aqui, em seu portão, como aqueles que não têm rei".

Então Rama convocou um conselho de oito chefes brâmanes, e Narada tomou a palavra, explicando-lhe qual havia sido a causa da morte prematura do menino. Ele falou-lhe das quatro idades. "E agora, ó rei, a idade de Kali já tem início, pois um sudra começou a praticar penitências em teu reino e por causa

disso o rapaz morreu. Investiga a questão e põe termo a tais delitos, para que a virtude de teus súditos possa crescer e esse menino possa ressuscitar."

Então Rama ordenou que o corpo do menino fosse conservado em óleo de oliva e lembrou-se do carro Pushpaka, que se movia por si mesmo, e o carro percebeu o que ele estava pretendendo e veio encontrá-lo de imediato. Então Rama entrou no carro e procurou em cada quarteirão; mas não encontrou pecado a oeste nem ao norte; e o leste estava claro como cristal. Apenas no sul, ao lado de um lago sagrado, ele encontrou um iogue sustendo o corpo sobre a cabeça, praticando as mais severas disciplinas. E Rama perguntou-lhe: "O tu, abençoado e dedicado, quem és, qual é tua cor e o que procuras ganhar, o Céu ou outra coisa mais?" E o iogue respondeu: "O grande Rama, sou um sudra e é para o Céu que faço penitência". Então Rama tomou da espada e cortou a cabeça do iogue, e os deuses fizeram chover flores e louvaram o feito. Mas o iogue sudra chegou à morada dos seres celestiais. Então Rama orou para os deuses: "Se estais contente comigo, restaurai a vida ao menino e assim cumprirei minha promessa". Os deuses lhe concederam isso e Rama voltou a Ayodhya. Entrementes, Sita, vivendo no eremitério de Valmiki, deu a luz a filhos, que foram nomeados Kusha e Lava. E eles cresceram na floresta do eremitério e Valmiki ensinou-lhes a sabedoria e, tendo feito este livro do Ramaiana em shlokas, deu-lhes habilidade na recitação.

Os filhos de Rama

Naqueles dias Rama preparou o sacrifício de um cavalo, libertando um cavalo preto malhado de branco para que ele vagasse por onde quisesse, e Lakshman seguiu-o. Então Rama convidou todos os ursos e macacos, e convidou também Vibhishana, os reis estrangeiros, os rishis e outros ermitões, de longe e de perto, para estarem presentes no final da cerimônia. Ele presenteou uma riqueza incalculável durante todo o ano em que o cavalo vagueou, e no entanto o tesouro de Rama absolutamente não diminuiu: o mundo jamais tinha tido um tal ashwamedha.

Kusha e Lava foram com Valmiki à cerimônia, e Valmiki lhes recomendou recitar o Ramaiana por toda parte; disse-lhes que se alguém os interrogasse, eles deveriam responder que eram discípulos de Valmiki. Assim,

eles foram por todos os lados e cantaram os feitos de Rama. E Rama ouviu falar disso e convocou uma grande reunião de brâmanes e de todas as espécies de gramáticos, artistas e musicistas, e as duas crianças dos eremitas cantaram diante de todos eles. A canção foi maravilhosa e encantadora, e ninguém se cansava de ouvi-la; mas todos os homens beberam as crianças com os olhos e murmuraram: "Eles se parecem com Rama como uma bolha se parece com outra". Quando Rama quis lhes dar riquezas, eles disseram: "Somos habitantes da floresta; que utilidade isso teria para nós?" E quando ele perguntou quem havia composto aquela canção, eles responderam: "Valmiki, que é nosso professor. E, ó rei, se a história desses feitos te encanta, ouça-a toda, à vontade".

Assim, dia após dia Rama escutou atentamente a história e por ela ficou sabendo que Kusha e Lava eram filhos de Sita. Então ele falou de Sita para a assembléia e mandou um mensageiro inquirir os ermitões se eles testemunhavam sua fidelidade, e perguntar a ela se ela queria mais uma vez dar prova de sua inocência. "Perguntem-lhe se ela jurará perante o povo", disse ele, "para demonstrar sua própria pureza e a minha". Os ermitões enviaram de volta mensagem de que ela iria para Ayodhya. Rama se alegrou com aquilo e determinou que o juramento ocorreria no dia seguinte.

Quando chegou a hora aprazada e todos estavam sentados na assembléia, imóveis como montanhas, Valmiki avançou e Sita o seguiu, olhando para o chão, de mãos postas, as lágrimas caindo; e na assembléia elevou-se um grito de boas-vindas e um murmúrio quando viram Sita seguindo Valmiki assim, como os Vedas seguindo Brahma.

Então Valmiki falou perante o povo e disse a Rama: "O filho de Dasharatha, embora Sita seja pura e siga o caminho da honradez, tu a repudiaste, deixando-a perto de meu eremitério, por causa da censura de teu povo. Agora permita a ela dar testemunho de sua pureza. O Rama, eu mesmo, que sigo a verdade, digo-te que essas duas crianças gêmeas são teus filhos. Juro também, diante de ti, que se em Sita se constatar algum pecado renunciarei ao fruto de todos os ascetismos que venho praticando por muitos milhares de anos". Então Rama, vendo Sita em pé diante da assembléia, como uma deusa, as mãos postas, replicou: "O grande ser, és sempre virtuoso e tuas palavras me convencem da pureza de Sita. Reconheço esses irmãos, Kusha e

Lava, como meus filhos. Entretanto, Sita, ela mesma, fará uma declaração solene para aqueles que vieram aqui testemunhar seu juramento".

Terra leva Sita ao seu lar

Então bafejou um ar fresco, fragrante, um zéfiro divino, como o que soprava unicamente na idade de ouro, e o povo se admirou de que aquele ar soprasse também na segunda idade. Então Sita, de olhos baixos e mãos postas, disse: "Nunca pensei em nenhuma pessoa que não Rama. Como isso é verdade, que a deusa da terra seja minha proteção. Sempre orei pela felicidade de Rama, com a mente, o corpo e as palavras, e por isso peço a Vasundhara que me receba".

Um trono celestial surgiu das entranhas da terra, sustentado pelas cabeças de enormes nagas,⁹ ornado de jóias brilhantes; e a Terra estendeu seus braços, acolheu Sita e a colocou no trono, e o trono penetrou terra adentro novamente. Os deuses gritaram em louvor a Sita e todos os seres da terra e do céu se encheram de maravilha e espanto, de forma que subitamente um único estado de espírito dominou todo o universo por um breve momento.

Mas Rama sentou-se atingido pela tristeza, a cabeça pendente. A dor e a cólera causadas pelo desaparecimento de Sita bem diante de seus olhos o dilaceravam. Ele teria sido capaz de destruir a própria Terra se ela não lhe desse Sita de volta. Mas Brahma disse: "Ó Rama de votos firmes, não deves entristecer-te. Antes deves lembrar tua divindade essencial e considerar que és Vishnu. Sita é inocente e pura. E por sua virtude foi para a morada das nagas; mas tu estarás com ela no Céu. Agora escuta com atenção o fim da história de Valmiki e conhecerás tua história futura". Então Brahma voltou para sua morada e Rama marcou o dia seguinte para ouvir a Uttara Kanda.

Os últimos dias de Rama

Mas agora Rama tinha o coração pesado. O mundo inteiro lhe parecia vazio sem Sita e não havia paz em seu coração. Depois de presentear os macacos, os reis e os ermitões, ele os enviou de volta ao seu lar. Fez em ouro uma imagem de Sita para que ela o acompanhasse na realização dos ritos

sagrados. E durante mil anos todas as coisas prosperaram no reino de Ayodhya. Então Kaushalya e Kaikeyi morreram e se reuniram ao rei Dasharata no Céu. Bharata reinou em Kekaya e Satrugna foi rei em Madhu, enquanto os filhos de Lakshman fundaram seus próprios reinos.

Por fim veio para o palácio de Rama o poderoso iogue Time, e Rama o honrou. Time, que havia sido gerado por Narayana e Maya, lembrou Rama de seu ser celestial e de tudo o que ele havia realizado no céu e na terra. "Ó Senhor do Mundo", disse ele, "nascestes na terra para a destruição do rakshasa de Dez Pescoços e empreendestes habitar o planeta por onze mil anos. Agora que chegou o tempo, meu ancestral me enviou para indagar-vos: agora reinareis ainda mais tempo sobre os homens ou retornareis ao mundo dos deuses?" Então Rama louvou o iogue e disse que suas palavras eram acertadas e que ele retomaria por si mesmo.

Mas Lakshman já havia deixado seu país e tinha ido para as margens do Sarayu a fim de se dedicar a difíceis práticas ascéticas. Chegando lá, os deuses fizeram cair flores sobre ele e Indra levantou-o da terra e retomou à sua cidade, e assim todos os deuses, vendo o retorno da quarta parte de Vishnu, alegraram-se e iniciaram um culto a ele. Desejoso de seguir o mesmo caminho, Rama quis coroar seu irmão Bharata rei de Ayodhya, mas este recusou e manifestou a vontade de que os filhos do rei, Kusha e Lava, reinassem ao norte e ao sul de Kosala. Rama aquiesceu e eles foram investidos no trono e reinaram nas novas cidades de Kushavati e Sravanti. Mas Ayodhya estava totalmente esvaziada de pessoas, pois todo o povo havia seguido Rama quando de sua partida. A notícia desses fatos foi levada também a Satrugna e ele investiu seus dois filhos no trono de Mathura e apressou-se em voltar para o lado de Rama. Ouvindo que Rama estava indo embora, os macacos, nascidos dos deuses, foram para Ayodhya e o encontraram. Então Sugriva disse: "Investi Angada no trono de Kishkindha e vou seguir-te".

Rama concedeu aos macacos que o seguissem. Mas para Hanuman ele disse: "Já está determinado que viverás eternamente. Viverás satisfeito na terra por tanto tempo quanto durar minha história". Para Jambavan e alguns outros, Rama fixou a vida até o final da idade de Kali, e a outros ursos e macacos ele permitiu que o acompanhassem. A Vibhishana ele deu bons conselhos com

relação ao governo e recomendou sempre adorar Jagannatha, Senhor do Universo.

No dia seguinte Vashishtha preparou todos os ritos devidos àqueles que vão para o outro mundo, e todos os homens que seguiam Rama e os brâmanes partiram para Sarayu. Foram para lá Bharata, Lakshman, Satrughna e suas esposas, além dos conselheiros e criados; e todo o povo de Ayodhya, com os animais selvagens e os pássaros e todos os seres vivos, até mesmo os mais ínfimos; e os ursos e rakshasas e macacos seguiram Rama com o coração feliz.

Quando eles chegaram em Sarayu, Brahma, o ancestral, foi para lá com os seres divinos e cem mil carros grandiosos, e o vento do céu soprou e flores choveram do céu sobre a terra. Então Brahma disse a Rama: "Salve, ó Vishnu! Com teus irmãos entra novamente, sob qualquer forma que quiseres, tu que és o refúgio das criaturas e estás além do limite do pensamento ou da fala, de um modo desconhecido de todos, com exceção de tua Maya". Assim, Vishnu entrou no céu na sua própria forma e todos os deuses fizeram-lhe reverências e rejubilaram-se. Então Vishnu disse ao ancestral: "Cabe a ti designar o devido lugar a todo esse povo que me seguiu por amor, renunciando a tudo por mim". Então Brahma indicou lugares nos céus para todos aqueles que seguiam Rama, e os ursos e macacos assumiram suas formas divinas, conforme a semelhança com aqueles que os tinham gerado. Assim, todos os seres ali reunidos entraram nas águas do Sarayu e atingiram o estado celestial, e Brahma e os deuses voltaram à sua morada.

E assim termina o Ramaiana, reverenciado por Brahma e que Valmiki fez surgir. Quem não tiver filhos os ganhará se ler um único verso do poema de Rama. Todo pecado é lavado daqueles que o lêem ou o ouvem recitado. Quem recita o Ramaiana pode receber ricas dádivas em vacas e ouro. Longa vida terá quem ler o Ramaiana, e será honrado, com seus filhos e netos, neste mundo e no Céu.

NOTAS

1. Rakshasas, daityas, yakshas e asuras são demônios que estão constantemente em guerra com os homens e os deuses.

2. Sábio ou sacerdote de autoridade especial, sobretudo quando se trata de um dos "sete rishis", sacerdotes dos deuses, identificados com as estrelas da Ursa Maior.

3. O código de ética estabelecido.

4. Um quarto reservado para as rainhas magoadas.

5. O guru era professor, especialmente de assuntos de religião e filosofia; no caso em questão ele também ensinava artes marciais.

6. Os pares de opostos — por exemplo, prazer e dor — inseparáveis da vida

7. De modo geral se acredita que Lanka seja o Ceilão.

8. O swayamvara é a escolha de um marido entre pretendentes reunidos. Veja mais adiante a história de Nala e Damaianti.

9. Literalmente: "serpentes". Mas as nagas são ao mesmo tempo humanas. Esses seres habitam as águas e as profundezas da terra.

Capítulo III

O MAHABHARATA NARRADO EM QUINZE EPISÓDIOS

Introdução ao Mahabharata

A saga nacional indiana é, fora de qualquer dúvida, o Mahabharata, que para a cidade e o lar indianos é o que a Ilíada era para os gregos e, até certo ponto, o que as Escrituras e os Evangelhos são para nós. O Mahabharata é o mais popular de todos os livros sagrados. Contém, como interlúdio, o Bhagavad Gita, o evangelho nacional. Mas ao lado disso é também uma epopéia. A história de Krishna, uma encarnação divina, foi elaborada na forma de uma extensíssima balada e de uma epopéia militar de idade desconhecida. O principal tema dessa epopéia é a grande batalha travada entre duas famílias de primos, os filhos de Pandu e os filhos de Dhritarashtra — ou os Pandavas e os Kauravas ou Kurus. E embora, à maneira da literatura antiga, mil outras histórias — algumas mais velhas e outras menos — tenham sido inseridas em seus interstícios, da primeira à última palavra do poema esse grande drama avança cheio de movimento e cor. Ele é marcado por uma extrema vivacidade e riqueza de imaginação. Mas talvez a maioria de nós, lembrando que a obra é antiga, se impressione mais com a sutileza e a modernidade das relações sociais nele retratadas. Podemos encontrar, aqui e ali, um costume anômalo ou uma crença curiosa, mas na delicadeza da descrição dos personagens, no jogo das personalidades e na representação de toda a luz e sombra da vida na sociedade o Mahabharata se equipara aos romances e dramas da Europa moderna. A força moral de Karna quando a mãe o abraça; a voz velada com que Yudhishtira diz "o elefante" como uma concessão à sua consciência; o riso de Bhishma na batalha, comprazendo-se com o "Shikhandini?" ligeiramente enfático — esses, entre muitos outros, ocorrerão ao leitor como exemplos típicos.

O fato mais importante a ser percebido sobre a epopéia, no entanto, é que de ponta a ponta seu interesse principal está contido e concentrado no

caráter. No Mahabharata testemunhamos a lei de que, assim como a ostra fabrica sua casca, a mente do homem cria e torna inevitáveis sua vida e seu destino. Nesse romance está implícita toda a filosofia da Índia, do mesmo modo que ela se apresenta na vida familiar comum. O Mahabharata constitui um apelo supremo à consciência e ao coração de cada geração. Muito mais que a tradição nacional, ele personifica a moralidade nacional. Nesse fato encontra-se a grande diferença entre o Mahabharata e as epopéias gregas, nas quais a paixão dominante é a busca deliberada da beleza ideal.

I. COMO OS PRÍNCIPES APRENDERAM A ATIRAR

Bhishma, o ancestral real, estava ansioso por encontrar um professor capaz de treinar perfeitamente no uso das armas os príncipes das duas casas imperiais. E aconteceu que certo dia os rapazes estavam jogando bola nas florestas que cercam Hastinapura quando a bola rolou e caiu em um velho poço. Por mais que tentassem, nenhum deles foi capaz de trazê-la de volta. Um a um, eles fizeram todos os tipos de esforços, mas sem proveito. Parecia que a bola nunca mais seria recuperada. Exatamente quando sua ansiedade e irritação pueris tinham atingido o grau máximo, eles viram, todos ao mesmo tempo, sentado ali perto um brâmane que até então não fora notado. Era magro e moreno, e parecia estar descansando depois de seu dia de culto. "Oh brâmane", gritaram os meninos, "poderias mostrar-nos como recuperar nossa bola?" O brâmane deu um meio sorriso e disse: "O quê, o quê? Descendentes da casa real, e não sabem arremessar direito! Se me prometerem um jantar, com umas poucas folhas de capim trarei para cima não apenas a bola mas também este anel que estou atirando para baixo". E, combinando a ação com as palavras, ele arrancou um anel do dedo e o atirou dentro do poço. "Ora, brâmane, nós te faremos rico para o resto de tua vida", gritou um dos rapazes, "se realmente fizeres como dizes".

"É mesmo?", disse o brâmane. "Então olhem para essa grama". Ele arrancou um punhado da grama alta que crescia por perto. "Com uma palavra mágica sou capaz de dar a esta grama a virtude que armas poderosas não têm. Observem. Agora eu a arremesso". E enquanto falava ele mirou e atirou uma simples folha de grama, mas o fez com tal destreza e precisão que ela

trespassou a bola no fundo do poço como se fosse uma agulha. Então, atirando outra folha, ele trespassou a primeira, e assim por diante, até conseguir uma cadeia de folhas, com a qual foi fácil trazer a bola para cima.

A essa altura o interesse dos rapazes estava mais voltado para a habilidade do brâmane do que para a recuperação da bola. Então eles exclamaram a uma voz: "O anel também, ó brâmane! Mostra-nos como podes recuperar também o anel!"

A recuperação do anel

Então Drona — pois era esse o nome do brâmane — apanhou o arco que estava no chão ao seu lado e, selecionando uma flecha na aljava que trazia consigo, atirou-a dentro do poço; a flecha, retornando à sua mão, trouxe-lhe o anel. Ele pegou a jóia e mostrou-a aos príncipes, cuja admiração e alegria não tinham limite. "O que podemos fazer por ti? O que podemos fazer?", gritavam eles. O rosto do brâmane fez-se grave novamente. "Dizei a Bhishma, vosso guardião, que Drona está aqui", respondeu ele rapidamente e voltou a mergulhar em profunda reflexão.

Os meninos retiraram-se, apressados, ainda tomados de entusiasmo, para relatar a Bhishma, o Protetor, sua extraordinária experiência da manhã. E Bhishma, a quem ocorrera o pensamento de que Drona era exatamente o professor que ele andava procurando, logo foi vê-lo e trazê-lo para seu palácio. Ele já ouvira falar de Drona como o filho do grande sábio Bharadwaja, cujo ashram nas montanhas, perto da nascente do Ganges, havia sido um centro de grande aprendizagem. Para aquele eremitério tinham ido muitos estudantes ilustres, que foram colegas e camaradas de Drona durante a infância e juventude. Na sociedade real e militar da época também se sussurrara que Drona, depois da morte do pai, havia se dedicado de forma exaustiva às práticas ascéticas e tinha levado a cabo estudos muito rigorosos, em consequência dos quais fora misteriosamente dotado de armas divinas e do conhecimento de como usá-las.

Assim, o ancião real quis saber como e por que o brâmane estava procurando obter atenção na capital, e com umas poucas perguntas sagazes ele soube rapidamente tudo o que queria saber. Drona havia se casado e

agora tinha um filho, Ashvatthaman. Movido pelas necessidades do filho, ele havia, pela primeira vez, percebido sua pobreza e tinha empreendido renovar as ilustres amizades da infância. Entre estas, a primeira e muito estreita fora com Drupada, agora rei dos Panchalas, um dos maiores dentre os pequenos reinos. Quando Drupada, ainda príncipe, era estudante como ele próprio, os dois não se separavam, fazendo um ao outro votos de amizade por toda a vida. Portanto, era natural que Drupada, agora soberano, fosse o primeiro a quem, em sua angustiada necessidade, ele pensasse em recorrer. Mas quando Drona apareceu diante do rei dos Panchalas, o amigo de outrora escarneceu dele e renegou a antiga amizade. O rei considerava pura impertinência que o pobre brâmane, sendo um mendigo, embora filho de um sábio famoso, pretendesse ser igual e íntimo de alguém que se sentava no trono. E então surgiu no coração de Drona um enorme ressentimento e um orgulho ferido. Agora a aflição de sua pobreza não era tão grande quanto o calor de seu ressentimento. Ele faria o que tinha de fazer. Mas para isso precisaria encontrar alunos da mais alta posição. Assim, estava desejoso de se colocar à disposição de Bhishma.

O velho Protetor sorriu ao ouvir o clímax dessa história. Ele era demasiado discreto para inquirir quanto às intenções de Drona. Em vez disso, levantou-se e atalhou o assunto dizendo: "Apenas encorda teu arco, brâmane, e faze os príncipes de minha casa hábeis no uso de armas. Tudo o que temos está à tua disposição. Estamos realmente felizes de ter obtido teus serviços".

A promessa de Drona

Um dia, logo depois de ter tomado os príncipes como pupilos, Drona chamou-os, mandou-os se prostrarem diante dele e, nessa postura, os fez prometer que quando se tornassem bastante peritos em armas o ajudariam a realizar um certo propósito que ele trazia no coração. A esse pedido, todos os príncipes fizeram silêncio; mas um deles, Arjuna, o terceiro dos Pandavas, afirmou prontamente que, fosse o que fosse, ele prometia realizá-lo. Então Drona abraçou Arjuna várias vezes e desde esse momento houve uma ligação especial entre os dois, e Arjuna estava sempre ao lado de seu mestre, com a mente inteiramente voltada para a ciência das armas.

Dos reinos vizinhos vieram príncipes para aprender com Drona. E todos os Kurus e todos os Pandavas e os filhos dos grandes nobres eram seus alunos. E entre eles veio aquele jovem estranho e melancólico que se chamava Karna e era tido como filho adotivo de um cocheiro do rei; seu berço verdadeiro era desconhecido, embora algumas pessoas afirmassem que, por suas características, ele devia ser de alta posição. E assim os jovens Karna e Arjuna cedo tornaram-se rivais, um procurando ultrapassar o outro no uso do arco. E Karna tendia mais a estar com Duryodhana e os irmãos deste do que com os Pandavas.

Nesse meio tempo Arjuna aproveitou todas as oportunidades de aprender e se sobrepôs aos colegas em leveza e habilidade. Certa noite estava comendo e a lâmpada se apagou; observando que mesmo no escuro sua mão levava o alimento à boca, ele atentou para o poder do hábito e começou a praticar o tiro também à noite. E Drona, ouvindo o zunido da corda do arco, vinha e o abraçava, declarando que em todo o mundo não haveria outro igual a ele.

Ekalavya

Entre aqueles que vieram estudar com Drona havia um príncipe de casta inferior, que não nascera em berço ariano, conhecido como Ekalavya. Drona não o teria aceitado como aluno não fosse pelo fato de que, como um dos chefes das linhagens inferiores, no devido tempo ele deveria vir a superar todos os príncipes arianos e a aprender todos os segredos de sua ciência militar.

Então Ekalavya, afastando-se para a floresta, fez com barro uma imagem de Drona e inclinou-se diante dela, venerando-o como professor. E em razão de sua grande reverência e da dedicação ao seu intento, logo sucedeu que havia poucos arqueiros na terra iguais a Ekalavya. Um dia, quando todos os príncipes estavam caçando na floresta, um cão veio correndo e subitamente se encontrou face a face com um homem moreno, de cabelo emaranhado e sujo de lama; sua única peça de vestuário era preta. O cão, espantado com aquela estranha visão, começou a ladrar alto. Mas antes que ele fechasse a boca, o príncipe Ekalavya havia atirado para dentro dela nada menos de sete

flechas, tendo como linha de mira apenas o som. O cão, assim ferido com sete flechas e incapaz de fechar a boca, correu de volta para onde estavam os príncipes, e estes, tomados de inveja e admiração, começaram a procurar por toda parte o arqueiro desconhecido. Não levaram muito tempo para encontrá-lo, incessantemente lançando flechas de seu arco, e quando lhe perguntaram quem e o que ele era, o arqueiro respondeu: "Sou o filho do rei dos nishadas. Conheçam-me também como um discípulo de Drona que se esforça para adquirir habilidade em armas!"

Ao ouvir isso Drona foi em busca do arqueiro Ekalavya, levando consigo Arjuna. E quando o príncipe de casta inferior viu Drona aproximando-se, ele se prostrou e depois se levantou com as mãos postas, esperando suas ordens. Drona então disse: "Oh herói, és realmente meu aluno; dá-me então o salário de professor".

"Mestre", disse Ekalavya deliciado em sua alegria, "tens apenas de dizer o que queres. Nada do que tenho deixaria de te dar, com muita satisfação."

"Se realmente pensas assim, Ekalavya", respondeu Drona friamente, "eu gostaria de ter o teu polegar da mão direita." E o príncipe de estirpe inferior, sem permitir que se mostrasse em sua face uma aparência de tristeza, virou-se e sem hesitação cortou o polegar de sua mão direita para colocá-lo no chão aos pés de Drona. Mas após a saída do brâmane, quando ele voltou a atenção para a arte de manobrar o arco, verificou que sua maravilhosa leveza de mão tinha desaparecido para sempre.

Assim, os príncipes reais tornaram-se inigualáveis no uso de armas. E dois deles, Bhima, o segundo dos Pandavas, e Duryodhana, seu primo, ficaram altamente habilitados no uso da clava. Ashvatthaman, filho do próprio Drona, era quem mais conhecia a teoria da arte da guerra. Os gêmeos Pandavas, Nakula e Sahadeva, eram melhores que qualquer dos outros em equitação e manejo da espada. Yudhishtira, o mais velho dos Pandavas, era o melhor como soldado de carro de guerra e também no comando. Mas Arjuna era inigualável em todos os aspectos. Sabia usar cada uma das armas, e todos admitiam sua inteligência, desenvoltura, força e perseverança. Além disso, ele sozinho, entre os príncipes, estava apto para o comando geral, sendo capaz de lutar, de seu carro, contra sessenta mil inimigos ao mesmo tempo.

O triunfo de Arjuna

Certo dia Drona estava deseioso de testar numa competição aberta a excelência dos jovens que treinara. Então mandou fazer um pássaro artificial, que, colocado no alto de uma árvore, ficou sendo o alvo. Em seguida ele reuniu todos os seus alunos e disse: "Pegai vossos arcos e permaneçei praticando a pontaria. Quando eu der ordem, cortareis a cabeça do pássaro. Eu vos chamarei um por um".

O primeiro a ser chamado foi Yudhishtira. "Agora fica pronto", disse Drona, "para disparar quando eu der ordem."

E Yudhishtira pegou seu arco e a flecha, conforme lhe havia sido ordenado, e pôs-se de pé para disparar à ordem do mestre.

"Vês o pássaro no alto daquela árvore?", perguntou Drona.

"Sim, eu vejo", respondeu Yudhishtira. "O que vês?", indagou Drona rapidamente. "Eu, teus irmãos ou os três?"

"Vejo a ti, mestre, e aos meus irmãos; aos três e mais à árvore e ao pássaro."

Três vezes Drona repetiu essa pergunta e três vezes Yudhishtira deu a mesma resposta. Então, com grande desgosto, Drona ordenou-lhe que se pusesse de lado. Não seria por ele que a flecha seria arremessada.

Um a um, príncipes e nobres, os irmãos Pandavas e seus primos Kurus foram chamados e em cada caso deu-se a resposta de Yudhishtira. "Vejo a ti, à árvore, a nossos colegas e ao pássaro."

Restava apenas um homem não submetido à prova. Drona se esforçava para esconder sua decepção. No entanto, ele se voltou com um sorriso para o último e lhe pediu que se aproximasse. Era Arjuna, seu aluno favorito. "Se alguém tiver de arremessar a flecha, será tu. Isso está claro, ó Arjuna! E agora diz-me, com o arco inclinado, o que vês — o pássaro, a árvore, eu e teus amigos?"

"Não", respondeu Arjuna prontamente. "Vejo só o pássaro; nem a ti, mestre, nem à árvore e nem aos meus amigos!"

"Descreva o pássaro para mim", disse Drona sem perda de tempo.

"Vejo apenas a cabeça do pássaro", respondeu Arjuna.

"Então atire!", disse o mestre com toda a satisfação, e num instante o pássaro estava sem cabeça, na árvore, e Drona, abraçando Arjuna, pensava naquele grande concurso no qual ele ainda veria Drupada vencido na sua frente.

II. A PROVA DOS PRÍNCIPES

Vendo que os alunos tinham agora completado sua educação, Drona solicitou a Dhritarashtra, o rei, permissão para realizar um torneio no qual todos tivessem oportunidade de exibir sua habilidade. O rei concordou imediatamente com o pedido e então começaram os preparativos para a grande ocasião. Escolheu-se o local e, por proclamação, os cidadãos foram convocados para estar presentes à oferta de sacrifícios para sua consagração num dia auspicioso. Nivelou-se e equipou-se a arena e construiu-se um grande salão para as rainhas e suas damas de companhia, e também foram colocadas coberturas e galerias em cada ponto apropriado para o uso dos espectadores.

E quando chegou o dia da realização da competição, o rei ocupou seu lugar, cercado pelos ministros e precedido por Bhishma e pelos mestres anteriores dos príncipes. Então Gandhari, a mãe de Duryodhana, e Kunti, a mãe dos Pandavas, ricamente vestidas e ornadas de jóias, assistidas por suas acompanhantes, tomaram os lugares que lhes tinham sido destinados. E nobres, brâmanes e cidadãos deixaram a cidade e foram apressadamente para o local, até que, sob o som de tambores e trombetas e com o clamor de vozes, aquela grande multidão tornou-se como um oceano agitado.

Por fim Drona entrou na arena, com seus cabelos alvos e todo vestido de branco, e foi como se a própria lua tivesse aparecido em um céu sem nuvens. Estava ladeado por Ashvatthaman, seu filho, que parecia uma estrela tutelar.

Em seguida realizaram-se cerimônias de propiciação. Então, enquanto os sons dos hinos védicos iam desaparecendo aos poucos, as armas foram sendo trazidas para o local, ouviu-se o clangor das trombetas e os príncipes entraram em procissão, com Yudhishtira à frente.

Começou então a mais maravilhosa demonstração de destreza. A chuva de flechas era tão espessa e constante, que poucos dos espectadores podiam manter erguida a cabeça sem se perturbar. No entanto, a perícia dos nobres arqueiros era tamanha que nem uma única flecha errava o alvo. Cada uma delas, gravada com o nome de seu dono, era encontrada no exato local em cuja direção havia sido disparada. Então eles pulavam no dorso de cavalos fogosos, saltavam, galopavam, viravam-se para aqui e para ali e depois voltavam a arremessar para os alvos. Em seguida os cavalos foram abandonados e chegou a vez dos carros de guerra. Dirigindo de um lado para o outro, correndo, voltando, acalmando seus corcéis ou apressando-os, conforme a ocasião exigisse, os combatentes continuaram aquela exibição de agilidade, precisão e recursos. Depois, saltando dos carros e pegando a cota de malha e a espada, os príncipes começaram a esgrimir e a exibir sua habilidade com a espada. Então, como duas grandes montanhas e sequiosos de luta, Bhima e Duryodhana entraram na arena, bastões na mão, para uma luta individual.

Cheios de coragem e convocando toda a sua energia, os dois guerreiros soltaram um urro impressionante e começaram a correr na forma devida, para a direita e para a esquerda, ao redor da arena, até chegar o momento da arremetida para o simulacro de assalto furioso, no qual cada um deve lutar para derrotar o antagonista por sua superior habilidade. E em cada um dos príncipes o ardor da luta foi tão grande que a vasta multidão se contaminou e dividiu-se em sua simpatia, alguns torcendo por Bhima e outros por Duryodhana, até Drona perceber que era preciso fazer parar a luta, se não quisesse vê-la transformada em uma luta verdadeira.

Então o próprio mestre entrou na arena, fez parar a música por um momento e numa voz de trovão apresentou Arjuna, o mais querido de seus alunos. Kunti, a mãe dos Pandavas, foi arrebatada pela alegria ao assistir à aclamação recebida pelo filho, e só depois que cessou aquele desvario, ele pôde mostrar sua habilidade nas armas. O vigor e a leveza de Arjuna eram tais, que ele parecia criar fogo com uma arma, com outra, água, com uma terceira, montanhas, e com uma quarta, finalmente, levar tudo aquilo a desaparecer. Num momento ele aparecia alto e no outro, baixo. Num momento ele lutava com clava ou espada, de pé no cambão ou na lança de seu carro; depois,

subitamente, era visto no próprio carro, mas no instante seguinte estava lutando na arena. E com sua flecha ele acertou em todas as espécies de alvos. Então, como se num único arremesso, fez voar cinco flechas para o interior da boca de um javali de ferro posto a girar. Depois descarregou vinte e uma flechas dentro da concavidade de um chifre de vaca que balançava de um lado para outro dependurado numa corda. Assim, caminhando em redor da arena ele mostrou sua habilidade no uso de espada, do arco e da clava.

A entrada de Karna

Exatamente quando terminava a exibição de Arjuna ouviu-se um grande barulho vindo do portão, como se algum novo combatente estivesse prestes a entrar na arena. Toda a multidão se virou como se fosse um único homem e Duryodhana com seus cem irmãos levantaram-se apressadamente, as armas em riste, enquanto Drona permaneceu no meio dos cinco príncipes Pandavas como uma lua numa constelação de cinco estrelas.

Foi quando, magnificente em armas e virilidade, o herói Karna entrou e se tornou o centro de todos os olhares. E ao longe, na galeria das rainhas, a nobre Kunti tremia ao ver de novo o filho que muito tempo atrás ela havia abandonado por não ousar admitir sua origem divina. Pois — fato inteiramente desconhecido de todos — o sol em pessoa era o pai de Karna, e Kunti, que depois se tornaria mãe dos Pandavas, era sua mãe.

E agora ele estava ali, realmente agradável de olhar. Não seria ele, na verdade, uma emanção do sol de raios quentes? Suas proporções faziam-no semelhante a um grande rochedo íngreme. De porte elegante, ele era dotado de inumeráveis perfeições. De estatura alta, como uma palmeira dourada, ele tinha o vigor da juventude, sendo capaz até mesmo de matar um leão. Inclinando-se tranqüilamente para seu professor, ele se virou para Arjuna e, num tom de desafio, declarou ter ido ali para sobrepujar o desempenho a que se acabara de assistir. Um arrepio de excitação passou sobre toda a grande audiência e Duryodhana mostrou sem reboços sua satisfação. Mas, lamentavelmente, o magnífico Arjuna ficou vermelho de raiva e desdém. Então, com a permissão de Drona, o vigoroso Karna, encantado com a luta, foi bem sucedido e repetiu tudo o que Arjuna tinha feito antes dele. E quando sua

demonstração de habilidade terminou, ele foi abraçado e bem recebido por todos os filhos de Dhitarashtra, e Duryodhana perguntou-lhe o que poderia fazer por ele. "Oh príncipe!", disse Karna em resposta, "tenho apenas um desejo: empenhar-me numa luta individual com Arjuna". Enquanto isso, Arjuna, furioso de ressentimento pelo que considerava um insulto feito a ele, disse tranqüilamente para Karna: "Ainda chegará o dia, ó Karna, em que o matarei!"

"Diz isso com flechas!", respondeu Karna em alta voz, "pois com flechas eu posso, hoje mesmo, arrancar-te a cabeça diante de nosso próprio mestre."

Karna e Arjuna

Desafiado de modo tão pertinaz, Arjuna adiantou-se e se postou em seu lugar para uma luta individual. E Karna, da mesma forma, avançou e se pôs diante dele.

Ora, apesar de Karna ter sido gerado pelo sol, Arjuna era filho de Indra, e, enquanto os heróis se confrontavam mutuamente, os espectadores perceberam que Arjuna estava coberto pela sombra das nuvens, que sobre ele o arco-íris, o arco de Indra, havia se estendido e que as linhas de gansos selvagens, voando no alto, davam ao céu um ar de riso. Mas Karna estava iluminado pelos raios do sol. E Duryodhana alinhou-se perto de Karna, enquanto Bhishma e Drona permaneceram perto de Arjuna. E acima, na galeria real, uma mulher gemeu e caiu.

O mestre de cerimônias adiantou-se e proclamou o estilo e os títulos de Arjuna, estilo e títulos que todos já conheciam. Feito isso, ele esperou e pediu ao cavaleiro rival que mostrasse a igualdade de linhagem, pois filhos de reis não podiam lutar com homens de nascimento inferior. A essas palavras, Karna empalideceu e seu rosto contraiu-se com emoções conflitantes. Mas Duryodhana, ansioso por ver Arjuna vencido, gritou: "Se Arjuna deseja lutar apenas com um filho de rei, deixem-me investir Karna imediatamente como rei de Anga!"

Como num passe de mágica, os sacerdotes avançaram cantando; levou-se para o local um trono de ouro; ofereceram-se arroz, flores, e água sagrada; o pára-sol real foi colocado acima da cabeça de Karna, enquanto rabos de iaque eram agitados à sua volta, em todos os lados. Então, entre os aplausos

da multidão, Karna e Duryodhana abraçaram-se e hipotecaram um ao outro eterna amizade.

Naquele exato momento viu-se que caminhava para dentro da arena um ancião encurvado, trêmulo e fraco pela idade, pobremente vestido e que se amparava em um bordão. Todos os presentes conheciam-no como Adhirata, um dos cocheiros da família real. Mas quando Karna o avistou, deixou imediatamente o trono, foi ao seu encontro, inclinou-se diante dele, que mesmo parado se apoiava no bordão, e com a cabeça ainda úmida pela água sagrada da coroação tocou-lhe os pés. Adhirata então se abraçou com Karna e chorou de orgulho por ele ter sido feito rei, chamando-o seu filho.

Bhima, de pé entre os heróis Pandavas, ria alto, escarnecendo. "Ora! Que herói é esse?", perguntava ele. "Parece, senhor, que o chicote é sua arma. Como pode ele ser rei se é filho de um cocheiro?"

Os lábios de Karna tremeram, mas como única resposta ele cruzou os braços e olhou para cima, para o sol.

Duryodhana saltou de indignação e disse: "A linhagem dos heróis é sempre desconhecida! O que importa saber de onde vem um bravo? Quem pergunta pela fonte de um rio? Um tigre como este pode descender de criados? Mas mesmo que seja assim, ele é meu amigo e bem merece ser rei do mundo inteiro. Que aquele que tenha alguma objeção a fazer retese o arco como o faz Karna!"

Os espectadores prorromperam em aplausos ruidosos, mas então o sol desceu. Duryodhana tomou Karna pela mão e o levou para fora da arena iluminada. E os irmãos Pandavas, acompanhados por Bhishma e Drona, voltaram para seus lugares. O único a conservar a certeza de que ninguém poderia derrotar Karna foi Yudhishtira. E Kunti, a rainha mãe, tendo reconhecido seu filho, afagava a idéia de que ele era o rei de Anga.

III. A RECOMPENSA DO MESTRE

Então Drona considerou ser chegada a hora de reclamar a oferta feita por seus discípulos. Assim, ele reuniu todos os alunos e disse: "Capturai em

batalha Drupada, rei dos Panchalas, e trouxe-o amarrado. Essa é a única recompensa que desejo como vosso mestre e instrutor".

A aventura era muitíssimo agradável para os corajosos jovens. Com o coração alegre eles reuniram uma imponente formação de carros de batalha, armas e criados, e partiram para a capital de Drupada. No caminho não deixaram de atacar os Panchalas, pois a ostentação de sua habilidade e destreza era extremamente agradável para os príncipes e nobres que avançavam para esse ataque de surpresa. E nunca eles haviam feito isso com tanto alarde quanto ao entrar nos portões e tropeliar pelas ruas da capital de Drupada.

Ouvindo o clamor, o rei foi até as varandas de seu palácio para ver o que estava acontecendo. Os príncipes, soltando seu grito de guerra, atiraram-lhe uma chuva de flechas. Então Drupada, acompanhado dos irmãos, saiu do palácio real em seu carro de guerra branco e foi ao encontro da força atacante. Mas Arjuna conteve seus irmãos e a si próprio de participar naquilo que lhe parecia uma refrega. Ele viu que o rei dos Panchalas, lutando em sua própria capital, não seria vencido por táticas dessa ordem. Mas elas teriam efeito, cansando-o, e então seria a oportunidade para os Pandavas agirem.

Exatamente como ele havia previsto, viu-se o carro branco do rei ora aqui ora ali, sempre caminhando para a frente e sempre aproximando-se daquele ponto em que o perigo era maior e mais densa a aglomeração de atacantes. Durante esses rápidos movimentos ele continuou despejando sobre as tropas do rei uma chuva de flechas, e o fazia de modo tão rápido e constante que os Kurus quase foram tomados de pânico e tenderam a admitir que estavam lutando não contra um, mas contra muitos Drupadas.

A essa altura o alarme se espalhara por toda a cidade e tambores e clarins começaram a soar em cada casa enquanto os homens se precipitavam para fora, empunhando as armas com que iriam ajudar seu rei. Então surgiu do grande exército dos Panchalas um terrível urro, enquanto o zunido das cordas de seus arcos parecia rasgar o próprio céu. Uma fúria nova e responsiva ardeu por um momento entre os guerreiros invasores, mas em qualquer parte que uma flecha fosse atirada, Drupada estava lá para responder. Ele estava aqui e ali e por toda a parte, cuidando do campo de batalha como se fosse uma roda incandescente. Atacou Duryodhana e até mesmo Karna, feriu-os e moderou

bastante a sede de luta de ambos, até que, vendo as hostes dos cidadãos inimigos, os Kurus pararam de lutar e com um lamento de derrota fugiram, de volta para onde os Pandavas estavam esperando.

O poder de Arjuna

Os Pandavas reverenciaram Drona precipitadamente e subiram em seus carros. A Arjuna coube a liderança, como se por instinto; proibindo Yudhishtira de lutar ou de expor-se, ele nomeou guardas do carro seus irmãos mais moços, os gêmeos, enquanto Bhima, sempre lutando na vanguarda, correu para a frente, clava nas mãos, a fim de comandar o ataque. Assim, como a figura da Morte, Arjuna fez entrar os soldados dos Panchalas. E Bhima, com sua clava, começou a matar os elefantes que os encobriam. A batalha tornou-se árdua; era terrível observá-la. Então ele conseguiu derrubar o mastro da bandeira e imediatamente saltou do carro e, trocando o arco pela espada, agarrou Drupada, o rei, com a mesma facilidade com que um pássaro enorme apanha uma cobra d'água.

Tendo exibido seu poder na presença de ambas as hostes, Arjuna soltou um possante grito e saiu do meio dos Panchalas, levando consigo seu prisioneiro. Vendo isso os Kurus se enfureceram e teriam devastado inteiramente a capital dos Panchalas, mas Arjuna, numa voz possante, conteve-os. "Drupada", disse ele, "é nosso amigo e aliado. Se o entregarmos a Drona, isso bastará para satisfazer nosso instrutor. De modo algum devemos matar os súditos de Drupada".

Então todos os príncipes juntos, levando consigo seus prisioneiros, foram ao encontro de Drona e colocaram diante dele Drupada, junto com muitos de seus ministros e amigos.

A vingança de Drona

Drona sorriu tranqüilamente para o rei que outrora fora seu amigo. "Não temas, ó rei", disse ele; "tua vida será poupada. Mas não te agradaria cultivar minha amizade?" E depois de ficar silencioso por um momento, ele abriu os lábios para dizer: "Na verdade, Drupada, hoje eu não o amo menos do que antigamente, na nossa meninice. E ainda desejo tua amizade. Disseste-me, ai de mim, que apenas um rei podia ser amigo de um rei. Por essa razão restaurarei para ti apenas a metade do teu território atual, a fim de que, sendo

também rei, eu possa desfrutar vossa afeição em termos iguais. Serás o rei de todas as terras que ficam ao sul do rio Ganges e eu reinarei nas do norte. E agora, Drupada, será humilhante para ti conceder-me tua amizade?"

Com essas palavras, Drona libertou Drupada e conferiu-lhe soberania sobre metade de seu próprio reino, aquela metade correspondente aos territórios que ficavam ao sul do Ganges. E Drupada, com muitos cumprimentos, assegurou-lhe profunda admiração e respeito. Mas em sua mente a lição que o mortificado rei guardou foram os recursos superiores de seu velho amigo, e dessa época em diante ele, por sua vez, perambulou em todas as direções, tal como Drona fizera por Hastinapura, na esperança de descobrir algum feitiço ou outro meio qualquer, por devoção ou outra forma, de conseguir um filho que pudesse empreender a vingança sobre o homem que o humilhara. E aconteceu que essa inimizade por Drona cresceu, com o tempo, até ser uma das principais razões da vida de Drupada, rei dos Panchalas.



IV. A CASA DE LAÇA

Cerca de um ano depois da invasão da cidade de Drupada, Dhritarashtra, movido por um sentimento do que devia ser feito e tendo também em vista o bem-estar de seus súditos, decidiu coroar Yudhishtira, em público, príncipe herdeiro do império. Pois Pandu, pai de Yudhishtira e dos irmãos dele, tinha sido o monarca do império, e não Dhritarashtra, cuja cegueira fora considerada suficiente para torná-lo incapaz. O rei cego estava então incumbido de nomear Yudhishtira e seus irmãos como herdeiros, e não um dos seus próprios filhos. E isso, depois da demonstração de bravura cavalheiresca com que eles haviam sido apresentados ao mundo, Dhritarashtra não podia recusar-se a fazer.

Mas os príncipes Pandavas assumiram sua nova posição com mais seriedade do que se poderia prever. Nunca satisfeitos com mera diversão, eles partiram em todas as direções, determinados a ampliar sua soberania, e constantemente mandavam imensos espólios para o tesouro real. Desde a infância Duryodhana tivera inveja dos primos, mas agora, vendo sua

superioridade e crescente popularidade, até mesmo o pai dele, Dhritarashtra, começou a ficar ansioso e por fim nem sequer conseguia dormir, tamanho era seu despeito. Um rei que se sente assim sempre tem facilidade em encontrar conselheiros que lhe dêem as recomendações pelas quais ele anseia, e no devido tempo asseguraram-lhe que o extermínio de seus inimigos era o primeiro dever de um soberano.

Mas os Pandavas também tinham num certo tio de nome Vidura um amigo atento e conselheiro que, embora de nascimento inferior, era a verdadeira encarnação do Deus da justiça. Vidura tinha o dom de ler no rosto dos homens seus pensamentos, e nesse momento crítico ele facilmente percebeu o objetivo de Dhritarashtra e de sua família. Mas aconselhou os Pandavas a, conquanto fosse preciso estar em guarda, nunca provocar a fúria daqueles que estavam no poder deixando transparecer que sabiam quais eram os seus sentimentos. De preferência eles deviam, com um ar de satisfação e aparentemente sem suspeição, aceitar tudo o que fora feito.

Por essa época Duryodhana apresentou-se a seu pai e lhe pediu que banisse os primos para a cidade de Benares e, durante sua ausência, lhe conferisse a soberania do reino. O tímido Dhritarashtra pôde apenas reconhecer que a sugestão estava de acordo com seus desejos secretos, e em vista disso, seu filho, de caráter mais forte, rapidamente o tranqüilizou quanto às dificuldades previstas. Ele salientou que quem tomava conta do tesouro eram eles. Com isso ser-lhes-ia possível comprar a submissão do povo, e nenhum crítico de sua conduta teria força suficiente para se opor a eles. A partir dessa ocasião Duryodhana começou a ganhar a simpatia do povo mediante profusa distribuição de riqueza e honrarias.

Os príncipes são banidos

Foi então que, sob secretas instruções de Dhritarashtra, o rei, alguns membros da corte começaram a exaltar as belezas da cidade de Benares, onde, diziam eles, o festival anual de Shiva já estava começando. Pouco tempo depois, como eles esperavam, os príncipes Pandavas, e também outros, demonstraram interesse pelas belezas de Benares e disseram que gostariam muito de vê-las. Então o cego Dhritarashtra voltou-se para eles com aparente

simpatia e lhes disse: "Pois ide, meus filhos. Ide juntos, os cinco, e satisfazei vosso desejo vivendo por algum tempo na cidade de Benares. Levai convosco donativos do tesouro real, para distribuição".

Não havia como deixar de perceber que palavras aparentemente tão amigas eram uma sentença de banimento. Mas Yudhishtira, com sua permanente astúcia, teve bastante presença de espírito para curvar-se com alegria e demonstrar satisfação pela oportunidade que lhe era oferecida. Um dia ou dois mais tarde a grisalha Kunti partiu de Hastinapura com seus cinco filhos. Purochanna, amigo e ministro de Duryodhana, havia partido antes, a fim de fazer os preparativos para receber os príncipes em Benares. E fora incumbido, em especial, de construir para eles uma casa feita de materiais altamente inflamáveis e mobiliada no mais alto luxo; a casa devia ficar o mais próximo possível do arsenal público, onde ele viveria como sentinela da cidade, à espera de uma ocasião oportuna para incendiá-la simulando um acidente. O palácio devia ser feito de laça.

Entrementes o atento Vidura, que não deixara de observar nada disso, tinha deixado no Ganges, pronta para uso, uma boa embarcação onde Kunti e seus filhos poderiam refugiar-se em caso de perigo. E quando os Pandavas deixaram Hastinapura, Vidura foi, de todos os que os acompanharam no começo de sua viagem, o último a deixá-los; e no momento em que eles já iam partir, ele disse a Yudhishtira, em voz abafada, em uma língua que só eles dois entendiam: "Estejai sempre alerta! Há armas que não são feitas de aço. Pode-se escapar até mesmo do fogo tendo muitas saídas na casa, e um buraco profundo é um ótimo refúgio. Familiarizai-vos com as estradas da floresta e aprendei a orientar-vos pelas estrelas. Acima de tudo, estejai sempre vigilantes".

"Compreendo bem", respondeu Yudhishtira prontamente. E sem mais palavras eles partiram.

Os príncipes chegam a Benares

O povo de Benares, governado por Purochanna, recebeu com grande magnificência os Pandavas, que foram alojados provisoriamente numa casa nos arredores da cidade. No décimo dia, entretanto, Purochanna referiu-se a

uma bela mansão que erigira para eles, dentro da cidade. O nome que ele lhe havia dado era "Lar Abençoado", mas na verdade se tratava certamente de uma casa maldita, e Yudhishtira, julgando muitíssimo tola aquela maldição, saiu com a mãe e os irmãos para instalarem-se nela. Ali chegando, Yudhishtira inspecionou-a detidamente e constatou que de fato o cheiro de laça, alcatrão e óleo era bastante perceptível em todos os cômodos. Então ele se virou para Bhima e comunicou-lhe sua suspeita de que a casa era altamente inflamável. "Nesse caso não deveríamos voltar imediatamente para o nosso primeiro alojamento?", disse surpreso o ingênuo Bhima. "Na minha opinião é mais sensato", respondeu seu irmão, "ficarmos aqui, aparentemente satisfeitos, e assim ganharmos tempo aquietando todas as suspeitas deles. Se mostrarmos que percebemos sua intenção, Purochanna fará imediatamente um atentado contra nós. Mas precisamos vigiar sempre à nossa volta; não devemos, nem por um instante, permitir-nos ficar descuidados."

Tão logo os príncipes se estabeleceram em sua nova residência, foi até lá um homem que se dizia emissário de Vidura, o tio deles, e era perito em mineração. Esse homem achava que a casa em que eles estavam se incendiaria em alguma noite sem lua. Assim, ele se propunha cavar ali, sem demora, uma passagem subterrânea profunda, e repetiu para eles, como senha, a última sentença que fora falada numa língua estranha entre Yudhishtira e seu tio, no momento da partida. Ouvindo tudo isso, os Pandavas aceitaram-no com alegria e ele começou imediatamente uma escavação cuidadosa no quarto de Yudhishtira, cobrindo a entrada com pranchas para que ela ficasse no nível do resto do piso. E os príncipes passavam os dias caçando e percorrendo as florestas das vizinhanças e à noite dormiam de portas fechadas, as armas ao lado dos travesseiros.

A fuga dos Pandavas

Quando todo um ano já se havia passado, pareceu a Yudhishtira que Purochanna estava com a guarda inteiramente aberta. Ele então considerou que o momento era favorável para a fuga. Assim, certa noite Kunti, a rainha, ofereceu uma grande festa e centenas de homens e mulheres afluíram à casa. Bem tarde da noite, quando todos já haviam ido embora, começou a soprar um

forte vento; e nesse momento Bhima, saindo furtivamente, ateou fogo na parte da casa que dava para o alojamento de Purochanna, no arsenal. Depois ateou fogo em várias outras partes e, deixando que tudo ardesse espontaneamente, entrou com a mãe e os irmãos na passagem subterrânea que lhes permitiu fugir. E ninguém soube que uma pobre mulher de casta inferior havia ido à festa acompanhada de seus cinco filhos, nem que todos os seis, no sono de intoxicação, jaziam dentro da casa em chamas. E como a tontura e o medo retardavam os movimentos dos Pandavas, o gigantesco Bhima levantou até os ombros sua mãe, pegou dois irmãos embaixo de cada braço e avançou pela passagem secreta até sair, algum tempo depois, para a escuridão da floresta. Assim sobrecarregado, Bhima prosseguiu, quebrando as árvores com o peito e afundando o chão com seus passos pesados.

E na cidade de Benares as pessoas permaneceram de pé toda a noite, observando o incêndio da casa de laça, chorando alto pela sorte dos príncipes, que eles supunham estar sendo queimados lá dentro, e condenando aos gritos o maldoso Purochanna, cujo móvel eles percebiam muito bem. E quando amanheceu, eles encontraram os corpos de Purochanna, da inocente mulher de casta inferior e dos cinco filhos desta, e mandando a notícia para Dhritarashtra, na distante capital, providenciaram as honras reais devidas às infortunadas vítimas. Mas o mineiro que fora empregado por Vidura usou o stratagema de ajudar na remoção das cinzas e assim encobriu a entrada para a passagem secreta, fazendo-o de tal forma que ninguém suspeitou da existência dela.

Enquanto isso, ao chegar no limite da floresta os Pandavas encontraram em um lindo navio, no Ganges, um homem que parecia estar medindo o rio e investigando seu leito, à procura de um vau. Esse homem era o capitão que Vidura enviara para esperar pela hora da fuga dos Pandavas. Vendo chegar à margem do rio os cinco homens com sua mãe, ele ancorou o navio e disse em voz baixa para a grisalha Kunti: "Escapa, com teus filhos, da rede que a morte estendeu em volta de todos vós". Kunti olhou para cima, espantada, e ele, voltando-se para os príncipes, disse: "E a palavra de Vidura. Estejam sempre de sobreaviso. E eu vim para conduzir-vos ao outro lado do Ganges".

Reconhecendo-o por essas palavras como o agente de Vidura, os príncipes, animados, embarcaram no bote e ele levou-os até a margem oposta.

Então, pronunciando uma única palavra, Jaya! (Vitória!), ele deixou-os e voltou para o trabalho que parecera estar fazendo. E os Pandavas com sua mãe escaparam, de floresta em floresta, de cidade em cidade. Ora usavam um disfarce, ora outro, até que finalmente atingiram a cidade de Ekachakra, onde, tendo sido recebidos nos aposentos externos de um brâmane e de sua família, fixaram residência para viver de esmolas, como pessoas eruditas. Repetindo longas passagens dos livros sagrados, era-lhes fácil obter o alimento de que necessitavam. Com sua estatura alta, as roupas de pele de gamo, os livros sagrados, os cabelos emaranhados, eles eram tomados por brâmanes. A noite, voltando a Kunti com o arroz coletado durante o dia, sempre dividiam o alimento em duas partes iguais. Uma delas era para Bhima e a outra cabia aos quatro outros irmãos e à mãe. E assim durante muitos meses eles viveram na cidade de Ekachakra uma vida simples e plena de felicidade.

V. COMO OS PANDAVAS GANHARAM UMA NOIVA

Enquanto os Pandavas viveram com sua mãe na cidade de Ekachakra, disfarçados de brâmanes, sempre aparecia um ou outro antigo amigo leal, dos tempos passados, para visitá-los. Um desses amigos informou-os de que Drupada, rei dos Panchalas, tinha anunciado o swayamvara de sua bonita filha Draupadi, e então se conversou um pouco sobre os encantos extraordinários e as habilidades da princesa dos Panchalas. A noite, quando seu hóspede já havia ido embora, Kunti notou os filhos silenciosos e desatentos. Depois de conjecturar melhor do que eles próprios o fariam sobre a causa da modificação de seu humor, ela disse com muito tato que já estava se aborrecendo em Ekachakra e gostaria de voltar a perambular, se seus filhos quisessem, pelo país dos Panchalas.

No dia seguinte eles todos disseram adeus a seu anfitrião brâmane de Ekachakra e partiram para Kampilya, capital de Drupada. No caminho encontraram um certo brâmane que ia pela mesma estrada e lhes falou da iminente escolha nupcial a ser feita pela princesa do reino e do presente real que na ocasião se daria a pessoas eruditas que perambulavam por lá. E os príncipes, dando a impressão de estar ouvindo tais coisas pela primeira vez,

juntaram-se àquele grupo e anunciaram a intenção de assistir ao swayamvara. Ao chegar à cidade andaram por ela durante algum tempo como excursionistas e terminaram por se instalar nos quartos de hóspedes de um oleiro.

Ora, aconteceu que desde o ataque de Drona e seus alunos, Drupada nutria o desejo secreto de que sua filha Draupadi se casasse com Arjuna. Mas nunca mencionara esse desejo para ninguém. Não sabendo ainda da presumida morte de Arjuna e pensando nele em segredo, Drupada mandou fazer um arco muito inflexível, ordenou que dependurassem um anel em um lugar bem alto e anunciou que aquele que vergasse o arco e atirasse sua flecha através do anel teria a princesa por esposa. Com essas palavras ele proclamou o swayamwara e de todos os lados começaram a surgir reis, príncipes e grandes sábios. Até mesmo Duryodhana veio com seu amigo Karna. E a todos, sem distinção, Drupada recebeu com pródiga hospitalidade. Mas os Pandavas estavam vivendo como mendigos na casa do oleiro, e ninguém, absolutamente, seria capaz de reconhecê-los.

As festividades que acompanham as bodas reais tiveram início e a cada dia cresciam em magnificência, até que no décimo sexto dia, quando estavam no auge, chegou o grande momento. Carregando um prato dourado onde havia uma coroa de flores, a princesa Draupadi, bem vestida e adornada com jóias, subiu os degraus que levavam à arena. Quando ela entrou, toda a música cessou e os brâmanes reais acenderam o fogo sacrificai. Sob absoluto silêncio Drishtadyumna, irmão gêmeo de Draupadi, subiu ao lado da irmã e disse, numa voz tão profunda e cheia quanto um trovão: "Ó vós, monarcas reunidos aqui hoje, contemplai o arco e, mais adiante, o anel. Aquele que, sendo nobre de nascimento, belo e forte, arremessar cinco flechas através daquele anel obterá hoje minha irmã como noiva".

Então, voltando-se para Draupadi, ele enumerou todos os reis que eram candidatos à mão dela e disse que a princesa se casaria com aquele que acertasse o alvo. O nome de Duryodhana veio em primeiro lugar e mencionou-se Karna, mas ninguém falou nos cinco Pandavas que, completamente desconhecidos de todos, estavam presentes na multidão como brâmanes.

A disputa

Quando Drishtadyumna terminou de falar seus nomes, os reis e príncipes levantaram-se, todos ansiosos por ser o primeiro a retesar o arco. E quando eles saltaram na arena e, aglomerados, precipitaram-se para o local da prova, houve quem dissesse ter visto os próprios deuses em suas magníficas carruagens se juntando naquele concurso. Um após outro, com o coração batendo forte sob os olhos de Drupada, no esplendor do mundo e cobertos de glória, os candidatos avançaram até o ponto de lançamento. E alguns, com lábios distendidos e músculos enrijecidos, esforçaram-se muito tempo para retesar aquele arco, mas um após o outro, com as coroas desprendidas e as guirlandas rompidas, tiveram de desistir, sendo lançados ao chão pela resistência da arma. Então Karna, vendo a mortificação de seus amigos e ansioso por mostrar a glória da nobreza, subiu rapidamente ao lugar onde estava o arco. E vendo-o, cinco homens com a aparência de brâmanes que estavam entre os espectadores prenderam a respiração e deram por perdida a princesa, pois não tinham a menor dúvida de que Karna pudesse retesar o arco de Drupada.

Mas quando seus olhos pousaram sobre o herói, a princesa exclamou em um frio tom de desdém: "Não me casarei com o filho de um cocheiro". Ouvindo-a, Karna sorriu amargamente, ergueu o olhar para o sol e atirou ao chão o arco já estirado em círculo.

O último dos monarcas estava fazendo sua tentativa e os espectadores discutiam acaloradamente os sucessivos fracassos quando, no meio da multidão de brâmanes que assistiam à disputa sentados em volta da arena, levantou-se Arjuna com sua roupa de pele de cervo, o cabelo emaranhado, o cordão sagrado, e avançou para a plataforma de arremesso. Murmúrios, alguns de aprovação e outros de desaprovação, ergueram-se dos brâmanes à direita e à esquerda dele. Pois, considerando-o um par, eles tomavam seus movimentos como uma inquietação pueril que traria desgraça para todos os brâmanes. Apenas uns poucos, notando sua aparência e o modo como ele se comportava, tiveram coragem de gritar: "Isso! Faz a tentativa!"

Mas enquanto seus amigos conversavam, Arjuna caminhou para o arco e se pôs diante dele como uma montanha. Baixando a cabeça em oração, ele caminhou vagarosamente à sua volta. Então, num piscar de olhos, retesou-o e, arremessando cinco flechas em rápida sucessão através do anel, fez cair o alvo que estivera suspenso.

Os aplausos que se seguiram pareciam vir tanto dos céus quanto do anfiteatro. Entusiasmados, os brâmanes levantaram-se agitando seus lenços. Flores choviam do céu, de todas as direções, e os bardos imediatamente explodiram em aplausos ao herói que tinha vencido. Dos assentos reais, acima da arena, Drupada, o rei, acenou em aprovação para o jovem brâmane que havia atingido o alvo, e a princesa Draupadi levantou os olhos ao encontro dos de Arjuna e silenciosamente lhe comunicou que o tomava como seu senhor.

Mas quando o rumor estava no seu mais alto grau, Yudhishtira e os gêmeos Nakula e Sahadeva, temendo ser reconhecidos se permanecessem todos no mesmo lugar, levantaram-se e abandonaram o ajuntamento de pessoas, deixando sozinhos Arjuna e Bhima. Em menos tempo do que as nuvens levam para cobrir o céu, o ânimo da multidão pareceu mudar.

Draupadi havia posto em Arjuna a veste branca e a coroa de casamento, e todos os assistentes notaram a aprovação de Drupada ao herói. Vendo isso, os reis e príncipes que tinham falhado foram subitamente tomados de raiva. Tinham sido reduzidos a nada. Haviam-nos convidado para insultá-los. Abertamente recusados por desdém, viram um brâmane ser escolhido em detrimento deles. De bastão em punho, os irados guerreiros fizeram uma arremetida conjunta sobre Drupada, que recuou para o interior da multidão de brâmanes. Mas, vendo o perigo que corria seu anfitrião, Arjuna e Bhima adiantaram-se para socorrê-lo — Arjuna com o seu terrível arco e Bhima arrancando uma árvore pelas raízes e brandindo-a, pronto para defender Arjuna. Mesmo este, acostumado como estava com as grandes façanhas do irmão, ficou admirado ao vê-lo arrancar uma árvore, levando todos os espantadíssimos monarcas a retroceder.

Os Pandavas são reconhecidos

Mas na tribuna real um espectador — de nome Krishna, um dos príncipes dos Vrishnis e primo, por nascimento, dos príncipes Pandava — viu aquele feito e imediatamente percebeu quem eram os dois homens que se passavam por brâmanes.

"Olha! Olha!", disse ele ao irmão, que estava do lado. "Ouvi dizer que os Pandavas tinham escapado da casa de laça e, tão certo quanto sou Krishna, ali adiante estão dois deles, Bhima e Arjuna!"

Então os brâmanes, agitando suas vasilhas de casca de coco e suas peles de corça, colocaram-se em volta de Drupada para protegê-lo contra a investida da nobreza, enquanto Bhima e Arjuna se batiam individualmente com eles, um a um. E era tal a quantidade de flechas arremessadas entre Karna e Arjuna que várias vezes um ficou invisível para o outro por muitos minutos. Karna se enfraquecia por estar perdendo sangue, mas acabava por se recobrar, voltando ao combate com um entusiasmo ainda maior. E todos admiravam a força e a agilidade de Bhima, que era capaz de agarrar um herói e atirá-lo a certa distância, embora se contivesse para não o ferir muito.

Finalmente, entretanto, os reis e príncipes, com seu bom humor restaurado pela luta, renderam-se satisfeitos a seus oponentes brâmanes. E nesse momento Arjuna e Bhima deixaram a multidão e, seguidos pela princesa, encaminharam-se para a casa de sua mãe. Nesse meio tempo, Kunti havia estado esperando, com grande ansiedade, pela volta de seus dois filhos. O dia ia transcorrendo e muitos males poderiam ter-lhes acontecido. Por fim, entretanto, no meio de uma multidão de brâmanes, ela viu Arjuna e Bhima. Chegando à porta, seus filhos lhe disseram: "Exultai com o que obtivemos como esmolas hoje!" Kunti, de dentro da casa, não percebendo o rubor dos príncipes enquanto falavam, respondeu: "Exultai todos vós com o que haveis trazido!" Então ela viu Draupadi e, abraçando-a calorosamente, acolheu-a com cordialidade, como a uma filha. Assim, a princesa dos Panchalas tornou-se a noiva de um dos Pandavas.

Mas quando todos estavam sentados em silêncio na casa do oleiro, chegaram duas visitas: Krishna, o príncipe dos Vrishnis, e Balarama, seu irmão. Sorridentes, eles saudaram a todos como Pandavas, tocando os pés de Yudhishtira, em sinal de sua satisfação por eles terem escapado da casa de laça. Então, temendo que alguém os reconhecesse e que seu disfarce fosse

descoberto, eles apressadamente se retiraram. E a princesa Draupadi, humilde e encantadora, sob a direção de Kunti preparava a refeição da noite para toda a família. Ninguém sabia que seu irmão, o príncipe Drishtadyumna, estava escondido numa sala contígua, escutando a conversa secreta dos pretensos brâmanes.

E quando chegou a noite, os Pandavas conversaram sobre armas divinas, carros de batalha, elefantes e questões militares. Drishtadyumna saiu ao romper da aurora para ir ter com o pai e transmitir-lhe as informações sobre o herói que havia vergado o arco. Mas Drupada, correndo ao seu encontro, foi logo indagando: "Dize-me! Dize-me! Foi Arjuna quem acertou o alvo?"

No entanto, Yudhishthira não admitia que ele e seus irmãos fossem realmente os príncipes Pandava. Só depois da realização da festa de núpcias no palácio de Drupada ele reconheceu isso. Enquanto não estava devidamente casada, Draupadi os conhecia apenas como os exímios arqueiros, e o que quer que eles fossem, reis ou brâmanes, ela os aceitava por essa razão.

Mas quando Drupada soube que estava agora em íntima aliança com os Pandavas, sua alegria foi ilimitada e ele não temeu nada, nem mesmo dos deuses. Os relatos sobre a fuga da casa de laça e sobre a vitória no swayamvara começou a se espalhar pelos reinos vizinhos e todos passaram a olhá-los como se eles tivessem regressado da morte. E o próprio Vidura levou a Dhritarashtra a notícia de que os Pandavas agora estavam vivos e bem de vida, e cercados de muitos e poderosos amigos.

VI. A HISTÓRIA DE SHISHUPALA

Quando chegaram a Dhritarashtra as notícias de que, não tendo sido queimados na casa de laça, os Pandavas haviam fugido e agora estavam na corte de Drupada, aceitos pela sua família e cercados de muitos e poderosos amigos, o velho rei não sabia o que responder. Então ele chamou Duryodhana e todos os seus conselheiros e perguntou-lhes que caminho devia seguir.

Todos opinaram pelo imediato regresso deles a Hastinapura e insistiram em que se mandassem congratulações aos Pandavas pela sua fuga. Mas

Duryodhana achava que era preciso, para se livrarem deles, empregar uma série de fraudes, dividindo seus interesses e jogando uns contra os outros, e finalmente privá-los de qualquer recurso. Karna, por outro lado, sustentou que eles deviam ser combatidos. Bravura contra bravura, cavalheirismo contra cavalheirismo, dizia ele. Esses homens nunca poderiam ser divididos. Uma tentativa nesse sentido só resultaria em ridículo para qualquer um que a empreendesse. Mas uma luta leal seria o método de um soldado. Os Pandavas não eram deuses, eram homens, e como homens deviam ser derrotados em combate.

Bhishma, por outro lado, apoiado por Drona e Vidura, ressaltou que o direito dos Pandavas ao reino paterno era no mínimo tão válido quanto o de Duryodhana. Assim, eles devem ser chamados de volta e firmemente estabelecidos na metade do reino. A insistência daqueles bons homens nessa proposta era tão grande que Dhritarashtra não teve mais nada a fazer além de obedecer, e então se enviou à corte de Drupada, com uma grande quantidade de presentes, uma embaixada encarregada de congratular-se com os príncipes pela sua segurança e de convidá-los novamente para o lar ancestral. A essa altura não apenas Drupada mas também, e com mais intensidade ainda, Krishna e seu irmão Balarama tinham se tornado amigos e conselheiros dos Pandavas, e estes só aceitaram as propostas de amizade feitas por seu parente Dhritarashtra quando os três os aconselharam a isso. Então, tomando Kunti, sua mãe, e Draupadi, sua rainha, eles partiram para a cidade de Hastinapura.

A volta dos Pandavas

Chegando lá eles descansaram e depois foram levados à presença de Dhritarashtra. Este então lhes disse que, a fim de evitar distúrbios futuros em sua família, ele estava disposto a dividir o reino e dar-lhes metade dele, destinando-lhes para residência uma extensão erma. Esses príncipes sempre tinham tido o hábito de aceitar alegremente e tirar o melhor proveito do que lhes era oferecido pelo velho soberano. E naquela ocasião não contrariaram essa regra. Não vendo, aparentemente, nenhum problema nessa dádiva de

uma extensão de terra estéril e desabitada para residência, eles prestaram homenagem a Dhritarashtra e partiram para sua nova capital.

Uma vez lá, entretanto, sua energia não teve limites. Oferecendo os sacrifícios de propiciação, eles mandaram medir o terreno necessário para uma nova cidade e providenciaram sua construção, fortificação e adorno, até que se ostentou na planície a famosa Indraprastha, uma morada digna dos próprios deuses, para não falar dos imperadores, tal era a sua beleza e magnificência. Não contentes com edificar a cidade, os irmãos puseram-se a organizar seu domínio e sua administração, e os súditos, percebendo a sabedoria e beneficência desses novos governantes, sentiram-se realmente felizes por estar sob o domínio deles. Não havia miséria naquele reino, causada por falta de pagamento. O camponês tinha livre acesso ao seu soberano. A justiça era bem aplicada; mantinha-se a ordem; paz e prosperidade estavam juntas por todos os lados. Nessa ocasião sugeriu-se a Yudhishtira que ele devia celebrar um Sacrifício da Coroação e aquela idéia começou a causar-lhe alguma ansiedade. A cada hesitação ele procurava o conselho de seus ministros, mas enquanto não obtinha o de Krishna, seu novo amigo de confiança, não ficava seguro quanto ao modo de ação correto. Ele estava cômico dos muitos motivos — bondade, bajulação, interesse particular e vários outros — que guiam o homem quando este dá um conselho, e para a sua mente uma única alma estava acima de todas essas influências. O Sacrifício da Coroação não era um rito a ser cumprido irrefletidamente; para o rei que o realizava, essa cerimônia o estabelecia como soberano sobre todos os súditos. Para fazer isso era necessário que se reunisse um grande número de soberanos tributários, e sabia-se muito bem que nesse grupo de feudatários emboscavam-se perigos imensos. Era em reuniões como aquelas que podiam surgir revoluções. Assim, convinha a quem oferecesse o sacrifício pensar bem sobre o estado das coisas e considerar claramente o que pretendia fazer. Bem-sucedido, ele poderia esperar ser considerado por toda a vida o chefe máximo do império. Mas o menor passo em falso poderia resultar num desastre supremo, afastando-o do trono e até mesmo provocando uma revolução.

O conselho de Krishna

Yudhishtira achava que, embora outros o aconselhassem levemente a empreender o sacrifício, apenas Krishna poderia indicar-lhe o fio do pensamento que devia guiar um monarca em face de uma situação tão grave. Questão por questão, os dois discutiram a situação política dos reinos rivais e as probabilidades de estabilidade do país, de modo geral. Assim, Krishna levou Yudhishtira a ver quais guerras deviam ser empreendidas e que áreas deviam ser subjugadas antes que se pudesse oferecer o sacrifício imperial. Mas Krishna não foi menos enfático que os ministros de Yudhishtira ao encorajá-lo quanto à sua habilitação pessoal e à condição apropriada do reino e do governo deste para a alta posição que ele desejava fazer sua. E tampouco Yudhishtira ou algum de seus irmãos suspeitaram que essa festa os estabeleceria no domínio, mas estaria também fadada a revelar aos olhos de todos, e não apenas aos dos poucos homens de confiança que já as conheciam, a grandeza e a força do próprio Krishna, que só não era rei de fato por estar muito acima dos reis terrenos.

Tendo recebido a orientação de seu excepcional conselheiro, Yudhishtira tratou de pô-la em prática, atentando para cada particularidade, e somente quando tudo ficou concluído anunciou sua intenção de realizar o festival da coroação. Mesmo depois disso, os preparativos para o sacrifício demoraram muito tempo, mas finalmente tudo ficou pronto e enviaram-se convites em todas as direções, e reis e heróis começaram a aparecer. Um deles era Narada, que tinha visão interior; olhando aquele grande ajuntamento e vendo Krishna como seu verdadeiro centro e causa, ficou cheio de admiração respeitosa, e onde outros viam apenas brilho e festividade ele era todo reverência e se sentava a observar, absorto na veneração.

Chegado o último dia do sacrifício, quando a água sagrada estava prestes a ser aspergida sobre a cabeça de Yudhishtira, Bhishma, chefe de ambas as casas reais, sugeriu que, como cortesia aos convidados, se prestasse uma homenagem a cada um deles, de acordo com sua linhagem e precedência. E dado que os olhos do velho avô pousaram ternamente no rosto de Krishna, foi este, como a encarnação de Deus, o primeiro a receber as honras reais.

A disputa pela precedência

Mas entre os reis ali reunidos, havia um que invejava a precedência dada a Krishna, entre os soberanos, como se a condição de monarca governante coubesse também a ele. Esse hóspede, Shishupala, irrompeu em amargas censuras a Bhishma e a Yudhishtira em razão do que considerava um insulto feito aos vassallos tributários, colocando antes deles um outro que não podia reivindicar a precedência por direito de independência, longa aliança, idade ou parentesco. Krishna por acaso era, perguntou ele, o mais velho entre os presentes? Como podia uma tal reivindicação ser sustentada enfaticamente quando Vasudev, seu pai, estava presente? Ou ele tinha sido celebrado como mestre ou professor? Mas ali estava Drona, o brâmane, que fora professor particular de todos os príncipes reais. Ou os príncipes Pandava lhe haviam dado precedência por causa de seu valor como aliado em tempo de guerra? Nesse caso, o

150

escolhido deveria ter sido Drupada, que além de ser pai de Draupadi, sua rainha, mais que qualquer outro era ligado a eles. Mas se a oferta fora orientada pelo amor e pela reverência, então seguramente o velho Bhishma, seu parente, o elo entre duas linhagens, tinha mais direito.

A essas palavras de Shishupala, alguns convidados começaram a manifestar descontentamento tanto com o sacrifício quanto com o senhor dele, e tornou-se evidente que Shishupala era o líder de uma facção que podia assumir o encargo de impedir o término das cerimônias. Mas um sacrifício real não concluído a contento era prenúncio de grandes desastres para o reino e seus súditos. Conseqüentemente, Yudhishtira demonstrava grande ansiedade e fazia todo o possível para acalmar o irado rei. Este, entretanto, como uma criança mimada ou um homem austero e inflexível, recusava-se terminantemente a se aplacar. Percebendo isso, Yudhishtira olhou para Bhishma em busca de conselho. Bhishma, no entanto, não se esforçou por apaziguar o velho rei. Risonho, ele ignorou o ar preocupado de Yudhishtira. "Espera", disse ele, "ó rei, até o senhor Krishna reagir a esse caso! O cão pode matar o leão? Em verdade, esse rei parece exatamente igual a um leão, enquanto o leão não acorda; quando isso acontecer, veremos o que ocorrerá".

Mas Shishupala ouviu as palavras proferidas por Bhishma e, profundamente irritado por ter sido comparado com um cão, dirigiu-se ao venerável estadista com palavras claramente insultuosas e imoderadas. Chamou-o de velho patife, sempre tagarelando sobre moralidade, e a essas palavras seus próprios amigos e aliados se encheram de horror e esperaram ver uma sentença cair rapidamente sobre a cabeça de alguém que havia esquecido a tal ponto a dignidade devida aos de sua posição. Bhishma, no entanto, não mostrou alteração. Permanecendo calmamente ali, ele levantou a mão, ordenando silêncio, e logo que todos se calaram falou com o zangado Bhima, irmão de Yudhishtira, cujos olhos vermelhos mostravam que ele tomava as palavras ditas por seu honrado avô como um desafio a si próprio.

A história de Bhishma

"Acalma-te, ó Bhima", disse Bhishma, "e ouve com atenção a história desse Shishupala. Ele nasceu de linhagem real, com três olhos e quatro braços, e logo ao nascer zurrou como um burro. Seu pai e sua mãe, assustados com esses augúrios, pensavam em abandonar a criança quando ouviram uma voz vinda do ar que lhes dizia: 'Nada temais; acaríciai esse menino. Seu tempo ainda não chegou. Já nasceu um que o matará com armas quando for a hora do seu fim. Mas antes disso ele será afortunado e terá uma posição elevada'.

"Então a rainha, sua mãe, muito confortada com essas palavras, tomou coragem e perguntou: 'Quem será o matador de meu filho?' E a voz respondeu: 'Aquele em cujo colo teu filho estará sentado quando seu terceiro olho desaparecer e caírem os dois braços a mais que ele tem'.

"E depois disso o rei e a rainha de Chedi fizeram juntos uma série de visitas reais e em todas as partes aonde eles foram pediram ao rei do lugar, de quem eram hóspedes, que tomasse nos braços seu filho. Mas em parte alguma o menino perdeu os braços acrescentados nem tampouco desapareceu seu terceiro olho.

"Então, desapontados, eles voltaram à sua cidade, ao seu palácio. E quando já estavam lá há algum tempo, foi visitá-los o jovem príncipe Krishna e seu irmão mais velho. Eles começaram a brincar com a criancinha. Mas

quando Krishna pegou-o ao colo, imediatamente o terceiro olho da criança foi se enrugando e acabou por desaparecer, e os dois braços invulgares também sumiram. Então a rainha de Chedi soube que seria ele o matador determinado pelo destino para seu filho e, caindo de joelhos, ela disse: 'O senhor, concedei-me uma graça!'

"E o senhor Krishna respondeu: 'Diga-me qual'.

"E ela pediu: 'Prometei-me que quando meu filho vos ofender, vós o perdoareis'.

"E ele concedeu: 'Sim, se ele me ofender, mesmo cem vezes, eu o perdoarei'.

"Aquela criança é esse Shishupala", continuou Bhishma, "que agora, confiando na caridade do Senhor, convoca-te para a luta. Na verdade ele deve ser uma parte da energia do Criador, e essa energia o Todo-Poderoso agora retoma dentro de si. É por isso que ele pode produzir sua própria destruição; por isso é que ele está provocando tanto ódio e rugindo como um tigre perante nós sem se preocupar com o resultado."

A fúria de Shishupala foi aumentando durante a fala de Bhishma, e assim que este a concluiu ele sacou da espada, ameaçador, e disse: "Velho caduco! Não sabes que estás vivo neste momento apenas pela minha própria bondade e a desses outros reis?"

"Quer isso seja ou não verdade", respondeu Bhima com grande altivez e calma, "fica sabendo que a todos os reis do mundo eu estimo, mas como uma insignificância. Se eu for morto como uma fera do campo ou queimado num incêndio de floresta, seja qual for a consequência, ponho aqui o pé sobre a cabeça de todos vocês. Aqui, diante de nós, está o Senhor. A ele temos adorado. Que entre em conflito com ele apenas quem deseja a morte imediata. Mas quem o fizer pode mesmo convocá-lo para o combate — o da tez escura, que empunha o disco e a clava —, e ao cair penetrará e se misturará com o corpo desse deus."

A morte de Shishupala

Quando terminaram as palavras solenes de Bhishma, todos os presentes voltaram os olhos para Krishna. Atento, ele olhava calmamente para

Shishupala, que estava inflado de ódio; a atitude do príncipe dos Vrishnis parecia a de alguém cuja mente convocasse armas celestiais em sua ajuda. E quando Shishupala riu insultuosamente, ele apenas disse: "A taça de tuas más ações, ó pecador, está agora cheia". Enquanto dizia isso, o disco flamejante surgiu por detrás dele e, sobrevoando o círculo de reis, desceu sobre o elmo de Shishupala e dividiu-o inteiramente, da cabeça aos pés. Depois, qual massa de chamas, surgiu a alma daquele indivíduo mau; abrindo seu próprio caminho, ela se curvou e desapareceu no interior dos pés do próprio Krishna. Tal como Bhishma havia declarado, ele, caindo, penetrou e se misturou ao corpo daquele deus.

E esse foi o fim de Shishupala, que havia pecado cento e uma vezes e fora perdoado. Pois mesmo os inimigos do Senhor conseguem a salvação pelo pensamento dirigido somente a ele.

VIL O DADO FATAL

Então, quando terminou o sacrifício imperial de Yudhishtira, seu primo Duryodhana continuou por muitos dias a ser hóspede dele no palácio que os irmãos tinham construído para essa finalidade em Indraprastha. E com Duryodhana permaneceu ali, como amigo e companheiro, um tio seu chamado Sakuni, que estava destinado a ser seu gênio do mal. Juntos, eles examinaram a mansão que os Pandavas haviam construído. Num dos cômodos depararam-se com um piso de cristal, e o príncipe Duryodhana, tomando-o por água, atirou para o lado suas roupas, como se tencionasse vadear; então, descobrindo seu erro, ficou absolutamente mortificado. Mas no dia seguinte, deparando-se com um lago, imaginou ser cristal e se atirou nele, o que o tornou desde então alvo de brincadeiras afáveis. Mas tudo o afetava amargamente. Portas de cristal pareciam-lhe estar abertas; se abertas, ele as suspeitava fechadas, e os tormentos iam se somando em sua mente. Além disso, a beleza das paredes ornadas com jóias, das saletas e saguões decorados com estrelas e dos corredores com milhares de pilares entalhados enchiam-no de inveja, e em seus pensamentos ele comparava Hastinapura com Indraprastha e de si para

si declarava os Pandavas inimigos. Foi com essa disposição de ânimo que terminou sua permanência com o primo e ele retornou a Hastinapura.

Sabia-se bem que Yudhishtira era sensível em todos os aspectos que envolviam a honra da fidalguia. Ora, havia um assunto que envolvia o verdadeiro cavaleiro: do mesmo modo como devia responder a um desafio para a batalha, ele devia concordar com um desafio para os dados. Mas nesse particular o mais velho dos Pandavas era conhecido como extremamente fraco. Jogava mal e era sujeito à embriaguez do dado. Quando as apostas estavam sendo feitas ele costumava perder a cabeça e lançar os dados com selvageria, e nessa ocasião ninguém conseguia obter sua atenção para argumentar com ele. Por essa razão, Yudhishtira evitava jogar, a menos que o jogo fosse imperativo em razão de uma provocação cavalheiresca.

Ora, Sakuni, o tio e companheiro de Duryodhana, a despeito de sua alta posição era um jogador cuja habilidade com os dados havia atingido os píncaros graças à prática exaustiva. Nisso não havia ninguém vivo que o ultrapassasse, e como todos os de sua espécie, ele estava sempre ávido de novas vítimas. Sakuni começou a falar repetidamente sobre a bem conhecida fraqueza de Yudhishtira, insistindo com Duryodhana em que ele devia ser convidado para jogar em Hastinapura.

O desafio

Não foi difícil obter a permissão do velho Dhritarashtra, que sempre era como argila nas mãos de seu filho mais velho, e o próprio Vidura, apesar de seus protestos, foi despachado para Indraprastha a fim de desafiar Yudhishtira para jogar dados. Nesse meio tempo erigiu-se rapidamente uma grande Casa de Jogos e fizeram-se todos os preparativos para receber os hóspedes reais.

Yudhishtira ficou muito circunspecto quando, em Indraprastha, soube da incumbência com a qual Vidura havia sido enviado. "Jogos sempre causam dissensões", disse ele. "Quem serão os outros jogadores?"

Vidura mencionou todos eles, e a cada nome pronunciado Yudhishtira e seus irmãos ficavam mais apreensivos. Todos eles eram homens conhecidos por sua habilidade e pelos métodos inescrupulosos que usavam, e notória era

também sua avidez pelo jogo. Contudo, compreendendo finalmente que o convite era também uma ordem do rei, Yudhishtira mandou que todos ficassem preparados para a viagem. "Acho que é a chamada do destino", disse ele. "De que adianta um homem lutar contra o destino?" E com o coração pesado os heróis e Draupadi partiram para Hastinapura, onde os receberam com as devidas honras reais e, tão logo descansados, foram conduzidos à mesa de jogo.

Com manifesta relutância, anuindo apenas em obediência ao desejo do rei e à honra de sua ordem, Yudhishtira sentou-se diante da corte reunida para jogar com Sakuni. O próprio Dhritarashtra estava presente, junto com Bhishma, Drona, Vidura e todos os ministros. Anunciou-se claramente, a despeito da irregularidade do ato, que Duryodhana pagaria as apostas perdidas por Sakuni.

Mas uma vez começado o jogo, Yudhishtira tornou-se, como todos os presentes previam, um homem transtornado. A cada lançamento ele era anunciado como perdedor e a cada vez, pálido e com as mãos frenéticas, ele gritava pedindo apostas mais altas e mais preciosas. As graves pessoas presentes sentavam-se de cabeça baixa, o rosto escondido entre as mãos. E os Pandavas conservavam-se quietos, a respiração presa, sentindo-se à mercê do irmão, que era também seu soberano, embora estivessem com o coração estourando de raiva e desejassem agarrar pela garganta seu adversário e tirar-lhe vida. Apenas o insolente Duryodhana ria alto e resplandecia com o triunfo, enquanto a loucura de Yudhishtira ficava cada vez mais patente para toda aquela augusta assembléia. Mas o fraco Dhritarashtra estava tomado de medo, pois podia sentir o pensamento de todos os presentes e sabia bastante bem, no seu modo tímido, que uma tempestade estava então se formando e não terminaria enquanto não se exterminasse toda a casa. Vidura, sentado ao lado dele, fazia-o lembrar-se de como os asnos haviam zurrado quando Duryodhana nasceu. O monarca estremecia, e contudo não tinha força para fazer parar o jogo.

A perda de Draupadi

Enquanto isso, a loucura de Yudhishtira progredia. A cada jogada ele perdia e Sakuni ganhava. As jóias se foram, foram-se o tesouro real, carruagens, criados, bandeiras estrebrias — todas as espécies de posses se seguiram. Então o jogo entrou em uma fase mais perigosa. O rei apostou seu reino e perdeu. Yudhishtira estava demente; não havia esperança de atingi-lo com argumentos, e um a um, na paixão de jogador, ele apostou seus irmãos, a si próprio e Draupadi — e perdeu!

"Ahá!", gritou o maldoso Duryodhana pondo-se de pé de um salto, numa alegria indisfarçável. "Vai, Vidura, e traz-nos a virtuosa Draupadi, para que a rainha dos Pandavas possa varrer nossos pisos." Mas Vidura amaldiçoou Duryodhana pela perversidade que o fazia insultar uma mulher e trazer a ruína a todos eles, e foi preciso enviar um cortesão em busca de Draupadi. Quando, por fim, a esposa de Yudhishtira ficou diante deles e foi-lhe dito que seu marido fizera com que ela se tornasse escrava da facção de Duryodhana, ela perguntou em que condições estava Yudhishtira quando propusera uma tal aposta. Quando lhe disseram que primeiro ele havia perdido a si mesmo para Sakuni e mais tarde a oferecera em aposta, ela respondeu, em triunfo, que contestava a transação. Como podia alguém que é, ele próprio, escravo, ser dono de alguém livre e dispor dessa pessoa? E todos os presentes sentiram a segurança de seu arrazoado, embora Duryodhana não admitisse ter sido derrotado.

Então, quando a disputa estava no auge e o comportamento ilegítimo de Duryodhana na presença de Draupadi ameaçava incitar Bhima e Arjuna a matá-lo, naquele mesmo instante ouviu-se o uivo de um chacal nas vizinhanças de Dhritarashtra. E em resposta àquele uivo de chacal veio o urro longínquo de um asno e alguns pássaros também soltaram gritos roucos e terríveis. Então Bhishma, Drona e Vidura viraram-se tranqüilamente e se entreolharam, e Uhtarashtra ficou pálido e começou a tremer, pois ouvira os sons e os compreendera. "Pede uma dádiva, Draupadi!", ordenou ele levantando a mão trêmula para fazer cessar o clamor que havia à sua volta.

"Pede uma dádiva, filha! Eu te concederei qualquer coisa que quiseres." A essas palavras Draupadi olhou para cima. "Eu, que sou livre", disse ela tranqüila e orgulhosamente, "peço a liberdade do pai de meu filho, Yudhishtira."

"Está concedido", disse Dhritarashtra. "Mas, ó princesa, pede mais!"

"E a liberdade de todos os seus irmãos", prosseguiu Draupadi, "com suas armas, seus carros de guerra e seus pertences pessoais."

"Concedido. Mas, ó princesa, pede mais."

"De modo algum", disse Draupadi firme e desdenhosamente. "Os Pandavas, armados e livres, podem conquistar o mundo inteiro. Não precisam de nenhum favor!"

E Karna, olhando para a frente, disse: "Já houve uma mulher como essa? Os Pandavas estavam afundando num oceano de desespero e a princesa dos Panchalas fez de si um navio para levá-los a salvo para a praia."

Imediatamente surgiu, entre os príncipes recém-libertados, uma feroz discussão quanto a se eles não teriam o dever de matar Duryodhana pelos insultos feitos a Draupadi, e os que estavam presentes sabiam que no calor de sua fúria saiu fumaça dos ouvidos de Bhima. Mas Yudhishtira, que voltara à calma habitual, acalmou-os. Ele virou-se para Dhritarashtra e lhe perguntou qual era o desejo real.

"Ah, volta para tua cidade e leva teus bens contigo, e governa teu reino!", implorou o velho, agora totalmente aterrorizado. "Felizmente estás no teu juízo perfeito. Parte para Indraprastha tão depressa quanto possível. Peça-te apenas que não guardes mágoa de nós pelo que se passou." E os Pandavas estavam bastante satisfeitos de levar a cabo suas instruções. Assim, com todas as formalidades de cortesia eles mandaram aprontar suas carruagens e escoltas e sem demora partiram para Indraprastha. Duryodhana estava ausente quando seu pai, Dhritarashtra, em pânico apressou a partida dos Pandavas para Hastinapura. Entretanto seus maus conselheiros se aglomeraram em volta dele exclamando: "Estamos destruídos! Tudo o que tínhamos ganhado, o velho pôs fora. Ele devolveu a fortuna para nossos inimigos!"

Duryodhana apressou-se a ir para o lado do pai e, sem assustá-lo com censuras, mostrou-lhe claramente o perigo de permitir que os Pandavas, depois dos terríveis insultos que lhes haviam sido dirigidos, tivessem de volta seus amigos, seus exércitos e suas provisões. Dhritarashtra ouvia atento e hesitava. Então Duryodhana fez a fantástica proposta de trazer de volta os Pandavas para que eles jogassem os dados uma vez mais e aquele que

perdesse, fosse quem fosse, se retiraria para a floresta por doze anos, para viver como asceta, e passaria o décimo terceiro ano em uma cidade desconhecida, completamente incógnito, e se fosse reconhecido, passaria outros doze anos na floresta, como penalidade. Durante esse tempo, insistiu Duryodhana, Dhritarashtra poderia assenhorear-se de alianças importantes e de um vasto exército permanente, que não seriam facilmente conquistados por cinco príncipes errantes. Assim eles se recuperariam da loucura de lhes ter permitido partir.

O velho rei ouviu e, submisso como sempre, disse: "Eles que voltem! Traze-os de volta!"

"Não, não!", gritaram todos os ministros que o rodeavam, até mesmo Karna. "Não, não! Que haja paz agora." Mas Dhritarashtra disse: "O desejo de meu filho será satisfeito. Que eles sejam chamados novamente."

Então até Gandhari, a velha rainha, foi ao salão do conselho e implorou ao rei, seu marido, que expulsasse Duryodhana, o filho mais velho do casal, de preferência a consentir-lhe novamente fazer o que queria.

Mas a obstinação de Dhritarashtra era a de uma inteligência fraca. Ele disse: "Se nossa linhagem está para ser destruída, não sou capaz de impedi-lo. Que o desejo de meu filho seja realizado. Que os Pandavas voltem".

A continuação da disputa

Yudhishtira e seus irmãos estavam a grande distância, ao longo da estrada, quando o mensageiro real os fez

parar, com uma ordem real para que voltassem. Não havia grande necessidade de obediência. Eles sabiam muito bem do que se tratava. Poderiam perfeitamente ter usado uma boa desculpa e seguido para sua cidade. Mas a mente de um homem sob a influência da calamidade torna-se perturbada. Às palavras "Volta para jogar", Yudhishtira assumiu o aspecto de um homem enfeitiçado. Pouco tempo depois, para desespero de todos os seus amigos, os Pandavas entraram novamente em Hastinapura e apresentaram-se para jogar.

Uma vez mais os dados foram atirados. Sakuni tornou a gritar "Ganhei!" E os Pandavas levantaram-se, senhores de si mesmos mas condenados a doze anos nas florestas e um décimo terceiro incógnitos, em alguma cidade; e

dali, se reconhecidos, tinham de voltar à floresta para outros treze anos de exílio.

Mas quando soturna e silenciosamente aqueles homens partiram para o exílio, os sábios que ali estavam previram, observando o modo como eles se foram, um retorno terrível — um retorno que seria desastroso para todos os seus inimigos.

VIII. O KIRAT-ARJUNA

Enquanto os Pandavas, por causa da derrota nos dados, viviam exilados na floresta, a mente de Yudhishtira divagava muito sobre a fraqueza deles comparada com a força e os recursos de Duryodhana. Ele previa claramente que no futuro as diferenças entre seus primos e eles teriam de ser decididas pelo êxito na guerra. E lembrava que Duryodhana estava na posse efetiva do trono e do tesouro, e que eram amigos dele e — disso ele tinha certeza — devotados a ele todos aqueles corajosos guerreiros que na juventude haviam sido amigos de ambos. Yudhishtira acreditava que Drona e seus discípulos, acima de tudo Kama, combateriam e seriam capazes até de morrer por Duryodhana, filho do rei Dhritarashtra, mas não fariam isso pelos Pandavas.

Exatamente quando o mais velho dos Pandavas estava tomado por esses pressentimentos, um homem santo foi visitar o retiro dos irmãos e no instante em que viu Yudhishtira começou a dar-lhe uma resposta para a dúvida que havia em sua mente. "Estás perturbado, ó rei, com a capacidade das forças de teus amigos em relação à de teus inimigos. Vim até ti por esse motivo. Não há nada no mundo que possa derrotar teu irmão Arjuna, se ele dirigir-se às montanhas e obtiver a visão do Grande Deus. Teus inimigos estão destinados a ser mortos. Que Arjuna vá para as montanhas e lá, sozinho, jejue e ore." Assim escolhido, Arjuna fez votos de austeridade, prometendo não se deixar desviar por nada que encontrasse. E partiu para os Himalaias. Ao atingir o sopé das montanhas encontrou um homem santo, sentado ao pé de uma árvore. O homem lhe disse que qualquer dom espiritual que ele escolhesse poderia ser seu, com a bênção eterna, bastando-lhe nomear o que desejava. Mas o cavaleiro respondeu desdenhosamente que deixara seus irmãos na

floresta, ao sul e fora até ali para obter armas divinas. Não iria aceitar bênçãos e deixá-los desassistidos. E o homem santo, que não era outro senão o deus Indra disfarçado, abençoou-o e aprovou sua resolução. Então Arjuna, tendo passado por essa tentação, prosseguiu em direção às altas montanhas, onde ficaria à espera de sua visão.

Atravessando as densas florestas, ele logo chegou ao coração das montanhas e ali se instalou, entre árvores e regatos, ouvindo as canções dos pássaros e cercado por bonitas flores, para praticar seu voto de oração, vigília e jejum. Vestido com escassas roupas feitas de capim e pele de corça, ele se alimentava de folhas secas e frutos caídos das árvores, e a cada mês reduzia sua ração, até que no quarto mês pôde viver somente de ar, sem ingerir nenhum outro alimento. Com os constantes banhos e a purificação, sua cabeça parecia um relâmpago. Ele podia ficar dias e dias com os braços levantados, sem se apoiar, até a terra começar a soltar fumaça e os seres sagrados começarem a tremer com o calor de sua penitência.

O javali

Um dia, quando ele realizava sua adoração matinal, oferecendo flores a uma pequena imagem de argila do Grande Deus, um javali investiu contra ele para matá-lo. E Arjuna, em quem os instintos do soldado e do desportista sempre predominavam, agarrou o arco e as flechas e levantou-se para matar a criatura. E naquele momento a floresta se tornou estranha e solenemente silenciosa. O som das fontes, das correntezas e dos pássaros cessou de súbito. Mas Arjuna, cujo espírito ainda estava em sua adoração inacabada, não notou isso. Retesando o arco, ele arremessou uma flecha e atingiu o javali. No mesmíssimo instante o animal foi ferido por um outro dardo, que parecia igualmente possante, e com um urro caiu e morreu. Mas a fúria do desportista tinha se acendido em Arjuna e aparentemente no seu rival desconhecido também, pois cada um achava que seu próprio arremesso fora desviado no último momento. Surgiu à sua frente, tão irritado quanto ele próprio, um caçador que parecia ser um rei das tribos das montanhas, acompanhado de sua rainha e de todo um séquito de alegres cortesãos. A energia de seu corpo

fazia-o brilhar, e ele disse: "Como te atreveste a arremessar? A caça era minha!"

"Lutemos por ela!", disse Arjuna, e os dois começaram a dirigir suas flechas um para o outro.

Para a estupefação do mortal, o corpo do caçador engolia sem nenhum abatimento aparente as flechas disparadas, e Arjuna arremessou até esvaziar a aljava. "Lutemos corpo-a-corpo, então", gritou ele e atirou-se contra seu oponente. Mas nesse momento ele recebeu no coração o toque de uma mão e, em vez de prosseguir o combate, voltou-se incontinenti para terminar sua adoração. Apanhando uma grinalda, ele a lançou em redor da imagem, mas no instante seguinte as flores estavam no pescoço do rei da montanha.

"Grande Deus! Grande Deus!", gritou Arjuna caindo em êxtase aos pés de seu hóspede inesperado. "Perdoai-me pelas investidas que fiz contra vós!"

Mas o Grande Deus, muito contente, ergueu a mão e abençoou seu adorador, concedendo-lhe a dádiva das armas divinas, que poderiam ser lançadas pelo espírito, pelos olhos, pelas palavras e pelo arco. Tais armas não deveriam nunca ser usadas antes que todas as outras tivessem sido esgotadas. Nunca deveriam ser usadas contra inimigos fracos. Pois na verdade elas seriam capazes de destruir o universo. Então o Grande Deus presenteou Arjuna com o Gandiva, o arco divino, e abençoando-o virou-se, deixou aquela montanha, com seus vales, cavernas e picos nevados, e subiu ao céu com todo o seu séquito.

Foi assim o Kirat-Arjuna, a visão que Arjuna teve de Mahadeva, o Grande Deus, como um kirata, ou caçador.

IX. A DONZELA QUE SE TRANSFORMOU EM CAVALEIRO

E então aconteceu que a rainha mais velha de Drupada, rei dos Panchalas, era estéril já há muitos anos. E Drupada adorava Shiva todo dia, orando para ter um filho, não uma filha; e dedicava esse seu filho, antecipadamente, à tarefa de ajudar na destruição de Drona.

Por fim, depois de muitas orações e severo ascetismo, o próprio Shiva abençoou-o, dizendo: "Basta, ó rei! No devido tempo terás uma criança que

será primeiro uma filha e depois um filho. Esse fato estranho está decretado para ti. Não falhará!"

Então Drupada voltou para casa e contou à sua rainha a promessa que lhe tinha sido feita. E ela, sendo uma mulher de grande fé, sentiu-se muito comovida com a graça divina e fez toda a sua mente se acomodar a esse decreto do destino.

Transcorrido o tempo devido, a rainha deu à luz uma filha de grande beleza, mas por acreditar intensamente que a promessa de Shiva seria cumprida, tornou público que havia dado à luz um filho. E Drupada, apoiando-a na proclamação, fez realizarem-se todos os ritos adequados ao nascimento de um filho. A mãe guardava cuidadosamente seus próprios planos e depositava uma confiança inabalável em Shiva. O pai dizia por toda parte: "Ela é um filho", e ninguém em toda a cidade suspeitava que aquela filha ocultada não fosse um filho. E ela foi chamada Shikhandin, porque esse nome tinha uma forma feminina, que era Shikhandini. Drupada tomava todo o cuidado na educação desse Shikhandin-Shikhandini. Ela aprendeu a escrever e a pintar, e também todas as outras artes adequadas a um homem. Pois seus pais viviam diariamente na expectativa de um milagre, para cuja ocorrência lhes cabia estar prontos. E em arremesso e defesa a criança tornou-se aluna do guru real, Drona, e no manejo das armas não era absolutamente inferior a outros príncipes.

Então, como Shikhandin estava começando a crescer, sua mãe incitou o marido a encontrar uma esposa para o suposto filho e casá-lo, à vista de todo mundo, com alguma princesa de família real. Assim, Drupada enviou em todas as direções embaixadas de contrato de casamento e finalmente selecionou uma donzela, que seria pedida em nome do príncipe Shikhandin. Essa donzela era uma filha de rei. Mas então, pela primeira vez, murmúrios do terrível segredo começaram a chegar aos ouvidos do rei, pai da princesa prometida em casamento a Shikhandin. E ele, julgando-se deliberadamente insultado naquela questão tão grave que era a honra do nome das mulheres de sua casa, enviou a Drupada mensagens com ameaças de vingança. Ele destruiria, declarou, e mataria os dois, Drupada e sua filha, e colocaria um dos seus no trono dos Panchalas.

Nessa crise o sentimento de sua própria culpa fez Drupada tornar-se um tanto fraco. Entretanto a rainha chamou publicamente para si a responsabilidade pela fraude. Ela disse a seu marido na presença de outras pessoas que havia obtido do deus Shiva uma promessa e, confiando nessa promessa, havia enganado o marido, que por isso anunciara a todo o mundo o nascimento de um filho. Ela havia sido totalmente responsável, e ainda acreditava na palavra do Grande Rei: "Nascida uma filha, essa criança se transformará em filho!"

Drupada fez essa declaração perante seus conselheiros e eles Confabularam, todos juntos, tendo em vista a proteção da cidade e dos súditos contra o futuro invasor. Em primeiro lugar eles recusaram-se a admitir que realmente tivesse sido feito ao irmão monarca um insulto da gravidade daquele que se afirmava ter ocorrido. As propostas de casamento haviam sido apresentadas na maior boa-fé e eram propostas perfeitamente apropriadas e respeitáveis. Shikhandin era um homem, repetia-se; não era mulher. Então eles fortificaram a cidade e reforçaram as defesas. E por fim instituíram-se extraordinárias cerimônias de adoração e o rei apelou para os deuses, pedindo que cada templo de sua terra o ajudasse nessa crise.

Contudo Drupada tinha suas horas de depressão. Nessas ocasiões ele ia discutir a situação com a esposa e ela fazia o possível para animá-lo; empenhava todos os esforços para manter seu ânimo. Homenagens aos deuses era bom, dizia ela, quando ajudadas pelo comportamento humano; ele nem imaginava o quanto se podia confiar nisso. Essas duas coisas juntas sempre levavam ao sucesso. Indubitavelmente o sucesso se seguia a elas. Quem podia negar isso?

A decisão de Shikhandini

Enquanto marido e mulher conversavam assim, sua filha Shikhandini ouvia, e ficou com o coração pesado ao compreender o mudo desespero que toda essa insistente animação tentava esconder. Era o sentimento de culpa que lhes solapava a coragem, e a raiz de tanta inquietação e também de sua falta estava nela mesma. Ah, ela era tão inútil! Que coisa boa seria se pudesse ir-se dali e não mais se ouvisse falar seu nome! Mesmo que ela morresse, o

que importaria? Perdê-la apenas livraria seus pais de um peso que poderia custar-lhes a vida ou o reino.

Assim pensando, em profundo desalento, ela saiu da cidade e caminhou sozinha até chegar à borda de uma floresta solitária e escura. Ora, essa floresta tinha a reputação de ser assombrada. Nela havia uma herdade abandonada, com altos muros e um portão, onde se sentia por toda parte um cheiro penetrante de fumaça e grãos. Mas era possível andar à volta dessa casa dia após dia sem encontrar seu dono, embora não se ficasse tampouco com a impressão de que ela não tinha um dono. Na verdade, aquela era a habitação de um poderoso espírito, um yaksha conhecido como Sthuna. Ele era cheio de bondade, mas apesar disso o nome da casa era uma palavra que infundia medo entre os habitantes do campo, por causa da devastação e do mistério que a cercavam.

Mas Shikhandini não tinha idéia de nada disso quando entrou no lugar. Ela foi atraída pela porta aberta, pela paz e o silêncio imperantes; e uma vez lá dentro, sentou-se no chão, mergulhada em sua dor, e assim permaneceu por horas e dias, esquecendo-se de comer.

O bondoso yaksha viu-a e foi ficando cada vez mais aflito com a angústia que nela se percebia. Nada podia desviar daquela meditação profunda a atenção da visitante, e seu esquecimento de si mesma parecia infinito. O cordial yaksha, incapaz de confortá-la, só podia mostrar-se e instar com ela para que lhe dissesse o que desejava. E foi o que ele fez, implorando-lhe ao mesmo tempo em que lhe contasse o que a afligia e incentivando-a, com todos os meios de que dispunha, a confiar nele. Disse-lhe que era um seguidor de Kuvera, Deus da Riqueza. Não havia nada que ele não pudesse conceder, se lhe fosse pedido. Até mesmo o impossível ele poderia lhe conceder. Que a princesa apenas lhe contasse seu aflição. "Ah!", irrompeu Shikhandini, incapaz de, naquela necessidade desesperadora, resistir a uma tão extraordinária bondade. 'Ah!, fazei de mim um homem, um homem perfeito! Meu pai está em perigo de vida e nosso país corre risco de ser invadido; e se eu fosse homem isso não aconteceria. Ah! Vossa Graça, grande yashka, fazei-me homem e deixai-me conservar essa masculinidade até que meu pai seja salvo!" E a pobre Shikhandini começou a chorar.

Shikhandini realiza seu desejo

Isso era mais do que seu bondoso anfitrião podia suportar, e, por estranho que pareça, ele se sentiu capaz de fazer qualquer coisa no mundo, mesmo aquele absurdo pedido por ela, se aquilo confortasse a infeliz senhora. Então, no momento e ali, ele fez com ela um pacto. Ele lhe daria sua forma resplandecente, sua masculinidade e toda a sua força e se tornaria mulher, no lugar dela, e permaneceria escondido em sua casa. Mas quando o pai dela estivesse de novo salvo, ela deveria voltar e fariam nova troca. Ela seria uma vez mais Shikhandini, a princesa, e ele seria novamente Sthuna, o yaksha.

Não há palavras para descrever a alegria do cavaleiro Shikhandin quando ele saiu da presença do yaksha e partiu para salvar da destruição seu pai e a cidade dele. Mas, ai do pobre yashka. Aconteceu dentro de um dia ou dois que seu mestre, o Deus da Riqueza, fez um passeio real por aquelas paragens e, não vendo Sthuna, ordenou que ele viesse à sua presença. E quando o pobre yashka, encolhido, com forma e garbo alterados, apareceu acanhado diante dele, Kuvera, seu rei, entre riso e desagrado, declarou veementemente: "Isso não será desfeito! Permanecerás mulher e ela permanecerá homem". E então, abrandando um pouco, pois percebera o medo no rosto do yaksha, ele acrescentou: "Será assim até pelo menos a morte de Shikhandin. Depois disso, esse coitado pode tomar de volta a sua forma original".

No devido tempo, estando tudo salvo e em paz, o príncipe Shikhandin voltou a Sthuna, conforme havia prometido, para se despojar de sua masculinidade. E quando o yaksha viu que no coração desse mortal não havia fraude, ficou muito tocado e contou toda a verdade — que ele próprio tinha sido condenado a permanecer em sua feminilidade recém-adquirida. E desafogou o jovem cavaleiro quanto ao dano que este involuntariamente lhe havia causado, dizendo: "Tudo isso foi o destino, Shikhandin. Não poderia ter sido evitado".

Cumpriu-se, pois, a promessa de Shiva feita a Drupada. "A criança que terás, ó rei, primeiro será uma filha e depois será um filho." E assim sucedeu que entre os príncipes e os soldados daquele período houve um que, embora tenha nascido mulher, era na verdade homem e conhecido como Shikhandin, donzela e cavaleiro.

Mas apenas para Bhishma revelou-se que esse Shikhandin não era outro senão Amba, que nascera uma segunda vez com o fim de destruí-lo.

X. A HISTÓRIA DA SENHORA AMBA

Bhishma, o grande cavaleiro, era guardião da casa imperial dos Kurus. E em sua juventude esse Bhishma havia feito um juramento de que nunca se casaria e nunca, embora fosse o legítimo herdeiro, se sentaria no trono do pai. E esse juramento ele o fizera para possibilitar ao pai casar-se com uma donzela-pescadora chamada Satyawati, a quem ele tinha dado seu coração. E aconteceu que quando Shamtanu, o pai de Bhishma, morreu, Bhishma fez sentar no trono seu meio irmão Vichitravirya. E precisou encontrar para esse irmão um casamento adequado, do contrário a sucessão no trono não estaria devidamente assegurada. Então ele ouviu falar que a escolha nupcial das três filhas do rei de Benares —Amba, Ambika e Ambalika — se realizaria dentro em breve e que todos os reis e príncipes do planeta estavam convidados, tendo os pais anunciado que o dote de suas filhas seria a coragem do mais destemido cavaleiro. Assim, elas seriam levadas por aquele príncipe cujo poder as ganhasse sem auxílio sobre todos os demais. O rei de Benares não sabia, ao fazer esse anúncio, que sua filha mais velha, Amba, já estava secretamente prometida a um certo rei de nome Shalwa; e tampouco a princesa achou necessário falar ao pai sobre o assunto, pois estava segura de que seu leal amado, fortalecido pela fidelidade que ela lhe devotava e pela perspectiva segura da felicidade imediata, derrubaria todos os obstáculos e, ostentando sua bravura diante do mundo inteiro reunido, levá-la-ia como prêmio pela vitória. Mas, ai dela! Quando Bhishma soube desse torneio nupcial, ponderou que aquela era uma excelente ocasião para assegurar rainhas à altura do jovem Vichitravirya e decidiu tomar as três donzelas e combater para ganhá-las contra todos os que surgissem.

De conformidade com esse objetivo, Bhishma partiu para a cidade de Benares como um simples cavaleiro, sem comitiva. Chegando à arena real, observou as três donzelas, de beleza sem igual, ricamente vestidas e ornamentadas, e diante delas todos os grandes da terra, sentados em tronos

ou carros, sob pára-sóis reais e baldaquinos bordados de pérolas, cada um com seu emblema exibido na bandeira.

O príncipe fez uma pausa momentânea para observar a cena; depois, com uma voz que parecia o urro de um leão, fez soar por três vezes o grande grito de guerra que convocava seus rivais para o combate mortal.

O desafio

"Bhishma, filho de Shamtanu, pega essas donzelas. Quem quiser, que as salve. Pela força eu as tomo diante de vossos olhos."

Ninguém se mexeu enquanto o desafio era ouvido, e quando pela terceira vez o grito se extinguiu, o cocheiro de Bhishma, num piscar de olhos, girou seu carro de batalha e rapidamente desceu para a arena onde as três princesas esperavam, cercadas de suas acompanhantes. No instante seguinte as criadas foram obrigadas a colocá-las no carro de Bhishma, com uma fileira de servidores alinhados diante delas, e mesmo depois que o grande contra desafio ressoou por todos os lados, os reis irritados terem se levantado e com as espadas desembainhadas saltado sobre carruagem, elefante ou cavalo, conforme o caso, ele se conservou alerta e sorridente, de costas para as donzelas reais e com o arco distendido, pronto para combater por seu prêmio contra um mundo em armas. Nunca tinha havido um arqueiro como Bhishma. Com uma chuva de flechas, ele fez cessar a investida que subitamente se precipitara de todos os lados sobre seu corpo. Ele era como Indra, lutando contra as multidões de asuras. Risonho, cortou com seus dardos flamejantes os magníficos estandartes, inteiramente revestidos de ouro, dos reis que avançavam. Naquele combate ele derrubou os cavalos, os elefantes e os cocheiros desses reis atingindo cada um deles com uma única flecha. Então, vendo como estava leve a mão e certa a pontaria de Bhishma, filho de Shamtanu, todos os reis do mundo desfizeram as fileiras e aceitaram a derrota. E ele, tendo vencido tantos soberanos, ficou com o prêmio real das três princesas e escoltou-as no caminho de Hastinapura, a cidade real, até a rainha-mãe Satyavati, para que elas pudessem se tornar noivas do filho dela, Vichitravirya. Doravante se pôde dizer entre os homens que Amba, Ambika e Ambalika tinham tido como dote a bravura cavalheiresca.

Mas quando se aproximava o dia das núpcias, Amba, a mais velha das princesas, solicitou uma audiência com Bhishma, o guardião da casa imperial, e com muito acanhamento e delicadeza revelou-lhe seu compromisso anterior com o rei de Shalwas. Disse-lhe que não lhe parecia um comportamento nada nobre ela se casar com um homem desejando secretamente outro. Assim, ela pedia a Bhishma que decidisse se lhe seria permitido deixar a corte dos Kurus.

A questão foi prontamente exposta por Bhishma perante sua mãe, o conselho de Estado, os sacerdotes do reino e os da casa real. E todas essas pessoas julgaram-na com boa vontade, como se Amba fosse uma filha protegida com ternura. Então, secretamente, antes do tempo determinado para as bodas do Kuru, permitiram à donzela deixar Hastinapura e dirigir-se à capital do reino dos Shalwas. E sua escolta foi cuidadosamente selecionada, tendo se composto de alguns brâmanes idosos. E, além deles, sua própria criada, que a havia acompanhado desde a infância, viajou com ela.

Chegando à cidade de Shalwas, ela foi até o rei e lhe disse simplesmente: "Eu vim, ó rei. Aqui estou".

Amba é rejeitada

Mas uma certa cegueira e perversidade tomaram conta do rei de Shalwas. Talvez ele estivesse realmente zangado e mortificado por sua derrota nas mãos de Bhishma. E possível que no início sua atitude fosse meio jocosa e aos poucos se tivesse tornado mais e mais amarga e intensa. Ou, talvez — e isso é o mais provável — ele fosse, de fato, um homem indigno e a moça houvesse errado em confiar nele. De qualquer maneira, o rei de Shalwas provou plenamente ser indigno do grande e fiel amor da senhora Amba.

A princípio, com leveza e riso, ele declarou não querer uma esposa que tinha uma vez viajado com Bhishma e que fora destinada a outro noivo. E então ele insultou a princesa, afirmando que ela havia partido alegremente para Hastinapura. Mas ela, pobre senhora, podia afirmar com honestidade que tinha chorado por todo o caminho.

Por fim, ele demonstrou total indiferença, embora ela tivesse insistido em expor seus sentimentos com uma sinceridade cuja lembrança, durante todo o resto de sua vida, a fazia ruborizar. Ele não demonstrou a menor afeição por

ela, voltou-lhe as costas e repudiou-a, dizem os cronistas, como uma serpente se descarta de sua pele velha, sem o menor sentimento de honra ou afeição. E quando a donzela, a primogênita do rei de Benares, por fim compreendeu que essa era a intenção do rei de Shaiwas, seu coração encheu-se de ódio e, entre lágrimas de pesar e orgulho, ela levantou-se e disse: 'Embora me rejeites, ó rei, estarei protegida por minha honradez, pois a verdade não pode ser vencida". E com essas palavras ela se virou e num choro brando partiu apressadamente da cidade.

Sofrendo a mais profunda humilhação e não sabendo para onde se voltar, por aquela noite a donzela real se refugiou num ashrama, como eram conhecidos os grandes eremitérios da floresta, que por acaso era presidido por seu avô. Amba tinha o coração cheio de dor e sua mente estava em total confusão. Ela havia sido escarnejada e rejeitada, mas de quem era a culpa? Quem, Shalwa ou Bhishma, era o maior culpado? Algumas vezes ela se censurava por não se ter recusado publicamente, na arena da disputa, a ir com as irmãs para Hastinapura, sob a proteção de Bhishma. Então responsabilizava o pai pelo estouvamento com que havia anunciado que o dote de suas filhas seria a bravura. Novamente sua imaginação se voltava para Bhishma. Se ele não a tivesse tomado, se ele não a tivesse levado para Hastinapura ou, ainda, se não tivesse providenciado para que ela fosse ao encontro do rei de Shalwas, esse transtorno não lhe teria acontecido. Assim, ela culpava a si mesma, ao pai e a Bhishma, sucessivamente; mas nunca aquela princesa de Benares acolhia em seu coração uma censura ao rei de Shalwas, que ela teria alegremente aceito como seu senhor. Até mesmo para o insulto que lhe fora infligido ela não cessava de encontrar desculpas. Não via a leviandade e a vaidade do rei. Via apenas a provação a que tinha sido sujeita. Sua mente voltou-se para a renúncia ao mundo. Rejeitada de dois lados — pois agora não poderia mais voltar a Hastinapura — e muito orgulhosa para pedir asilo na casa de sua infância, não havia nada diante da donzela real além de uma vida de ascetismo e penitência. E gradualmente, à medida que ela foi se acalmando e aceitou a ajuda e os conselhos dos velhos sábios do ashrama, sua mente começou a se fixar em Bhishma como a fonte e raiz dos infortúnios que a arrasavam, e a destruição de Bhishma pouco a pouco se tornou o móvel de todas as suas autopunições.

Amba e Bhishma

A própria religião ficou do lado de Amba, pois os ermitões, liderados por seu avô, amavam a mortificada senhora e dela se condoíam. E nas épocas posteriores correu a história de um grande combate mítico que Parashu-Rama, que fora professor de Bhishma e era como o próprio Deus, travara contra seu ex-aluno em favor de Amba. E esse combate durou, dizia-se, muitos dias, tendo sido travado com todo o esplendor e poder das divindades guerreiras, até que por fim chegou ao seu término graças à intervenção dos deuses, cercados de todas as hostes celestiais.

Pois eles temiam ver o esgotamento de seres poderosos que deviam reverência e afeição uns aos outros e de forma alguma podiam se matar. Mas ao ser chamada à presença de Parashu-Rama para ouvir a notícia do término do conflito, Amba apenas fez uma reverência e com grande doçura agradeceu ao velho guerreiro aquele empenho de energia em seu favor. Disse que não mais procuraria a proteção de Bhishma na cidade de Hastinapura e acrescentou que a partir de então ela se encarregaria de encontrar um meio de matar Bhishma.

Parashu-Rama, que era quase a divindade dos homens guerreiros, deve ter sorrido ao ouvir Amba, com sua voz suave, prometer a si mesma a glória de matar o cavaleiro a quem nem ele próprio teria sido capaz de derrotar. Mas Amba levantou-se e afastou-se com a cabeça erguida, mostrando no rosto seu desespero. Para ela não havia ajuda agora, nem mesmo dos deuses. Ela devia contar apenas consigo mesma.

Dessa época em diante sua maneira de conduzir-se foi extraordinária. Mês após mês ela jejuou e fez penitências. Beleza e encanto passaram a significar nada para ela. Seus cabelos ficaram emaranhados e ela não cessava de emagrecer. Ficava estática e silenciosa por horas e dias, como se feita de pedra. Dessa forma ela fez mais do que era humanamente possível, e com suas penitências "tornou quente o próprio céu".

Todo mundo instava com ela para que desistisse. Os velhos santos com quem ela vivia, seu pai, por mensagens constantemente enviadas, todos lhe suplicavam que desistisse de sua resolução e vivesse uma vida mais amena.

Mas ela não dava atenção a ninguém; apenas prosseguia com redobrada energia, praticando seus ascetismos. Depois passou a procurar peregrinações, e foi de um rio sagrado a outro, dedicada aos mais difíceis sacrifícios. Durante um desses banhos a própria Mãe Ganges, que, como todos sabiam, tinha sido a mãe de Bhishma, dirigiu-se a ela e perguntou-lhe qual era a causa daqueles sacrifícios. Quando a pobre senhora replicou que todos os seus esforços eram feitos com vistas à aniquilação de Bhishma, o espírito do Ganges repreendeu-a severamente e lhe falou sobre as terríveis conseqüências dos juramentos de ódio. Ainda assim a princesa não desistiu. Enquanto ele não fosse morto por alguém em que ela vivia a se transformar, "nem mulher nem homem", ela não conheceria paz e não abandonaria aquelas práticas.

Por fim, Shiva, o Grande Deus, apareceu-lhe, levado pelo poder de suas preces e sacrifícios, e, de pé sobre ela, empunhando o tridente, perguntou-lhe sobre o favor esperado. "A destruição de Bhishma!", respondeu Amba, curvando-se alegremente a seus pés, pois ela sabia que aquilo era o fim da primeira etapa da execução de seu intento. "Tu o matarás", disse o Grande Deus. Então Amba, exultante e ainda tomada de pasmo, disse: "Mas como, sendo mulher, conseguirei ser vitoriosa numa batalha? É verdade que meu coração de mulher está inteiramente acalmado. Contudo eu vos imploro, a vós que tendes o touro por emblema: prometei-me que eu própria matarei Bhishma em batalha".

Então Shiva respondeu: "Minhas palavras nunca são falsas. Terás um novo nascimento e algum tempo depois obterás a virilidade. Então te tornarás um guerreiro feroz, perito na luta, e, lembrando-se de toda a tua vida presente, com tuas próprias mãos serás o matador de Bhishma".

Depois de dizer isso, o vulto de Shiva desapareceu diante dos olhos dos ascetas reunidos e da senhora Amba, no meio do ashrama da floresta. Mas Amba começou a juntar madeira com suas próprias mãos e fez uma grande pira funeral nas margens do Jamna, e então, atirando-lhe fogo, ela própria penetrou na fogueira e, enquanto se acomodava no trono de chamas, disse inúmeras vezes: "Faço isso para a destruição de Bhishma! Para obter um novo corpo com o qual destruirei Bhishma, eu penetro neste fogo".

XI. KURUKSHETRA

Os treze anos de exílio terminaram e mais uma vez os Pandavas, por sua bravura no combate, tinham se revelado a seus amigos. Então realizou-se na corte de um daqueles aliados um grande conselho de reis. Dhritarashtra, sabendo dele, enviou um embaixador que levou aos Pandavas vagas palavras de paz e amizade mas não tinha autonomia para fazer-lhes uma proposta definida de restituição de seu reino e propriedades. A essa embaixada todos concordaram com Yudhishtira que só se podia dar uma resposta: "Ou nos entregam de volta Indraprastha ou se preparem para a luta".

Nesse momento ficou claro, de fato, que para as duas famílias só restava a guerra. Duryodhana havia feito muitas agressões. Os insultos proferidos durante os jogos tinham sido demasiado pessoais e gravemente ofensivos. Além disso, Duryodhana tivera todas as oportunidades que almejava. Por treze anos, enquanto seus primos estavam no exílio, ele havia desfrutado o poder de fazer alianças e de conceder dádivas. Agora ele poria à prova a coragem e a fidelidade dos amigos que conquistara. Espessas e negras, as nuvens de guerra pairavam sobre as casas rivais, e ambos sabiam que a luta seria de morte. Duryodhana colocou nas mãos de Bhishma o comando das forças dos Kurus, enquanto Karna, a fim de não criar uma facção separada no exército, garantiu que só lutaria se seu ancestral morresse. E as forças dos Pandavas foram postas sob o comando de Drishtadyumna, o príncipe Panchala irmão de Draupadi. Ao se aproximar a batalha, Hastinapura, repleta de reis e homens em armas, com elefantes e carros de guerra e milhares de soldados de infantaria, parecia o oceano no momento em que surge a lua. Os Pandavas também reuniram suas forças na capital de Drupada, e ambos os exércitos marcharam para o grande planalto de Kurukshetra, que seria o campo da batalha. Então entraram ambas as partes naquele território onde o jogo seria a guerra, onde os jogadores eram homens e o alvo era a sua própria vida, onde a mesa de dados era o campo de batalha, cheio de exércitos, carros de guerra e elefantes. Desde o começo Duryodhana havia dado ordens para que Bhishma, como comandante, fosse protegido a todo custo, e tendo ouvido vagamente do próprio Bhishma que sua morte só poderia

vir por meio de Shikhandin, ele ordenou que durante a batalha se empenhassem todos os esforços para que Shikhandin fosse morto.

E o exército menor que marchou sob as bandeiras dos Pandavas e dos Panchalas estava cheio de alegria e animação. A mente dos soldados delirava pelo combate. Eles pareciam homens extasiados com o pensamento da batalha. Mas Bhishma via terríveis agouros, e sempre que Duryodhana se sentava para pensar na batalha ouvia-se um suspiro.

A batalha

Quando o sol surgiu no dia fatal, os dois grandes exércitos permaneceram um em face do outro, com seus carros de guerra, seus corcéis e seus estandartes, parecendo duas cidades rivais. Então soaram as trompas de concha e as trombetas de batalha, e com um vasto movimento, como um vagalhão passando sobre o oceano ou uma tempestade varrendo impetuosamente as florestas, as duas forças atiraram-se uma contra a outra e o ar se encheu dos relinchos dos cavalos de batalha e dos gemidos e rumores dos combatentes. Com rugidos leoninos e clamorosos gritos, o clangor das trombetas e dos berrantes e o alarido de tambores e címbalos, os guerreiros de ambos os lados lançaram-se uns contra os outros. Durante algum tempo o espetáculo foi bonito, depois se tornou desenfreado e se ocultou em sua própria poeira e confusão, sem que nada ficasse visível. Os Pandavas e os Kurus combatiam como se estivessem possuídos por demônios. Pai e filho, irmão e irmão, uns esqueciam-se dos outros. Os elefantes rasgavam-se uns aos outros com suas presas. Cavalos caíam mortos e grandes carros jaziam despedaçados no chão. As bandeiras estavam em trapos. Em todas as direções corriam flechas, e sempre que a escuridão era rompida por um momento via-se o relampejar de espadas e armas em choques mortais.

Mas em qualquer parte em que a luta estivesse mais intensa, bem no seu centro podia-se ver Bhishma, o comandante dos Kurus, de pé no seu carro prateado e envergando uma armadura branca, como se fosse a lua cheia um céu sem nuvens. Acima dele ondulava seu estandarte, uma palmeira dourada traçada sobre fundo branco. Nenhum guerreiro que ele alvejasse sobrevivia ao arremesso de sua flecha mortal. Toda a tropa inimiga tremia enquanto, um

após outro, ele atingia oficiais em quem ela confiava. E quando a escuridão começou a cair, os comandantes rivais retiraram suas forças para o repouso noturno. Mas havia tristeza em ambos os campos, por aqueles que tinham tombado no combate daquela jornada. Dia após dia o tempo passou, e em meio à ruína crescente e à carnificina ficou claro para os Pandavas que eles não poderiam ser os vencedores enquanto vivesse Bhishma, seu amado avô. No décimo dia, entretanto, deu-se o combate fatal. Bhishma foi mortalmente ferido e o comando dos Kurus passou para Drona.

Sob as ordens de Drona os Kurus, uma vez mais, obtiveram o esplendor da vitória. A ciência do velho preceptor lhe valeu para habilitá-lo a dispor suas forças favoravelmente e fazê-lo perceber onde estava o ponto a ser atacado. Dentro de algum tempo ficou evidente que sob sua direção toda a força dos Kurus estava se concentrando na captura de Yudhishtira, pois se sabia que Drona jurara capturar o rei dos Pandavas. Por outro lado, o inimigo tinha como objetivo, desde o início, a derrota pessoal de Drona; mas o desejo mais ardente de Arjuna era que o velho mestre fosse aprisionado vivo.

O embuste de Bhima

Esse desejo não foi realizado. Era crença corrente que enquanto Ashvatthaman vivesse seu pai não seria vencido, pois Drona amava de tal forma o filho e nele depositava tantas esperanças que só isso bastava para conservá-lo cheio de coragem e energia. Bhima, entretanto, determinado a derrotar Drona, escolheu um elefante chamado Ashvatthaman, matou-o com as próprias mãos e então se arremessou até a linha de frente dos Kurus, perto de Drona, gritando: "Ashvatthaman está morto! Ashvatthaman está morto!"

Drona ouviu as palavras e pela primeira vez seu forte coração soçobrou. Entretanto ele não aceitaria facilmente a notícia que seria seu golpe de morte. A menos que ela fosse confirmada por Yudhishtira, que seria incapaz de uma inverdade ainda que fosse pela soberania dos três mundos, ele não acreditaria que Ashvatthaman estava morto. Então, indo ao encontro de Yudhishtira, Drona indagou-lhe a verdade e Yudhishtira respondeu-lhe numa voz clara: "Sim, Drona, Ashvatthaman está morto". Ele disse isso três vezes, mas a cada vez pronunciou indistintamente "o elefante" depois da palavra "Ashvatthaman".

Essas duas palavras mal articuladas, entretanto, Drona não ouviu. E até então os cavalos e as rodas da carruagem de Yudhishtira nunca haviam tocado o chão. Mas depois dessa inverdade eles desceram um palmo e pousaram na estrada. Então Drona, desesperado pela morte do filho, foi incapaz de pensar em suas armas divinas. Vendo que a hora chegara, encarregou o chefe dos arqueiros, que estava perto dele, de saber como deveriam conduzir a batalha e, depondo as armas, sentou-se na parte frontal de seu carro e fixou o pensamento em si mesmo. Naquele exato momento, Drishtadyumna, o general Pandava, tinha empunhado sua espada e pulado no chão para atacar Drona em combate pessoal. Mas antes que ele o tocasse, a alma do general Kuru tinha partido e, para os poucos que podiam percebê-lo, pareceu por um instante que o céu tinha dois sóis. Mas ninguém desviou o golpe de Drishtadyumna. A espada levantada caiu e cortou a cabeça de Drona, que foi imediatamente erguida pelo suposto matador e arremessada como uma bola para as hostes dos Kurus. Por um momento pareceu que o exército se dispersaria e bateria em retirada. A escuridão desceu e, cansados e enlutados, todos partiram para seus quartéis. Passados uns poucos dias, Karna assumiu o comando. Mas com sua morte, dois dias depois, ficou claro que os Pandavas seriam vitoriosos. Duryodhana, no entanto, ainda mantinha inabalada sua coragem, determinado a não conceder e tampouco pedir misericórdia. E os Pandavas não podiam ser aclamados vitoriosos antes que ele tivesse tido um combate pessoal com Bhima e todas as inimizades do tempo de escola fossem consumadas com a morte.

Então a batalha que durou dezoito dias terminou finalmente com a vitória de Yudhishtira e seus irmãos, Duryodhana e todos os filhos de Dhritarashtra desapareceram em combate, como um lampião ofuscado pela luz do meio-dia.

O Bhagavad Gita

O Bhagavad Gita é um inspirado discurso de Krishna, parcialmente filosófico e parcialmente religioso. Foi proferido momentos antes da grande batalha entre os Kurus e os Pandavas, em resposta ao protesto de Arjuna, que afirmava não desejar matar seus amigos e parentes. Essa Gita, ou canção, tornou-se um hino universalmente adotado pelas seitas hindus. Nenhuma obra

de igual extensão exprime tão bem a tendência característica do pensamento hindu ou descreve tão completamente os ideais hindus de caráter.

Ele fala das diversas maneiras de salvação — que é a libertação de si mesmo e o conhecimento de Deus pelo amor, pelo trabalho e pelo saber. Deus tem dois modos de ser; o não manifesto e incondicionado e o manifesto e condicionado. Alguns há, de fato, que procuram a experiência direta do incondicionado; mas, como diz Shri Krishna, "demasiadamente grande é o árduo trabalho daqueles cuja mente está ligada ao que não se mostra, pois o caminho que não se mostra é vencido a custo pelos que usam o corpo". A todos aqueles que não estão ainda maduros para tal esforço supremo Shri Krishna ensina a apaixonada dedicação a si mesmo e o persistente sva-dharma — ou seja, agir de acordo com o dever de cada indivíduo. Já vimos (capítulo sobre o Ramaiana, p. 21) que a moralidade ou as regras de conduta não são as mesmas para todos os indivíduos; a moralidade do iogue é diferente da do cavaleiro. Shri Krishna ensina que a adoção do sva-dharma por uma pessoa, sem preocupação com os frutos da ação — isto é, com indiferença pelo seu malogro ou sucesso, ou por quaisquer vantagens ou desvantagens que ela possa trazer para essa pessoa —, é um meio infalível de avanço no conhecimento de Deus. E para aqueles que se atemorizam com a questão do sofrimento, ele diz: "Não lamentem pela vida e pela morte dos indivíduos, porque elas são inevitáveis; os corpos de fato vêm e vão, mas a vida que se manifesta em todos é imortal, intocável, nunca mata nem é morta" — *nayam hanti na hanyate*. Assim, quando Arjuna protesta que não deseja matar seus parentes na batalha, Krishna responde, como Brunhild para Siegfried:

Praticarás a ação e te arrependerás? Seria melhor não teres nascido.

Praticarás a ação e a exaltarás? Então tua fama se gastará.

Praticarás a ação e a sustentarás e te sentarás no teu trono, nas alturas.

E olharás para hoje e amanhã, como aqueles que nunca morrem.

O trecho abaixo expressa essas idéias nas palavras do próprio Gita.

Arjuna disse:

"O Krishna, quando vejo meus parentes assim vestidos para a guerra, o Gandiva cai-me da mão e minha mente é toda um remoinho,

"Pois não aspiro à vitória, ó Krishna, nem a reinos e nem a prazeres; o que é reino, o que é prazer, ou mesmo a própria vida, ó Senhor das Multidões,

"Quando aqueles para quem a realeza, o prazer e os gozos são caros permanecem aqui, em disposição de combate, abandonando vida e opulência?"

"Esses eu não mataria, embora eles procurassem matar-me. Não pelo domínio dos três mundos, e muito menos pelo domínio da terra.

"Que prazer podemos encontrar, ó Perturbador das Pessoas, em matar o povo de Dhritarashtra?"

Ficaremos manchados de pecado se matarmos esses heróis.

"Seria melhor que os filhos de Dhritarashtra, de armas na mão, matassem-me sem resistência e desarmado."

Assim, O Que Usava o Cabelo em Nó falou para o Senhor das Multidões: "Não lutarei".

E Krishna respondeu:

"Dizes palavras de aparente sabedoria, mas lamentas por aqueles por quem as lamentações são impróprias. Os sábios não lamentam, absolutamente, seja pelos vivos, seja pelos mortos.

"Nunca, em nenhum tempo, eu deixei de existir, nem tu nem qualquer dos príncipes dos homens, nem, verdadeiramente, cessaremos de existir nos tempos que ainda virão.

"Enquanto o Morador do Corpo suporta infância, juventude e maturidade, mesmo então ele se passa para outros corpos. Aquele que é inabalável não se aflige por isso.

"Apenas a ação dos instrumentos dos sentidos, ó filho de Kunti, traz frio e calor, prazer e dor. Essas coisas vêm e vão, sem permanecer; suporta-a, ó filho de Bharata.

"Mas saibas que Aquele é indestrutível, o que toma tudo isso interpenetrado; ninguém pode destruir aquele Ser imutável.

"Apenas esses corpos do Morador do Corpo perene, infinito, imortal, têm fim; assim, luta, ó filho de Bharata."

Então, ainda falando daquela Vida imortal, intocada pela vida e pela morte, Krishna prosseguiu:

"Aquele não nasceu e não morre; nem, uma vez tendo sido, deixa de ser. Não nascido, perene, eterno e antigo, não morre quando um corpo é morto.

"Sabendo que Aquele é imortal, eterno, que não nasceu e não se reduziu, quem ou o que um homem pode matar, ou por meio do qual pode ser morto?"

"Como um homem que tira suas roupas velhas e veste outras novas, assim o Morador do Corpo, abandonando um corpo gasto, entra num outro novo.

"Não manifesto, impensável e imutável é Aquele. Sabendo disso, não lamentarás.

"Pois esse Morador do Corpo não será jamais ferido em qualquer corpo, ó filho de Bharata! Portanto, não deverias lamentar por nenhuma criatura.

"Mas contemplando teu próprio dever estabelecido (sva-dharma) não temas; porque não há nada mais bem recebido por um cavaleiro do que uma guerra justa."

Em passagens posteriores, Shri Krishna proclamou sua própria imanência:

"Ouve, ó filho de Pritha, como podes conhecer-Me verdadeiramente praticando ioga e com tua mente ligada a Mim.

"Minha natureza desdobra-se em oito — de terra, água, fogo e vento; de éter, mente e compreensão, e o senso de individualidade.

"Essa é a inferior. Conheces também minha outra natureza, a superior — de alma elementar que sustenta o universo, teu herói grandemente armado.

"Saibas que desses pares surgiram todos os seres; em Mim está a evolução do universo e em Mim sua dissolução.

"Não há nada mais alto que eu, ó ganhador de riquezas; todo este universo está ligado a Mim como fileiras de pedras preciosas num fio.

"Sou o sabor das águas, ó filho de Kunti, e a luz do sol e da lua; nos Vedas sou o Om, no éter sou som, nos homens sou sua humanidade.

"A fragrância pura do planeta sou eu, e a luz do fogo; a vida de todos os seres nascidos, eu, e o ascetismo dos ascetas.

"Saibas, filho de Pritha, que sou a eterna semente de todos os seres; sou a razão do racional, o esplendor do esplêndido.

"A força do forte sou eu, destituído de anseio e de paixão; nas criaturas sou o desejo que não é contra a lei, ó Bharata senhor.

"Saibas que de Mim brotam os humores da bondade, da impetuosidade e do desalento; não estou neles, mas eles estão em Mim.

"Aturdido por esses humores de três espécies, todo este mundo não Me conhece, eu que estou acima dos humores e da imperecibilidade.

"Pois é difícil penetrar essa minha ilusão divina nascida dos humores. Eles Me vêm e eu supero essa magia.

"Conheço os seres que são do passado, do presente e do futuro, Arjuna; mas ninguém Me conhece."

XII. O LEITO DE FLECHAS

Vimos que no décimo dia da grande batalha Bhishma foi derrubado com feridas mortais. Foi assim a sua morte:

Há muito, muito tempo, na juventude de Bhishma, quando, como legítimo herdeiro, ele fez um voto de nunca se casar, para que o trono pudesse ser deixado aos filhos da rainha donzela-pescadora, seu pai concedeu-lhe uma grande graça: ele proclamou que a morte só poderia aproximar-se de Bhishma quando este lhe desse permissão para isso. Por essa razão, para Bhishma, pessoalmente, durante toda a sua vida a guerra tinha sido apenas uma brincadeira. E isso fazia com que na batalha de Kurukshetra os dias se escoassem sem uma vitória decisiva. Bhishma achava que a causa dos Pandavas era justa e que eles não podiam ser derrotados, mas ainda assim lutava com uma perícia e uma alegria sem iguais. Com sua chuva de flechas, estava sempre derrubando quem quer que estivesse diante dele, à frente do exército de Yudhishtira. Como o sol de verão, que com seus raios suga a energia de todas as coisas, Bhishma tirava a vida dos guerreiros hostis. E naquela grande batalha os soldados que o enfrentavam, desesperançados e sem entusiasmo, eram incapazes até mesmo de olhar para ele — ele, que se assemelhava ao sol do meio-dia, fulgurando em seu esplendor. Estando as coisas nesse pé, caiu a noite do nono dia de batalha e os Pandavas e seus amigos reuniram-se com Krishna para realizar um conselho. Ali, as duras

necessidades da guerra tiveram de enfrentar em sua mente o respeito e a afeição que, desde a mais tenra infância, Yudhishtira e seus irmãos tinham por Bhishma. Ainda assim eles repetiam constantemente que enquanto Bhishma não fosse vencido a vitória não lhes caberia. Era necessário, portanto, matar Bhishma, e isso devia ser feito por Arjuna, que, sorrindo havia prometido ao avô apresentar-lhe um meio de livrar-se da vida. Mas como se faria isso? Ninguém sabia responder. Bhishma era invencível. A morte não podia aproximar-se dele sem permissão. Assim, quem era competente para matá-lo?

De repente Yudhishtira levantou a cabeça. "Já sei!", gritou ele. "Quando estávamos nos preparando para a guerra, nosso avô prometeu-me que, embora não pudesse lutar por nós, estaria sempre pronto para um conselho. Vamos lhe perguntar qual seria o jeito de matá-lo. Não pode haver dúvida de que ele nos ajudará."

A idéia era digna dos nobres conselheiros, e, livrando-se de armaduras e armas, eles deixaram a tenda e se foram, desarmados, na direção dos alojamentos do general Kuru. Quando os netos entraram em sua barraca, Bhishma acolheu-os com muito calor e amabilidade, e logo lhes perguntou o que poderia fazer por eles.

Taciturnos, os irmãos e Krishna permaneceram de pé, enfileirados diante dele. Por fim, entretanto, Yudhishtira quebrou o silêncio. "Ó vós", gritou ele, "cujo arco está sempre arredondado, dizei-nos como poderemos matar-vos e proteger nossas tropas do permanente morticínio!"

O rosto de Bhishma alegrou-se com súbita compreensão e depois se tornou grave. "De fato, deveis matar-me", disse ele brandamente, "se quiserdes ganhar esta guerra. Enquanto eu estiver vivo, a vitória não poderá ser vossa. Não há outra solução para vós, a não ser matar-me o mais rapidamente possível."

"Mas por que meio?", perguntou Yudhishtira. "Dizei-nos por que meio. Parece-nos que o próprio Indra seria mais fácil de derrotar".

A resposta de Bhishma

"Compreendo, compreendo", disse Bhishma pensativo. "Entretanto há certas pessoas a quem eu nunca combateria. Contra um homem desarmado, contra o vulgo ou contra um homem que nasceu mulher eu nunca dispararia. E se estiver coberto por um desses, qualquer um pode matar-me facilmente. No entanto eu vos aviso: a flecha pela qual consinto em morrer deverá ser disparada apenas por Arjuna ou Krishna."

Então Arjuna, com o rosto queimando de tristeza e vergonha, exclamou: "Ah! Como vou matar aquele que é meu próprio avô? Quando pequeno eu subia, brincando, aos vossos joelhos, ó Bhishma, e vos chamava de pai. 'Não, não', respondíeis, 'não sou teu pai, meu pequeno, mas o pai do teu pai! 'Ah, deixai que meu exército sucumba! Seja minha a vitória ou a morte, como lutar contra aquele que tem sido tudo isso para nós?'"

Mas Krishna fez Arjuna se lembrar do eterno dever dos guerreiros: sem perversidade eles devem lutar, proteger seus súditos e oferecer sacrifício. Muito tempo atrás se havia ordenado que pela mão de Arjuna Bhishma morreria e então iria para a morada dos deuses. Confortados com essas palavras e revigorados pelo pensamento do que aconteceria a seguir, os príncipes saudaram Bhishma reverentemente e se afastaram.

Antes mesmo do alvorecer, no décimo dia, o grande exército já estava agitado. O cavaleiro Shikhandin estava no carro dos soldados Pandava, cujas rodas eram protegidas por Bhima e Arjuna, o primeiro à direita e o último à esquerda. De modo semelhante, na frente dos Kurus estava o próprio Bhishma, protegido pelos filhos de Dhritarashtra.

A energia dos Pandavas era imensa, agora que a esperança indubitável da vitória os inspirava. Eles massacravam sem piedade os soldados Kurus. Mas Bhishma, o comandante, não podia tolerar aquele espetáculo. Seu único dever era proteger os soldados, e ele arremessou uma chuva de setas contra a tropa hostil. Em todas as direções, sob suas possantes flechas caíam oficiais, soldados, elefantes e cavalos. Seu arco parecia estar sempre em círculo, e para os príncipes Pandavas aquela era a figura do próprio Destruidor devorando o mundo. A despeito da coragem e violência com que Bhima e Arjuna o enfrentavam, concentrando nele o seu ataque e as violentas

investidas, o velho avô conseguiu destroçar toda a divisão de Shikhandin. Então esse oficial, arrebatado pela ira, conseguiu ferir Bhishma no centro do peito com não menos de três flechas. Bhishma parecia pronto para revidar, mas vendo que as flechas tinham sido disparadas por Shikhandin, ele simplesmente riu e disse: "O que é isso, Shikhandin?" Essas palavras o cavaleiro mais moço não pôde tolerar.

Shikhandin e Bhishma

"Dou minha palavra", gritou Shikhandin. "Vou te matar! Olha o mundo pela última vez!" E enquanto falava disparou cinco flechas, diretas para o coração de Bhishma.

Depois, galopando como a própria morte no campo de batalha, Arjuna arremessou-se para frente e Shikhandin lançou outras cinco flechas sobre Bhishma. E todos viram que Bhishma ria e não respondia, mas o próprio Shikhandin, levado pela fúria da batalha, não percebia isso. E Arjuna, como protetor de sua carruagem, espalhava morte por todos os lados nas fileiras dos Kurus.

Então Bhishma, pensando em uma certa arma divina, arremessou-se contra Arjuna empunhando-a. Mas Shikhandin atirou-se entre os dois e Bhishma imediatamente recolheu a arma. Então o avô pegou uma flecha capaz de transpor uma montanha e lançou-a, como um raio incandescente, contra a carruagem de Arjuna, mas este, com a rapidez de um relâmpago, ajustou cinco flechas em seu arco e com elas cortou em cinco grandes fragmentos o dardo que voava na direção dele. Shikhandin despediu outra e outra flecha mas o avô não reagia com um disparo e nem sequer com um olhar. Mas Arjuna, retesando o Gandiva, arremessou centenas de flechas e feriu Bhishma em suas partes vitais. E toda vez que o velho general atirava o príncipe cortava sua flecha no caminho; mas as flechas dele, Bhishma não podia desviar. Então, sorrindo ele virou-se para o combatente que estava ao seu lado e disse: "Essas flechas vindas na minha direção, como o mensageiro da fúria, não são de Shikhandin". Então ele tomou da espada e da couraça e se preparou para saltar do carro a fim de lutar com Arjuna num combate individual. Mas nesse mesmo instante as flechas de Arjuna cortaram-lhe o escudo, fazendo-o em mil

pedaços. E até seu carro foi atingido, e pela primeira vez o poderoso arqueiro tremeu.

Nesse momento, como se fosse um remoinho no rio, as marés de batalha fecharam-se sobre ele, e quando a multidão de combatentes fez novamente uma pausa viu-se Bhishma, como um estandarte despedaçado, caído ao chão.

Então as pessoas perceberam que o corpo dele, todo perfurado por flechas, não tocava o chão. E uma natureza divina se instalou no grande arqueiro, que jazia daquela forma sobre um leito cheio de espinhos. Ele não permitiu que seus sentidos falhassem nem por um instante. Ouviu à sua volta vozes celestiais. Uma chuva fria caiu para refrescá-lo e ele lembrou-se de que aquele não era um momento auspicioso para o vôo da alma. Então atiraram-se sobre ele, vindos do Himalaia, mensageiros da Mãe Ganges: um bando de cisnes que ficou voando em círculo à sua volta numa evocação celestial. E Bhishma, indiferente às dores do corpo e tendo a morte sob controle, resolveu não sair dali, daquele leito de flechas, enquanto o sol não tomasse mais uma vez sua trajetória setentrional, abrindo o caminho para a região dos deuses. A batalha foi interrompida, em sinal de respeito, enquanto os príncipes das duas casas permaneciam rodeando seu bem-amado guardião. Fazendo-lhes uma alegre despedida, ele lhes pediu um travesseiro. Então levaram para ali todas as espécies de belos travesseiros macios. Mas ele os rejeitou, não os considerando apropriados para o leito de um herói, e voltou-se para Arjuna. E Arjuna, retesando o Gandiva, disparou três flechas para dentro da terra, que formaram o suporte para a cabeça de Bhishma. "É assim que os heróis devem dormir no campo de batalha", disse Bhishma. "Quando o sol se voltar novamente para o norte eu partirei da vida, tal como um amigo querido se separa do outro. E agora, as bênçãos e a paz estejam convosco! Passo em adoração esse tempo de vida que me resta."

Com essas palavras Bhishma fez um sinal para que todos se retirassem, e assim durante a noite os guerreiros o deixaram só, deitado em seu leito de flechas.

XIII. KARNA

O guerreiro Karna nasceu de uma estranha maneira. Tendo o sol por pai, ele foi gerado em Kunti, ou Pritha, a mãe dos Pandavas, antes de ela estar casada, e Kunti havia orado pedindo que, se de fato a criança fosse o filho de um deus, nascesse com brincos e armadura naturais, como sinais de sua imortalidade. E foi isso que aconteceu, e essas coisas eram o sinal de que ele não podia ser morto por nenhum inimigo mortal. Tarde da noite Kunti, junto com sua criada, colocou a criança numa caixa feita de vime e, chorando amargamente e com muitas despedidas ternas, fez a cesta flutuar sobre a correnteza do rio. Levado pela correnteza e trazendo consigo os sinais de sua origem divina, o bebê foi para a cidade de Champa, no Ganges, e ali Adiratha, o cocheiro, e Radha, sua esposa, o encontraram, salvaram-no e o adotaram como seu filho mais velho. Passados muitos anos, Adiratha mudou-se para Hastinapura e nessa cidade Karna cresceu entre os alunos de Drona, tornando-se amigo de Duryodhana e rival de Arjuna. Todos os filhos de Pritha tinham tido deuses por pai, e o pai de Arjuna era Indra. E Indra, vendo que Karna usava cota de malha e brincos naturais, ficou preocupado com a proteção de Arjuna. Pois estava ordenado pela natureza das coisas que um desses dois mataria o outro.

Sobre Karna se sabia que ele nada negaria a um mendigo se este lhe solicitasse a dádiva no momento em que, saído do banho, ele fazia sua adoração ao sol. Assim, Indra certo dia, tomando o aspecto de um brâmane, defrontou-se com ele nesse momento e corajosamente pediu-lhe os brincos e a armadura.

Mas Karna não desistiria facilmente de seus sinais de invencibilidade. Sorridente, ele disse ao brâmane, repetidas vezes, que essas coisas faziam parte dele. Portanto era-lhe impossível renunciar a elas. Mas quando o suplicante recusou satisfazer-se com qualquer outro donativo, Karna de repente se arremessou sobre ele e disse: "Indra, eu te conheço. Desde o princípio eu te reconheci! Dá-me alguma coisa em troca e terás minha cota e meus brincos".

E Indra respondeu: "Com exceção unicamente do meteorito, pede o que quiseres". Então Karna disse: "Um dardo invencível; em troca te darei minha cota e meus brincos".

A flecha da morte

Indra respondeu: "Feito! Eu te dou, ó Karna, este dardo chamado Vasava. É impossível desviá-lo do curso. Atirado por mim, ele retorna à minha mão para matar centenas de inimigos; arremessado por ti, entretanto, matará apenas um poderoso inimigo. E se, enlouquecido pela ira, embora haja outras armas ou embora tua vida não esteja em perigo mortal, arremessares este dardo, ele ricocheteará e cairá sobre ti mesmo".

Então, tomando o dardo incandescente, Karna, sem nenhuma vacilação, começou a cortar a malha de sua armadura e os brincos naturais, e os entregou ao brâmane. E Indra, pegando-os, subiu sorridente para o Céu. E por todo lado correu a notícia de que Karna não era mais invencível. Mas ninguém sabia da flecha da morte que ele guardara a sete chaves para ser usada uma única vez sobre um único inimigo mortal.

A missão de Krishna

Então aconteceu que Krishna foi para Hastinapura antes de se iniciarem as hostilidades, a fim de ver se não era possível convencer Dhritarashtra a restituir Indraprastha pacificamente e assim evitar a guerra. Vendo esse plano se frustrar, e já se preparando para deixar a capital Kuru, ele no entanto tentou ainda um último recurso para evitar a guerra fratricida. Chamando de lado Karna, contou-lhe em particular o segredo de seu nascimento e pediu-lhe que ele se anunciasse para todo o mundo como filho de Pritha e portanto irmão mais velho do próprio Yudhishtira: não apenas um príncipe de sangue, tão orgulhoso quanto os príncipes Pandavas, mas também, se a verdade fosse conhecida, seu verdadeiro chefe e soberano.

Karna ouviu, cortês como sempre mas com um semblante triste. Ele tinha conhecimento desde muito tempo, disse em resposta, da natureza de sua origem; sabia que Pritha, mãe dos Pandavas, era a sua mãe e o sol era seu pai, e sabia também que fora a mando do deus que ela o havia abandonado e o tinha feito flutuar no rio à margem do qual ele havia nascido. Mas ele não podia esquecer que na verdade o cocheiro e sua esposa Ihe haviam oferecido todo o amor e dedicação de pais. Tampouco podia deixar de ponderar que o

casal não tinha outro filho e que se os abandonasse não haveria ninguém para fazer por eles as oferendas ancestrais. Além disso, ele havia se casado na casta do cocheiro, por isso seus filhos e netos tinham todos aquela posição. Como poderia ele, por mero desejo de mando, desatar seu coração de amarras tão queridas? Além disso, havia a gratidão que ele devia a Duryodhana. Graças à sua brava e heróica amizade ele tinha desfrutado um reino por treze anos, sem nenhuma inquietação. Seu único desejo na vida era o direito a uma luta corpo a corpo com Arjuna, e sem dúvida fora o conhecimento disso que tinha dado a Duryodhana coragem para declarar guerra. Ele não retrocederia; isso seria traição com seu amigo.

Acima de tudo era importante que Krishna não contasse a ninguém o segredo dessa conversa. Se Yudhishtira viesse a saber que seu lugar era, por direito, de Karna, seria improvável que ele viesse a consentir em conservá-lo. Fosse a soberania dos Pandavas estava para cair nas mãos de Karna, ele próprio nada poderia fazer além de entregá-la a Duryodhana. Assim, era melhor para todas as partes que tudo acontecesse como se o segredo nunca tivesse sido revelado e que ele agisse tal como agiria se não o tivesse conhecido.

E então impulsionado pelo fluxo de sua própria melancolia a um estado de espírito profético, o filho do cocheiro disse: "Ah, por que me tentas? Eu não vi, numa visão, Yudhishtira e seus irmãos, todos de branco, entrarem no salão real? Não sei, tal como outra pessoa qualquer, que a vitória deve sempre ser consequência da correção? O que está para ocorrer não é uma batalha, e sim a celebração de um grande sacrifício de armas, e o próprio Krishna será a suprema autoridade do culto. Quando Drona e Bhishma forem vencidos, então todo esse sacrifício será suspenso por um intervalo. Quando eu for morto por Arjuna, será o início do fim, e quando Duryodhana for morto por Bhima, tudo estará concluído. Essa é a grande oferenda do filho de Dhritarashtra. Que ela não se frustrasse. Em vez disso, morramos pelo toque de armas nobres no campo sagrado de Kurukshetra".

Depois de ficar silencioso durante um certo tempo, Karna voltou a olhar para cima sorrindo e com as palavras "além da morte voltaremos a nos encontrar" despediu-se silenciosamente de Krishna. Então ele desceu do carro e subiu no seu para ser levado, também em silêncio, de volta a Hastinapura.

Pritha e Karna

Mas Krishna não era a única pessoa capaz de ver a importância de Karna para a causa Kuru. Na manhã seguinte, perto da margem do rio, quando terminou suas preces após o banho, Karna, voltando-se, foi surpreendido pelo encontro com a velha Pritha, mãe dos Pandavas, que esperava atrás dele. Vivendo com a família de Dhritarashtra e constantemente ouvindo falar dos preparativos para a guerra contra seus próprios filhos, ocorrera-lhe a idéia de que ela aumentaria grandemente as chances de vitória deles se pudesse persuadir o aliado de Duryodhana a lutar com eles, em vez de contra eles.

Karna estava postado, os braços levantados, a face para o leste, quando Pritha se acercou, ficou logo atrás dele, e esperou, trêmula à sua sombra, até ele por fim se voltar, e ela de tão cansada parecesse um lótus desbotado. Karna espantou-se com o encontro mas, controlando-se, inclinou-se gravemente e disse: "Eu, ó senhora, sou Karna, filho de Adiratha, o cocheiro. Dizei-me o que posso fazer por vós".

A miúda e idosa senhora, a despeito de sua dignidade real, tremeu às palavras dele. "Não, não!", exclamou ela vivamente: "Tu és meu próprio filho, e não o filho de um cocheiro. Ah, reconcilia-te, eu te imploro, e apresenta-te a teus irmãos, os Pandavas. Eu te imploro que não entres em guerra contra eles". E enquanto ela falava, veio do próprio sol uma voz que disse: "Ouve, ó Karna, as palavras de tua mãe".

Mas o coração de Karna era devotado à retidão, e nem mesmo os deuses podiam afastá-lo disso. Ele não aquiesceu, embora solicitado por seu pai e sua mãe ao mesmo tempo.

"Ai de mim, minha mãe!", disse ele. "Como pode agora pedir minha obediência quem ficou contente, quando eu era bebê, em deixar-me morrer? Nem mesmo por minha mãe eu posso abandonar Duryodhana, a quem devo tudo o que tenho. Mas, ainda assim, uma coisa eu vos prometo. Só lutarei contra Arjuna. O número de vossos filhos será sempre cinco, seja comigo e sem Arjuna ou com Arjuna e sem mim."

Então Pritha abraçou Karna, que se manteve inabalável graças à fortaleza de seu espírito. "Lembra", disse ela, "que prometeste a quatro de teus

irmãos garantias de segurança. Que essa promessa seja lembrada no calor da batalha." E dando-lhe a bênção, ela saiu silenciosamente.

Karna comanda o exército

Quinze dias de batalha tinham-se passado, terminando com a morte do velho Drona, e antes da alvorada do décimo sexto dia Duryodhana e seus oficiais se reuniram e investiram Karna no posto de comandante-em-chefe das hostes Kurus. Essa era uma guerra em que a vitória dependia da morte do comandante rival, e, agora que havia perdido dois generais, Duryodhana não podia perder as esperanças no seu triunfo final. Com cada grande derrota a morte, rastejando, chegava cada vez mais perto dele, e agora ele acreditava de fato que seu último trunfo era o comando de Karna, de quem dependia totalmente seu sucesso. Bhishma podia ser acusado de ter sido indevidamente parcial com relação aos homens que havia amado desde crianças. Drona podia ter tido uma ternura secreta por seus alunos favoritos. Mas a vida inteira de Karna tinha sido voltada para um único fim: um combate de morte com Arjuna. Ali estava alguém que jamais se esquivava à provação. E na verdade Karna, ao assumir aquele posto na batalha, estava repetindo seu juramento de morte aos Pandavas. Ninguém é capaz de ver sempre com clareza o futuro, e agora, tendo passado a hora de sua visão, o acontecimento lhe era tão completamente insondável quanto para qualquer outro. Karna podia apenas ter esperança, como Arjuna, de que ele, apenas ele, estivesse destinado ao sucesso. O décimo sexto dia de batalha chegou e passou. Karna havia organizado os Kurus no formato de um grande pássaro e Arjuna espalhou os Pandavas para se oporem a eles como um crescente, mas, embora o procurasse atentamente durante todo aquele dia, por toda a extensão, cumprimento e largura do campo de batalha, Karna não conseguiu ver Arjuna. Então caiu a noite e os dois exércitos descansaram.

No alvorecer do dia seguinte Karna procurou Duryodhana. Aquele, declarou ele, seria o grande dia do destino. Ao cair da noite, sem dúvida, os Pandavas dormiriam entre os mortos e Duryodhana seria, incontestavelmente, o monarca da terra. Ele precisava apenas recapitular os pontos de superioridade de cada lado. Então trataria de informar o rei sobre as armas

divinas que ele e Arjuna possuíam. Se Arjuna tinha o Gandiva, ele tinha a Vijaya. Quanto aos seus arcos, eles não eram desiguais. A bem da verdade as aljavas de Arjuna eram inexauríveis, mas Karna podia servir-se de suprimentos de flechas em tal abundância que essa vantagem não pesaria contra ele. Finalmente, Arjuna tinha Krishna como seu cocheiro. E Karna quis ter como cocheiro um certo rei que era famoso no mundo inteiro pelo conhecimento de cavalos.

Isso foi facilmente conseguido e, com um rei como cocheiro, Karna saiu para comandar a batalha no dia fatal.

Naquele dia Karna correu de um lado para o outro, no campo, buscando resoluto o encontro mortal. Mas, embora visse um ou outro dos Pandavas, tivesse-o à sua mercê e então, talvez se lembrando da promessa feita a Pritha, deixasse-o partir, não encontrou Arjuna em nenhuma parte. Foi só depois do meio-dia que Arjuna, esticando seu arco e arremessando uma flecha num momento em que Karna, embora vendo tudo, estava muito longe para intervir, matou Vrishasena, filho de seu rival. Então Karna, cheio de ódio e dor, avançou em seu carro sobre Arjuna, encarando-o enquanto ele se aproximava qual mar encapelado e arremessava chuvas de flechas para a direita e para a esquerda. Atrás dele ondulava seu estandarte, que tinha como emblema uma fileira de elefantes. Seus cavalos eram brancos e camadas de pequenos sinos ornamentavam-lhe o carro. Ele estava contra o céu, com todo o esplendor de um arco-íris. Ao som da sua grande corda de arco Vijaya todas as coisas se quebravam e fugiam amedrontadas. Ele foi se aproximando cada vez mais, com seu cocheiro real, na direção do ponto onde Arjuna esperava seu ataque. "Calma! Calma!", sussurrou Krishna para o Pandava. "Agora realmente tens necessidade de todas as armas divinas."

A batalha suprema

No momento seguinte os dois heróis, que tanto no aspecto físico quanto nos trajes que usavam se assemelhavam extraordinariamente, lutavam corpo a corpo como elefantes irados, como touros furiosos, num combate mortal. Todos

os espectadores prenderam a respiração e por um momento fez-se uma pausa na batalha, enquanto surgia em cada mente uma pergunta: qual dos dois sairia vitorioso? Karna era como uma aposta feita pelos Kurus, e Arjuna, a aposta dos Pandavas. Essa suspensão durou apenas um momento, e então, de ambos os lados, o ar vibrou com trombetas, tambores e aclamações, tudo soando junto para incentivar um ou outro dos combatentes.

Eles se desafiaram ferozmente e ferozmente se atracaram em luta. E até mesmo se disse que seus estandartes caíram justapostos e começaram a lutar entre si.

Então os dois heróis, fazendo chover setas um sobre o outro, escureceram todo o céu. E cada um desviava com sua própria arma as armas do outro, como os ventos leste e oeste lutam um contra o outro. Ferida sobre ferida, eles se mediam um ao outro, mas, não estando feridos de morte, pareciam nada sentir. Então as flechas de Arjuna cobriram o carro de Karna como um bando de pássaros escurece o céu ao voar para se recolher. Mas todos aqueles arremessos foram desviados por uma flecha de Karna. Arjuna lançou então um dardo de fogo, e quando o fez, ele próprio ficou iluminado no clarão e as roupas dos soldados que estavam por perto correram perigo de se incendiar. Mas até mesmo aquela flecha foi dominada por Karna, que desfechou outra de água.

Então o Gandiva arremessou flechas semelhantes a navalhas, flechas semelhantes a crescentes, flechas semelhantes a mãos postas e flechas semelhantes a orelhas de porco. Elas atingiram os membros, o carro e o estandarte de Karna. Este, por sua vez, riu ao se lembrar da arma divina Barghava, e com ela cortou uma a uma as flechas de Arjuna e começou a afligir todo o exército Pandava. Fazendo chover inúmeras flechas, o filho do cocheiro permaneceu no centro, belo como uma nuvem negra de tempestade despejando chuva. E incitados pelos gritos daqueles que os cercavam, ambos mostraram redobrada energia.

De repente a corda do Gandiva se rompeu com grande ruído e Karna arremessou suas flechas numa sucessão acelerada, tirando partido do intervalo que se fez. Nesse momento as tropas dos Kurus, pensando que a vitória já fosse delas, começaram a aplaudir e a gritar. Isso gerou mais energia em Arjuna e ele então teve êxito, ferindo Karna várias vezes. Mas Karna

arremessou cinco flechas douradas, que na verdade eram cinco serpentes poderosas, seguidoras de uma Ashwasena cuja mãe Arjuna havia matado. Cada uma dessas flechas atravessou seu alvo e devia voltar para a mão de Karna, que as tinha enviado. Mas em seu curso elas foram atingidas e despedaçadas pelas flechas de Arjuna, e ele percebeu que elas eram serpentes. Sua fúria inflamou-se tanto que ele gritou encolerizado e feriu Karna profundamente com seus dardos. O filho do cocheiro se agitava, sentindo muita dor. Nesse mesmo momento toda a hoste dos Kurus desertava de seu comandante e fugia, com um lamento de derrota. Mas Karna, ao se ver sozinho, não teve medo nem se amargurou; atirou-se ainda mais animadamente contra seu inimigo.

Então a poderosa serpente Ashwasena, considerando o ponto que a contenda havia atingido e desejando satisfazer seu próprio ódio a Arjuna, entrou na aljava de Karna. E ele, ansioso por prevalecer sobre seu inimigo a qualquer custo e ignorando que Ashwasena havia entrado no dardo, fixou a atenção naquela flecha que conservava na aljava para o golpe fatal.

Então seu cocheiro disse: "Essa flecha, ó Karna, não conseguirá atingir o fim desejado. Encontra outra que lhe arranque a cabeça". Mas o guerreiro respondeu altivamente: "Karna nunca muda sua flecha. Procura não manchar a honra de um soldado".

Tendo dito essas palavras, ele puxou o arco e despediu aquela flecha que por muitos longos anos fora idolatrada para esse fim. E ela traçou uma linha reta através do firmamento, correndo pelo ar na direção de Arjuna.

Mas Krishna, compreendendo a natureza da flecha, calcou o pé no chão, de forma que o carro de Arjuna afundou cerca de meio metro na terra. Os cavalos também, instantaneamente, ajoelharam-se, e aquela flecha levou o diadema de Arjuna mas não o feriu.

A flecha então retornou à mão de Karna e disse, em voz baixa: "Arremessa-me mais uma vez e eu matarei teu inimigo."

Mas Karna respondeu: "Karna não conquista pela força de outro. Nunca usarei a mesma flecha duas vezes".

Tendo chegado a hora da morte de Karna, a própria terra começou a engolir a roda de seu carro, e o filho do cocheiro, cambaleando de dor e cansaço, lembrou-se de mais uma arma divina. Mas Arjuna, vendo-a avançar

veloz, cortou-a com outra. E quando Karna começou a alvejar a corda do seu arco, sem saber que ele tinha disponível uma centena delas, pareceu-lhe mágica a facilidade com que ele substituía as cordas quebradas.

Nesse momento a terra engoliu completamente uma das rodas do carro de Karna e ele gritou: "Em nome da honra, cessa de atirar enquanto eu levanto minha carruagem!" Mas Arjuna retrucou: "Onde estava a honra, ó Karna, quando a rainha foi insultada?", e não parou nem por um instante.

Então Karna atirou uma flecha que feriu Arjuna, o que o fez vacilar e deixar cair o arco Gandiva. Tirando proveito dessa oportunidade, Karna saltou de seu carro e fez um esforço supremo para desprender a roda. Enquanto ele estava assim ocupado, Arjuna, recuperando-se, apontou uma flecha aguçada e derrubou o estandarte do inimigo — aquele esplêndido estandarte trabalhado em ouro que tem como emblema a fileira de elefantes. Quando viram cair a bandeira do comandante, o desespero se apossou dos atentos Kurus e o grito de derrota vibrou alto no vento. Então, apressando-se para agir antes que Karna pudesse voltar a se instalar no carro, Arjuna rapidamente pegou Anjalika, a maior de todas as suas flechas, fixou-a no Gandiva e a atirou na direção da garganta de seu inimigo, decepando Karna. E com sua beleza os raios do sol poente iluminaram aquele rosto belo enquanto caía e repousava tranqüilo, como um lótus de mil pétalas, na terra manchada de sangue. Duryodhana chorou pelo filho do cocheiro, dizendo: "Karna, ah, Karna!" E quando Karna caiu os rios ficaram parados, o sol se pôs sem arrebol, as montanhas com suas florestas começaram a tremer, todas as criaturas estavam sofrendo; mas as coisas más e os vagabundos da noite se sentiam exultantes.

XIV. O GRANDE EXÉRCITO DOS MORTOS

Essa foi para os Pandavas uma hora terrível, na qual, com o coração cheio de luto pelas perdas na batalha, eles tiveram de se encontrar com o idoso Dhritarashtra e sua rainha, Gandhari, privados agora de todos os filhos. A vitória de Kurukshetra tinha tomado Yudhishtira rei de todo o país, e esse fato Dhritarashtra reconheceu, anunciando sua intenção de abandonar o mundo e

retirar-se com Gandhari e Pritha para a margem do Ganges, a fim de lá viverem uma vida de piedade e oração. Durante o primeiro mês os príncipes Pandavas os acompanharam e permaneceram com eles para orarem juntos por sua nobre ação. E ao fim do mês eles foram visitados por Vyasa, o chefe dos capelães reais, um homem famoso por seus dotes de espiritualidade e cultura. Sentados com Vyasa, Gandhari, Kunti e Dhritarashtra falaram sobre muitas mágoas antigas e procuraram explicação para mistérios que por longo tempo os tinham intrigado. Então, virando-se para Gandhari com reverência pela dor que era maior do que qualquer dor suportada por uma mulher e falando ao seu coração que, emudecido pela dor, não tinha palavras para expressar, Vyasa disse: "Ouve, ó rainha! Tenho uma graça para conceder. Esta noite verás de novo teus filhos e parentes, como homens surgidos do sono. Assim, tua mágoa será mitigada e teu coração terá um repouso".

Todo o grupo, custando a crer que as palavras de Vyasa seriam cumpridas, se pôs em posição de espera nas margens do Ganges. O dia se passou, mas na sua ansiedade por ver de novo os príncipes mortos, pareceu-lhes um ano.

Por fim o sol se pôs e todos terminaram a noite banhando-se juntos e fazendo seu culto. Quando veio a noite e todos estavam sentados em grupos ou solitários em locais abrigados, ao longo das margens do Ganges, Vyasa adiantou-se e numa voz clara convocou todos os mortos de ambos os lados para se oferecerem novamente à visão dos mortais, pois assim os corações em sofrimento poderiam ser confortados por algum tempo.

A procissão

Então ouviu-se um som estranho, vindo de dentro das águas, e gradualmente, em suas fileiras e companhias, com esplendor de formas brilhantes, bandeiras e carros, surgiram todos os reis e com eles todas as suas tropas. Lá estavam Duryodhana e todos os filhos de Gandhari e Dhritarashtra. E também Bhishma, Drona e Karna. E ainda Shikhandin e Drupada, e mil outros. Todos envergavam vestimentas celestiais e estavam brilhantemente adornados. Tinham se libertado do orgulho e da ira e se despido de toda inveja. A cena era semelhante a um grande festival de felicidade ou parecia um

quadro pintado na tela. E Dhritarashtra, o rei, cego durante toda a vida, viu seus filhos pela primeira vez com vista aguçada e conheceu, em sua plenitude, a alegria da paternidade.

Os mortos avançaram e misturaram-se com os vivos. Não havia sofrimento, não havia medo, não havia suspeição e nem descontentamento naquela noite abençoada. Karna aceitou Kunti como sua mãe e reconciliou-se com os Pandavas como seus irmãos. E a tristeza dolorosa de Gandhari por Duryodhana e por todos os seus filhos foi mitigada.

Quando a madrugada se aproximou, as sombras daqueles mortos grandiosos mergulharam uma vez mais no Ganges e foram, cada uma, para sua morada, e os vivos, com sua dor minorada, voltaram-se para os deveres da vida e se entregaram às tarefas que os aguardavam.

XV. YUDHISHTHIRA E O CÃO

No desenvolvimento do hinduísmo chegou uma época em que a religião voltou as costas para todas as divindades do poder e dos bens mundanos. O deus, tal como o seu adorador, devia abster-se da riqueza e de privilégios materiais. Desde quinhentos anos antes da era cristã as ordens budistas tinham procurado instilar no povo algumas grandes concepções de renúncia e desenvolvimento pessoal como o verdadeiro fim da religião. Chegada a era cristã, essas idéias estavam ficando maduras para assumir na Índia de forma organizada uma nova fé. Mas a evolução não cessou nesse ponto com o surgimento do culto de Shiva. Alguns séculos mais tarde desenvolveu-se uma nova fase desse hinduísmo superior e o culto de Satya-Narayana surgiu em sua personificação como Krishna. Essa religião foi formulada e promulgada na forma de uma grande epopéia — a epopéia nacional hindu por excelência — que então era lançada em sua forma final, o Mahabharata.

Na opinião de alguns eruditos, temos no Mahabharata a recapitulação de todo o antigo mundo encantado do primitivo contemplador do céu. Deuses, heróis e semideuses lutam uns contra os outros, nas suas páginas, e para ajudar-nos a descobrir de onde eles vieram e qual foi sua história anterior temos apenas um nome aqui ou uma luz oblíqua ali. Como numa tapeçaria maravilhosa, eles estão lá, reunidos para uma batalha, em um caso; por uma

vida, em outro caso. E com o estrépito do aço dos inimigos, com a lealdade do vassalo e companheiro, com os amores antagônicos e os ideais conflitantes faz-se uma das mais nobres escrituras do mundo. É verdade que, com exceção do que foi adicionado e remodelado por um poeta supremo que amalgamou num único bloco fundido as imagens de épocas passadas, a maioria dos personagens que se movem com tanta facilidade nessas páginas inspiradoras desceu do palco do céu da meia-noite? Conquanto isso possa efetivamente ser verdade, uma coisa é certa: na última cena, que encerra o longo panorama, temos um homem que sobe uma montanha seguido por um cão e finalmente, com esse cão, ascende vivo ao Céu.

A peregrinação da morte

Os cinco heróis governantes no interesse de quem a batalha do apogeu de sua vida foi travada e vencida tinham comandado o império da Índia por cerca de trinta e cinco anos, e então, reconhecendo que chegara a hora do final, eles renunciaram ao trono em favor de seus sucessores e juntamente com Draupadi, a rainha, partiram na última viagem solene — a peregrinação da morte — seguidos por um cão que não os abandonava. Em primeiro lugar, circulando seu grande reino no último ato de adoração real, eles escalaram os cumes do Himalaia e subiram para seu devido lugar, entre as estrelas. Aquele que viveu sem falha no mundo pode ter esperança de vivo subir ao Céu, no final. Mas, por grande que seja a glória dos irmãos Pandavas, apenas um deles, Yudhishtira, o mais velho, teve a vida limpa a ponto de merecer isso, a honra de atingir vivo o Céu. Um a um, os outros, Bhima, Arjuna e os gêmeos Nakula e Sahadeva, assim como Draupadi, a rainha, desfaleceram, caíram e morreram. E contudo, sem olhar uma única vez para trás, sem gemer nem suspirar, Yudhishtira e o cão prosseguiram, sós.

De repente um estrépito de trovão detém seus passos e no meio de uma massa de claridade eles vêem o deus Indra, Rei do Céu, de pé em sua carruagem. Ele está ali para consigo levar Yudhishtira para o Céu, e imediatamente convida-o a entrar na carruagem.

É na resposta dada pelo imperador que podemos avaliar quão longe o povo hindu caminhou, desde o culto primitivo de divindades cósmicas, na

direção da moralização e espiritualização de suas divindades e semideuses. Yudhishtira recusa-se a entrar na carruagem, a menos que seus irmãos mortos sejam todos chamados novamente para também entrar, e acrescenta, falando por eles, que nenhum deles aceitará o convite a não ser que consigo esteja sua rainha, Draupadi, a primeira a cair. Ele só consente em entrar na carruagem divina quando Indra lhe assegura que seus irmãos e a esposa o haviam precedido e o encontrariam novamente quando ele chegasse ao estado de felicidade eterna. Então Yudhishtira se afasta para dar passagem ao cão, deixando o animal entrar em primeiro lugar.

O cão

Mas Indra se opôs a isso. Para o hindu o cão é pecaminoso. Era impossível considerar a idéia de um cão no Céu. Assim, Indra solicita a Yudhishtira que mande embora o cão. Por estranho que pareça, Yudhishtira se recusa. Para ele o cão é um ser que se demonstrou dedicado e leal em tempo de perda e desastre, amoroso e fiel na hora de solidão absoluta. Ele não pode conceber a felicidade nem mesmo no Céu, se for para ficar assombrado com o pensamento de que havia escorraçado um ser tão leal.

O deus suplica, argumenta, mas cada palavra apenas torna mais determinado o soberano. Está em jogo sua idéia de nobreza: "Expulsar alguém que nos amou é infinitamente pecaminoso". Mas seu orgulho pessoal e a honra de rei também despertam. Nunca, até então, ele falhara com os aterrorizados e os dedicados ou com aqueles que procuraram sua proteção, com ninguém que lhe tivesse pedido perdão nem com ninguém que fosse muito fraco para proteger a si mesmo. Ele certamente não infringiria sua própria honra apenas por um desejo de felicidade pessoal.

Então são-lhe apresentadas as considerações mais sagradas sobre a situação. Deve-se lembrar que o hindu come no chão, e assim é fácil compreender a apreensão pela entrada de um cão no ambiente. Evidentemente no Céu há a mesma aversão. "Sabes", insiste Indra, "que pela presença de um cão o próprio Céu seria corrompido". O simples olhar desse

animal priva de sua consagração os sacramentos. Por que, então, alguém que renunciou à própria família se opõe tão fortemente a abandonar um cão?

Yudhishtira responde asperamente que para acompanhá-lo até ali o cão precisou abandonar aqueles que não viviam, e, com sua resolução provavelmente fortalecida no curso do debate, declara por fim que não pode conceber um crime mais horripilante do que abandonar o cão.

A prova terminou. Yudhishtira recusou o Céu por causa de um cão, e o cão se põe de pé transformado em um deus brilhante, o próprio Dharma, o Deus da Retidão. O mortal é aclamado por multidões radiantes e, sentado na carruagem da glória, entra vivo no Céu.

Até aqui, entretanto, o poeta não deixara claro tudo o que se deve exigir de um homem perfeito único elevado a uma posição de grande glória. Yudhishtira, entrando no Céu, vê seus inimigos, os heróis com quem ele se batera, sentados em tronos e resplandecentes de luz. Isso magoa profundamente a alma do imperador. Ele pergunta se deve aceitar os simples deleites dos sentidos como equivalentes ao gozo da boa companhia. Onde estão seus camaradas, ali será o Céu para ele — um lugar habitado pelos personagens que ele vê diante de si merece um nome muito diferente.

Assim, Yudhishtira é conduzido para uma região de outra qualidade. Ali, em meio a horrores de trevas e angústia, sua energia se exaure e ele, furioso, ordena ao guia que o leve embora. Nesse momento ouvem-se de todas as direções vozes suplicando-lhe que fique, pois ele leva àquelas almas aprisionadas um momento de alívio da abrasadora dor que lhes vem da visão, do som e do tato.

Yudhishtira no Inferno

O imperador parou involuntariamente. Então, enquanto de pé escutava com atenção, ele verificou assombrado que aquelas vozes lhe eram familiares. Ali, no Inferno, estavam seus parentes e amigos. No Céu ele havia visto seus maiores inimigos. A cólera acendeu-se dentro dele. Voltando-se para o mensageiro, que ainda não o tinha deixado, ele vociferou, em sua raiva: "Vai! Volta para os altos deuses, de onde vieste, e os faz saber que nunca mais eu olharei para seus rostos! Custe a acreditar nisso! Homens maus à volta deles e

estes meus parentes caídos no Inferno! É um crime! Nunca mais retornarei para eles, que fizeram isso. Com meus amigos, aqui no Inferno, onde minha presença os ajuda, habitarei para sempre. Vai!"

O mensageiro partiu rapidamente e Yudhishtira ficou só, a cabeça mergulhada no peito, meditando sobre o destino de todos os que ele amava.

Passou-se apenas um momento e de repente a cena mudou. O céu acima deles tornou-se brilhante. Brisas suaves começaram a soprar. Tudo o que tinha sido impuro e repulsivo desapareceu. E Yudhishtira, erguendo o olhar, viu-se cercado de deuses. "Muito bem", disseram eles. "O senhor dos homens, tuas provações terminaram. Lutaste e ganhaste. Todos os reis devem ver o Inferno assim como o Céu. Felizes são aqueles que o vêem primeiro. Para ti e para esses teus parentes resta apenas felicidade e glória. Então, mergulha-te no Ganges celestial e nele te despoja de toda animosidade e dor. Aqui, na Via Láctea, assume o corpo imortal e então sobe em teu trono. Senta-te entre os deuses, tu que és grande como Indra, único homem mortal elevado ao Céu nessa tua forma terrestre."

A grandeza da conquista de si mesmo

O processo de espiritualização que na história de Daksha e Shiva vemos em seu momento inicial é visto aqui no ponto de floração. Completamente emancipado do culto primitivo da grandiosidade e da força cósmicas, o Herói do Céu não mais aparece como um poderoso Prajapati ou Senhor da Criação, nem mesmo como o Caçador Selvagem que mata o sol de inverno, mas como um homem da cabeça aos pés, um de nós, apenas mais nobre. A imaginação hindu atingiu agora um ponto em que não pode conceber nada no universo capaz de transcender em grandeza a conquista de si mesmo. Yudhishtira resplandeceu entre os homens pela clemência real e pela nobre fidelidade e autenticidade, e agora resplandece entre as estrelas. Primeiro ele renunciou a tudo o que lhe foi oferecido e finalmente aceitou em seus próprios termos. Essa foi a exigência que o budismo, com a exaltação do caráter e do desprendimento, ensinou ao povo indiano a fazer aos homens valorosos. Maior

que tudo o mais era a renúncia do monge; mas em seguida a ela, e como uma expressão diferente da mesma grandeza, vinha a aceitação da vida e do mundo como senhores, não como seus escravos.

Não se pode negar que essa história de Yudhishtira, com sua sutileza de acontecimentos e de descrição de personagens, é completamente moderna quanto ao tom e o alcance. A concepção de lealdade nela contida é profundamente característica do povo indiano. Para o indiano a lealdade é uma virtude social, mais do que militar ou política, e é levada muito longe. Devemos lembrar que essa história de Yudhishtira será em parte o produto e em parte a origem daquela qualidade que ela personifica e exalta. Por ser característico da nação, esse padrão encontrou expressão na epopéia. Porque nos últimos quinze séculos a epopéia o pregou em cada aldeia, em canção, em predica, no drama, ela moldou o caráter e as instituições da Índia com um impulso crescente e foi além, até tornar real e democratizar a forma de elevação que nela se louva. Se tivessem sido deixados desenvolver-se livremente, os mitos gregos teriam acabado por passar pelo mesmo processo de moralização e espiritualização sofrido pelos hindus? A Índia deve, de fato, ser vista como o único membro do círculo de civilizações clássicas que teve um desenvolvimento normal e perfeito? Ou precisamos considerar que o surgimento precoce da idéia de beleza e o esforço consciente da busca do efeito poético superam no espírito helênico tudo o que se torna alta interpretação moral no indiano? Uma certa fragrância de poesia não pode deixar de existir em obras que exaltaram as forças mais nobres do homem; mas isso, no indiano, sempre parece ser inconsciente, resultado da beleza do pensamento e da nobreza do significado, enquanto no grego salta à vista o desejo de um artesão superior pela beleza como um fim em si mesma.

Capítulo IV

KRISHNA

Notas sobre Krishna

Krishna, filho de Devaki, é muito pouco mencionado no Chhandogya Upanishad (cerca de 500 a.C.). No Mahabharata (300 a.C.-200 d.C.) ele é uma

figura proeminente; no Bhagavad Gita, que é um acréscimo posterior, expõe-se pela primeira vez a doutrina do bhakti, uma carinhosa adoração a ele como meio de salvação, que se soma aos meios do trabalho e do conhecimento. Não se faz menção aos seus feitos de juventude. Ele é apresentado como amigo e conselheiro de príncipes. É essencialmente Dwarkanath, o Senhor de Dwaraka; muitas passagens identificam-no com Vishnu, embora na sua forma humana ele adore Mahadeva e Uma e receba dádivas deles.

Num período subsequente, entre a época da compilação do Gita e a do Vishnu Purana e do Bhagavata Purana, provavelmente no décimo ou décimo primeiro século, surgiu a veneração do menino Krishna, o principal elemento do culto moderno. O menino Krishna representa, sem dúvida, o deus local de um clã Rajput. Os nomes de Govinda e Gopala (pastor) indicam sua origem como um deus dos rebanhos e dos bandos de animais.

Já demos um resumo do Mahabharata; nas páginas seguintes passamos a relatar as lendas mais modernas sobre a juventude de Krishna, com apenas uma breve referência aos seus feitos na Grande Guerra. O que damos é apenas uma tradução condensada, compilada de várias fontes, particularmente o Vishnu Purana, o Bhagavata Purana e o Prern Sagara.

No final da Terceira Era um clã Rajput, os Yadavas, descendentes de Yadu, príncipe da dinastia Lunar, vivia na margem do Jamna e tinha por capital a cidade de Mathura. Na época do início da história, Ugrasena, embora fosse o legítimo rei, tinha sido deposto por seu filho Kans, um governante cruel e despótico — na verdade um rakshasa gerado por Pavanarekha, esposa de Ugrasena, após ela ter sido violentada. Assim, encontramos os rakshasas dominando Mathura, onde ainda vivem também alguns dos Yaduvamsis. Mas a maioria destes reside com seus rebanhos e bandos de animais em Gokula ou em Braj, no campo, e são apresentados como pagantes de imposto anual para a cidade de Mathura. Assim, há, como no Ramaiana, um estado de oposição entre duas sociedades ideais, uma sociedade moral, onde os deuses se encarnam em indivíduos heróicos, e uma imoral, que eles querem destruir. É em resposta à oração da terra maltratada, assolada pela tirania dos Kans, e também por solicitação dos deuses, que Vishnu nasce entre os Yaduvamsis ao mesmo tempo que outros seres celestiais — deuses, rishis, kinnaras, gandharvas e assim por diante.

Essa é a lenda pseudo-histórica de Krishna. Essa história, quaisquer que sejam suas origens, criou fundas raízes no coração e na imaginação da Índia. Muitas razões explicam tal fato. Ela é a principal escritura da doutrina do bhakti (devoção) como meio de salvação. Esse é um caminho que todos, de qualquer posição social e por mais humilde que seja sua condição, podem trilhar. As gopis¹ são o grande tipo e símbolo daqueles que encontram Deus pela devoção (bhakti), sem ter recebido nenhum ensinamento (jnanam). E por Krishna que elas renunciam à ilusão da família e a tudo o que seu mundo considera dever; elas deixam tudo e o seguem. O chamado de sua flauta é o chamado irresistível do Infinito; Krishna é Deus, e Radha, a alma humana. Não importa que Jamna e Brindaban tenham de ser encontrados no mapa: para quem ama Vaishnava, Brindaban é o coração humano, onde prossegue a eterna ação do amor a Deus.

O nascimento de Krishna

Vasudev descendia de Yadu, da dinastia Lunar. Era casado com Rohini, filha do rei Rohan, e a ele Kans também deu sua irmã, Devaki. Imediatamente depois do casamento ouviu-se uma voz celestial que anunciou: "O Kans, tua morte virá pela mão do oitavo filho de Devaki". Assim, Kans resolveu matar Vasudev imediatamente, mas, tendo sido dissuadido de fazê-lo, acabou por matar um a um seus filhos com Devaki, até que seis estavam mortos. Na sétima gravidez de Devaki a serpente Shesh, ou Ananta, em quem repousa Narayana, se fez gerar em seu ventre como ser humano. Para salvar de Kans essa criança, Vishnu criou uma forma de pensamento de si mesmo e a enviou para Mathura. A forma tirou o bebê do útero de Devaki e o deu a Rohini, que se tinha refugiado com os pastores em Gokula e foi assistida por NandeYasoda, um casal de bom coração que morava ali e até então não tinha filhos. O bebê nascido de Rohini chamou-se mais tarde Balarama. Depois de transferir a criança, o Enviado de Vishnu foi novamente até Devaki e lhe revelou o caso num sonho, e Vasudev e Devaki deram a entender a Kans que a criança tinha sido abortada.

Então Shri Krishna gerou-se no útero de Devaki e o Enviado de Vishnu gerou-se no útero de Yasoda, e assim ambas ficaram grávidas. Kans, quando

soube que Devaki esperava outro filho, mandou uma forte guarda até as vizinhanças da casa de Vasudev para matar a criança logo depois do nascimento; pois, por mais que temesse a profecia, ele não se atrevia a incorrer no pecado de matar uma mulher. Por fim Krishna nasceu e céus e terra ficaram repletos de sinais de alegria — as árvores e as matas floresceram e deram frutos, os poços se encheram, os deuses fizeram chover flores e os gandharvas tocaram seus tambores e flautas. Mas Krishna pôs-se diante do pai e da mãe, e esta era a sua aparência: sombriamente cinza, rosto de lua, olhos de lótus, envergando coroa e jóias e uma roupa de seda amarela; tinha quatro braços que seguravam búzio, disco, clava e flor de lótus. Vasudev e Devaki inclinaram-se diante dele e Shri Krishna disse-lhes: "Não temais, pois vim para livrar-vos de vosso temor. Levai-me para Yasoda, trazei a filha dela e entregai-a a Kans". Então ele tornou-se novamente uma criança humana, e a lembrança de sua Divindade se afastou de ambos, mãe e pai, e eles pensaram apenas: "Temos um filho", e começaram a imaginar como poderiam salvá-lo de Kans.

Devaki, de mãos postas, disse ao marido: "Levemo-lo para Gokula, onde vivem nossos amigos Nand e Yasoda e tua esposa Rohini". Naquele instante os grilhões tombaram-lhe dos membros, os portões se abriram e os guardas caíram adormecidos. Assim, Vasudev colocou Krishna em um cesto, levou-o sobre a cabeça e partiu para Gokula. Ele não sabia como cruzar o Jamna, mas, fixando o pensamento em Vishnu, entrou na água, que subiu cada vez mais alto até atingir-lhe o nariz; então Krishna, vendo-se perdido, esticou os pés para o fundo e a água baixou. Vasudev cruzou o rio e foi até a casa de Nand, onde Yasoda tinha tido uma filha; mas Devi havia lançado o esquecimento sobre ela para que não se lembrasse de nada. Vasudev trocou as crianças e voltou para Mathura; e quando estava novamente com Devaki, os grilhões e as portas se fecharam, os guardas acordaram e o bebê chorou. Informado do que acontecera, Kans foi, aterrorizado, espada desembainhada, até a casa da irmã. Uma voz anunciou-lhe: "Teu inimigo nasceu e tua morte é certa". Mas, vendo que tinha nascido uma menina, ele libertou Vasudev e Devaki, rogou-lhes perdão pelas mortes e os tratou bem. Estava porém mais enraivecido do que nunca, irritado com os deuses, que o haviam enganado e tomado vã sua guarda de Devaki, e, acima de tudo, queria matar Narayana — isto é, Vishnu. Para esse fim, seus ministros aconselharam-no a matar todos aqueles que

serviam Vishnu: brâmanes, iogues, sannyasis e os demais homens sagrados. Kans deu ordens nesse sentido e mandou que seus rakshasas matassem vacas, brâmanes e todos os adoradores de Hari.

As proezas da juventude de Krishna

Nessa ocasião Gokula exultava com o nascimento de um filho de Nand e Yasoda: os astrólogos profetizaram que a criança mataria os demônios e seria chamada Senhor das Moças do Rebanho, e sua glória seria cantada por todo o mundo. Mas Kans, sem saber onde Shri Krishna havia nascido, enviou assassinos para matar todas as crianças. Entre seus seguidores havia uma rakshasi chamada Putana, que sabia do nascimento do filho de Nand e foi a Gokula para destruí-lo, tomando a aparência de uma bonita mulher e passando veneno nos seios. Chegada à casa de Yasoda, ela se mostrou muito afável; logo pegou o bebê no colo e ofereceu-lhe o seio. Ele agarrou-o fortemente e sugou com voracidade, de forma que, junto com o leite, tirou a vida da rakshasi. Ela fugiu, mas Krishna não a deixou escapar e finalmente caiu morta, assumindo seu próprio corpo, enorme e horroroso. Nesse mesmo momento Nand retornava de Mathura, aonde tinha ido pagar o imposto; encontrou a rakshasi jazendo morta e todo o povo de Braj de pé, à volta dela. Eles lhe contaram o que havia acontecido e então queimaram o volumoso corpo — que exalou a mais doce fragrância, porque Shri Krishna lhe havia dado a salvação ao beber seu leite. Abençoados são os que Vishnu mata.

Pouco tempo depois se realizou uma festa para comemorar o nascimento de Krishna. Mas durante o folguedo ele foi esquecido e deixado sozinho embaixo de uma carruagem. Então uma rakshasi que passava o viu jazendo ali, chupando o dedo do pé, e para vingar Putana sentou-se no carro para esmagá-lo; mas Krishna deu um chute, quebrou o carro e matou a mulher endemoninhada. Todos os potes de leite e de coalhada que estavam dentro do carro se quebraram, e o barulho do carro quebrado e do leite a escorrer levou para ali todos os rapazes e moças do rebanho, que encontraram Krishna são e salvo.

Quando Shri Krishna tinha cinco meses outro demônio em forma de remoinho surgiu para varrê-lo do regaço de Yasoda, onde ele repousava; mas de repente ele ficou tão pesado que Yasoda teve de colocá-lo no chão. Então a tempestade transformou-se num ciclone, mas não houve perigo para Krishna, pois não pôde de modo nenhum levantá-lo. Por fim ele permitiu ao remoinho erguê-lo até o céu, e então, enquanto o povo de Braj chorava e lamentava, Krishna arremessou o rakshasa ao chão, matando-o, e a tempestade terminou.

As travessuras de Krishna

Krishna e Balaram cresceram juntos em Gokula; seus amigos eram gopas e gopis, os rapazes e as moças que cuidavam do rebanho. Eles tinham cabelos anelados, usavam túnicas azuis e amarelas, arrastavam-se pelo chão, entretinham-se com seus brinquedos e costumavam agarrar o rabo das vacas e fazê-las cair. Rohini e Yasoda seguiam-nos, por medo de que lhes acontecesse algum acidente. Mas Krishna era muito travesso. Aproveitava a hora em que as gopis estavam dormindo e carregava os potes de coalhada. Quando via qualquer coisa em uma prateleira alta, ele subia, puxava-a para baixo e a experimentava; então cuspi-a fora ou escondia o resto. As gopis iam se queixar à mãe dele, chamando-o de ladrão de manteiga, e então Yasoda ia à sua procura e lhe falava que ele não devia apossar-se dos alimentos da casa de outras pessoas. Mas ele inventava uma história plausível e dizia que as gopis lhe tinham oferecido o alimento ou lhe haviam pedido que fizesse para elas algum trabalho; e então acrescentava: "Elas estão contando mentiras a meu respeito". Krishna sempre levava a melhor.

Um dia ele estava brincando com Balaram no pátio e comeu barro; um de seus amiguinhos contou a Yasoda e ela foi com uma vassoura castigá-lo. Mas ele havia limpado a boca e negou saber qualquer coisa sobre o assunto. Entretanto Yasoda insistiu em olhar dentro de sua boca. Mas quando ele a abriu, o que ela viu! Havia ali todo o universo, os "Três Mundos"! Então ela disse para si mesma: "Que tola sou eu em pensar que o Senhor dos Três Mundos possa ser meu filho". Mas Vishnu novamente disfarçou sua divindade e Yasoda levou-o para casa.

Numa outra ocasião, Krishna andara roubando manteiga e Yasoda foi procurá-lo para dar-lhe uma sova. Encontrou-o com seus amigos, sentados num círculo; ele estava comendo e alimentando os outros. Vendo a mãe, Krishna correu para ela dizendo: "Ó mãe, não sei quem entornou o leite desnatado; deixa-me ir embora". Yasoda só pôde mesmo rir. Mas levou-o para casa e o amarrou a um grande pilão de madeira para impedi-lo de fazer suas travessuras. Exatamente nesse momento ele lembrou-se de que certa vez dois homens tinham sido condenados por Narada a permanecer em forma de árvore até que Krishna os soltasse. Assim, ele arrastou o pilão atrás de si, foi para o bosque onde estavam as árvores e puxou-as pelas raízes; no lugar delas surgiram dois homens. Krishna prometeu-lhes uma graça e os dois suplicaram-lhe que lhes permitisse ter sempre o coração ligado a ele. Krishna concedeu-lhes a graça e dispensou-os. Logo Yasoda chegou e, constatando a ausência de Krishna, saiu correndo por todos os lados à procura dele. Mas quando as gopis o encontraram perto das árvores caídas e ouviram contar o que tinha acontecido, imaginaram como tais coisas podiam ter se passado e perguntaram umas às outras: "Quem pode compreender os feitos de Hari?" Pouco depois disso Nand e Yasoda retiraram seus bens de Gokula, onde sofriam constantes perigos e opressões, e cruzaram o rio para chegar a Brindaban, passando a viver ali em paz e com conforto.

Mais milagres de Krishna

Quando tinha cinco anos, Krishna levou o rebanho a pastar no campo. Naquele dia Kans enviou um demônio na figura de uma garça azul, que foi para Brindaban e sentou-se na margem do rio, como uma montanha. Todos os moços que tomavam conta do rebanho se assustaram; mas Krishna subiu na garça e permitiu que ela o levasse para cima em seu enorme bico. Porém ele se aqueceu tanto que a garça de bom grado o soltou, e então ele abriu as mandíbulas da ave e forçou-as até que sua articulação se rompesse. Após essa proeza de Krishna, os gopas reuniram os novilhos e foram para casa junto com ele, rindo e brincando.

Noutra ocasião Kans enviou um dragão chamado Aghasur. O dragão escondeu-se no bosque, com a boca aberta. Os gopas pensaram que aquele

buraco fosse uma caverna na montanha e se aproximaram para olhar lá dentro. Exatamente nesse momento o dragão inspirou e todos os gopas e novilhos foram sugados para dentro de seu peito; ao sentir o vapor quente e venenoso eles gritaram, desesperados. Krishna ouviu aquilo e saltou para dentro da boca do dragão, e então a boca se fechou. Mas Krishna fez-se cada vez maior, até que o estômago do dragão arrebentou e todos os gopas e novilhos saíram ilesos.

Uma outra vez Krishna e os gopas estavam se divertindo numa conversa animada e com muitas risadas enquanto o rebanho pastava. Então Brahma veio e roubou todo o gado. Krishna foi procurar os animais e não os encontrou, então criou outra manada exatamente igual. Depois voltou para o lugar onde estivera se divertindo, mas os gopas também haviam desaparecido. Então ele fez outros à semelhança deles e foi para casa à noite com os rapazes e o gado substituídos, e ninguém, a não ser ele próprio, sabia que Brahma escondera os rapazes e os novilhos verdadeiros em uma caverna na montanha. Entrementes um ano se passou. Para Brahma foi apenas um momento, mas para os homens foi um ano. Brahma lembrou-se de seus feitos e foi ver o que havia acontecido. Encontrou os rapazes e os novilhos dormindo na caverna; então foi a Brindaban e encontrou rapazes e novilhos também ali. E Krishna criara todos os gopas à semelhança de deuses, com quatro braços e a aparência de Brahma, Rudra e Indra. Vendo isso, o Criador ficou perplexo; estático como uma pintura, ele se esqueceu de si mesmo, e seus pensamentos puseram-se a vagar. Ele ficou entristecido, como uma imagem de pedra não venerada, não honrada. Mas Krishna, ao ver Brahma tão infeliz, fez recuar para si todas aquelas formas ilusórias, e Brahma caiu aos pés dele e lhe pediu perdão, dizendo: "Todas as coisas são encantadas por tua ilusão; mas quem pode aturdir-te? És o Criador de tudo. Em cada fio de cabelo teu estão muitos Brahmas iguais a mim. Tu, que te compadece dos humildes, perdoa-me". Então Krishna sorriu e Brahma devolveu todos os gopas e todos os novilhos. Quando eles acordaram, nada sabiam sobre o tempo que havia passado, mas apenas louvaram Krishna por ter encontrado os novilhos tão prontamente. Então todos eles voltaram para casa.

A sujeição de Kaliya

Um dia os gopas saíram muito cedo e caminharam através dos bosques e ao longo da margem do rio até chegar ao lugar chamado Kaliya. Beberam um pouco de água e as vacas fizeram o mesmo; mas de repente as moças e as vacas começaram a rolar e rolar, e estavam todas morrendo envenenadas. Então Krishna lançou sobre elas um olhar vivificante e elas reviveram.

Nessa época vivia naquele lado do Jamna uma hidra ou naga chamada Kaliya, e por quatro léguas à sua volta a água fervia e borbulhava por causa do veneno. Nenhum pássaro ou animal silvestre se aproximava, e apenas uma árvore solitária havia brotado na margem do rio. O lar original de Kaliya era Ramanaka Dwipa, mas ela tinha saído de lá por temer Garuda, o inimigo de todas as serpentes. Garuda tinha sido amaldiçoado por um iogue residente em Brindaban, de forma que ele não poderia ir a Brindaban sem encontrar a morte. Por isso Kaliya vivia em Brindaban, o único lugar onde Garuda jamais iria.

Uma vez Krishna jogava bola com os gopas e durante o jogo subiu em uma árvore kadamb que pendia sobre a margem do rio. Então os gopas lhe atiraram a bola e ela caiu no rio. Shri Krishna pulou atrás dela. Kaliya levantou-se com suas cento e dez cristas vomitando veneno e os amigos de Krishna estenderam as mãos, lamentando e chorando, e as vacas correram de um lado para o outro, mugindo e bufando. Entrementes alguém correu a Brindaban e trouxe Rohini, Yasoda e Nand, todos os gopas e gopis, e eles vieram apressados correndo para a margem do remoinho de Kaliya mas não puderam ver Krishna. Apenas Balaram confortou a todos, dizendo: "Krishna voltará muito depressa. Ele não pode ter morrido".

Nesse meio tempo Kaliya enrolou-se no corpo de Krishna, mas ele ficou tão enorme que a serpente teve de soltá-lo. Dessa forma, Krishna salvou-se de todos os ataques, e ao ver o povo de Braj tão amedrontado ele de repente pulou na cabeça de Kaliya, assumiu o peso do universo inteiro e dançou sobre as cabeças da naga, marcando o ritmo com o pé. Então Kaliya começou a morrer. Ela atirou para os lados suas cristas, pondo para fora as línguas, e correntes de sangue saíram de sua boca. Quando estava quase vencida, surgiu em seu coração um pensamento: "Esse deve ser o Macho Primordial, pois só ele é capaz de resistir ao meu veneno". Assim pensando, ela perdeu todas as esperanças e ficou quieta. Mas então as esposas da naga vieram e

ficaram em torno de Krishna; algumas estenderam para ele as mãos em prece e outras inclinaram-se para beijar-lhe os pés, adorando-o e rogando por seu marido. "Por favor, soltai-o", diziam elas, "ou matai-nos com ele, pois para uma mulher sem marido a morte é uma coisa boa. Além disso, por favor, considerai que ser venenosa faz parte da natureza de uma serpente e perdoai-o". Shri Krishna desceu da cabeça de Kaliya e a serpente o adorou e lhe pediu perdão por não ter reconhecido o Senhor. Então Krishna perdoou-a e mandou-a para casa, para Ramanaka Dwipa. Mas ela temia ir lá, por causa de Garuda, e contou isso a Krishna, que lhe respondeu: "Vai sem medo. Garuda verá a marca de meus pés em tua cabeça e não te tocará". Então Kaliya e sua família foram para Ramanaka Dwipa e Krishna saiu da água.

Todo o povo de Braj se alegrou ao ver Krishna surgir são e salvo. Todos estavam demasiado cansados; por isso, resolveram não ir para casa naquele dia e passaram a noite na floresta, perto do remoinho de Kaliya. Mas por volta da meia-noite irrompeu um terrível incêndio que teria destruído as árvores, as vacas e as pessoas, não houvesse Shri Krishna bebido o fogo e salvado a todos. Pela manhã todos voltaram para casa, rejubilando-se e cantando.

A flauta de Krishna

Então chegou a estação quente, mas, graças a Krishna, em Brindaban era sempre primavera. Um dia um rakshasa disfarçado de gopa apareceu e começou a brincar com os outros; mas Krishna fez um sinal para Balaram e lhe disse que matasse o demônio, porém não na sua aparência de gopa. Então Balaram deixou o demônio carregá-lo nas costas, como se estivesse brincando, e quando eles atingiram uma boa distância e o rakshasa assumiu sua forma original para matá-lo, subitamente Balaram abateu-o e o aniquilou. Enquanto isso as vacas se afastaram e os gopas não puderam encontrá-las; mas Krishna subiu em uma árvore kadamb e tocou sua flauta, e imediatamente as vacas e os rapazes vieram correndo para ele, como as águas de um rio que encontra o mar.

Krishna costumava tocar sua flauta na floresta. Quando a ouviam, todas as moças de Braj saíam e o procuravam; mas não conseguiam encontrá-lo, e

tinham de esperá-lo até o entardecer, quando ele voltava. Então elas se sentavam juntas no caminho e falavam sobre a flauta. Uma dizia: "Veja como esse tubo de bambu é honrado; bebendo o néctar dos lábios de Krishna o dia todo, ressoa como uma nuvem e derrama encanto. Por que ela é mais amada que nós? Essa coisa feita bem diante de nossos olhos tornou-se igual a uma esposa rival. Até mesmo os deuses ficam atentos quando Krishna toca sua flauta. Que disciplina ela cumpriu para fazer com que todas as coisas a obedeam?" Outra gopi replicou: "Primeiro, quando ela cresceu na haste do bambu, lembrou-se de Hari; depois a suportou calor, frio e água; por fim, cortada em pedaços, respirou a fumaça de sua própria combustão. Alguém mais cumpre tais mortificações? A flauta é perfeita em sua origem e recebe a recompensa que lhe é dada". Então outra mulher de Braj exclamou: "Por que o Senhor de Braj não fez de nós flautas para ficarmos com ele dia e noite?"

Unia vez, no inverno, quando fazia frio e o campo estava coberto de geada, as moças de Braj desceram e foram juntas se banhar no Jamna. Fizeram uma imagem de Devi cultuaram-na com flores, frutos e incenso e oraram: "Ó Deusa, por favor, permiti que Shri Krishna seja nosso Senhor". Depois elas jejuaram durante todo o dia e se banharam, e quando veio a noite dormiram na margem do rio, para que Devi atendesse às suas orações.

Krishna rouba as roupas das gopis

Um outro dia as gopis foram a um lugar solitário, deixaram as suas roupas na margem e brincaram na água e cantaram canções em louvor a Hari. Mas Shri Krishna estava por perto, sentado em uma árvore, vigiando seu rebanho Ouvindo as canções das moças, ele se aproximou muito calmamente e olhou; então viu as roupas e uma idéia lhe veio à mente; ele pegou as roupas e subiu em uma arvore kadamb. Logo as moças saíram da água e não puderam encontrar as roupas. Olharam por toda parte, até que, por fim uma delas ergueu o olhar e viu Shri Krishna sentado na árvore com uma trouxa de roupas. Ele usava uma coroa, roupas amarelas e tinha uma bengala e uma guirlanda de flores na mão. Então ela chamou as outras: "Está lá, em cima daquela árvore kadamb, aquele que rouba nossos corações e nossa roupa". As

moças ficaram envergonhadas e saltaram dentro água para se esconder, e ali permaneceram, pedindo a Krishna que lhes desse suas roupas. Mas ele não quis devolve-las e lhes disse: "Vocês devem sair e vir buscá-las".

As moças de Braj não ficaram muito contentes com aquilo e disseram: "É interessante esse teu pedido; mas nós vamos dizer a nossos pais e amigos e a Nand e Yasoda, e eles não vão punir-te. Devias proteger a honra de nossos maridos. E é por tua causa que estamos nos banhando e mantendo nosso juramento"-

Então Krishna respondeu: "Se estais realmente tomando banho por minha causa, então deixai de lado a vergonha, recebei vossas roupas". Então as gopis disseram para si mesmas: "Devemos respeitar unicamente o que Hari diz. Ele conhece todo nosso corpo e alma; o que há de vergonha nisso?" E elas saíram da água, os olhos baixos. Mas Krishna riu e disse: "Agora, de mãos postas, caminhai para frente e pegai vossas roupas". As moças responderam: - Querido de Nand, por que nos enganas? Somos moças simples de Braj. Mas elas juntaram as mãos e Krishna deu-lhes as roupas.

Então as gopis foram para casa e Krishna acompanhou os gopas e as vacas. Mas, enquanto caminhava, ele olhava freqüentemente para a floresta profunda que o cercava e começou a falar sobre a glória das árvores. "Contemplai", disse ele, "estas que vieram fazer parte do mundo, que peso elas sustentam e que abrigo dão aos outros. É bom que esteja aqui um povo tão bondoso".

Krishna levanta uma montanha

O povo de Braj tinha se acostumado a adorar Indra, rei do céu e senhor da chuva. Certa vez, tendo elas feito uma oferenda a Indra, Krishna chegou e os persuadiu a abandonar seu culto. "Indra não é a divindade suprema", disse ele, "embora seja rei no céu. Ele tem medo dos asuras. E a chuva por que orais, e a prosperidade, estas dependem do sol, que faz subir as águas e as faz cair novamente. O que Indra faz? O que a virtude e a sorte determinam acontece por si mesmo". Então Krishna ensinou-os a adorar os bosques, os regatos e as colinas, e especialmente a montanha Govardhan. Eles levaram para a montanha oferendas de flores, frutos e doces, e quando Nand e Yasoda

se puseram diante da montanha com a mente voltada para ela, Krishna assumiu uma segunda forma, a do deus da montanha, e recebeu as oferendas. Ele também permaneceu com Nand na sua aparência original e adorou o rei da montanha. A montanha recebeu as oferendas e comeu-as todas, e assim todo o povo de Braj ficou satisfeito.

Mas Indra estava zangadíssimo pela perda de sua honra e das dádivas. Mandou buscar o Rei das Nuvens e ordenou-lhe que fizesse chover sobre Braj e sobre a montanha Govardhan até que ambas desaparecessem. Então um exército de nuvens cercou o distrito de Braj e começou a derramar lençóis de água, a ponto de parecer que o fim do mundo tinha chegado. Os habitantes de Braj, com Nand e Yasoda, foram todos ao encontro de Krishna e lhe disseram: "Tu nos persuadiste a abandonar o culto de Indra; agora traz a montanha aqui, para proteger-nos". Então Krishna encheu Govardhan com o calor candente de sua energia, levantou-a no dedo mínimo, e toda a população de Braj, com as vacas, encontrou abrigo sob a montanha e ali ficou, olhando completamente pasma para Krishna. Enquanto isso a chuva que caía na montanha assobiava e evaporava, e embora torrentes de água tenham caído por sete dias, nem uma só gota atingiu Braj. Então Indra desistiu do conflito, pois sabia que ninguém poderia ter resistido a ele daquele modo, a menos que fosse uma encarnação do Macho Primordial. No dia seguinte, quando Krishna e Balaram saíram para dar pasto às vacas, com música de flauta e canto, Indra desceu do céu montado em seu elefante Airavata e caiu aos pés de Krishna, submetendo-se a ele.

A dança do amor

Quando Krishna roubou as roupas das gopis ele lhes havia feito uma promessa de dançar com elas no mês de Karttik, e desde aquela época elas esperavam ansiosamente pela ocasião determinada. Por fim chegou o outono, quando calor, frio e chuva tinham passado e todo o campo estava cheio de alegria; Krishna saiu para ver a noite de lua cheia de Karttik. Soprava uma brisa leve, as estrelas brilhavam, resplandecentes e claras, e todos os bosques e campinas estavam banhados na luz da lua. Então ele determinou-se a cumprir a promessa e tomou a direção da floresta, tocando sua flauta. As moças de

Braj ficaram ansiosas e perturbadas pelo som da flauta, que as chamava em sua casa, até que por fim abandonaram a ilusão de família e a vergonha, deixaram seu deveres de dona-de-casa, adornaram-se apressadamente e correram para Krishna. Uma delas, quando saía, foi impedida pelo marido, levada de volta para casa e presa; mas ela pensava unicamente em Hari, e assim deixou o corpo e chegou lá em primeiro lugar, antes de todas as outras, e Krishna, por causa do amor que ela demonstrou, deu-lhe total salvação.

Ora, ela não pensava que Krishna fosse Deus, quando morreu por seu amor. Foi como homem que ela o desejou. Como, então, podia obter a salvação? Mesmo que se beba a água da vida sem ter conhecimento disso, ainda assim o que bebe será imortal; o mesmo se dá com o fruto da adoração a Hari. Muitos havia que ganharam a salvação por intermédio dele, embora tivessem inclinações muito diferentes com relação a ele. Nand e Yasoda consideravam-no seu filho; as gopis, seu amante; Kans prestava-lhe reverência por medo; os Pandavas consideravam-no um amigo; Shishupala respeitava-o como inimigo; os Yaduvamsis pensavam que ele fosse um deles; os iogues e os rishis pensavam nele como Deus; mas todos lograram a salvação. Assim, não deve espantar que uma gopi cujo coração está preso a ele possa atingir a praia mais distante da existência.

Por fim as gopis, seguindo o som da flauta, encontraram Krishna no fundo da floresta e ficaram fitando sua beleza, encantadas e embaraçadas. Então Krishna perguntou se elas estavam bem e censurou-as por terem abandonado o marido. Ele lhes disse: "De qualquer forma, vistas a densa floresta, o luar prateado, as bonitas margens do Jamna; agora, então, ide para casa, cada uma para seu marido". Ao ouvir essas cruéis palavras todas as gopis ficaram estáticas, mergulharam num imenso oceano de meditação e as lágrimas caíram de seus olhos como um colar de pérolas partido. Por fim, elas encontraram palavras para censurá-lo. "Ó Krishna", disseram elas, "és um grande enganador. Arrebataste-nos com tua flauta e roubaste nosso coração, nossa mente e nossa riqueza, e agora estás frio, indelicado, e porias fim à nossa vida. Abandonamos clã, lar e marido, e menosprezamos a censura do mundo; agora não há ninguém para nos proteger além de ti, ó senhor de Braj. Para onde devemos ir e estabelecer um lar, se estamos tomadas de amor por ti?".

Então Shri Krishna sorriu e chamou-as para perto de si, convidou-as para dançar consigo e alegrou-as. Então, com sua habilidade, ele formou num círculo na margem do Jamna um terraço de ouro cheio de bananeiras de cujos galhos pendiam guirlandas de flores de todas as formas. As gopis foram para um lago chamado Manasarowar e enfeitaram-se da cabeça aos pés, ficaram bem vestidas e adornadas com jóias. Levaram alaúdes e címbalos e começaram a tocar, cantar e dançar, enquanto Govinda permanecia entre elas, como uma lua num céu estrelado. Então elas deixaram de lado toda reserva e pudor; estavam inebriadas de amor e pensavam em Krishna, agora, como inteiramente delas.

Mas ele viu a soberba das gopi e deixou-as sós; tomou consigo apenas Radha e desapareceu. Então todas as gopis ficaram assustadas, se entristeceram e começaram a perguntar umas às outras aonde ele tinha ido. Procuravam-no aqui e ali e gritavam: "Por que nos deixaste, ó Senhor do Braj, a nós que abandonamos tudo por ti?" Depois elas passaram a perguntar às árvores, pássaros e animais selvagens, como às figueiras, ao cuco e à corça: "O querido de Nand passou por aqui?" Por fim encontraram as marcas dos pés de lótus e, perto delas, as pegadas de uma mulher. E depois encontraram um leito de folhas e um espelho adornado com jóias. Elas perguntaram ao espelho aonde ele havia ido e, não tendo havido resposta, a dor da separação as dominou totalmente. E iam as gopis assim miseravelmente procurando Krishna. Mas Radha estava exultante e se achava a maior delas todas, e tornou-se tão orgulhosa que pediu a Shri Krishna que a carregasse nos ombros. Mas, exatamente quando ela ia subir, ele desapareceu, e Radha ficou ali sozinha, as mãos estendidas, como luar sem lua ou relâmpago sem nuvens; ela era tão clara que seu clarão derramava-se sobre o solo e o fazia brilhar como ouro. Radha ficou ali e chorou, todos os pássaros, animais, árvores e trepadeiras choraram com ela. As gopis encontraram-na ali e ficaram muito contentes de vê-la, como ficaria qualquer pessoa que tivesse perdido um grande tesouro e depois encontrasse metade dele. Elas abraçaram-na muitas vezes e penetraram com ela na floresta, em busca de Krishna. Enquanto houve um pouco de luar elas caminharam; mas quando não mais puderam encontrar o caminho na floresta escura tiveram de voltar. Sentaram-se na margem do

Jamna, falaram de Krishna e gritaram por ele até ficar enfraquecidas e cansadas. Mas ainda assim ele não veio.

Então, quando viu que as gopis estavam morrendo de amor, Krishna apareceu novamente no meio delas, de forma que todas elas saíram do mar de solidão e se alegraram porque ele lhes disse: "Isso eu fiz para por-vos à prova. O que posso fazer para recompensar-vos suficientemente? Pois, como um vairagi, deixando o seu lar e ofertando o coração a Deus, viestes a mim". Então Krishna brincou e dançou com as gopis. Ele multiplicou sua presença e dançou com elas em uma roda, levando cada uma delas a pensar que Krishna estava a seu lado e segurava suas mãos: então eles giravam num círculo, o moreno Krishna e as claras moças de Braj, como um colar de ouro e safira. Algumas delas tocavam alaúde e cantavam de muitos modos; tão extasiadas estavam que mente e corpo foram esquecidos. Quando uma delas cessava com a mão o som da flauta e ela própria cantava as notas do instrumento, Krishna esquecia tudo o mais, como uma criança que vendo seu rosto num espelho se esquece de tudo em sua admiração. Assim eles passaram o tempo, e até os deuses vieram do céu para ver a dança, e vento e água ficaram calados para escutar. Mas quando ainda restavam quatro períodos de vigia da noite, Krishna disse às moças que era tempo de ir para casa, e para confortá-las recomendou: "Meditai sempre sobre mim, como fazem os iogues, para que eu possa estar perto de vós". Assim, elas ficaram satisfeitas e voltaram para casa, e ninguém soube que elas tinham estado fora.

A viagem para Mathura

Tendo falhado todos os outros planos para matar Krishna, Kans resolveu atraí-lo para Mathura. Enviou um mensageiro a Nand convidando todos os criadores de gado, e também Krishna e Balarama, para um sacrifício a Shiva, esportes e festividades que se realizariam em Mathura. O convite foi aceito e toda a população de Braj, com suas manadas, seus rebanhos e carroças, partiu para a cidade; apenas as moças permaneceram em Braj, chorando; elas ladearam Yasoda, olhavam para Krishna para ter dele o último vislumbre e pediam-lhe que voltasse logo.

Chegando nas imediações de Mathura, os homens de Braj enviaram presentes a Kans e acamparam. Krishna e Balaram entraram na cidade para ver as suas maravilhas, os magníficos muros e palácios, jardins e bosques. No caminho eles encontraram um tintureiro e quiseram adquirir roupas finas. O tintureiro riu e recusou-as, mas eles pegaram-nas à força e fizeram-se muito vistosos. Logo depois encontraram uma mulher corcunda que pediu a Krishna permissão para esfregar pasta de sândalo em seu corpo; ele, vendo a profunda dedicação da mulher, pôs dois dedos sob o queixo dela, levantou-a e tornou-a ereta e bela. Então lhe disse: "Quando tiver matado Kans, virei e ficarei contigo".

O torneio em Mathura

Em seguida, os irmãos foram para a arena, onde estava instalado o arco de Shiva, pesado e enorme como três palmeiras. Krishna subiu até onde estava o arco, puxou-o e quebrou-o em dois, com grande barulho. Ao ouvir aquilo Kans ficou aterrorizado e, vendo a morte aproximar-se, mandou que matassem os irmãos. Mas estes mataram todos os soldados que Kans enviara e foram ao encontro dos vaqueiros no acampamento, dizendo-lhes que haviam visto a cidade e se divertido, e agora estavam cansados e com fome. Então Nand deu-lhes alimento e eles foram dormir.

Mas Kans teve maus sonhos e quando acordou ordenou preparassem a arena para o torneio e fizessem soar as trombetas para a Assembléia. Shri Krishna e Balaram foram para o torneio disfarçados de prestidigitadores e todos os vaqueiros os seguiram. Quando chegaram aos portões da arena, estava à espera um elefante furioso, tão forte quanto dez mil elefantes comuns. Seu condutor dirigiu-o no rumo de Krishna para esmagá-lo, mas Balaram deu no animal um soco tão forte, que ele se voltou para trás, e quando foi novamente dirigido contra eles os dois irmãos mataram-no facilmente. Então eles entraram na arena e Krishna apareceu para cada pessoa conforme a própria natureza dessa pessoa o revelava: os lutadores pensavam que ele fosse um lutador, os deuses conheciam-no como seu senhor, os vaqueiros, como um amigo, as mulheres de Mathura viam nele um tesouro de beleza e Kans e os rakshasas pensavam que ele fosse a Morte.

Num piscar de olhos Krishna já havia lutado com todos os homens mandados pelo rei e matado o mais forte deles. Então ele pulou para o trono real, arrastou o rei pelos cabelos e num piscar de olhos o matou, fazendo com que homens, deuses e santos se rejubilassem. Informadas do que havia acontecido, as esposas do rei afluíram apressadamente e, inconsoláveis, lamentaram sua morte. Mas a profunda sabedoria de Krishna logo as confortou. 'Ah, Mãe, não lamenteis', disse ele, "ninguém que vive pode deixar de morrer. Está enganado quem pensa que alguma coisa lhe pertence. Ninguém é pai ou mãe, ou filho; o que existe é apenas uma sucessão constante de nascimento e morte". Então fizeram-se na margem do Jamna os ritos funerários de Kans, e Krishna acendeu o fogo na pira. Depois, Krishna e Balaram foram ao encontro de Vasudeva e Devaki e os soltaram. O casal, percebendo sua aparência, reconheceu-o como Deus, mas ele tornou a esconder sua Divindade com o fim de levá-los a tomá-lo por seu filho, e eles abraçaram alegremente os dois irmãos. Depois Krishna instalou no trono seu avô, Ugrasena, e, pedindo a Nand que voltasse para Brindaban, passou a morar com seus amigos em Mathura. As moças de Braj estavam sempre em prantos, por Krishna não ter voltado para Brindaban; mas ele mandou que um mensageiro lhes dissesse em seu nome: "Agora abandonai a esperança de alegria e praticai apenas a devoção. Eu nunca estarei longe de vós". Quando se lembravam da flauta de Krishna e de sua dança, uma tal mensagem confortava pouco aquelas moças, pois elas ponderavam que oração e propósitos de autocontrole eram mais próprios para viúvas do que para corações afetuosos; elas pensavam que se ele havia decidido ficar em Mathura era porque mulheres mais bonitas teriam obtido seu amor ou porque ele preferia a vida na corte a conviver com vaqueiros. Mandaram uma mensagem de resposta, dizendo: "Ah, Senhor, tens falado de união espiritual, mas durante todo o tempo só há desunião entre nós. Seria preferível voltares para nós, que estamos morrendo de amor, e salvar nossa vida". Contudo, nada podia lhes valer, porque aquilo que tinha sido não podia voltar a ser.

Por essa época chegaram notícias dos Kurus e dos Pandavas, segundo as quais os Pandavas estavam sendo extremamente oprimidos. Então Krishna mandou um mensageiro se informar sobre o assunto. O mensageiro foi para Hastinapura e voltou contando o que havia acontecido.

A migração para Dwaraka

Nesse meio tempo um rakshasa chamado Jurasindhu, sogro de Kans, invadiu Mathura com um grande exército; e embora Krishna tivesse destruído esse exército de demônios, um outro asura, Kalayavan, cercou Mathura com um exército de trinta milhões de monstruosos espíritos malignos. Então Krishna achou melhor deixar aquele lugar. Ele chamou Vishvakarma e ordenou-lhe que construísse no meio do mar uma grande cidade com vinte léguas de extensão, que se chamaria Dwaraka, e para lá transportasse os Yaduvamsis sem que nenhum deles soubesse disso. Assim, Vishvakarma transportou-os para a cidade no mar. Ao acordarem, ficaram todos maravilhados de ver o mar cercado Mathura, pois eles não sabiam o que havia acontecido.

Deixando as pessoas em Dwaraka, Krishna voltou para Mathura e matou Kālayavan. Jurasindhu o perseguiu, mas ele escapou e voltou secretamente com Balaram para Dwaraka, enquanto o rakshasa tomava posse da cidade de Mathura.

Ora, naquela ocasião havia nascido em Kundalpur uma filha do rajá Bishmak, belíssima e bondosa. Quando Shri Krishna soube disso, seu coração ficou preso a ela noite e dia. Ela também ouviu falar de Krishna deste modo: tinham vindo para Kundalpur alguns iogues errantes que em seus cantos louvavam os grandes feitos de Krishna; eles foram também para a corte e lá recitaram igualmente aquelas histórias. Rukmini as ouviu quando estava sentada em sua alta varanda, e então o vinho do amor se derramou dentro de seu peito. Desde aquele momento, noite e dia, ela não pensava em nada além de Krishna; dormindo ou acordada, comendo ou se divertindo, sua mente estava presa a ele. A moça fez uma imagem de Gauri e pediu a ela que lhe desse por marido o Senhor dos Yadus. Nessa altura Rukmini já estava em idade de se casar e seu pai e os irmãos buscavam um noivo para ela. O irmão mais velho, Rukma, sugeriu Shishupala, rei de Chanderi. O velho pai estava propenso a contratar o casamento dela com Shri Krishna, mas os irmãos riram disso e chamaram Krishna de vaqueiro; eles se decidiram por Shishupala e mandaram-lhe o dote nupcial, marcando o dia das núpcias. O povo da cidade ficou muito triste, pois todos queriam que a princesa se casasse com Shri

Krishna. Rukmini, quando informada do que estava ajustado, respondeu: "O Senhor do Mundo é meu, em pensamento, palavras e ações". Depois ela escreveu uma carta a Krishna e mandou um brâmane a Dwaraka. Dizia a carta: "Tu sondas os corações e conheces os pensamentos de todos: o que eu preciso dizer? És o meu refúgio; minha honra está em tuas mãos. Eu suplico: agi de forma a guardá-la; vem e revela-te à tua servidora". Quando Shri Krishna recebeu essa carta, partiu imediatamente para Kundalpur. Shishupala já se encontrava lá e as núpcias estavam prestes a se realizar. Krishna, entretanto, conseguiu levar Rukmini para fora da cidade e fugir com ela em seu carro, seguido por Balaram e todo o seu exército. Shishupala perseguiu-os com Jurasindhu, mas Krishna rechaçou-os, derrotou e prendeu Rukma, e levou Rukmini consigo. Eles tiveram um filho, Pradyumna, que foi um renascimento de Kamadev. O filho de Pradyumna, Aniruddha, foi um renascimento de Satrugna; ele casou-se com Charumati, embora essa aliança não tenha sido bastante para restaurar os feudos da família, e seu avô, Rukma, foi morto por Balaram. Mais tarde Aniruddha casou-se também com Usha, filha de Vanasur. Krishna manteve guerra contra Vanasur para salvar seu neto, a quem Vanasur havia aprisionado. Nessa guerra Shiva lutou ao lado de Vanasur, mais foi derrotado e se submeteu a Krishna. Então Krishna recebeu-o com estas palavras: "Shiva-ji, não há diferença entre ti e mim, e quem quer que pense em nós como diferentes cairá no Inferno e não será salvo; mas o que meditar sobre ti obter-me-á também".

Krishna casou-se com Mitrabinda, Satibhama e outras, tendo realizado grandes façanhas para obter cada uma delas; e certa vez, quando um demônio chamado Bhaumasur arrebatou e escondeu milhares de princesas, Krishna perseguiu-o e o matou, recebendo as princesas em sua casa. Cada uma de suas esposas teve dez filhos e uma filha, todos de pele morena, rosto muito redondo e olhos cor de lótus; e todos usavam amarelo e azul. As pessoas de Dwaraka eram conhecidas como os Vrishnis.

Krishna se casa com Kalindi

Enquanto Krishna reinava em Dwaraka, Duryodhana oprimia os Pandavas em Hastinapura e planejava a morte de todos eles. Krishna e

Balaram foram ajudá-los, e enquanto lá estavam, hospedados pelos Pandavas, Krishna se casou com Kalindi, filha do Sol.

Balaram era casado com Rewati, filha do rajá Rewat de Arnta. Certa vez, Balaram fez uma visita a Braj e relatou a Nand e a Yasoda os feitos de Hari, e encantou as gopis com danças e música. Sambu, filho de Krishna, tentou casar-se com Lakshmana, filha de Duryodhana; mas foi capturado e conservado prisioneiro até que Balaram foi em seu socorro e arrastou a cidade de Hastinapura para a margem do Ganges, antes que pudesse ser persuadido a poupar o povo. Ele levou Sambu e sua noiva, salvos, para Dwaraka.

Certa vez, Narada visitou Krishna em Dwaraka para ver como era sua vida de chefe da família com todas as suas milhares de esposas. Um a um, ele visitou o palácio de Rukmini, o de Satibhama, o de Mitrabinda e os demais, e em cada um deles encontrou Krishna e maravilhou-se com o poder de seu maya ioga, a mágica ilusão da manifestação. De outra feita, Narada foi visitar Krishna e o convidou para um grande sacrifício realizado em sua honra pelos Pandavas. Nessa gloriosa cerimônia Shishupala estava presente e foi morto por Krishna.

A escolha de Hiranyakashipu

Já narramos como Rama venceu Ravana na batalha pelo resgate de Sita. Shishupala e Ravana eram iguais a Hiranyakashipu, um ímpio rei Daitya que nutria um ódio implacável por Vishnu. Hiranyakashipu encontrou a morte quando blasfemava contra Deus. O próprio Vishnu saltou de um pilar de seu palácio na forma de um homem-leão (Narasimha) e cortou-o em pedaços. Dizem que outrora ele havia sido de alta posição social no céu de Vishnu, mas tinha cometido uma grande falta; então lhe foi oferecida a escolha da expiação por três nascimentos na terra como inimigo de Vishnu ou por sete nascimentos como amigo, e ele escolheu a primeira alternativa, que lhe permitiria voltar mais depressa.

Deve-se assinalar que Ravana, antes da batalha, num breve momento de reflexão, admite a divindade de Rama e diz: "Serei morto por ele, e por essa razão eu trouxe a filha de Janaka; não é por paixão ou por ódio que a retenho. Desejo, sendo morto, atingir a mais alta morada de Vishnu". De Shishupala se

diz que ele, mais que qualquer outra criatura, odiava Vishnu encarnado em Krishna e por essa razão encontrou a morte em suas mãos; mas, como seus pensamentos estavam sempre concentrados no Senhor, embora com ódio, Shishupala se uniu a ele depois da morte, pois o Senhor confere uma posição celestial e nobre a quem ele mata, mesmo se estiver enfurecido.

O fim de Krishna

Depois disso Krishna foi novamente juntar-se aos Pandavas e ficou com eles durante a Grande Guerra, como cocheiro de Arjuna. No campo de Kurukshetra ele declamou o Baghavat Gita. Estava presente na morte de Bhishma e depois da morte de Duryodhana recebeu a maldição da mãe do morto. Esta lamentou a morte de seu filho, do amigo e do inimigo; então, reconhecendo Hari como o Principal Móvel, como Aquele que está por trás de Tudo, ela o maldisse por deixar tais coisas acontecerem. Esta foi a sua maldição: que trinta e seis anos depois Krishna morreria só e de modo lamentável, e que seu povo, os Vrishnis, seria destruído. No devido tempo essas coisas aconteceram. Uma loucura atacou o povo de Dwaraka, de forma que uns agrediram os outros e foram mortos, juntos com todos os filhos e netos de Krishna. Ficaram vivos apenas as mulheres, Krishna e Balarama. Então Balarama foi para a floresta e Krishna, depois de enviar um mensageiro para a cidade dos Kurus, com a orientação de colocar a cidade e as mulheres de Dwaraka sob a proteção dos Pandavas, despediu-se de seu pai e, também ele, procurou a floresta onde Balaram o esperava. Krishna descobriu o irmão sentado sob uma enorme árvore na borda da floresta. Sentou-se ali como um iogue e contemplou; de sua boca saiu uma poderosa serpente de mil cabeças, a naga Ananta, que deslizou para o oceano. O oceano, os rios sagrados e muitas serpentes divinas vieram encontrá-lo. Então Krishna viu o irmão partir do mundo dos homens, e perambulou sozinho na floresta. Ele, que era cheio de energia sentou-se sobre a terra nua e pensou na maldição de Gandhari e em tudo o que tinha acontecido — ele sabia que havia chegado a hora da sua partida. Krishna controlou os sentidos com a ioga e deitou-se. Então um caçador que vinha por aquele caminho pensou que ele fosse um gamo e lançou uma seta, ferindo-lhe o pé. Mas ao se aproximar, o caçador viu um

homem vestido com roupas amarelas, praticando ioga. Sentindo-se um agressor, ele tocou-lhe os pés. Krishna levantou-se e o confortou, e então subiu para o Céu, enchendo de glória todo o firmamento; passando pelo paraíso de Indra, ele foi para o seu lugar.

Arjuna foi para Dwaraka, reuniu as mulheres e os filhos dos Vrishnis e partiu para Kurukshetra. No caminho, um bando de guerreiros atacou a cavalgada e levou uma grande parte das mulheres. Arjuna estabeleceu as outras em novas cidades com o remanescente dos descendentes de Krishna; mas Rukminí e muitas das esposas de Krishna se tornaram Sati, queimando-se em uma pira, e outras se tornaram ascetas e monjas. As águas do oceano avançaram e tomaram Dwaraka, e assim nenhum vestígio restou.

Capítulo V

BUDDHA

O fundamento histórico

A história de Buddha, pode-se dizer, não é um mito. Na verdade é possível desemaranhar da lenda de Buddha, assim como da história de Cristo, um núcleo de fato histórico. Fazer isso e demonstrar claramente seu preceito tem sido uma grande realização do ensino oriental durante o último meio século. Aqui, entretanto, iremos nos preocupar com toda a história mítica de Buddha, tal como esta é relatada em vários trabalhos que não são, estritamente falando, históricos mas têm um inquestionável valor literário e espiritual. Antes, porém, de começarmos a expor o mito de Buddha sintetizaremos seu núcleo histórico, até onde é possível determiná-lo, e explicaremos uma parte de suas doutrinas.

A vida de Buddha

No século V antes de Cristo os arianos invasores da Índia tinham já penetrado para além de Panjab, nos longes da planície, e estavam instalados em vilarejos e pequenos reinos ao longo do vale do Ganges. Uma das tribos arianas, os Shakyas, estava estabelecida em Kapilavastu, cerca de cem milhas a nordeste da cidade de Benares e trinta ou quarenta milhas ao sul do Himalaia. Era um povo dedicado à agricultura cujo meio de subsistência dependia principalmente do arroz e do gado. O rajá dos Shakyas, Suddhodana, era casado com as duas filhas do rajá de uma tribo vizinha, os Koli. Nenhuma de suas esposas havia tido filhos, mas quando estava com quarenta e cinco anos (cerca de 563 a.C.) a mais velha tornou-se mãe de um menino, tendo morrido sete dias depois. O nome de família do menino era Gautama. Mais tarde foi-lhe dado o nome de Siddhartha. Gautama casou-se cedo com sua prima Yashodhara, filha do rajá de Koli, e viveu feliz com ela, livre de cuidados ou necessidades. Aos vinte e nove anos, tendo-se deparado com quatro pessoas que lhe expuseram a velhice, a doença, a morte e, por último, o digno afastamento do mundo, o problema do sofrimento apresentou-se-lhe de modo

repentino e impressionante. Tomado pelo pensamento da incerteza de toda felicidade e condoído com o sofrimento dos outros, ele sentiu uma crescente inquietação e insatisfação com a vaidade da vida; e quando, dez anos depois de seu casamento, nasceu-lhe um filho, Gautama apenas sentiu que mais uma ligação precisava ser rompida antes que ele pudesse deixar seu mundo protegido a fim de buscar uma solução para os profundos problemas da vida e um meio de escapar ao sofrimento que parecia inevitavelmente associado a ela.

Naquela mesma noite, quando todos estavam dormindo, ele deixou o palácio, levando consigo apenas seu cavalo e servido unicamente por seu cocheiro, Channa. Ele havia desejado carregar o filho nos braços uma última vez, mas, encontrando-o adormecido ao lado de Yashodhara, temeu acordar a mãe, e então se afastou para sempre de tudo o que ele mais amava para tornar-se um caminhante sem lar. Na verdade o que conduz os homens aos grandes feitos é o perigo e a vida difícil, e não a segurança e a felicidade.

Gautama ligou-se sucessivamente a vários brâmanes eremitas em Rajagriha, nas colinas Vindhyan; então, insatisfeito com o que eles ensinavam, esforçou-se, por penitências solitárias na floresta, à maneira dos ascetas brâmanes, para obter poder sobre-humano e discernimento. Mas depois de ter suportado as mais severas privações e de ter praticado por um longo período a autoflagelação com toda a determinação, ele não se via próximo da iluminação, embora tivesse adquirido uma grande reputação de santo. Então ele abandonou aquela vida e voltou a alimentar-se normalmente; com isso sacrificou sua reputação, e seus discípulos o desertaram.

A tentação

Nesse tempo de solidão e malogro veio-lhe a grande tentação, simbolicamente referida como tendo sido apresentada por Mara, o demônio, na forma de tentação material e agressão. Invicto, entretanto, Gautama caminhou ao longo da margem do rio Nairanjara e sentou-se à sombra de um pipal (*Ficus religiosa*), e lá recebeu uma refeição simples das mãos de Sujata, filha de um aldeão das vizinhanças, que a princípio tomou-o por uma divindade da floresta. Durante o dia ele ficou sentado ali, assaltado pela dúvida e pela tentação de

voltar para casa. Mas com o passar do dia sua mente pareceu tornar-se cada vez mais clara, suas dúvidas foram se desfazendo, uma grande paz desceu sobre ele, enquanto o significado de todas as coisas se tornava aparente. Assim se passou o dia e a noite, até que, pela madrugada, veio a perfeita sabedoria e Gautama tornou-se Buddha, o iluminado.

Com a perfeita sabedoria veio para Buddha uma sensação de grande isolamento. Como seria possível compartilhar essa sabedoria com homens menos sábios, menos sérios? Era provável que ele pudesse persuadir alguém da verdade de uma doutrina de auto-salvação pelo autocontrole e pelo amor, sem se valer dos rituais e das teologias nos quais os homens, por toda parte e durante todo o tempo, se apóiam? Tal isolamento ocorre a todos os que comandam; mas o amor e a compaixão pela humanidade levaram Buddha a se decidir, apesar do risco de incompreensão ou fracasso, a pregar a verdade que havia visto. Assim, Buddha partiu para Benares a fim de "Girar a roda da lei", ou seja, fazer mover a roda do carro de um império universal de verdade e retidão. Ele se instalou no "Parque do Cervo", perto de Benares. A princípio sua doutrina não foi bem recebida, mas dentro de pouco tempo ela já era aceita por seus antigos discípulos e muitas outras pessoas. Alguns se tomaram seus seguidores pessoais; outros — os que não queriam deixar a vida familiar — eram discípulos leigos. Entre aqueles que aceitaram a doutrina de Buddha estavam seus pais, a esposa e o filho. Depois de um sacerdócio que durou quarenta e cinco anos, dedicados à pregação das novas doutrinas em Kapilavastu e nos estados vizinhos, ele estabeleceu uma ordem de monges budistas e também, embora com relutância, uma ordem de monjas. Por volta de 483 a.C. Buddha morreu, ou entrou no nirvana, cercado de seus desolados discípulos.

A doutrina de Buddha

Se sabemos relativamente pouco sobre a vida de Buddha, por outro lado temos um conhecimento confiável de sua doutrina. Na verdade, as concepções da personalidade de Buddha mudaram, mas a substância da sua doutrina tem sido preservada intacta desde cerca de 250 a.C. e há todas as razões para

acreditar que as obras que então foram formalmente aceitas como canônicas incluem a parte essencial de sua doutrina.

Em primeiro lugar é necessário compreender que, embora fosse um reformador e talvez, do ponto de vista sacerdotal, um herege (se tal palavra pode ser usada em conexão com um sistema que permite absoluta liberdade de especulação), ele foi educado, viveu e morreu como um hindu. Uma parte relativamente pequena de seu sistema de doutrina e de ética é original ou foi calculada para privá-lo do apoio e da simpatia dos melhores entre os brâmanes, muitos dos quais se tornaram seus discípulos. O sucesso de seu sistema deveu-se a várias causas: a personalidade maravilhosa e a suave moderação do homem, sua corajosa e constante insistência sobre uns poucos princípios fundamentais e, finalmente, o meio que ele usou para tornar seu ensino acessível a todos, sem relevar a aristocracia de nascimento ou o intelecto.

A idéia da não-permanência, da inevitável ligação entre tristeza e vida e entre vida e desejo, a doutrina do renascimento, do karma (todo homem deve colher o que ele próprio semeou), e uma complexa filosofia formal — tudo isso pertence à atmosfera intelectual da época de Buddha. A questão em que ele diferia mais profundamente dos brâmanes era a sua negação da alma, de qualquer entidade permanente no homem, a não ser associações temporárias que produzem a ilusão de uma pessoa, um ego.

Mesmo essa diferença, entretanto, é mais aparente do que real, e em épocas mais recentes descobrimos que se tornou quase impossível distinguir entre o "Vazio" budista e o "Eu" dos brâmanes. Pois a característica que distingue ambos é a ausência de quaisquer características: ambos são algo diferente de Ser e algo diferente de não-Ser. Até mesmo a palavra "nirvana" é comum ao budismo e ao hinduísmo, e o que se discute é se nirvana equivale ou não a extinção. Na verdade a questão é realmente imprópria, pois nirvana não significa outra coisa senão libertar-se dos grilhões da individualidade — como o espaço fechado em um pote de barro é libertado de sua limitação e se torna um espaço infinito quando o pote se quebra. Chamarmos esse espaço infinito de um Vazio ou de um Todo é mais uma questão de temperamento do que de fato; o importante é compreender que a aparente separação de qualquer porção dele é irreal e temporária, e é a causa de toda dor.

Assim, a heresia da individualidade é o grande engano a ser abandonado por aquele que se inicia na estrada budista da salvação. O desejo de manter essa personalidade ilusória é a fonte de todas as infelicidades e de todos os males de nossa experiência. A idéia de alma ou de personalidade é ilusória, porque não há, de fato, nenhum ser, somente um perene vir a ser. Aqueles que se livram dessas ilusões podem entrar no caminho que leva à paz de espírito, à sabedoria, ao nirvana (libertação). Muito sumariamente, esse caminho é resumido no celebrado verso:

Cessar todo pecado

Alcançar a virtude

Limpar o coração

— Essa é a religião dos Buddhas.

E basta de história. Agora veremos que lendas a imaginação dos homens teceu em torno dessa história do Iluminado. Temos de começar com a decisão tomada, numa vida muito anterior, de tornar-se um Buddha e com as suas posteriores encarnações em vários corpos até, por fim, nascer como o príncipe Shakya de quem falamos.

Como Sumedha tornou-se um Buddha Eleito

Há cem mil eras um brâmane rico, ilustre e honrado vivia na grande cidade de Amara. Um dia ele sentou-se, refletindo sobre a miséria do renascimento, da velhice e da doença, e exclamou:

Há, deve haver uma salvação! É impossível que não haja! Procurarei e encontrarei o caminho Que me libertará da existência.

Assim, ele retirou-se para o Himalaia e como ermitão viveu numa choupana, onde alcançou grande sabedoria. Enquanto estava ali mergulhado no êxtase, nasceu Um-Que-Venceu, Dipankara. Aconteceu que, prosseguindo em seu trajeto, esse Buddha foi ter perto de onde vivia Sumedha; ali havia homens preparando um caminho para seus pés pisarem. Sumedha juntou-se aos outros nesse trabalho e quando Buddha se aproximou ele se deitou na lama dizendo para si mesmo:

Possa eu apenas protegê-lo da lama, Grande mérito resultará para mim.

Enquanto estava deitado ali lhe veio à mente: "Por que não expulso todo o mal que permanece dentro de mim e não entro no nirvana? Mas que eu não faça isso só em meu benefício; será melhor que algum dia eu também adquira onisciência e em segurança conduza uma multidão de seres no barco da doutrina, sobre o oceano do renascimento, até a praia mais longínqua".

Dipankara, conhecedor de tudo, parou ao seu lado e proclamou-o para a multidão como alguém que mais tarde iria tornar-se um Buddha, especificando o lugar de seu nascimento, sua família, seus discípulos e seus descendentes. As pessoas se rejubilaram com isso, ponderando que, ensinadas por esse outro Buddha, teriam novamente uma boa oportunidade de aprender a verdade, pois a doutrina de todos os Buddhas é a mesma. Toda a natureza, então, mostrou sinais e presságios em testemunho da iniciativa e da dedicação de Sumedha; todas as árvores deram frutos, os rios ficaram tranqüilos, uma chuva de flores caiu do Céu, os fogos do Inferno se apagaram. "Não volte para trás!", disse Dipankara. "Vamos! Para a frente! Sabemos disso com o máximo de certeza; seguramente serás um Buddha". Sumedha decidiu, então, satisfazer as condições de um Buddha — perfeição nas dádivas, na observação dos preceitos, na renúncia, na sabedoria, na coragem, na paciência, na verdade, na determinação, na boa vontade e na indiferença. Começando, então, a cumprir essas dez condições da busca, Sumedha voltou para a floresta e viveu lá até a morte.

Depois disso ele renasceu de incontáveis formas — como homem, como deva, (Literalmente: um ser cintilante, isto é, um deus, mas uma divindade outra que não o Deus Supremo.), como animal, e em todas essas formas ele não saiu do caminho planejado, e assim se diz que não existe uma partícula do planeta onde Buddha não tenha sacrificado sua vida em benefício das criaturas. A história desses renascimentos está no livro Jataka, onde são relatados quinhentos e cinqüenta nascimentos. Destes, selecionaremos uns poucos exemplos típicos.

O elefante de seis presas

Uma vez o Buddha Eleito nasceu como filho do chefe de uma manada de oito mil elefantes reais que viviam perto de um grande lago no Himalaia. No

meio desse lago a água era clara, e nela surgiam faixas de lírios d' água, brancos e coloridos, e campos de arroz, cabaças, cana-de-açúcar e pacoveiras. O lago era cercado por um bosque de bambu e por um anel de grandes montanhas. No ângulo nordeste desse lago tinha crescido uma imensa figueira-de-bengala e no lado oeste havia uma enorme gruta dourada. Na estação chuvosa os elefantes viviam na caverna e na estação quente eles se reuniam sob os galhos da figueira para desfrutar a sombra fresca. Um dia o Buddha Eleito foi com suas duas esposas a um bosque de árvores sal, e quando ali estavam ele bateu com a cabeça em uma das árvores, de forma que uma chuva de folhas secas, galhos e formigas vermelhas caiu onde estava sua mulher Chu Uasubhadda e uma chuva de folhas verdes e flores caiu no outro lado, onde estava sua outra mulher, Mahasubhadda. Numa outra ocasião um dos elefantes trouxe um bonito lótus de sete buquês para o Buddha Eleito; ele o recebeu e deu a Mahasubhadda. Por causa dessas coisas Chu Uasubhadda ficou ofendida e nela se formou um rancor contra o Grande Ser. Assim, um dia, quando ele havia preparado uma oferenda de flores e frutos e recebia quinhentos Buddhas particulares, Chu Uasubhadda também fez oferendas a eles e formulou um pedido — que ela pudesse renascer como filha de um rei e se tornasse rainha consorte do rei de Benares e dessa forma tivesse o poder de levar o rei a enviar um caçador com uma flecha envenenada para ferir e matar esse elefante. Então ela definhou e morreu. No devido tempo seus maldosos desejos foram satisfeitos e ela tornou-se a esposa favorita do rei de Benares, amada e agradável aos seus olhos. Ela se lembrou de suas vidas passadas e disse a si mesma que agora as presas do elefante lhe seriam levadas. Então deitou-se na cama e fingiu estar muito doente. Quando o rei soube disso, foi ao quarto dela, sentou-se em sua cama e perguntou-lhe: "Por que estás definhando como um galho de flores murchas espezinhadadas?" Ela respondeu: "E por causa de um desejo inatingível." E ele prometeu realizar qualquer coisa que ela desejasse. Então ela convocou todos os caçadores do reino, num número de sessenta mil, e lhes disse que havia sonhado com um magnífico elefante branco que tinha seis presas e que ela morreria se seu desejo por essas presas não pudesse ser satisfeito. Ela escolheu para essa tarefa um dos caçadores, um homem grosseiro e feio, mostrou-lhe o caminho do lago onde vivia o Grande Ser e prometeu-lhe uma recompensa de cinco

aldeias quando recebesse as presas. Ele tinha muito medo da tarefa, mas por fim concordou, depois que ela lhe revelou ter sonhado igualmente que seu desejo seria satisfeito. Ela o supriu com armas e o indispensável para a viagem, dando-lhe um pára-quadras de couro para descer da montanha para o lago.

O caçador penetrou cada vez mais profundamente na selva do Himalaia, muito além dos lugares freqüentados pelos homens, vencendo incríveis dificuldades, até que, depois de sete anos, sete meses e sete dias de uma jornada exaustiva, parou perto da grande figueira onde o Buddha Eleito e os outros elefantes viviam pacífica e tranqüilamente. Ele cavou um buraco no chão e, vestindo a roupa amarela de um ermitão, escondeu-se nele, cobrindo-o todo e deixando apenas um espaço para sua flecha. Quando o Grande Ser passou ali perto ele o alvejou com uma flecha envenenada, o que quase o enlouqueceu de fúria e dor. No momento em que poderia ter matado o vil caçador, o elefante notou sua roupa amarela,

Emblema de santidade, vestimenta sacerdotal,

Que o sábio considera inviolável.

Vendo essa roupa, o elefante ferido recobrou seu autocontrole e perguntou ao caçador que razão ele tinha para matá-lo. O caçador contou-lhe a história do sonho da rainha de Benares. O Grande Ser compreendeu todo o caso perfeitamente e se sujeitou a que o caçador lhe arrancasse as presas. Mas ele era tão majestoso, e tão desajeitado era o caçador, que este não pôde extrair-lhe as presas. Apenas provocou no Grande Ser uma dor insuportável e encheu-lhe a boca de sangue. Então o elefante pegou a serra com sua tromba, cortou as presas e as entregou ao caçador, dizendo: "As presas da sabedoria são, para mim, cem vezes mais caras do que estas, e possa essa boa ação ser a razão para eu obter minha onisciência". Ele deu também ao caçador o poder mágico de voltar a Benares em sete dias. Depois morreu, e os outros elefantes o queimaram numa pira. O caçador levou as presas para a rainha e, evidentemente desaprovando sua maldade, agora que conhecia o exato significado do pedido feito por ela, anunciou a morte do elefante contra quem ela havia sentido rancor por causa de uma ofensa fútil. "Ele está morto?", gritou ela. Entregando-lhe as presas, ele lhe disse: "Fica tranqüila quanto a isso". Segurando as bonitas presas no colo, ela olhava aqueles penhores de um ser

que em uma outra vida tinha sido seu querido Senhor, e enquanto olhava foi tomada de um pesar inconsolável, de um profundo sofrimento, e morreu naquele mesmo dia.

Muitas eras mais tarde ela nasceu em Savatthi e tornou-se monja. Um dia, junto com outras monjas, ela foi ouvir a doutrina de Buddha. Observando-o, tão pacífico e radiante, seu coração sentiu que uma vez ela fora sua esposa, quando ele era o chefe de uma manada de elefantes; e ela se alegrou. Mas então lhe veio a lembrança de sua maldade — apenas por uma suposição de menosprezo, ela havia sido a causa da morte daquele que fora seu marido — e seu coração ardeu-lhe no peito; ela desfez-se em lágrimas e soluçou alto. O Mestre sorriu, e quando os irmãos lhe perguntaram a razão daquele sorriso ele lhes contou essa história; ouvindo-a, muitos homens entraram para o Caminho e a própria monja, mais tarde, atingiu a santidade.

A divindade-árvore

Há muito tempo, quando Brahmadata era rei de Benares, veio-lhe à mente este pensamento: "Por toda parte, na Índia, há reis cujo palácio tem muitas colunas. E se eu construir um palácio sustentado por uma única coluna? Se fizer isso serei o primeiro e único rei entre todos os outros". Então ele convocou seus artesãos e ordenou-lhes que lhe construíssem um palácio magnífico sustentado por uma única coluna. "Será feito", disseram eles e imediatamente partiram penetrando na floresta.

Encontraram uma soberba árvore alta e reta, apropriada para ser o pilar único do palácio imaginado. Mas sendo a estrada muito acidentada e a distância muito grande, eles viram que seria impossível levá-la para a cidade, e então voltaram até o rei e perguntaram-lhe o que devia ser feito. "De um modo ou de outro", disse o rei, "deveis trazê-la, e isso sem demora". Mas eles responderam que de nenhum modo aquilo poderia ser feito. "Então", disse o rei, "deveis escolher uma árvore do meu bosque".

Ali eles encontraram uma magnífica árvore sal, ereta e bonita, adorada tanto pela aldeia quanto pela cidade e pela família real. Comunicaram ao rei a escolha e ele disse-lhes: "Bem, ide e derrubai a árvore imediatamente". Mas os homens não puderam derrubar a árvore sem antes fazer as costumeiras

oferendas à divindade-árvore que vivia ali e pedir-lhe que partisse. Então eles fizeram ofertas de flores e galhos e lanternas acesas e disseram à árvore: "No sétimo dia, depois deste, nós abateremos a árvore, a mando do rei. Qualquer deva que possa estar habitando a árvore deverá ir para um lugar qualquer, e nós não seremos culpados". O deus que habitava na árvore ouviu o que eles diziam e comentou: "Esses artesãos estão contratados para derrubar minha árvore. Eu próprio morrerei, quando meu lar estiver destruído. Todas as jovens árvores sal à minha volta serão destruídas também. E nelas muitos deusas, bons amigos e parentes, estão vivendo. Minha própria morte não me toca tão de perto quanto a destruição de meus filhos, por isso devo, se possível, pelo menos salvar a vida deles". Então, à meia-noite, a divindade-árvore, divinamente radiante, entrou no fulgurante quarto do rei, sua glória iluminando o quarto inteiro. O rei ficou surpreso e gaguejou: "Que ser és, tão semelhante a um deus e tão cheio de mágoa?" O príncipe replicou: "Sou chamado em teu bosque, ó rei, a Arvore Venturosa; por sessenta mil anos todos os homens me têm amado e adorado. Muitas casas e muitas cidades, muitos palácios também eles fizeram; até agora nunca me prejudicaram; honra-me, como fizeram eles, ó rei!" Mas o rei respondeu que aquela árvore era exatamente a que ele necessitava para seu palácio, com um tronco tão bonito, alto e ereto; e naquele palácio, disse ele, "durarás muito e serás admirada por todos os que te contemplarem". A divindade-árvore respondeu: "Se é necessário ser assim, então eu tenho um pedido a fazer; corta primeiro a copa, em seguida, o meio e por último a minha raiz". O rei protestou que essa era uma morte mais penosa do que ser abatida inteira. "O senhora da floresta", disse ele, "que vantagem terás em ser cortada assim, membro por membro, pedaço por pedaço?" Ao que a Arvore Venturosa replicou: "Há uma razão para esse pedido: meus bons amigos e parentes cresceram à minha volta, sob minha sombra; eu os esmagaria se caísse inteira sobre eles, e eles sofreriam demais".

O rei ficou profundamente comovido com isso e maravilhado pelo nobre pensamento da divindade-árvore, e levantando as mãos numa saudação, disse: "O Arvore Venturosa, ó senhora da floresta, do mesmo modo como queres salvar tua família, eu também te poupo; assim, nada teme".

Então a divindade-árvore deu ao rei bons conselhos e foi embora; o rei, no dia seguinte, distribuiu generosas esmolas e governou como convinha a um rei, até o dia em que chegou o tempo de sua partida para o mundo celestial.

A marca da lebre na lua

Uma vez, quando Brahmadata era rei de Benares, o futuro Buddha nasceu como lebre e viveu numa floresta. Ele tinha três amigos: um macaco, um chacal e uma lontra; todos esses animais eram muito sábios. A lebre costumava pregar para os outros, exortando-os a dar esmolas e guardar os dias de jejum. Num desses dias de jejum, a lebre e seus amigos estavam, como sempre faziam, à procura de alimento; a lontra encontrou peixes, o chacal encontrou carne e o macaco encontrou algumas mangas. Mas a lebre, com seu estilo calmo, antes de sair para comer a grama refletiu que se alguém lhe pedisse uma esmola de alimento aquela grama seria inútil. Como não tinha grãos nem carne, ela imaginou oferecer seu corpo, se alguém lhe pedisse alimento.

Ora, sempre que algo tão maravilhoso acontece na terra, Sakra, no Céu, sente seu trono esquentar. Tendo sentido esse aquecimento, Sakra olhou para baixo a fim de saber o que estava acontecendo. Vendo a lebre, resolveu pôr à prova sua virtude. Tomou a aparência de um brâmane, foi primeiro ao encontro da lontra, e pediu-lhe alimento. A lontra ofereceu-lhe peixe. O chacal e o macaco, por sua vez, ofereceram-lhe carne e fruta. Sakra declinou todos esses oferecimentos e disse que voltaria no dia seguinte. Então foi à procura da lebre, que estava jubilosa de poder dar-se a si mesma. "Brâmane", disse ela, "hoje eu te farei uma doação que nunca fiz antes; junta lenha, prepara uma pira e avisa-me quando ela estiver pronta". Ao ouvir isso Sakra fez uma pilha de tições acesos e disse à lebre que tudo estava pronto; a lebre, que algum dia seria um Buddha, veio e pulou dentro do fogo, feliz como um flamingo real pousando num leito de lírios brancos. Mas o fogo não queimou — parecia tão frio quanto o ar acima das nuvens. Imediatamente ela perguntou ao disfarçado Sakra o que aquilo significava. Sakra retrucou que na verdade ele não era um brâmane, mas havia descido do Céu para testar a generosidade da lebre. A lebre replicou: "Sakra, teus esforços são desperdiçados; todas as criaturas vivas

poderiam testar-me, uma de cada vez, e ninguém seria capaz de encontrar em mim a menor má vontade de dar".

Então Sacra respondeu: "Sábua Lebre, que tua virtude seja proclamada até o fim deste ciclo!" Pegando uma montanha, ele a espremeu, e tendo a lebre sob seu braço desenhou a figura dela na lua, usando como tinta o suco da montanha. Então ele deixou a lebre sobre uma grama tenra na floresta, e partiu para o Céu. Essa é a razão pela qual agora há uma lebre na lua.

Santusita

A última encarnação do Buddha Eleito dessa era foi como o rei Vessantara, cuja perfeição na doação de esmolas é relatada em um longo Jataka. Depois de reinar por muitos anos, o Buddha Eleito subiu ao Céu Tusita para esperar seu último nascimento entre os homens. É preciso esclarecer que entre uma encarnação e outra um Buddha Eleito encurta, tanto quanto possível, o tempo de permanência no mundo de Deus, embora seu mérito evidentemente lhe dê o direito de prolongar essa residência celeste; de fato, ele poderia ter atingido o nirvana na época em que pela primeira vez ficou patente sua futura condição de Buddha; no entanto ele escolheu os sucessivos renascimentos neste mundo, em favor das criaturas. Mas por esses sacrifícios o Bodhisattva (Buddha Eleito) tem algumas compensações; a obtenção da condição de Buddha é em si um grande incentivo, um feito semelhante à difícil escalada de um homem ao topo de uma árvore para colher seu fruto. Além disso, um Bodhisattva nunca nasce em algum inferno nem numa forma degradada ou deformada. Acima de tudo, a dor do constante sacrifício é sobrepujada pela alegria de olhar para a frente, para a grandeza da recompensa, da obtenção do poder de iluminar os outros.

Quando nascido em qualquer céu, o Buddha Eleito pode exercer seu poder peculiar de encarnação; ele se deita em um leito e "morre", renascendo na terra no lugar e na espécie de sua escolha. Antes da última encarnação, ao contrário do costume, ele demorou-se muito tempo no céu Tusita, onde o chamavam Santusita; e quando, por fim, perceberam que ele estava prestes a renascer, as divindades reuniram-se em torno dele para congratulá-lo. Desaparecendo dali, ele foi concebido no ventre de Mahamaya, esposa de

Suddhodana, o rei Shakya de Kapilavastu. Sua concepção foi miraculosa, tendo ocorrido durante um sonho. Mahamaya foi transportada pelas divindades dos quatro quadrantes do Himalaia, onde as quatro rainhas do lugar a banharam e a purificaram cerimonialmente. Então o Bodhisattva apareceu para ela, disfarçado em uma nuvem enluarada que vinha do norte e empunhava um lótus. Outros dizem que ele assumiu a forma de um elefante branco. Essa aparição aproximou-se da rainha e andou em torno dela três vezes; naquele momento Santusita, que havia acompanhado o desenvolvimento do sonho, desapareceu da presença das divindades e entrou no ventre de Mahamaya. Então aconteceu um sem-fim de maravilhas. As dez mil esferas brilharam ao mesmo tempo, os fogos do inferno se extinguiram, os instrumentos de música vibraram sem ter sido tocados, os rios deixaram de correr (como se para ficar de pé e contemplar o Bodhisattva) e as árvores e ervas explodiram em flores; surgiram brotos de lótus até mesmo em troncos de árvores secas. No dia seguinte o sonho da rainha foi interpretado por sessenta e quatro brâmanes; eles anunciaram a gravidez de Mahamaya e afirmaram que seu filho se tornaria o Imperador Universal ou então um Buddha Supremo. Por nove meses Mahamaya foi guardada pelas divindades dos quatro quadrantes e mais quarenta mil divindades de outros mundos. Durante todo esse tempo seu corpo esteve transparente, de forma que a criança podia ser vista com nitidez, como uma imagem fechada num cofrezinho de cristal. No fim de nove meses lunares Mahamaya foi visitar seus pais, viajando numa liteira dourada. No caminho parou para descansar num jardim de árvores sal chamado Lumbini; e ali, enquanto ela repousava, nasceu Buddha, sem dor nem sofrimento. O recém-nascido foi recebido por Brahma, depois dele pelos quatro devas e a seguir pelas nobres que serviam à rainha. Mas de repente ele pisou no chão e no local tocado por seu pé brotou um lótus. No mesmo dia nasceram Yashodhara Devi, que mais tarde se tornaria sua esposa; o cavalo Kantaka, montado no qual ele partiria da cidade para ir em busca da sabedoria; seu cocheiro, Channa, que o acompanharia naquela ocasião; Ananda, que seria seu discípulo favorito, e o pipal sob cuja sombra ele viria a atingir a iluminação.

A proteção de Siddhartha

No quinto dia de vida o jovem príncipe recebeu o nome de Siddhartha, e dois dias depois sua mãe morreu. Quando ele chegou aos onze anos, o rei se

aconselhou com seus brâmanes e estes lhe disseram que o príncipe se tornaria asceta depois que visse velhice, doença e morte, e um eremita. O rei queria evitar esse fato, e disse consigo mesmo:

247

"Não desejo que meu filho se torne um Buddha, pois se isso acontecer ele ficará exposto ao grande perigo dos ataques de Mara; que ele se torne, de preferência um Imperador Universal". Assim, o rei tomou todas as precauções para conservá-lo longe dos "quatro sinais"; ele tinha três palácios protegidos onde abundavam todos os prazeres e onde tristeza e morte não podiam ser sequer mencionadas.

O rajá, além disso, pensou que um meio seguro para vincular o príncipe à sua condição regia seria encontrar-lhe uma esposa. A fim de descobrir secretamente alguma princesa que pudesse despertar o seu amor, o rei mandou fazer uma quantidade de jóias esplêndidas e anunciou que em certo dia o príncipe as distribuiria, uma por uma, entre as nobres donzelas da terra. Quando todas as dádivas tinham sido distribuídas, apareceu uma donzela a mais, cujo nome era Yashodhara, filha do ministro Mahanama. Yashodhara perguntou ao príncipe se ele não tinha presente para dar a ela, e Siddhartha, olhando-a nos olhos, deu-lhe seu valioso anel de sinete. O rei ficou sabendo da troca de olhares e foi ao encontro de Mahanama a fim de pedir sua filha em casamento para o príncipe. No entanto, era uma regra entre os nobres Shakya que as mais lindas donzelas fossem cedidas somente àqueles que se demonstrassem vitoriosos em exercícios marciais. "E eu temo", disse ele, "que esse príncipe educado com tanta delicadeza possa não ser perito em arco e luta corporal". Entretanto, marcou-se um dia para a prova e os jovens nobres acorreram com o príncipe para competir pela mão de Yashodhara. Houve primeiro uma competição sobre conhecimento de literatura e matemática, e depois se verificou a habilidade dos concorrentes quanto ao manejo do arco. Todos os jovens nobres se saíram bem; mas o príncipe usou um arco sagrado que lhe fora legado por seu avô e que ninguém conseguiu encordoar, e muito menos disparar, e assim os venceu facilmente. Além disso, ele se distinguiu em equitação, esgrima e luta livre. Dessa forma Siddhartha ganhou Yashodhara e viveu com ela no belo palácio feito por seu pai, protegido contra todo

conhecimento do sofrimento e da morte. Em torno do palácio havia um jardim com um muro tríplice; cada muro tinha um único portão guardado por muitos soldados.

Enquanto isso as divindades refletiram que o tempo ia passando e o Grande Ser não devia demorar-se mais tempo entre os prazeres do palácio; era preciso sair em sua missão. Assim, elas encheram todo o espaço com este pensamento: "É tempo de sair", de maneira que a idéia atingisse a mente do príncipe; e ao mesmo tempo a música dos cantores e os gestos dos dançarinos assumissem um novo significado e parecesse não falar mais de delícias sensuais, e sim da fugacidade e da vaidade de todos os objetos do desejo. As canções dos músicos pareciam convidar o príncipe a deixar o palácio e ver o mundo; então ele chamou seu cocheiro e anunciou que queria visitar a cidade. Quando o rajá soube disso, ordenou que a cidade fosse varrida, guarnecida e preparada para a visita do príncipe; nenhuma pessoa velha ou enferma e nenhum objeto desagradável devia ser deixado à vista. Mas todas essas precauções foram vãs, pois quando Siddhartha passeava pelas ruas uma divindade apareceu diante dele, na forma de um velho cambaleante abatido pela doença e pela idade, enrugado e arquejante. O príncipe perguntou o que significava aquela estranha figura e o cocheiro respondeu: "Isso é um homem velho". O príncipe indagou ainda: "O que significa a palavra 'velho'?" E o cocheiro explicou que as forças físicas do homem estavam enfraquecidas pelos longos anos e que ele poderia morrer a qualquer momento. Então o príncipe perguntou novamente: "Esse homem é único ou essa fatalidade acontece igualmente com todos e eu também vou ficar velho?" Informado de que certamente seria assim, ele nada mais quis ver naquele dia. Voltou ao palácio para refletir sobre coisa tão estranha e para pensar se não haveria um meio de escapar a ela.

Num outro dia o príncipe tornou a sair e, da mesma forma, viu um homem muito doente; de outra vez que saiu ele viu um cadáver. "Eu também vou morrer?", perguntou ele, e ficou sabendo que certamente seria assim. Num outro dia o príncipe saiu e viu um monge pedinte, com quem conversou. O iogue explicou que havia deixado o mundo para procurar a serenidade, para se desligar do ódio e do amor, para conseguir a liberdade. O príncipe ficou profundamente impressionado e venerou o mendigo errante. Ao voltar para

casa, pediu ao pai que o deixasse sair sozinho, pois, disse ele: "Todas as coisas mundanas, ó rei, são mutáveis e transitórias". O velho rei ficou espantado e pôde apenas chorar amargamente; quando o príncipe se retirou, ele redobrou a guarda em volta do palácio e os prazeres dentro dele, e na verdade a cidade inteira lutou para evitar que o príncipe deixasse sua casa.

A partida de Siddhartha

Por essa época Yashodhara tinha dado ao príncipe Siddhartha um filho, que recebera o nome de Rahula. Mas nem mesmo esse novo laço pôde dissuadir o príncipe de seu propósito, e certa noite os devas o chamaram para partir. Ele contemplou pela última vez Yashodhara em seu sono; ela estava com uma das mãos pousada sobre a cabeça do bebê, o que o impediu de levá-lo em seus braços, por medo de acordá-la. Deixando-os, ele levantou a rica cortina que separava o quarto de dormir da sala exterior e, passando vagorosamente pelos outros cômodos, parou na porta ocidental, invocou todos os Buddhas, e ali permaneceu com a cabeça voltada para cima, inspecionando o céu com suas incontáveis estrelas. Então Sakra e os devas guardiões dos quatro quadrantes e mais um sem-número de devas dos céus cercaram-no e cantaram: "Sagrado príncipe, chegou a hora de procurar a Mais Alta Lei da Vida". E ele refletiu: "Agora todos os devas desceram à terra para confirmar minha resolução. Eu me vou: chegou a hora". Então mandou buscar seu cocheiro Channa e também seu cavalo, nascidos no mesmo dia em que ele nascera. Channa levou o cavalo, esplendidamente ajaezado, que relinchou alegre. O príncipe montou, com um voto de que fazia isso pela última vez. Para que o cavalo Kantaka avançasse sem barulho algum, as divindades fizeram com que seus pés não tocassem o solo, e quando eles chegaram aos portões, estes se abriram silenciosamente. Então o príncipe Siddhartha deixou o palácio e a cidade, seguido por hostes de anjos que alumiavam o caminho e atiravam flores na sua frente.

Channa fez muitas tentativas de dissuadir o príncipe de seu propósito, implorando-lhe que preferisse tornar-se Imperador Universal. Mas o príncipe sabia que atingiria a Iluminação Perfeita e teria preferido a morte a voltar para casa. Ele desmontou de Kantaka pela última vez e ordenou a Channa que o

levasse para casa. Por Channa, também, enviou uma mensagem para seu pai; que ele não lamentasse, mas se rejubilasse por seu filho ter partido para encontrar um meio de salvar o mundo da recorrência de nascimento e morte, da tristeza e da dor. "E agora estou liberto do amor devido unicamente a familiares; pega o cavalo Kantaka e parte". Depois de muitos argumentos, Channa foi forçado a ceder. Ele beijou os pés do príncipe e Kantaka lambeu-os com a língua, e os dois se afastaram.

Pouco depois o príncipe, prosseguindo em seu caminho, encontrou um caçador e lhe deu suas roupas reais, trocando-as por farrapos que eram mais apropriados para um ermitão. Esse caçador era outra divindade que havia se disfarçado exatamente com aquele objetivo. Ainda uma outra tornou-se um barbeiro e raspou a cabeça do príncipe. O príncipe prosseguiu, indo parar no eremitério de uma comunidade de brâmanes, onde foi acolhido reverentemente e tornou-se aluno de um dos brâmanes mais eruditos. Mas ele percebeu que, embora levassem para o Céu, os sistemas desses brâmanes não forneciam os meios para a libertação final do renascimento na terra ou mesmo no Inferno.

"Mundo infeliz", disse ele, "odiando o demônio Morte e ainda assim procurando futuramente nascer no Céu! Que ignorância! Que desilusão!"

As jornadas de Siddhartha

Então ele deixou o eremitério, para grande pesar e desapontamento dos iogues que viviam ali, e foi para a casa de um famoso sábio chamado Alara. O sistema desse sábio também se demonstrou incompleto, e o príncipe partiu, dizendo: "Procuro um sistema onde não haja questionamento sobre existência ou não-existência, eternidade ou não-eternidade, e a idéia do ilimitado e do ilimitável seja percebida mas não discutida". Do eremitério de Alara ele passou para Rajagriha, onde foi bem recebido pelo rei Bimbisara. Esse rei esforçou-se por persuadir Siddhartha a abandonar sua vida errante; mas o príncipe não quis dar ouvidos, foi para mais longe, até uma aldeia perto de Gaya e passou a morar num bosque vizinho, comendo todo dia uma pequena quantidade de semente de painço, exatamente o suficiente para se manter vivo. Então sua pele tornou-se enrugada, seus músculos caíram e seus olhos ficaram fundos.

Todos que o olhavam eram tomados de um estranho sentimento de medo e reverência diante daquele asceticismo.

Durante todos esses anos, seu pai, Suddhodana, enviava de tempos em tempos mensageiros apresentando-lhe argumentos e instigações e rogando ao filho que voltasse; eles foram também para Gaya onde o príncipe estava à morte; mas ele não quis saber de nada do que os pais diziam e deu-lhes esta ordem: se ele morresse antes de conseguir a Perfeita Iluminação, levassem de volta seus ossos para Kapilavastu e dissessem: "Estes são os restos mortais de um homem que morreu na perseguição determinada de sua transformação".

Mas o príncipe constatou que as penitências não traziam nenhum benefício; pelo contrário, ele experimentava menos a iluminação da sabedoria do que antes. Assim, ele resolveu nutrir seu corpo e aceitou alimentos e cuidados. Conta-se, especialmente, a história de uma certa Sujata, filha de um senhor importante da aldeia, que foi prevenida por um anjo e preparou o alimento da seguinte forma: ela escolheu mil vacas e com seu leite alimentou outras quinhentas, e com o destas, duzentas e cinqüenta, e assim por diante, até chegar a quinze vacas, e então, misturando seu leite com arroz, preparou um prato da maior pureza e delicadeza. Quando o Bodhisattva entrou na aldeia para pedir alimento, ela ofereceu-lhe esse leite com arroz numa travessa de ouro, o que pareceu a ele um bom augúrio. Ele pegou o alimento e foi embora da aldeia; banhou-se num rio e quis cruzar para o outro lado, mas a correnteza carregou-o e ele se teria afogado, não fora uma divindade que morava numa grande árvore na margem mais distante ter estendido seu braço adornado com jóias para trazê-lo para a terra. Ele alcançou a margem, e sentou-se para fazer sua refeição, depois da qual atirou a travessa de ouro ao rio, onde ela foi encontrada por uma naga que a levou para seu palácio. Sakra, no entanto, na forma de um garuda,² arrancou-a das mãos da serpente e levou-a para os céus Tusita.

Entrementes, o Bodhisattva prosseguiu na direção da Árvore da Sabedoria, sob a qual os Buddhas anteriores tinham atingido a Iluminação. Enquanto caminhava pela senda da floresta, centenas de pescadores aproximaram-se e depois de dar três voltas em torno dele o seguiram; depois foi a vez de quinhentos pavões e outros pássaros e animais selvagens; assim,

ele caminhava cercado de devas, nagas, asuras e seres de toda espécie na direção da Árvore da Sabedoria.

Uma naga rei que morava perto da estrada e era muito velha, tendo visto mais de um dos Buddhas anteriores, surgiu naquele caminho e cantou em seu louvor; também sua esposa, com incontáveis serpentes-meninas, deram-lhe as boas-vindas com bandeiras, flores e ricos ornamentos e depois continuaram entoando a perpétua canção de louvor. Os devas dos Mundos da Forma dependuraram bandeiras e pendões na Árvore da Sabedoria e nas árvores que levavam a ela, para que o Bodhisattva pudesse encontrar o caminho facilmente. Enquanto ia caminhando, ele refletia que não apenas essa multidão de seres amigos mas também Mara, o mau amigo, deviam testemunhar sua vitória; e esse pensamento, como um raio de glória lançado de sua testa, penetrou na morada de Mara e trouxe-lhe sonhos e presságios. Um mensageiro também se apressou a encontrar Mara, avisando-o que Bodhisattva estava se aproximando da Árvore da Sabedoria. Então Mara reuniu seu exército, de horrível figura. Havia alguns com duzentas mil bocas, alguns com cabeça, mãos, olhos ou pés deformados, alguns com línguas afiadas, alguns que devoravam serpentes, outros que bebiam sangue, outros com barriga de pote, alguns com pernas tortas, e todos com lanças, arcos, bastões, armas e armaduras dos mais variados tipos. Essa multidão marchava na direção da Árvore da Sabedoria.

A Arvore da Sabedoria

O Bodhisattva aproximou-se da árvore, brilhante como uma montanha de puro ouro, e sentou-se no seu lado oriental, jurando não se levantar enquanto não houvesse atingido a iluminação. Então o planeta tremeu seis vezes. Mara tomou a forma de um mensageiro que chegava de Kapilavastu com a pressa de um correio. Trazia a notícia de que Devadatta, primo de Buddha, tinha usurpado o governo e estava praticando toda sorte de crueldade e tirania, e pedia ao Bodhisattva para voltar e restaurar o bom governo e a ordem. Mas ele refletiu que Devadatta agia assim por cobiça e maldade e que se os príncipes Shakya condescendiam com ele era apenas por covardia, e

assim pensando sobre a fraqueza humana o Bodhisattva ficou imensamente mais determinado a atingir algo mais alto e melhor.

Então o deva da Arvore da Sabedoria se rejubilou, atirou-lhe aos pés suas jóias e suplicou-lhe que perseveras-se. Os devas de outras árvores vieram inquirir dele quem era o glorioso ser sentado ali; informados de que era o Bodhisattva, eles atiraram flores e perfumes à sua volta e exortaram-no, com palavras e música, a prosseguir. Então, Mara ordenou a suas três bonitas filhas que tentassem o Bodhisattva por todos os meios, e elas foram cantar e dançar diante dele. Elas o cortejaram com cantos, danças, e todos os artifícios do amor; mas ele permaneceu com a face e a mente imutáveis, como um lírio repousando em águas tranqüilas, e firme como o monte Meru, como os muros de ferro que protegem o universo. Elas então argumentaram com ele, descrevendo os deveres e prazeres da vida mundana e a dificuldade e o perigo da busca da sabedoria; mas ele respondeu:

O prazer é breve como o clarão do relâmpago

Por que eu, então, desejaria os prazeres que descreveis?

E as filhas de Mara, reconhecendo que haviam fracassado, deixaram-no, cantando em intenção de seu sucesso:

Que possas atingir o que teu coração deseja!

E encontrando para ti mesmo a Libertação libertes a todos.

Derrota de Mara

Então Mara empenhou-se em argumentar; e vendo-se igualmente malogrado, comandou o ataque de seu exército de demônios. As divindades ficaram aterrorizadas e fugiram, deixando o Bodhisattva sozinho. De todas as formas, espécies e cores, emitindo sons sinistros, enchendo de escuridão o ar e sacudindo a terra, o horrendo exército avançou para o Bodhisattva com gestos ameaçadores; mas as lanças grudavam-lhes nas mãos e suas pernas ficavam paralisadas, e embora eles quisessem moê-lo até reduzi-lo a pó ou queimá-lo com línguas de fogo, não puderam atingir sequer um fio de seu cabelo; ele permanecia imóvel, enquanto chuvas de lanças caíam a seus pés como flores. Mara esgotou todos os recursos e, quando se viu fracassado, apanhou seu terrível disco e, montado no elefante Nuvem-Montanha,

aproximou-se do príncipe. Essa arma cortaria em dois até mesmo o Monte Meru se fosse lançada contra ele; se fosse lançada para o céu impediria a queda de chuva por doze anos; no entanto, o disco se recusou a tocar em Bodhisattva: flutuou no ar como uma folha seca e pairou acima de sua cabeça como uma guirlanda de flores suspensa. Então Mara enraiveceu-se como um fogo avivado por óleo e aproximou-se do príncipe ordenando-lhe: "Vai embora!" Mas o Bodhisattva respondeu: "Este trono é meu pelo mérito que adquiri em muitas longas eras. Como podes possuí-lo se não tens mérito?" Então Mara jactou-se: "Meu mérito é maior que o teu!", e chamou seu exército como testemunha, e todos os seus guerreiros gritaram: "Nós testemunhamos!", de forma que um som como o rugido do mar se ergueu até o céu. Mas o Bodhisattva replicou: "Tuas testemunhas são muitas e parciais; eu tenho uma testemunha única e imparcial". Então ele estendeu a mão para fora de sua vestimenta, como um relâmpago numa nuvem cor-de-laranja, tocou o chão e convocou a terra para testemunhar em seu favor. No mesmo instante a Deusa Terra surgiu aos seus pés e gritou, com cem mil vozes, como o som de um tambor cósmico: "Eu dou meu testemunho", e o exército de Mara fugiu e voltou para o Inferno, como folhas que se espalham ao vento. Nuvem-Montanha encolheu a tromba, pôs a cauda entre as pernas e foi embora. O próprio Mara caiu prostrado, tomou conhecimento do poder do Bodhisattva e levantou-se para fugir e esconder a vergonha que sentia, pois tinha a mente cheia de pesar por saber que todos os seus esforços haviam falhado, que o príncipe logo obteria a libertação e pregaria a verdade pela qual milhares de criaturas obteriam o nirvana.

Perfeitamente Iluminado

O sol ainda não se tinha posto quando Mara foi derrotado. Buddtia permaneceu sentado embaixo da Arvore da Sabedoria. Gradualmente, no correr da noite, a iluminação buscada surgiu em seu coração: na décima hora ele percebeu as condições exatas de todos os seres que em todos os tempos estiveram nos mundos imensos e infinitos; na vigésima hora obteve o dom divino da visão, pelo qual todas as coisas, perto ou longe, aparecem como se estivessem ao alcance da mão; em seguida ele obteve o conhecimento que

mostra as causas da repetição da existência; depois, os privilégios dos quatro caminhos e sua consecução; e ao nascer do sol ele tornou-se um Buddha Supremo, o perfeitamente Iluminado. Então, raios de seis cores espalharam-se amplamente de seu corpo brilhante, penetrando nos limites extremos do espaço e anunciando a obtenção da condição de Buddha. Nem mesmo centenas de milhares de línguas poderiam proclamar as maravilhas que então se manifestaram.

E Buddha proclamou sua vitória, numa canção de triunfo:

Por muitos nascimentos diversos tenho passado

Procurando em vão o construtor da casa

Ah, criador da casa, agora eu te vi!

Nunca mais me construirás uma casa.

Eu quebrei tuas vigas,

Destruí o pendurai

Minha mente se desinteressou;

O desejo está extinto.

Buddha ficou sete dias em meditação; por outros sete dias ele fixou o olhar na Árvore da Sabedoria; depois, num pavilhão dourado preparado pelas divindades, caminhou por sete dias em meditação; em seguida ele sentou-se por sete dias num palácio dourado onde os acontecimentos do resto de sua vida lhe foram mostrados e todo o dharma se tornou claro em sua mente, da primeira à última palavra da pregação que ele faria; na quinta semana ele sentou-se sob a árvore Ajapala e experimentou a libertação (nirvana); durante a sexta semana ele sentou-se perto do lago Muchalinda, onde uma serpente com esse mesmo nome abrigou-o das tempestades; na sétima semana ele sentou-se num bosque de árvores Nyagrodha.

Os mercadores

Quarenta e nove dias haviam transcorrido desde que ele recebera o leite com arroz de Sujata. Então aconteceu que dois mercadores iam atravessando a floresta com sua caravana. Por muitas eras e em muitas vidas eles tinham desejado a oportunidade de fazer alguma oferenda a um Buddha. Na mesma floresta estava uma divindade — uma dríade, na verdade — que já havia sido

parenta deles; ora, para realizar o desejo desses mercadores ela fez com que as rodas de seus carros atolassem profundamente na lama. Os mercadores fizeram uma oferenda de velas e perfumes e oraram ao deus que julgavam ser o responsável por seu infortúnio. A divindade apareceu-lhes e lhes ordenou que fizessem uma oferenda de alimento a Buddha e diminuíssem o peso dos veículos. Os mercadores alegraram-se e se encaminharam para ele com uma dádiva de mel. Ora, Buddha não tinha tigela de esmolos, pois a tigela de Brahma, que lhe fora dada quando Sujata lhe levou o arroz com leite, tinha desaparecido, e a travessa de ouro que ela própria lhe havia dado tinha sido transportada para a Terra da Serpente. Assim, os deuses guardiões dos quatro quadrantes apareceram com tigelas de esmeraldas, e uma vez que Buddha não as quis aceitar eles lhe ofereceram tigelas de pedra. Então, como cada um desejava que a sua fosse a aceita, Buddha aceitou as quatro e em seguida as transformou em uma. Naquela tigela ele recebeu o mel e, em troca, ensinou aos mercadores a fórmula tríplice e eles se tornaram discípulos leigos. Buddha também lhes deu uma mecha de cabelo, como relíquia.

Na oitava semana Buddha sentou-se sob a Ajapala e ali refletiu que a doutrina é profunda, ao passo que os homens não são bons e nem sábios. Parecia-lhe inútil proclamar a lei àqueles que não a compreendiam. Mas Brahma, percebendo essa dúvida, gritou: "O mundo vai acabar!" E esse grito foi repetido pelas divindades do vento e da chuva e por todos os outros Brahmas e inumeráveis divindades. Então Brahma apareceu diante de Buddha e disse: "Meu senhor, a condição de Buddha é difícil de obter. Mas tu a obtiveste para que pudesses libertar da existência os seres do mundo; portanto, proclama a lei para que isso possa acontecer. Ah, homem sábio! Que o dharma seja ensinado". Buddha concordou que seria assim e olhou em volta, à procura da pessoa que seria a primeira a receber sua pregação. Pensou primeiro em dois de seus antigos discípulos, mas viu que eles agora estavam mortos. Assim, Buddha partiu para Benares, com a intenção de instruir os cinco ermitões com quem outrora tinha praticado asceticismo.

Os ermitões de Benares

Ao verem-no de longe, os cinco ermitões disseram: "Siddhartha recuperou a força e a beleza; não tendo conseguido cumprir a penitência, vem nos encontrar. Como ele é de origem real, vamos lhe oferecer um assento, mas não nos levantaremos para ir ao seu encontro". Buddha percebeu esses pensamentos e dirigiu a eles sua bondade. Imediatamente, como uma folha seca que, desamparada, é varrida numa torrente, vencidos pela força do amor de Buddha eles se levantaram e foram prestar-lhe honra. Lavaram-lhe os pés e indagaram de sua saúde, e ele lhes informou que havia se tomado um Buddha Supremo. Então todo o universo se rejubilou ao saber que pela primeira vez a Lei seria pregada. A noite, como uma bonita dama, veio adorá-lo; as sete cadeias de montanhas inclinaram-se diante dele; o Meru dançou de alegria e os seres de todos os mundos reuniram-se para receber o néctar da boa doutrina. Eles formaram círculos, que iam ficando cada vez mais repletos graças aos recém-chegados, até que por fim estavam tão juntos que cem mil devas ocuparam um espaço equivalente ao da ponta de uma agulha; todos os céus das divindades e dos Brahmas estavam vazios. O som era como o de uma tempestade, mas fez-se total silêncio quando os potentados de vários céus sopraram suas trombetas. Então Buddha começou a falar.

"Há duas coisas", disse ele, "que devem ser evitadas por quem se torna ermitão: os desejos iníquos e a mortificação do corpo". Essa era a matéria de estudo da primeira pregação, e cada ouvinte parecia estar ouvindo-a em sua própria língua e cada espécie de animal o ouviu com a mesma impressão. Miríades de divindades entraram no primeiro, segundo, terceiro e quarto caminhos.

A pregação de Buddha

Daquele tempo em diante Buddha tornou-se a Roda da Lei — isto é, ele pregava a Boa Doutrina a todos que o ouviam. Com muitos milagres ele converteu os adoradores do fogo; Bhimasaha, rei de Rajagriha, tornou-se seu discípulo. Buddha visitou também sua cidade natal. A visita transcorreu assim: tendo sabido da condição de Buddha de que seu filho fora investido, o rei Suddhodana fez com que uma embaixada de nobres fosse ao encontro dele e o convidasse para visitar Kapilavastu; mas todos os nobres, ouvindo a doutrina

de Buddha, tornaram-se seus discípulos e permaneceram com ele. A mesma coisa aconteceu com muitos outros. Por fim o rei enviou um mensageiro confiável, o nobre Kaluda, que desde a infância tinha sido companheiro de Buddha; apesar de também ele ter se tornado discípulo, quando chegou a estação da primavera e as estradas ficaram verdes e as árvores deram frutos ele se pôs diante de Buddha e começou a falar de Kapilavastu. "Teu pai espera a tua volta", disse ele, "como o lírio da água espera o sol nascente; e a rainha te espera como o lírio da noite espera a lua". Buddha viu que havia chegado a hora em que seria oportuno para ele visitar sua cidade natal. O rei preparou um bonito jardim para seu conforto. Por fim ele chegou, cercado de nada menos que vinte mil sacerdotes, seus discípulos. A princípio os príncipes Shakya não lhe renderam reverências; mas ele se elevou no ar e mostrou, primeiro, torrentes de água se lançando de seu corpo, atingindo um total de dez mil mundos e borrifando sobre todos que o desejavam; depois, o lançamento de um fogo que se estendia por todo o imenso universo mas não queimava sequer uma teia de aranha. Outras maravilhas ele mostrou; então, Suddhodana prestou culto a seu filho, dizendo: "Meu Senhor, meu Buddha, meu príncipe Siddhartha, embora eu seja de fato teu pai, nunca mais hei de chamar-te meu filho; não sou digno de ser teu escravo. Irei adorá-lo sempre e sempre. E se te oferecesse meu reino, para ti seriam apenas cinzas". O rei fez uma profunda reverência e os príncipes o acompanharam nessa vênica, como uma floresta de bambus se curvando com o vento.

No dia seguinte Buddha caminhou a pé pela cidade para pedir esmolas. A cada passo seu surgia-lhe sob os pés uma flor de lótus, que desaparecia quando ele se afastava; sua cabeça e a boca emitiram raios de luz; e por causa dessas maravilhas, todos os cidadãos saíram para encontrá-lo. Todos estavam maravilhados, pois aquela maneira de pedir esmolas era desconhecida até então. Quando Yashodara soube disso, foi à porta do palácio, reverenciou-o e disse: "Ah, Siddhartha, naquela noite em que Rahula nasceu foste embora em silêncio e rejeitaste teu reino. Agora tens no lugar dele um reino mais glorioso". O rei censurou Buddha por obter alimento daquela maneira, mas ele retrucou: "É o costume de meu povo", referindo-se a todos os Buddhas anteriores. Então ele falou para o rei, ensinando-lhe a Lei, e assim o rei entrou no primeiro e no segundo caminhos, tornando-se discípulo de Buddha.

A princesa é confortada

O rei então mandou informar a Yashodara que ela poderia também render culto a Siddhartha. Contudo Buddha foi ao palácio dela e logo na entrada informou aos seus discípulos Seriyut e Mugalana que a princesa obteria a Libertação. "Ela se mortifica por mim", disse ele, "e seu coração se quebrará se sua mágoa for refreada. Na verdade ela se agarrará a meus pés, mas não a impeçam de fazer isso, pois no final ela e suas companheiras abraçarão a Lei". Quando Yashodara soube da visita que Buddha lhe faria, cortou os cabelos e foi encontrá-lo vestida modestamente, seguida por quinhentas damas de companhia. Com seu grande amor, ela era como um vaso transbordante e não podia se conter, mas, esquecendo que era apenas uma mulher, caiu aos pés de Buddha e, chorando, agarrou-se a ele. Então se lembrou de que seu sogro estava presente e se levantou, permanecendo um pouco afastada. Na verdade, nem mesmo um brâmane podia tocar o corpo de um Buddha; mas ele tolerou que Yashodara fizesse isso. O rei falou da fidelidade dela: "Isso não é uma expressão súbita de seu amor", disse ele. "Durante todos estes sete anos ela tem feito o que tu fizeste. Quando soube que tinhas raspado a cabeça ou que estavas usando vestimentas modestas, ou que comias apenas nas horas certas e numa tigela de barro, ela passou a fazer o mesmo, e recusou todas as ofertas de um novo casamento: portanto, perdo-a". Então Buddha relatou como, numa vida anterior, Yashodara tinha manifestado o desejo de se tornar esposa de um Buddha e depois disso, em muitas eras, tinha sido sua companheira e ajudante. Com essas palavras a princesa se consolou. Pouco tempo depois, Rahula foi admitido na ordem dos monges. Buddha, entretanto, recusou-se a admitir Yashodara na ordem dos sacerdotes. Muitos anos depois ele instituiu a ordem das monjas budistas, na qual Yashodara foi admitida; e ela, que havia nascido no mesmo dia que Buddha, atingiu o nirvana dois anos antes da morte dele.

Buddha visita o Céu Tavatimsa

Numa outra ocasião Buddha visitou o devaloka, ou o céu conhecido como Tavatimsa, e lá permaneceu durante três meses. Indra apressou-se em preparar para Buddha o seu próprio trono, mas temia que este fosse muito grande; e de fato ele media umas quinze léguas de altura, ao passo que Buddha tinha doze côvados de altura. Nem bem ele se aproximou, entretanto, o trono se encolheu, ficando numa altura conveniente; a largura, no entanto, permaneceu a mesma, e assim Buddha realizou o milagre de estender seu manto por uma distância de mais de mil milhas, tanto dos lados como para trás, de forma que o trono pareceu um assento expressamente preparado para o pregador. As divindades, comandadas por Matru, que ultimamente vinha sendo mãe de Buddha, solicitaram-lhe que expusesse o abhidharma. Muitas miríades de divindades e Brahmas entraram nos caminhos.

Quando chegou a hora de Buddha voltar à terra, Indra mandou estender entre o Céu e a terra três escadas, duas de ouro e uma de prata. Uma das escadas de ouro alternava degraus dourados com outros de prata, coral, rubi, esmeralda, e todas as pedras preciosas. Foi nessa escada que Buddha desceu precedido por Indra, que fazia soar sua trombeta. Na outra escada de ouro seguiam os devas com seus instrumentos musicais; e na escada de prata, os brâmanes, carregando pára-sóis. Assim, Buddha voltou ao seu eremitério.

Buddha evita uma guerra

Numa outra ocasião Buddha evitou uma guerra que estava a ponto de irromper, entre os Shakyas e os Kolis. Entre as cidades de Koli e Kapilavastu corria o rio Rohini; nesse rio foi construída uma barragem que permitiu ao povo dos dois países irrigar seus campos. Aconteceu que houve uma grande seca e os lavradores estabelecidos nas duas margens reivindicavam para si o direito à pouca água restante. Os reclamantes rivais diziam-se mutuamente os piores impropérios; quando a questão, bastante exagerada por força dos boatos, chegou aos ouvidos dos príncipes dos dois países, eclodiu uma guerra e os Shakyas e os Kolis acamparam suas forças uma diante da outra, nas margens opostas do rio. Nesse ponto da crise, Buddha percebeu o que estava acontecendo e, avançando pelo ar e ao mesmo tempo fazendo-se visível, chegou ao local da batalha. Em respeito a ele, a quem viam como a jóia de seu

povo, os Shakyas depuseram as armas e os Kolis os imitaram. Buddha perguntou-lhes se eles estavam reunidos para um festival da água e, tendo sido informado de que era para uma batalha, indagou-lhes a causa. Os príncipes disseram que não estavam inteiramente seguros, mas perguntariam aos generais. Estes, por sua vez, perguntaram aos seus suboficiais e assim por diante, de cima para baixo, até chegar ao lavrador que deflagrara a questão. Quando Buddha ficou sabendo qual era a causa, perguntou sobre o valor da água e, tendo sido informado de que era muito baixo, indagou qual era o valor dos homens; disseram-lhe que era muito alto. "Como, então, propondes atirar fora o que é de grande valor em troca do que é de pouco valor?" Esse argumento convincente bastou para encerrar a questão.

Ao mesmo tempo se resolveu que duzentos e cinqüenta príncipes de cada um dos lados se tornariam discípulos de Buddha. Eles concordaram de má vontade e não por escolha própria. Suas esposas também, mal ouviram falar do fato, puseram-se a se lamentar amargamente. No entanto, Buddha foi capaz de persuadir os príncipes a pensar melhor sobre o caso, e pouco tempo depois eles entraram nos caminhos da Libertação e se tornaram Arhats? Quando suas esposas voltaram a lhes enviar mensagens, implorando-lhes que retornassem à casa, eles ficaram inteiramente indiferentes.

A admissão de mulheres

Essa questão levou à primeira admissão de mulheres na ordem do sacerdócio — as esposas de quinhentos príncipes, juntamente com a rainha-mãe Prajapati, assim como a outra esposa Mayadevi e então viúvas de Suddhodana, que tinha morrido recentemente. Mayadevi pediu que todas aquelas mulheres pudessem ser admitidas na ordem do sacerdócio. Três vezes Buddha recusou esse pedido, e então ela não quis mais insistir. Depois de voltarem para casa, entretanto, as senhoras resolveram agir mais vigorosamente; cortaram os cabelos, vestiram roupas modestas e puseram-se a caminho, a pé, para o lugar onde Buddha residia. Elas, acostumadas a caminhar sobre mármore macio e a ser protegidas do calor do sol e da violência do vento, bem depressa ficaram exaustas, e ao chegar ao eremitério estavam numa situação de grande desamparo e debilidade. Prajapati voltou a

pedir a admissão. Ananda agora pleiteava por elas, em vista do sofrimento a que aquelas mulheres haviam sido submetidas. Buddha recusou mais uma vez. Então Ananda perguntou se uma mulher, uma vez admitida, poderia entrar nos caminhos e conseguir a Libertação. Buddha só pôde responder depois de indagado se os Buddhas tinham nascido no mundo unicamente em benefício dos homens. "A estrada está aberta para mulheres como para homens", disse ele. Então Ananda lembrou-lhe sua afirmação, feita numa ocasião anterior, de que mais tarde as mulheres seriam admitidas. E assim Buddha viu que chegara a hora de fundar a ordem das monjas. A razão de sua relutância era a consciência de que fazendo isso ele levaria a dúvidas e ditos desonrosos sobre sua ordem, por aqueles que não eram ainda seus seguidores.

Devadatta trama o mal

O sacerdócio de Buddha não era inteiramente incontestado. Os filósofos brâmanes costumavam contradizê-lo em controvérsias; e Devadatta, um primo que ao longo de incontáveis nascimentos tinha sido sempre um acérrimo inimigo seu, chegou mesmo a tentar matá-lo. Apesar de Devadatta ter obtido grandes poderes graças à meditação e ao asceticismo, sua natureza má fazia com que esses poderes, longe de ajudá-lo a conseguir a Libertação, acarretassem-lhe a total ruína. Ele instalou-se na corte do rei de Sewet com quinhentos monges seus e, apoiado pelo príncipe Ajasat, obteve muita influência. Aconselhado por Devadatta, Ajasat primeiro tentou matar o pai de forma violenta, e mais tarde deixou-o morrer de fome, a fim de obter o reino para si mesmo. Não muito depois da ascensão de Ajasat ao trono, Devadatta mandou buscar um grupo de quinhentos arqueiros para matar Buddha. Escolheu dentre eles trinta e um e ordenou ao primeiro que matasse Buddha; aos dois seguintes, que matassem o primeiro; aos quatro seguintes, que matassem esses dois últimos, e os dezesseis finais ele próprio mataria, a fim de que o assunto ficasse em segredo. Buddha, embora bem a par de suas intenções, recebeu com muita delicadeza o primeiro e, sucessivamente, todos os demais arqueiros, fazendo-lhes pregações, de modo que eles entraram no caminho da Libertação e se tomaram sacerdotes. Em uma outra ocasião Devadatta atirou sobre Buddha uma grande pedra, quando ele caminhava ao

lado de um penhasco escarpado, mas ela quebrou-se em dois pedaços e apenas fez uma ferida insignificante no seu pé.

Devadatta então imaginou uma trama ainda mais astuta. Havia um elefante feroz, de nome Malagiri, acostumado a beber oito medidas de cerveja diariamente. Certo dia Devadatta mandou que lhe dessem dezesseis medidas; fez também uma proclamação real, ordenando às pessoas que ficassem dentro de casa; esperava-se, assim, que o elefante destruísse Buddha quando ele saísse em busca de esmolas. Buddha recebeu essa notícia a tempo, mas não quis mudar seu costume. No dia seguinte todos os balcões estavam repletos de amigos e inimigos de Buddha, ansiosos os primeiros por ver sua vitória; quanto aos últimos, esperavam sua morte. Quando Buddha se aproximou, o elefante estava descontrolado e logo começou a destruir as casas e demonstrar de outras formas sua fúria. Os monges incitaram Buddha a fugir, pois o elefante era evidentemente ignorante de seus méritos. Então muitos monges pediram a Buddha que lhes permitisse ficar diante dele para protegê-lo; mas ele replicou que seu poder era uma coisa e o dos discípulos era outra. Quando, por fim, Ananda decidiu-se a ir na frente de Buddha, este, pela força de sua vontade, compeliu-o a ficar atrás de si. Então uma criança saiu correndo de uma casa e o elefante estava quase matando-a, mas Buddha gritou: "Não pretendias matar ninguém além de mim; não desperdices tua força com ninguém mais". Mas quando o elefante fitou Buddha, toda a sua fúria se moderou e ele se aproximou em completa mansidão até ajoelhar-se perante ele. Buddha ordenou à criatura que nunca mais voltasse a ferir ninguém, mas fosse bondoso com todos; e o elefante repetiu em voz alta, na presença de todo o povo, os cinco mandamentos: se não se tratasse de uma criatura de quatro pernas, ele certamente entraria no caminho da Libertação. Quando as pessoas viram essa maravilha o ruído de palmas e gritos foi como o mar ou o trovão. O elefante foi coberto de jóias e oitenta e quatro mil pessoas entraram no caminho da Libertação. Não muito tempo depois disso, Ajasat se converteu e tornou-se defensor de Buddha e de seus seguidores. Quando Ajasat partiu para o mosteiro depois desse acontecimento, Buddha comentou: "Não tivesse o rei assassinado seu pai, ele poderia ter entrado hoje no primeiro caminho. De qualquer forma, ele será salvo do inferno mais profundo, onde teria de permanecer por toda uma era. Ele passará sessenta mil anos nos outros

infernos; então, depois de longas eras passadas com os deuses, nascerá na terra e será um Buddha com vida retirada".

Devadatta estava agora em desgraça, mas odiava Buddha cada vez mais. Ele juntou um novo grupo de discípulos, num total de quinhentos. Mas Buddha mandou que dois de seus discípulos mais sábios fossem pregar para os de Devadatta; e enquanto este dormia, todos eles partiram para seguir Buddha. Devadatta então caiu doente e assim ficou por nove meses; depois disso, resolveu ir procurar o perdão de Buddha. Embora sem sentir rancor em relação a Devadatta, Buddha informou aos monges: "Devadatta não verá o Buddha. Tão grandes são os seus crimes que nem mesmo mil Buddhas poderiam salvá-lo". Devadatta, em seu palanquim, aproximava-se cada vez mais do mosteiro de Buddha; mas quando ele pôs o pé no chão da entrada, surgiram flamas altas do mais profundo inferno e envolveram-lhe o corpo em suas dobras — primeiro os pés, depois o tronco, depois os ombros. Ele gritou por Buddha, pedindo ajuda, e repetiu o verso de um hino pelo qual ele aceitava as três pedras preciosas: Buddha, a Lei e a Igreja; e isso acabaria por ajudá-lo, embora tenha ido para o Inferno e a massa de fogo que recebeu tivesse uma mil e seiscentas milhas de altura.

A libertação final de Buddha

Este foi o modo como morreu Buddha, chamado Parinirvana, ou Libertação Final: no quadragésimo quinto ano de seu ministério, Buddha sofreu uma doença grave e declarou que não viveria muito tempo. Enquanto residia na cidade de Pava, o hospedava um bom ferreiro chamado Chunda. Ele preparou uma oferenda de carne de porco que fez Buddha adoecer e por fim morrer.

Quando já estava muito fraco, Buddha partiu para Kushinagara; teve de descansar muitas vezes no caminho. Tudo isso ele suportou para que as pessoas se lembrassem de que ninguém está isento da velhice, decadência e morte. Por fim, ele chegou à cidade e lá pediu a Ananda: "Informe ao ferreiro Chunda que sua oferenda trará uma grande recompensa, pois ela será a causa imediata de minha obtenção do nirvana. Na verdade duas oferendas que recebi trarão grandes recompensas; a primeira me foi feita pela senhora Sujata antes que eu atingisse a sabedoria suprema, a outra me foi feita agora por Chunda.

Essas são as duas oferendas mais notáveis". Buddha assim falou por medo de que Chunda tivesse remorso ou fosse censurado pelos outros. Mas ele havia dado ordens estritas para que as sobras da oferenda fossem enterradas. Buddha deitou-se num leito, num bosque de árvores sal perto de Kushinagara. Enviou uma mensagem informando os príncipes Malwa de que estava prestes a conseguir a Libertação Final, pois sabia que muito grande seria sua tristeza se ele morresse sem que eles pudessem, mais uma vez, contemplá-lo. Assim foi que se reuniu em volta do leito de morte de Buddha um grande número de reis, príncipes e damas da corte, além de incontáveis sacerdotes, divindades e brâmanes dos dez mil mundos. Em sua dor, todos choravam, torciam as mãos e se curvavam até o chão. Essa ocasião tornou-se tema de inúmeros quadros, cujo sentimento se assemelha ao da Pietà cristã.

Buddha inquiriu se os sacerdotes tinham uma última pergunta a fazer-lhe; mas, como não havia dúvidas em nenhum ponto, ficaram silenciosos. Um brâmane de Kushinagara, entretanto, chegou e desejou discutir alguns assuntos. Buddha não quis negar-se, e o brâmane acabou por se tornar seu discípulo. Nenhum dos discípulos estava mais golpeado pela dor do que Ananda. Buddha lhe tinha dado instruções sobre seu sepultamento e sobre as regras a ser observadas por monges e monjas. Então ele disse: "Agora eu parto para o nirvana; deixo convosco minhas ordens; os elementos daquele que tudo sabe morrerão, porém as três gemas permanecerão". Mas Ananda deixou-se vencer e chorou amargamente. Então Buddha prosseguiu: "O Ananda, não te deixes perturbar. Não chores. Eu não te ensinei que devemos nos separar de tudo o que possuímos de mais caro e agradável? Nenhum ser jamais nascido ou criado pode superar a tendência à dissolução inerente a si mesmo; a condição de permanência é impossível. Por longo tempo, Ananda, tua bondade, em atos e pensamentos e palavra, te trouxe para muito perto de mim. Tens sempre procedido bem; persevera, e também tu ganharás a liberdade perfeita desta sede de vida, esta cadeia de ignorância". Então ele se voltou para os outros lamentadores e recomendou-lhes Ananda. Disse também que poucos dos presentes que tinham entrado para o caminho da Libertação nunca falhariam inteiramente, mas por fim prevaleceriam e atingiriam o nirvana. Depois de uma pausa, ele disse novamente: "Mendicantes, eu agora deixo gravado em vossos espíritos que as partes e poderes do homem devem ser

dissolvidas; trabalhai vossa salvação com diligência". Logo em seguida Buddha ficou inconsciente e morreu.

Os príncipes Malwa, depois de se terem recuperado um pouco de sua tristeza, envolveram o corpo em dobra após dobra do mais fino tecido e o deixaram exposto por seis dias. Então o queimaram em uma pira magnífica no salão da coroação dos príncipes. Por mais que tentassem, eles não conseguiram atear fogo na pira; mas por fim ela incendiou-se sozinha. O corpo foi completamente consumido, deixando apenas as relíquias, como um amontoado de pérolas. As principais delas, mais tarde guardadas em gloriosos monumentos, foram os quatro dentes, dois malares e o crânio.

Capítulo VI

SHIVA

A supremacia de Shiva

Essa história é relatada por Brahma em resposta a uma indagação dos deuses e dos rishis:

"Na noite de Brahma, quando todos os seres e todos os mundos estavam firmemente juntos em uma quietude única e inseparável, eu vi o grande Narayana, alma do universo, de mil olhos, onisciente, Ser e não-Ser igualmente, reclinar-se sobre as águas informes sustentado pela serpente Infinita de mil cabeças. E eu, iludido por seu encantamento, toquei com a mão o ser eterno e perguntei: 'Quem sois? Dize'. Então ele, o dos olhos de lótus, fitou-me com um olhar quieto, levantou-se sorrindo e disse: 'Bem-vindo, meu filho, tu, brilhante antepassado'. Essas palavras me ofenderam e eu protestei: 'Tu, ó deus sem pecado, me chamas de filho como um professor fala com seu aluno; chama de menino a mim, que sou a causa da criação e da destruição, arquiteto das miríades de mundos, a fonte e a alma de tudo? Explica-me, por que me dizes palavras tolas?' Então Vishnu respondeu: 'Não sabes que eu sou

Narayana, criador, preservador e destruidor dos mundos, o eterno varão, a imortal origem e centro do universo? Pois nasceste de meu corpo imperecível'.

"Em seguida, entre aquele mar informe, começamos a discutir raivosamente. Então, para pôr fim à nossa contenda, apareceu diante de nós, maravilhoso e brilhante, um lingam, um pilar ardente, com uma centena de fogos consumidores do universo, sem começo, meio ou fim, incomparável, indescritível. O divino Vishnu, desnortado com suas milhares de chamas, disse para mim, tão atônito quanto ele: 'Vamos logo procurar saber qual é a fonte desse fogo. Eu descerei. Tu subirás, com todo o teu poder'. Ele transformou-se em um javali de mil léguas de comprimento, como uma montanha de colírio azul, com presas brancas e pontiagudas, um focinho longo, grunhido tonitruante, vitorioso, forte, incomparável — e mergulhou para o fundo. Por mil anos ele ficou mergulhado assim, mas não encontrou a base do lingam. Nesse meio tempo eu me tornei um cisne branco e de olhos ardentes, com asas por todos os lados, rápido como o pensamento e como o vento; e subi durante mil anos procurando encontrar o fim do pilar, mas nada consegui. Então voltei e me deparei com o grande Vishnu, esgotado e pasmo, acabando de subir.

"Então Shiva postou-se diante de nós, a quem seu encantamento havia enganado, inclinamo-nos para ele, enquanto, claro e prolongado, surgiu por todos os lados o som articulado de Om Narayana Ihe disse: 'Nossa luta foi feliz, ó Deus dos deuses, uma vez que apareceste para encerrá-la'. Shiva respondeu para Vishnu: 'És de fato o criador, o preservador e o destruidor dos mundos; tu, meu filho, manténs este mundo tanto inerte quanto em movimento. Pois eu, o indiviso Senhor Supremo, sou três: sou Brahma, Vishnu e Rudra, o que cria, o que mantém e o que destrói. Trata com carinho esse Brahma, pois ele nascerá de ti numa idade vindoura. Então vós, os dois, me fitareis novamente'. Dito isso o Grande Deus desapareceu. A partir de então estabeleceu-se nos três mundos o culto do lingam."

Sati

Muito tempo atrás houve um chefe supremo dos deuses chamado Daksha. Ele casou-se com Prasuti, filha de Manu, e com ela teve dezesseis

filhas, das quais a mais moça, Sati, tornou-se esposa de Shiva. Foi um casamento que desagradou a Daksha, pois ele tinha má vontade com Shiva não apenas por seus hábitos mal-afamados como também porque, por ocasião de um festival para o qual ele havia sido convidado, Shiva não lhe tinha prestado homenagem. Por essa razão Daksha tinha lançado sobre Shiva a maldição de que ele não receberia nenhuma porção das oferendas feitas aos deuses. Um brâmane devoto de Shiva, entretanto, pronunciou outra maldição, de que Daksha dissiparia a vida em prazeres materiais e observâncias cerimoniais e teria cara de cabra.

Nesse meio tempo Sati cresceu e apaixonou-se por Shiva, adorando-o em segredo. Ela chegou à idade núbil e seu pai organizou um swayamvara, ou escolha própria, para o qual convidou deuses e príncipes, de longe e de perto, com exceção unicamente de Shiva. Sati foi conduzida para a grande reunião, empunhando a grinalda. Mas não se via Shiva em parte alguma, nem entre os homens nem entre os deuses. Então, desesperada, ela atirou a grinalda para o ar, exortando Shiva a recebê-la; e viu-o de pé, no meio de toda a corte, com a grinalda em volta do pescoço. Assim, Daksha não teve escolha senão realizar o casamento; e Shiva foi embora com Sati para sua casa em Kailas.

Kailas era longe, muito além dos brancos Himalaias, e lá morava Shiva, em pompa real, adorado por deuses e sacerdotes; ele passava a maior parte do tempo andando a pé pela montanha, como um mendigo, o corpo manchado de cinzas, e com Sati usando roupas andrajosas; algumas vezes também ele era visto nos pátios de cremação, cercado de duendes dançarinos e tomando parte em ritos horrendos.

Um dia Daksha tomou providências para um grande sacrifício de cavalo e convidou todos os deuses para que fossem e participassem das oferendas, omitindo apenas Shiva. As oferendas principais deviam ser feitas a Vishnu. Sati viu a partida dos deuses, no momento em que saíam, e virando-se para o marido perguntou: "Aonde, ó senhor, vão os deuses, com Indra à frente? Eu queria saber para onde eles se dirigem". Então Mahadeva respondeu: "Brilhante senhora, o bom patriarca Daksha preparou um sacrifício de cavalo e para lá os deuses se dirigem". Ela indagou: "Por que não vais também à grande cerimônia?" Ele lhe informou: "Foi combinado entre os deuses que eu não tomaria parte em quaisquer oferendas feitas em sacrifícios". Então Devi

ficou irritada e exclamou: "Como é possível que aquele que mora em cada ser, que é inatingível em poder e glória, seja excluído das oblações? Que sacrifícios, que dádiva devo eu fazer para que meu Senhor, que transcende todos os pensamentos, receba uma parcela, um terço ou metade da doação?" Shiva sorriu para Devi, lisonjeado por sua afeição, e disse: "Essas oferendas têm pouca importância para mim, pois eles, que cantam os hinos do Samaveda, me fazem sacrifícios; meus sacerdotes são aqueles que oferecem a oblação de real sabedoria, na qual não é necessária a presença de um brâmane oficiante; essa é a minha porção". Devi respondeu: "Não é difícil apresentar razões perante mulheres. Seja como for, me permitirás ir à casa de meu pai nessa ocasião". "Sem convite?", perguntou ele. "Uma filha não precisa de convite para a casa de seu pai", replicou ela. "Então, que seja assim", anuiu Mahadeva, "mas disso resultará algum mal, pois Daksha me insultará em sua presença".

Então Devi dirigiu-se à casa de seu pai e lá, de fato, foi recebida, mas sem honras, pois viajou no elefante de Shiva e usava roupa de mendiga. Ela protestou pela negligência de seu pai para com Shiva; mas Daksha irrompeu em impropérios e ridicularizou o "rei dos duendes", "o mendigo", o "homem-cinza", o iogue de cabelos compridos. Sati respondeu ao pai: "Shiva é amigo de todos; ninguém, a não ser vós, fala mal dele. Os devas sabem de tudo o que dizeis, e contudo adoram-no. Mas uma esposa, quando seu Senhor é ultrajado, se ela não pode matar as pessoas más que falam contra ele, deve deixar o lugar tampando os ouvidos com as mãos ou, se tiver poder para tal, deve abrir mão da vida. Isso eu farei, pois me envergonho de dever este corpo a uma pessoa como vós". Então Sati liberou o fogo interno consumidor e caiu morta aos pés de Daksha.

A ira de Shiva

Narada levou a notícia para Shiva. Ele ficou rubro de cólera, arrancou da cabeça um tufo de cabelos e, reluzindo de energia, atirou-o ao chão. Desse tufo de cabelos saltou o terrível demônio Virabhadra; seu corpo enorme atingiu a altura dos céus, escuro como as nuvens, com mil braços, três olhos abrasadores e cabelos de fogo; usava uma coroa de caveiras e trazia consigo

armas terríveis. Esse demônio reverenciou Shiva, a cujos pés se inclinou, e esperou por suas ordens. Shiva lhe disse: "Conduz meu exército contra Daksha e destrói o sacrifício dele; não temas os brâmanes, pois és uma porção do meu próprio ser". Então, como uma tempestade de vento, esse pavoroso emissário apareceu com os ganas de Shiva no meio dos sacerdotes de Daksha. Eles quebraram os vasos sacrificiais, poluíram as oferendas e insultaram os sacerdotes; finalmente Virabhadra decepou a cabeça de Daksha, pisoteou Indra, quebrou o bordão de Yama e fez com que os deuses se espalhassem por todos os lados. Depois disso voltou para Kailas. Lá Shiva ficou sentado imóvel, mergulhado na mais profunda meditação, esquecido do que havia se passado.

Os deuses derrotados procuraram Brahma e pediram seu conselho. Ele e Vishnu tinham se absterido de comparecer ao festival, pois previram o que iria acontecer. Então Brahma aconselhou os deuses a fazer as pazes com Shiva, que poderia destruir o universo se assim desejasse. O próprio Brahma foi com eles para Kailas. Encontraram Shiva mergulhado em profunda meditação no jardim do kinnaras chamado Fragrante, sob um grande fícus de cem léguas de altura cujos ramos se espalhavam por quarenta léguas de cada lado. Brahma pediu-lhe que perdoasse Daksha e curasse as pernas quebradas dos outros deuses e sacerdotes porque, disse ele, "as ofertas são tuas; recebe-as e permite que o sacrifício seja completado". Shiva respondeu: "Daksha é apenas uma criança; eu não penso nele como em alguém que cometeu pecado. Sua cabeça, entretanto, foi queimada; aplicarei nele uma cabeça de cabra e as pernas quebradas serão curadas". Então os devas agradeceram a Shiva por sua bondade e convidaram-no para o sacrifício. Lá, Daksha olhou para ele com reverência, o rito foi corretamente realizado e lá também Vishnu apareceu, montado em Ganida. Ele falou com Daksha, dizendo: "Apenas os ignorantes imaginam que eu e Shiva somos distintos; ele, eu e Brahma somos um Ser uno e trino, assumindo diferentes nomes para a criação, preservação e destruição do universo. Nós, como o Eu trino e uno, penetramos em todas as criaturas; os sábios, portanto, consideram todas as pessoas como a si mesmos".

Então todos os deuses e sábios saudaram Shiva, Vishnu e Brahma e partiram para suas moradas; Shiva voltou para Kailas e uma vez mais mergulhou no seu sonho.

Nota sobre Daksha e Shiva

Acontece constantemente na história da literatura indiana que uma nova onda de teologia constitua a oportunidade para a recapitulação de alguma teoria mais antiga sobre a origem do universo. Esse fato é uma felicidade para os estudantes que vêm depois, já que sem isso não teríamos quaisquer indícios, na maioria dos casos, sobre as concepções antigas. Pode-se dizer que a história de Daksha é um exemplo disso; os promulgadores das concepções arianas e sanscríticas sustentavam que, falando de modo vago, Brahma tinha sido o criador dos mundos. Mas, devemos nos lembrar, entre aqueles para quem ele era sagrado surgiu a filosofia do mal inerente e da dualidade da existência material. E com o aperfeiçoamento dessa teoria se popularizou o nome de um novo deus, Shiva, ou MahadeVa, que personificava a libertação espiritual. Que papel poderiam ter tido na evolução do cosmo essas diferentes divindades? Este era um mundo no qual o bem produzia o mal e o mal produzia o bem, e o bem sem o mal era uma simples contradição de termos. Assim, como podia o Grande Deus ser responsabilizado por algo tão sinistro? Obviamente isso não tinha fundamento. Então se elaborou o mito de que Brahma havia criado em primeiro lugar quatro belos jovens que seriam os pais da humanidade. Eles se sentaram para orar nas margens do lago Manasarovara e de repente Shiva veio ao encontro deles na forma de um grande cisne — o protótipo do Paramahansa, ou cisne supremo, o título da alma emancipada — que nadava de um lado para o outro advertindo-os de que o mundo à volta deles era ilusão e escravidão, e que o único meio de escape para eles seria recusarem-se a ser pais. Os jovens ouviram e compreenderam, e mergulhando em meditação permaneceram nas praias do lago divino, sem qualquer valia para os propósitos do mundo. Então Brahma criou os oito senhores da criação, os Prajapatis, e foram estes que fizeram a desordem que é este mundo.

A história das idéias é talvez a única história que pode ser claramente seguida na Índia, mas é possível traçá-la com uma clareza maravilhosa. Nesse ponto da história de Brahma em que ele cria os Prajapatis, numa narrativa cujo objetivo inequívoco é mostrar o papel desempenhado por Shiva no processo da

criação, é obvio que estamos subitamente aceitando toda uma cosmogonia mais antiga. O fato inverso, que os deuses daquela mitologia estão se defrontando pela primeira vez com uma nova série de concepções mais éticas e mais espirituais do que as que lhes eram familiares até então, é igualmente inquestionável à medida que a história prossegue. Um dos novos Prajapatis tem uma forte convicção — bastante incongruente em uma criação nova mas nada antinatural em um caso de grande antigüidade — de que ele próprio é o Chefe Supremo dos homens e dos deuses, e é com grande desgosto e infelicidade que ele vê sua dignidade e suas pretensões ignoradas por aquele deus conhecido como Shiva ou Mahadeva. Nesse próprio fato da brusquidão da ofensa feita e do inesperado do desprezo temos mais uma indicação de que estamos nos ocupando da introdução de um novo deus no panteão hindu. Ele vai se tornar membro do seu círculo familiar por um artifício ao mesmo tempo velho e eternamente novo. Com o orgulho ferido, o chefe Prajapati — cujo nome é Daksha — enche-se de ódio por Shiva, o Grande Deus. Mas Daksha tinha uma filha chamada Sati, que é a perfeita encarnação da piedade e da dedicação femininas. A alma dessa donzela é toda entregue, em segredo, ao culto e ao amor do Grande Deus. Sati é a última filha solteira de seu pai e o tempo para a corte e o noivado não pode ser muito protelado. Então se anuncia que seu swayamvara - a cerimônia em que a filha de um rei escolhe o seu próprio marido — está próximo e os convites serão remetidos para todos os deuses e príncipes que são pretendentes aceitáveis. Só Shiva não é convidado, e o coração de Sati irrevogavelmente entregue a ele. Ao entrar no pavilhão da escolha nupcial, com a grinalda de noiva na mão, Sati faz um apelo supremo. "Se eu sou realmente Sati", grita ela atirando para o ar a grinalda, "então tu, Shiva, receba minha grinalda!", e imediatamente ele estava ali, no meio deles, com a grinalda de Sati em volta do pescoço. A história do posterior desenvolvimento do rancor é relatada acima.

Velha como é a história do casamento da filha do mais antigo Senhor da Criação com o recém-chegado entre os deuses, torna-se evidente que nesse momento Daksha já era tão vetusto que a origem de sua cabeça de cabra fora esquecida, e o mundo contemporâneo que aceitou Shiva queria uma explicação sobre o fato. Até uma época anterior ao nascimento do budismo, Daksha pode ter sido bastante conhecido, mas a pregação daquela fé por todo

o território da Índia deve ter levado o povo a exigir das divindades atributos morais e espirituais, em vez de uma simples mistura de poderes cósmicos, e assim educados eles aparentemente voltaram para a concepção do deus como para alguma coisa de cuja importância eles tinham se esquecido.

Sugestões de mitos primitivos

Vestígios de algo ainda mais antigo ocorrem no ato seguinte desse drama sagrado, quando Shiva, enlouquecido de paixão, caminha pelo mundo destruindo tudo, carregando às costas o corpo de Sati. O solo se resseca, as plantas fenecem, a colheita fracassa. Toda a natureza treme sob a aflição do Grande Deus. Então Vishnu, para salvar a humanidade, surge atrás de Shiva e, lançando repetidas vezes seu disco, corta o corpo de Sati em pedaços até que o Grande Deus, ciente de que o peso se foi, retira-se sozinho para Kailas, onde se perderá uma vez mais em sua eterna meditação. Mas o corpo de Sati tinha sido cortado em cinquenta e dois pedacinhos, e onde quer que um fragmento dele toque a terra surge um santuário de culto à mãe e o próprio Shiva brilha ante o suplicante como guardião daquele lugar.

Essa história nos traz vividamente de volta a busca de Perséfone empreendida por Deméter, a Grande Deusa, aquele belo mito grego do inverno setentrional; mas os cinquenta e dois pedaços do corpo de Sati nos lembram irresistivelmente os setenta e dois fragmentos de um outro corpo morto, o de Osíris, que foi procurado por Isis e encontrado dentro de um cipreste, em Biblos. Afirma-se que o ano mais antigo foi de duas estações, ou setenta e duas semanas. Assim, o corpo de Osíris talvez signifique um ano completo, dividido nas suas unidades mais calculáveis. Na história mais moderna encontramos-nos lidando novamente com um número característico das semanas do ano. Os fragmentos do corpo de Sati eram cinquenta e dois. Assim, ela representa alguma personificação antiga que pode ter sido a raiz histórica do nosso cálculo atual?

De modo geral as deusas são, como sabemos, muito anteriores aos deuses, e é interessante ver que no mito egípcio mais antigo é a mulher que é ativa, a mulher procura e leva embora o corpo morto do homem. Percebe-se a

relativa modernidade da história de Shiva e Sati, entre outras coisas, pelo fato de o marido procurar, encontrar e carregar consigo a mulher.

Uma

Sati renasceu como filha da grande montanha Himalaia. Dessa vez seu nome foi Uma, com o sobrenome Haimavati de seus ascendentes. Outro nome que ela usava era Parvati, que significa "filha da montanha". Sua irmã mais velha era o rio Ganga. Desde a meninice Uma era dedicada com Shiva, e costumava fugir à noite para oferecer flores e frutos e acender velas diante do Vingam. Além disso, um deva previu certo dia que ela seria a esposa do Grande Deus.

Isso lisonjeou seu pai, que passou a querer ansiosamente que a filha ficasse noiva; mas nada se podia fazer, pois Shiva permanecia imerso em profunda meditação e indiferente a tudo o que o rodeava, toda a sua atividade voltada para dentro. Uma passou a servir-lhe e atendia a todas as suas ordens, mas não conseguia afastá-lo das práticas ascéticas e nem despertar o seu amor.

Nessa ocasião um terrível demônio chamado Taraka incomodava muito os deuses e o mundo, transtornando todas as estações e destruindo sacrifícios; os deuses podiam derrotá-lo, pois numa idade do passado seu poder lhe fora conferido pelo próprio Brahma, pela prática do ascetismo. Assim, os deuses foram até Brahma para pedir-lhe ajuda. Brahma explicou que não seria apropriado para ele agir contra o demônio, a quem ele próprio havia dado poder; mas prometeu que um filho nascido de Shiva e Parvati levaria os deuses à vitória.

O principal deus, Indra, recorreu primeiro a Kamadeva, ou Desejo, o deus do amor, e falou da necessidade de seu auxílio. Desejo concordou em ajudá-lo, e foi com sua esposa, Paixão, e sua companheira, Primavera, para a montanha onde Shiva morava. Chegada essa estação, novas flores brotaram nas árvores, já não havia mais neve, os pássaros e animais selvagens começaram a se acasalar; apenas Shiva permanecia impassível em seu sonho.

Até mesmo Desejo estava atemorizado, e só se animou novamente ao ver o encanto de Uma. Ele escolheu um momento em que Shiva começou a relaxar sua concentração e Parvati se aproximou para adorá-lo; armou seu arco e estava prestes a atirar quando o Grande Deus o viu e enviou um raio de fogo do seu terceiro olho que o consumiu completamente. Shiva partiu,

deixando Paixão inconsciente, e Parvati foi carregada de volta por seu pai. Desde aquele tempo, Ananga, ou Incorpóreo, tem sido um dos nomes de Kamadeva, pois ele não estava morto, e enquanto Paixão lamentava a perda do seu senhor uma voz proclamou para ela: "Teu amado não está perdido para sempre; Shiva devolverá o corpo de Amor à sua alma quando se casar com Uma, como um presente de casamento para ela".

Parvati agora reprovava sua beleza inútil, pois que proveito traz ser adorável se nenhum adorador adora essa coisa adorável? Ela tornou-se sannyasini, ermitã, e deixando de lado todas as suas jóias, com cabelos despenteados e roupas de casca de árvore, retirou-se para uma montanha isolada e passou a vida meditando sobre Shiva e praticando ascetes de que ele gostava. Um dia um jovem brâmane visitou-a, congratulando-a pela constância de sua devoção; mas perguntou-lhe por que razão ela passava a vida em abnegação sendo dotada de beleza e juventude, tudo o que o coração deseja. Ela relatou sua história e disse que desde a morte de Desejo era essa devoção o único meio que havia encontrado para ganhar a aprovação de Shiva. Tentando dissuadir Parvati de desejar Shiva, o jovem narrou as terríveis histórias de seus atos desalentadores: que ele se vestia com uma cobra venenosa e a pele de um elefante sanguinário, morava num campo de cremação, viajava montado num touro, era pobre e de ascendência desconhecida. Parvati ficou zangada e defendeu seu senhor, declarando finalmente que seu amor não se alteraria com quaisquer verdades ou inverdades ditas sobre Shiva. Então o jovem brâmane atirou fora o seu disfarce e revelou-se como nada menos que Shiva e lhe dedicou seu amor. Parvati voltou para casa a fim de contar ao pai sua feliz sorte, e os preparativos para o casamento foram realizados na devida forma. Por fim chegou o dia. Shiva e sua noiva estavam prontos. Acompanhado por Brahma e Vishnu, ele cavalgou pela cidade de Himalaia em procissão triunfal, os pés mergulhados até o tornozelo em flores espalhadas pelo chão, e levou a noiva para Kailas. Antes, porém, ele restaurou o corpo de Desejo para sua solitária esposa.

Durante muitos anos Shiva e Parvati viveram em bem-aventurança no seu paraíso do Himalaia; mas por fim apareceu o Deus do fogo como mensageiro dos deuses e reprovou Shiva por não ter tido um filho para salvar os deuses de sua infelicidade. Shiva entregou a semente fecunda ao Fogo, que

a levou e finalmente a deu ao Ganges, que a preservou até que as seis Plêiades vieram banhar-se em suas águas pela madrugada. Elas a colocaram num cesto de junco, onde ela se tornou o Menino-Deus Kumara, o futuro deus da guerra. Naquele cesto Shiva e Parvati o encontraram e o levaram para Kailas, e ali ele passou sua meninice feliz. Quando ele se tornou um jovem forte os deuses pediram-lhe ajuda e Shiva enviou-o ao seu general para chefiar um exército contra Taraka. Ele conquistou e matou o demônio e restaurou a paz para o Céu e a terra.

O segundo filho de Shiva e Parvati foi Ganesha,² que, além de ser o deus da sabedoria, remove os obstáculos. Um dia a orgulhosa mãe, num momento de negligência, pediu ao planeta Saturno que fitasse seu filho: o terrível olhar de Saturno reduziu a cabeça da criança a cinzas. Parvati pediu conselho a Brahma e ele lhe disse que substituísse a cabeça pela primeira que ela encontrasse: essa cabeça foi a de um elefante.

O esporte de Uma

Certo dia Mahadeva sentou-se numa montanha sagrada do Himalaia, mergulhado em profunda e árdua contemplação. A sua volta estavam as deliciosas florestas em flor, com uma profusão de pássaros, animais, ninfas e duendes. O Grande Deus sentou-se num abrigo feito com folhagens, onde flores celestiais se abriam e rebrilhavam com luz radiante; fruía-se por todos lados o perfume do sândalo e o som de músicas celestiais. Inexprimível era a beleza da montanha, brilhando com a glória da penitência do Grande Deus e ressoante com o zumbido das abelhas. Todas as estações estavam presentes e todas as criaturas e poderes residiam ali com mentes voltadas firmes para a ioga, em pensamento concentrado.

Mahadeva tinha em volta dos quadris uma pele de tigre e em volta dos ombros uma pele de leão. Seu fio sagrado era uma terrível serpente. A barba era verde; os cabelos longos pendiam em madeixas emaranhadas. Os sacerdotes inclinavam-se até o chão, em adoração. Então chegou Uma, filha de Himalaia, esposa de Shiva, seguida por seus servos espirituais. Ela estava ornamentada como seu senhor e celebrou os mesmos ritos. O jarro que trazia continha água de todas as fontes, e as senhoras dos Rios Sagrados seguiam-

na. Flores brotavam e perfumes exalavam de cada lado à medida que ela se aproximava. Então Uma, com um sorriso, jocosamente cobriu os olhos de Mahadeva, colocando sobre eles suas lindas mãos.

Instantaneamente a vida no universo declinou, o sol empalideceu e todos os seres vivos se assustaram amedrontados. Então a escuridão esvaiu-se de novo, pois um olho abrasado brilhou fortemente no supercílio de Shiva, um terceiro olho que brilhava como um segundo sol. Daquele olho lançou-se uma chama tão chamuscante que o Himalaia queimou com todas as suas florestas, e manadas de cervos e outros animais precipitaram-se abruptamente para o lugar em que Mahadeva se assentava para implorar proteção, e isso fez cintilar com um brilho estranho o poder do Grande Deus. O fogo resplandecia até o céu, cobrindo todos os quadrantes, como a conflagração que tudo destrói num fim de era. Em um instante as montanhas estavam consumidas, com todas as suas gemas, picos e ervas rebrilhantes. A filha do Himalaia, olhando para seu pai assim destruído, saiu e se pôs de pé com as mãos postas em prece diante do Grande Deus. Então Mahadeva, vendo a dor de Uma, dirigiu olhares benignos à montanha e repentinamente o Himalaia voltou ao seu estado primitivo, tornando-se tão belo quanto fora antes do fogo. De todas as árvores brotaram flores, e os pássaros e os animais se alegraram.

Então Uma com os dedos entrelaçados, dirigiu-se ao seu senhor: "O ser sagrado, senhor das criaturas", disse ela, "eu vos imploro que resolvais a minha dúvida. Por que apareceu esse vosso terceiro olho? Por que a montanha foi queimada e todas as suas florestas? Por que restaurastes a montanha depois de a haver destruído?"

Mahadeva respondeu: "Senhora sem pecado, porque cobriste meus olhos em brincadeira insensata o universo ficou escuro. Então, ó filha da montanha, eu criei um terceiro olho para a defesa de todas as criaturas, mas a ardente energia desse olho destruiu a montanha. Foi por tua causa que fiz o Himalaia voltar a ficar inteiro".

A pescaria de Shiva

Sucedeu um dia que Shiva se sentou com Parvati em Kailas, explicando-lhe o texto sagrado dos Vedas. Ele falava sobre uma questão muito difícil

quando por acaso olhou para cima e viu claramente que Parvati estava pensando em alguma outra coisa; assim, ele lhe pediu que repetisse o texto e ela não pôde fazê-lo, pois de fato não tinha ouvido atentamente. Shiva ficou muito irritado e disse: "Muito bem, está claro que não és a esposa adequada para um iogue; nasceras na terra como a mulher de um pescador, de quem, absolutamente, não ouvirás nenhum texto sagrado". Imediatamente Parvati desapareceu e Shiva sentou-se para praticar uma de suas meditações profundas. Mas não conseguiu concentrar; ficou pensando em Parvati e sentia-se muito inquieto. Por fim ele disse para si mesmo: "Temo ter sido muito precipitado, e certamente Parvati não devia estar lá embaixo, na terra, como a mulher de um pescador; ela é minha esposa". Então Shiva mandou chamar Nandí, seu servidor, e ordenou-lhe que assumisse a forma de um terrível tubarão e prejudicasse os pobres pescadores, rompendo redes e afundando embarcações.

Parvati tinha sido encontrada à beira-mar pelo chefe dos pescadores, que a adotara como filha. Ela cresceu e se tornou uma moça muito bonita e bondosa. Todos os jovens pescadores desejavam desposá-la. Por essa época a ação do tubarão tinha se tornado intolerável; então o pescador-chefe anunciou que daria sua filha adotiva em casamento àquele que capturasse o grande tubarão. Era esse o momento previsto por Shiva; ele assumiu a aparência de um belo moço pescador e, apresentando-se como visitante procedente de Madura, ofereceu-se para capturar o tubarão, o que fez na primeira vez que atirou a rede. Os pescadores ficaram realmente muito satisfeitos por se ver livres de seu inimigo e a filha do chefe foi dada em casamento ao jovem de Madura, para grande desgosto de seus pretendentes anteriores. Então Shiva assumiu a sua própria forma e depois de conceder uma bênção ao pai adotivo de Parvati partiu novamente com ela para Kailas. Parvati refletiu que devia realmente ser mais atenta, mas Shiva estava tão contente de tê-la de volta que se sentiu inteiramente em paz e pronto para sentar-se e retomar seus sonhos interrompidos.

OS SANTOS DE SHIVA

Pé de Tigre (Vyaghrapada)

Um brâmane puro e sábio morava perto do Ganges. Tinha um filho com capacidades e dotes naturais de mente e corpo bastante estranhos. Ele tornou-se discípulo de seu pai; quando tinha aprendido tudo o que o pai podia lhe ensinar, o sábio deu ao filho sua bênção e lhe perguntou: "O que mais posso fazer por ti?". O filho inclinou-se até seus pés e lhe disse: "Ensina-me a mais alta forma de virtude entre todas da lei eremítica". O pai respondeu: "A mais alta virtude é adorar Shiva". "Qual é o melhor lugar onde eu posso fazê-lo?", perguntou o jovem. O pai respondeu: "Ele permeia o universo inteiro; no entanto há lugares de especial manifestação na terra, onde o Eu que tudo permeia se manifesta em corpos individuais. O maior desses santuários é Tillai, e lá Shiva aceitará a tua adoração; em Tillai está o lingam de pura luz".

O jovem asceta deixou seus pais e partiu na longa viagem para o sul. Logo atingiu um bonito lago coberto de flores de lótus, e mais além viu um lingam sob uma figueira-de-bengala. Ele se deixou cair, o rosto colado ao chão em adoração ao senhor e se fez o sacerdote do lingam, cumprindo todos os dias, com uma devoção infalível, o rito de oferecer-lhe flores e água. Não muito longe, ele próprio construiu um pequeno eremitério e assentou um segundo lingam na floresta. Mas então achou difícil realizar os serviços nos dois santuários. Não contentava com as flores de poços, campos e arbustos, pois desejava fazer ofertas diárias das mais raras flores em botão dos pontos mais altos das mais magníficas árvores da floresta. Por mais cedo que partisse, os raios intensos do sol já faziam murchar metade das flores antes que pudesse colher a quantidade suficiente, e por outro lado, nas horas de escuridão ele não enxergava para escolher as flores mais perfeitas.

Desesperançado de realizar um serviço perfeito, ele se atirou ao chão e implorou ao deus que o ajudasse. Shiva surgiu e, com um sorriso suave, abençoou o dedicado jovem. O rapaz suplicou que pudesse ter mãos e pés de tigre armados com fortes garras e dotados de olhos penetrantes, para que ele pudesse subir rapidamente nas mais altas árvores e encontrar as flores mais perfeitas para o serviço do santuário. Shiva lhe concedeu isso, e assim o jovem tornou-se "Pés de Tigre" e "Seis Olhos".

Olho Santo (Kan-Appan)

Muito tempo atrás o chefe de um povo da floresta passava todos os dias caçando, de forma que a floresta ressoava com o latido de seus cães e os gritos de seus criados. Ele era adorador da Subrahmaniana, a montanha-divindade do sul, e suas oferendas eram aguardente, gaios e pavões, acompanhados de danças selvagens e grandes festas. Tinha um filho, apelidado de Robusto, que ele sempre levava consigo em suas expedições de caça, dando-lhe, ao que se diz, a educação de um filhote de tigre. Chegou o tempo em que o velho chefe ficou fraco e passou sua autoridade para Robusto.

Robusto também dedicava à caça todo o seu tempo. Um dia um grande javali escapou das redes em que tinha sido apanhado e fugiu. Robusto, acompanhado de dois criados, partiu numa longa e penosa caçada, até que por fim o javali caiu extenuado e ele o cortou em pedaços; então foi proposto que se assasse o javali e descansassem; mas não havia água, então Robusto colocou o animal sobre os ombros e eles caminharam até mais longe, no campo. Logo enxergaram a montanha sagrada de Kalaharti. Um dos criados apontou para seu cume, onde havia uma imagem do deus de cabelos emaranhados. "Vamos lá para adorá-lo", propôs ele. Robusto tornou a carregar o javali e se pôs a caminhar. Mas enquanto ele caminhava o javali foi ficando cada vez mais leve, o que sobressaltou bastante seu coração. Ele depôs no chão o animal e começou a procurar o sentido do milagre. Não muito tempo antes ele encontrara uma pedra lingam cuja parte superior estava trabalhada na forma da cabeça do deus; imediatamente ela falou à sua alma, preparada por alguma benevolência ou austeridade de um nascimento anterior, de forma que toda a sua natureza mudou, e Robusto já não pensava em nada mais que o amor de um deus a quem via agora pela primeira vez; ele beijou a imagem como uma mãe abraça um filho perdido há muito tempo. Viu que a cabeça fora coroada com folhas e que recentemente se havia entornado água sobre ela; um de seus seguidores, que acabava de chegar, disse que aquilo devia ter sido feito por um velho brâmane que tinha morado ali por perto no tempo do pai do Robusto.

Instalou-se em seu coração a idéia de que talvez ele próprio pudesse prestar algum serviço ao deus. Era-lhe difícil deixar a imagem sozinha; mas

não havia escolha, e apressando-se em voltar ao acampamento ele escolheu algumas partes macias da carne assada, provou-as para ver se estavam boas e envolveu-as em folhas, e depois de pôr na boca um pouco de água do rio correu de volta para a imagem, deixando seus atônitos seguidores sem uma palavra, convencidos de que ele havia enlouquecido. Quando encontrou a imagem, ele a borrifou com a água de sua boca, fez-lhe uma oferenda da carne de javali e colocou sobre ela as flores selvagens de seu próprio cabelo, pedindo ao deus que recebesse aquelas dádivas. Então o sol desceu e Robusto ficou de guarda ao lado da imagem, o arco com a corda esticada, a flecha chanfrada. Pela madrugada ele partiu para caçar, pois devia ter novas oferendas para depositar diante do deus.

Entrementes o brâmane devoto, que tinha servido ao deus por tantos anos, veio realizar seu costumeiro serviço matinal; trazia água pura num vaso sagrado, flores e folhas frescas, e recitou orações sagradas. Qual não foi o seu horror ao ver que a imagem tinha sido corrompida com carne e água suja! O brâmane rolou de dor diante do lingam, perguntando ao Grande Deus por que ele havia consentido nessa poluição do seu santuário, pois as oferendas aceitáveis para Shiva são água pura e flores frescas; dizem que há maior mérito em colocar uma simples flor diante do deus do que em oferecer muito ouro. Para esse sacerdote brâmane assassinar criaturas era um crime hediondo; comer carne, uma completa abominação; o contato com a boca de um homem era uma horrível poluição, e ele via os selvagens caçadores da floresta como a categoria mais baixa da criação. Ele ponderou, entretanto, que não deveria retardar a realização de seu serviço costumeiro, e então limpou a imagem cuidadosamente e fez sua adoração de acordo com o rito védico; como de costume, cantou o hino indicado, andou em volta do santuário e voltou para sua morada.

Durante alguns dias houve essa alternância no serviço da imagem, o brâmane oferecendo água pura e flores pela manhã e o caçador trazendo carne à noite. Nesse meio tempo o pai de Robusto chegou, pensando que seu filho estivesse possesso, e lutou para argumentar com o jovem convertido; mas foi em vão, e ele não podia fazer outra coisa senão voltar para a aldeia e deixá-lo só.

O brâmane não pôde suportar por muito tempo aquele estado de coisas; veementemente, ele pediu a Shiva que protegesse sua imagem daquela profanação diária. Uma noite o deus apareceu-lhe dizendo: "Aquilo de que tu te queixas eu aceito e recebo bem. Quem oferece carne e água de sua boca é um ignorante caçador das florestas, que não conhece a doutrina religiosa. Mas não atentes para ele, atenta apenas para seu motivo. Seu corpo rude guarda muito amor por mim; mesmo aquela ignorância é o conhecimento que ele tem de mim. Suas oferendas, abomináveis aos teus olhos, são puro amor. Mas tu contemplarás amanhã a prova de sua devoção".

No dia seguinte o próprio Shiva escondeu o brâmane atrás do santuário; então, a fim de revelar toda a devoção de Robusto, ele fez com que uma aparência de sangue fluísse de um olho de sua própria imagem. Quando Robusto trouxe sua oferenda costumeira, viu aquele sangue e gritou: "Ah, Senhor, quem vos feriu? Quem cometeu esse sacrilégio enquanto eu não estava aqui para guardar-vos?" Depois de percorrer toda a floresta à procura do inimigo, sem encontrar ninguém, pôs-se a estancar o sangue da ferida com ervas medicinais; mas foi em vão. Então ele se lembrou de que de acordo com os médicos os semelhantes se curam, e imediatamente tomou de uma flecha afiada, cortou seu próprio olho direito e aplicou-o no olho da imagem do deus. E, maravilha!, o sangramento cessou imediatamente. Mas, ah, meu Deus! O segundo olho começou a sangrar. Por um momento Robusto ficou abatido e desamparado; então lhe veio a idéia de que ele ainda tinha o meio de cura, comprovadamente eficaz. Agarrando a seta, ele se preparou para cortar o outro olho, colocando o pé contra o olho da imagem, de modo a não deixar de encontrá-lo quando não mais enxergasse.

Mas agora o objetivo de Shiva fora alcançado; ele estendeu uma das mãos para fora do lingam e deteve o caçador dizendo-lhe: "Já chega; daqui por diante teu lugar será eternamente ao meu lado, em Kailas". Então o sacerdote brâmane também viu que o amor é mais importante do que a pureza cerimonial; e Robusto tem sido eternamente adorado como Olho-Santo.

Manikka Vaçagar e os chacais

Esse santo nasceu perto de Madura; aos dezesseis anos já havia esgotado o círculo completo do saber brâmane contemporâneo, especialmente

as escrituras de Shiva; a fama de sua sabedoria e inteligência chegou até o rei, que mandou buscá-lo e o fez seu primeiro-ministro. Na corte dos Pandians ele desfrutava o luxo do céu de Indra e se movia entre os cortesãos como a lua de prata entre as estrelas, vestido em trajes reais, cercado de cavalos e elefantes, assistido pela proteção do Estado; pois o sábio rei deixava o governo inteiramente em suas mãos. Ainda assim o jovem ministro não perdia a cabeça; ele tinha em mente que os prazeres exteriores são apenas vínculos para a alma e que quem deseja obter a Libertação deve renunciar a eles. Manikka Vaçagar compadecia-se grandemente das multidões labutadoras, que vão de nascimento em nascimento sofrendo penas irremediáveis. Sua alma se desmanchava no anelo apaixonado por Shiva. Ele continuava a administrar justiça e a governar bem, mas sonhava sempre encontrar um Mestre que lhe revelasse o "Caminho da Libertação". Como a abelha que esvoaça de flor em flor, ele ia de um a outro mestre de Shiva, mas não encontrava a verdade que o satisfizesse. Certo dia um mensageiro veio à corte anunciando que o navio de um rei vizinho havia chegado à baía trazendo de longe uma esplêndida carga de cavalos. O rei imediatamente despachou seu ministro com um grande tesouro para comprar os belos cavalos, e ele partiu com grande pompa seguido por regimentos de soldados. Esse foi o último grande aparato de sua vida secular.

Enquanto isso Shiva, sentado em sua corte no Céu com Uma ao seu lado, anunciava a intenção de descer à terra na forma de um guru ou Mestre que iniciaria um discípulo para a conversão do Sul e a glória da língua tamil. Assim, ele se sentou sob uma árvore grande e frondosa, cercado por muitos criados que encarnavam os santos de Shiva, seus discípulos. A sua chegada os brotos das árvores se abriram; os pássaros cantaram em cada galho do arvoredado vizinho ao porto marítimo onde o senhor havia se assentado. Então o jovem ministro passou por perto, acompanhado de sua comitiva, e ouviu o som dos hinos de Shiva que procedia do bosque. Ele enviou um mensageiro para conhecer a fonte da música divina e foi informado de que lá estava sentado um santo Mestre semelhante ao próprio Shiva, sob uma grande árvore, assistido por mil devotos. O ministro desmontou e prosseguiu respeitoso na direção do sábio, que aos seus olhos parecia o próprio Shiva com seu resplandecente terceiro olho. Depois de fazer perguntas sobre as verdades divinas ensinadas

pelo sábio e seus discípulos, ele se converteu e atirou-se banhado em lágrimas aos pés do Mestre, renunciando a todas as honras mundanas. Recebeu uma solene iniciação e tornou-se um fivan-mukta, que atinge a Libertação quando ainda encarnado na espécie humana. Ele adotou as cinzas brancas e madeixas emaranhadas de um iogue das escrituras de Shiva. Além disso, transferiu para o Mestre e seus discípulos todo o tesouro que lhe fora confiado para a aquisição dos cavalos.

A nobre comitiva aproximava-se agora do ministro convertido e se opôs a essa aplicação da propriedade de seu senhor; mas ele a mandou de volta, "por que", perguntou ele, "vós me levaríeis a retornar para assuntos mundanos como esse?" Então os homens voltaram para Madura e comunicaram ao rei o que havia acontecido. Ele ficou irado, não sem razão, e enviou uma ordem lacônica para o retorno imediato do ministro. Mas este respondeu apenas: "Eu não reconheço outro rei senão Shiva, de quem nem mesmo os mensageiros da Morte poderiam me afastar". Shiva entretanto mandou-o voltar tranqüilo para Madura e dizer que os cavalos chegariam no tempo devido. O deus proporcionou-lhe também uma comitiva adequada e um rubi de valor inestimável. O rei a princípio aceitou suas declarações de que os cavalos chegariam; mas a história dos outros cortesãos prevaleceu e dois dias antes da prometida chegada dos cavalos o jovem ministro foi atirado numa prisão.

O senhor, entretanto, cuidou de seu discípulo. Ele juntou uma multidão de chacais, converteu-os em esplêndidos cavalos e enviou-os para a corte, com um grande número de divindades menores disfarçadas em cavaliços; ele próprio viajou à frente de suas tropas, disfarçado no negociante de quem os cavalos supostamente haviam sido comprados. O rei ficou muito satisfeito e soltou o ministro com pedidos de desculpas. Os cavalos foram entregues e mandados para os estábulos reais; os deuses disfarçados partiram e tudo parecia bem.

Antes da alvorada a cidade foi acordada por horríveis uivos; os cavalos tinham se transformado em chacais e, pior ainda, estavam devorando os cavalos do rei nos estábulos. O rei percebeu que havia sido enganado, agarrou o infeliz ministro e o conservou exposto ao sol do meio-dia com uma pesada pedra às costas. Ele orou ao seu senhor; Shiva, em resposta, retirou de suas mechas emaranhadas as águas do Ganga e inundou a cidade. Outra vez o rei

percebeu seu erro; ele pôs o sábio num lugar de honra e começou a erigir um dique para salvar a cidade. Quando a obra foi concluída propôs renunciar ao seu reinado em favor do santo; mas Manikka Vaçagar preferiu retirar-se para o porto onde pela primeira vez havia visto o senhor. Ali ele tomou seu lugar aos pés do guru. O trabalho de Shiva, entretanto, agora estava concluído; ele partiu para o Céu deixando a Manikka Vaçagar o encargo de estabelecer a fé por todo o Tamilakam. Daí em diante o santo passou a vida caminhando de cidade em cidade, cantando os apaixonados hinos religiosos dos quais deriva seu nome: "Aquele cuja fala são rubis". Por fim ele chegou a Chitambaram, a cidade sagrada onde a dança de Shiva é vista todos os dias e que é também a morada do santo chamado Pé-de-Tigre; ali o sábio permaneceu até passar para o seio do Senhor. Sua beatificação ocorreu assim: depois de uma grande controvérsia com heréticos budistas do Ceilão apareceu um devoto venerável mas desconhecido que pedia permissão para registrar de seus próprios lábios todas as canções dos santos. Ele fez isso e depois desapareceu; pois não foi outro senão o próprio Shiva quem levou as canções para o céu, para alegrar os deuses. Na manhã seguinte encontraram em Chitambaram uma cópia perfeita, mil versos ao todo, assinada pelo próprio deus, ao lado da imagem dele. Todos os devotos do templo correram para o santo, pedindo-lhe uma explicação; ele lhes disse que o seguissem e levou-os até a imagem de Shiva na Corte Dourada. "Essa é a explicação", disse ele e em seguida desapareceu, fundindo-se na própria imagem, para nunca mais ser visto.

Uma lenda da dança de Shiva

Chegou ao conhecimento de Shiva que residiam na floresta de Taragam dez mil rishis hereges que ensinavam que o universo é eterno, que as almas não têm senhor e que a prática de ações é suficiente para garantir a salvação. Shiva resolveu explicar-lhes a verdade. Ordenou que Vishnu o acompanhasse na forma de uma bonita mulher e os dois entraram na floresta virgem, Shiva disfarçado como um jógu andante e Vishnu como sua esposa. Imediatamente todas as esposas dos rishis foram tomadas de violento desejo pelo iogue; os rishis ficaram igualmente apaixonados pela suposta esposa do iogue. Logo todo o eremitério estava em alvoroço; mas os ermitões não tardaram a

suspeitar de que as coisas não eram exatamente como pareciam; eles se reuniram e pronunciaram imprecizações de total ineficácia contra os visitantes. Então prepararam um fogo sacrificial e com ele convocaram um terrível tigre que se atirou sobre Shiva para devorá-lo. Shiva apenas sorriu e pegou-o delicadamente; soltou-lhe a pele com seu dedo mínimo e envolveu-a sobre si, como um xale de seda. Então os rishis apresentaram uma horrível serpente; mas Shiva dependurou-a em volta do pescoço como um ornamento. Em seguida apareceu um maligno anão negro com uma grande clava; Shiva premiu o pé sobre as costas dele e começou a dançar com o pé ainda comprimindo-o. Os exaustos ermitões, vencidos pelos seus próprios esforços e agora pelo esplendor e rapidez da dança e pela abertura dos céus, com os deuses reunidos para ver o dançarino, atiraram-se ao chão diante do glorioso deus e tornaram-se seus devotos.

Então Parvati desceu montada no touro branco, e Shiva voltou com ela para Kailas. Vishnu foi deixado só, com seu criado, a serpente Ati-Sheshan, Ananta, o Infinito, sobre quem ele repousa no Oceano Lácteo durante a noite de Brahma. Estavam todos deslumbrados com a beleza da dança de Shiva, e Ati-Sheshan desejava ver a cena novamente. Assim, Vishnu liberou a serpente de seu serviço, indicando o filho para tomar o lugar dela; ele aconselhou seu antigo servo a dirigir-se a Kailas e obter o favor de Shiva por meio de uma vida de ascetismo. Então a serpente devota, com suas mil cabeças adornadas de jóias, partiu para as regiões setentrionais a fim de abrir mão de sua glória secular e tornar-se o menor dos devotos de Shiva. Depois de certo tempo Shiva, tomando a forma de Brahma montado no cisne, apareceu para pôr à prova a sinceridade de seus devotos; ele salientou que a serpente já suportara o suficiente para merecer as delícias do paraíso e um alto lugar no Céu, e ofereceu uma dádiva. Mas ela respondeu: "Não desejo um céu separado e nem dádivas miraculosas; desejo apenas ver constantemente a dança mística do Senhor de tudo". Em vão Brahma discutiu com ela; a serpente permanecerá como é até a morte, se necessário, e através de outras vidas, até obter a abençoada visão. Shiva então assumiu sua própria forma, e viajando ao lado de Parvati no seu touro branco de neve, aproximou-se da grande cobra e tocou-lhe a cabeça.

Depois, como um guru terrestre — e para os shivaítas todo verdadeiro Mestre é uma encarnação de deus —, ele passou a transmitir a antiga sabedoria ao seu novo discípulo. O universo, disse ele, nasceu de Maya, ilusão, para ser o cenário de incontáveis encarnações e de ações boas e más. Como um pote de barro tem como causa primeira o oleiro, por causa material o barro e por causa instrumental os empregados e a roda do oleiro, assim também o universo tem como causa material a ilusão, o shakti de Shiva — ou seja, Parvati — como a causa instrumental e o próprio Shiva como sua causa primeira. Shiva tem dois corpos, um com partes e visível, o outro sem partes, invisível e transcendental. Além dessas há a sua própria forma essencial de luz e esplendor. Ele é a alma de tudo e sua dança é a criação, preservação e destruição do universo e a entrega dos corpos para a alma e sua redenção. A dança é incessante e eterna; Ati-Sheshan a contemplará novamente em Tillai, Chitambaram, o centro do universo. "Entrementes", disse Shiva, "tu te desfarás de teu disfarce de serpente e, nascida de pais mortais, irás para Tillai; lá encontrarás um arvoredo onde há um lingam, o primeiro de todos, cuidado por meu servo Pé-de-Tigre. Mora com ele no eremitério que ele fez, e virá um tempo em que a dança será revelada a ti e a ele simultaneamente".

Essa é a história da revelação da dança de Shiva na floresta de Taragam.

Nota sobre a dança de Shiva

O que temos acima é apenas uma das muitas lendas da dança de Shiva. A dança em si representa a atividade de Shiva como a fonte de todo o movimento existente no universo, e especialmente seus cinco atos: criação, preservação, destruição, encarnação e libertação; o objetivo dela é libertar da ilusão as almas dos homens. Freqüentemente se enfatiza que o lugar da dança, o santuário sagrado de Tillai ou Chitambaram, na realidade é o coração; a alma humana atinge a libertação quando a visão é contemplada dentro dela mesma. Ver-se-á que Shiva tem muitas formas, "mal", assim como "bem". Será sempre assim caso não tomemos como postulado um "demônio" separado. Como dançarino num terreno abrasador, o lugar mais terrível e impuro, ele é essencialmente um demônio pré-ariano; é também "o Terrível" e "o Destruidor".

O pensamento shivaíta posterior faz uso efetivo desse imaginário dramático, não meramente sustentando que os demônios também devem ser uma porção de Deus, tampouco simplesmente transferindo o lugar da dança para o santuário sagrado de Chitambaram, mas aceitando a dança como ela é e encontrando um novo significado no terreno de cremação, o coração do devoto, estéril e desolado, o lugar onde a pessoa e suas ações são queimadas e onde tudo é destruído, menos aquele que dança.

Capítulo VII

OUTRAS HISTÓRIAS DOS PURANAS, DAS EPOPÉIAS E DOS VEDAS

A batedura do oceano

Muito tempo atrás aconteceu que o grande rishi Durvasas, que é parte de Shiva, amaldiçoou Indra, rei dos deuses, porque este o havia desprezado. A partir desse momento Indra e os três mundos perderam sua energia e força, e todas as coisas foram à ruína. Então os daytias ou asuras aplicaram suas forças contra os deuses enfraquecidos, de forma que estes acorreram a Brahma pedindo-lhe proteção; ele então os aconselhou a procurar a ajuda de Vishnu, o domador de demônios, o deus imortal, criador, preservador e destruidor. Assim falou Brahma, e ele mesmo conduziu os deuses ao longo da margem setentrional do mar de leite até o trono de Vishnu e rogou por sua ajuda. Então a Divindade Suprema, empunhando seus emblemas de búzio, disco e clava, e radiante de luz, surgiu diante do antepassado e das outras divindades e estes novamente lhe suplicaram. Em resposta Hari sorriu e disse: "Eu restaurarei vossa força. Fazei agora como ordeno: atirai fortes ervas no Oceano Lácteo, depois tomai o Monte Mandara como vara de batedeira, a serpente Vasuki como corda e agitai o mar para obter as gotas da vida. Isso exigira a ajuda dos daityas; assim, fazei aliança com eles e negociai a partilha do fruto desse labor conjunto; prometei-lhes que bebendo a ambrosia eles se tornarão imortais. Mas eu providenciarei para que eles não recebam sua parte da água da vida; caber-lhes-á apenas o trabalho".

Assim, os deuses fizeram uma aliança com os demônios e juntos eles realizaram a batedura do mar de leite. Eles atiraram no oceano ervas fortes, fizeram do Monte Mandara a vara e de Vasuki a corda.' Os deuses ocuparam o lugar próximo à cauda da serpente, ao passo que os daityas ficaram perto da cabeça. O próprio Hari, na forma de uma tartaruga, tornou-se um pivô para o

giro da montanha; ele também estava presente entre os deuses e os demônios, invisível, puxando a serpente para lá e para cá; e ainda num corpo enorme sentou-se no cume da montanha. Com outras porções de sua energia ele sustentava o ânimo da serpente-rei e insuflava poder no corpo dos deuses. Enquanto eles assim trabalhavam, as flamas da respiração de Vasuki chamuscavam o rosto dos demônios; mas as nuvens que flutuavam na direção de sua cauda refrescavam os deuses com chuvas vivificantes.

Primeiro surgiu do mar a vaca Surabhi, que concede desejos, alegrando os olhos das divindades; então veio a deusa Varuni, com olhos revirados, a divindade do vinho; depois surgiu a árvore do paraíso, a Parijata, que é o encanto das ninfas do Céu, perfumando todo o mundo com a fragrância de suas flores. Em seguida surgiram as multidões de apsaras, de encanto e graça arrebatadores. Então surgiu a lua, que Mahadeva agarrou e grudou na testa; e depois veio uma corrente de veneno mortal, que Mahadeva bebeu, temendo que ela destruísse o mundo: foi esse veneno amargo que tornou seu pescoço azul, daí ele ser desde então conhecido como Nilakantha, pescoço azul. Em seguida veio Dhanwantari, segurando na mão um copo com as gotas da vida, deliciando os olhos dos daityas e dos rishis. Então apareceu a deusa Shri, o encanto de Vishnu, radiante, sentada em um lótus aberto; os grandes elefantes-céu ungiram-na com água pura trazida pelo Ganga e derramada de vasos dourados, enquanto os enlevados sacerdotes entoavam seus louvores. O Oceano Lácteo a adornou com uma coroa de flores imarcescíveis; Vishvakarman enfeitou-a com jóias celestiais. Então ela, que na verdade era a noiva de Vishnu, atirou-se no colo dele e, reclinando-se, volveu os olhos para os encantados deuses. Mas os daityas não estavam muito contentes, pois haviam sido abandonados pela deusa da prosperidade. Zangados, eles arrebataram de Dhanwantari o copo de néctar e o levaram embora. Mas Vishnu, assumindo uma forma fascinante de mulher, iludiu-os e os enfeitiçou, e enquanto eles discordavam entre si ele roubou a bebida e levou-a para os deuses, que beberam profundamente da taça da vida. Assim revigorados, eles puseram os demônios em fuga e os encaminharam para o inferno, e adoraram Vishnu com alegria. O sol brilhou novamente, os Três Mundos tomaram-se mais prósperos e no coração de todas as criaturas surgiu a devoção. Indra, sentado em seu trono, compôs um hino de louvor a Lakshmi; assim louvada,

ela concedeu-lhe dois pedidos. Esta foi a sua escolha: que nunca mais ela abandonasse os Três Mundos e que jamais fosse desleal a quem viesse cantar em seu louvor com palavras do hino de Indra.

Quem quer que ouça a história do nascimento de Lakshmi do Oceano Lácteo terá permanentemente em sua casa, por três gerações, aquela deusa da boa fortuna; a discórdia ou a má sorte nunca entrará onde se canta o hino a Lakshmi.

O nascimento do Ganga

Era uma vez um rei de Ayodhya, de nome Sagara. Ele desejava ansiosamente um filho, mas não tinha prole. Sua esposa mais velha era Keshini e a segunda era Sumati, irmã de Garuda. Com essas duas mulheres ele veio do Himalaia para praticar uma penitência austera. Passados cem anos, o rishi Brigu, a quem ele havia glorificado, concedeu-lhe o que ele almejava. "Tu atingirás um renome sem par entre os homens", disse ele. "Uma de suas esposas, Keshini, dará a luz um filho que irá perpetuar a sua estirpe; a outra terá sessenta mil filhos". Aquelas filhas de reis se alegraram, e adorando o rishi elas perguntaram: "Quem de nós terá um filho e quem terá muitos?" O rishi quis saber o desejo delas. "O que desejais?", perguntou ele. "Um simples continuador da linhagem ou sessenta mil filhos famosos que todavia não a perpetuarão?" Então Keshini escolheu o filho único e a irmã de Garuda escolheu os muitos. Em seguida o rei venerou o santo circunvagando e rendendo-lhe homenagens, e depois retornou à sua cidade.

No devido tempo Keshini deu à luz um filho que recebeu o nome de Asamanja. Sumati deu à luz uma abóbora e quando esta arrebentou surgiram sessenta mil filhos; as enfermeiras cultivaram-nos em jarras de ghee² até eles se tornarem jovens e bonitos. Mas a criança mais velha, o filho de Keshini, não os amava; ele seria capaz de jogá-los no rio Sarayu e ficar olhando enquanto eles se afogavam. Por essa má índole e pelas maldades feitas aos cidadãos e aos honestos camponeses, Asamanja foi banido pelo pai. Mas ele teve um filho chamado Suman, de quem todos falavam bem e que era muito estimado.

Passados muitos anos, Sagara resolveu celebrar um sacrifício monumental. O lugar escolhido foi a região entre o Himalaia e Vindhya. Ali o cavalo foi solto e Anshumat, um vigoroso cocheiro, seguiu para protegê-lo. Mas

aconteceu que um certo Vasava, assumindo a forma de uma rakshasi, roubou o cavalo e com ele desapareceu. Então os sacerdotes brâmanes informaram o rei e lhe ordenaram que matasse o ladrão e trouxesse o cavalo de volta, por medo de que o sacrifício malograsse e a má sorte se abatesse sobre tudo o que a ele se ligava.

Sagara mandou que seus sessenta mil filhos fossem procurar o cavalo. "Procurai em toda a orla marítima", disse ele, "légua por légua, acima do chão e debaixo dele". Então os príncipes exploraram o planeta. Não encontrando o cavalo sobre sua superfície, começaram a cavar com as mãos, como raios e poderosos arados, até o planeta gritar de dor. Grande foi o tumulto das serpentes e dos demônios que acabaram morrendo. Por sessenta mil léguas os filhos de Sagara cavaram como se quisessem atingir os confins das profundezas. Eles minaram todo o Jambudwipa, de forma que os próprios deuses ficaram receosos e foram se aconselhar com Brahma. "O grande ancestral", disseram eles, "os filhos de Sagara estão escavando o planeta inteiro e com isso tem havido muita mortandade. Gritando que alguém roubou o cavalo de Sagara, eles estão trazendo destruição para todas as criaturas." Então Brahma respondeu: "Esta terra inteira é consorte de Vasudeva; na verdade ele é o senhor dela, e na forma de Kapila a sustenta. Pelo seu ódio, os filhos de Sagara serão mortos. O sagaz previu os condenados escavando o planeta e a morte dos filhos de Sagara; portanto não deveis temer". Então, tendo fendido toda a terra e procurado por toda ela, os homens voltaram ao pai e lhe perguntaram o que deviam fazer, pois não conseguiam encontrar o cavalo. Mas Sagara ordenou novamente que eles escavassem a terra e encontrassem o cavalo. "Então cessai", disse ele; "não antes". Outra vez eles mergulharam nas profundezas. Para lá eles foram ao encontro do elefante Virupaksha, que sustenta na cabeça todo o mundo com suas montanhas e florestas, e quando sacode a cabeça provoca um terremoto. Eles o adoraram na forma devida e se foram. Em seguida rumaram para o sul, para outro enorme elefante chamado Mahapadma, vasto como uma montanha, sustendo o mundo sobre a cabeça; depois foram também até o elefante ocidental chamado Saumanasa e daí para o norte, onde está Bhadra, branco como neve, sustentando o mundo em sua testa. Passando respeitosamente por ele, os homens foram para o quadrante leste do norte; lá eles contemplaram o eterno

Vasudeva na forma de Kapila e muito perto dele viram o cavalo pastando livremente. Eles arremessaram-se em fúria sobre Kapila, atacando-o com árvores, grandes pedras, pás e charruas, e gritando: "És o ladrão; agora caíste nas mãos dos filhos de Sagara". Mas Kapila emitiu um horrível rugido e esguichou sobre os homens uma flama viva que reduziu a cinzas todos eles. Nenhuma notícia disso chegou a Sagara.

Então Sagara dirigiu-se a seu neto Suman, ordenando-lhe que procurasse os tios e soubesse de sua sorte. E recomendou-lhe: "Há criaturas fortes e poderosas habitando a terra; honra aquelas que não te atrapalham, mata aquelas que te enfrentam e volta tendo realizado o meu desejo". Suman procurou sucessivamente os elefantes do leste, sul, oeste e norte, e cada um deles lhe assegurou que ele teria sucesso. Por fim ele chegou ao monte de cinzas em que se haviam transformado seus tios; ali ele gemeu com o coração pesado e uma amarga dor. Ali também ele viu o cavalo errante. Desejou realizar as purificações fúnebres para seus tios, mas não encontrou água em parte alguma. Então o jovem viu Garuda passando pelo ar e gritando: "Não lamente, pois a destruição de seus tios é para o bem de todos. O grande Kapila consumiu esses poderosos; portanto não debes fazer por eles as oferendas comuns de água. Mas há Ganga, filha do Himalaia; deixa que essa purificadora de todos os mundos lave esse monte de cinzas; então os sessenta mil filhos de Sagara obterão o Céu. Leva de volta o cavalo e permite que teu avô conclua o sacrifício". Então Anshumat levou de volta o cavalo e a cerimônia de Sagara foi completada; mas ele não sabia como trazer para a terra a filha do Himalaia. Sagara morreu e Anshumat foi escolhido rei. Ele foi um grande soberano, e no fim renunciou em favor de seu filho e foi viver só nas florestas do Himalaia; no devido tempo também ele morreu e atingiu o Céu. Seu filho, o rei Dilipa, refletia constantemente sobre um modo de trazer para baixo Ganga, para que as cinzas pudessem ser santificadas e os filhos de Sagara atingissem o Céu. Mas depois de trinta mil anos também ele morreu e seu filho, um santo real, lhe sucedeu. Não se passou muito tempo antes que Bhagiratha entregasse o reino aos cuidados de um conselheiro e fosse para as florestas do Himalaia a fim de realizar terríveis sacrifícios durante mil anos, para fazer Ganga descer dos Céus. Então Brahma se encantou com tanta devoção e apareceu diante dele oferecendo-lhe uma dádiva. Ele rogou que as cinzas dos

filhos de Sagara fossem lavadas pelas águas do Ganga e que logo lhe nascesse um filho. "Notável é o teu objetivo", replicou o antepassado, "mas devias invocar Mahadeva para receber a descida de Ganga, pois a terra não pode sustê-lo. Ninguém além daquele que brande o tridente pode sustar sua descida".

Por um ano Bhagiratha adorou Shiva; e este, muito contente, empreendeu sustar a descida da filha da montanha, recebendo o rio sobre sua cabeça. Então Ganga, em poderosa torrente, atirou-se céu abaixo sobre a graciosa cabeça de Shiva, pensando, no seu orgulho: "Em minhas águas arrastarei para baixo o Grande Deus, para as regiões mais baixas". Mas quando caiu sobre as madeixas revoltas de Shiva, Ganga nem mesmo pôde atingir a terra; vagueou por ali durante um longo ano, incapaz de escapar. Então Bhagiratha empenhou-se novamente em muitos sacrifícios rigorosos até Shiva libertar o rio; este caiu em sete correntezas, três para o leste, três para oeste e uma acompanhou o carro de Bhagiratha. Ao caírem, as águas faziam um som como o de um trovão; a terra pareceu maravilhosa, coberta de peixes, tartarugas, toninhas, caindo ou já caídas. Em seus elefantes, cavalos e carruagens automoventes, devas, rishis, gandharvas e yakshas testemunharam o grande panorama, todos maravilhados com a descida de Ganga. A presença das brilhantes divindades e a cintilação de suas jóias acenderam o Céu como se com cem sóis. Os céus estavam repletos de toninhas espertas e de peixes, que pareciam clarões de raios brilhantes; os flocos de espuma pálida eram como guindastes brancos de neve cruzando pesadas nuvens de outono. Assim Ganga descia, ora diretamente para a frente, ora para um lado, algumas vezes numa grande quantidade de correntezas estreitas e novamente numa larga torrente; subindo colinas e depois caindo num vale. Muito bonita era aquela visão da água precipitando-se do céu para a cabeça de Shankara e da cabeça de Shankara para o chão. Todas as brilhantes criaturas do Céu e todos os seres da terra apressaram-se em tocar as águas sagradas que lavam os pecados. Então Bhagiratha avançou em seu carro e Ganga o acompanhou; e atrás dela vieram as devas e os rishis, asuras, rakshasas, gandharvas e yakshas, kinnaras e nagas e apsaras, e todas as criaturas que habitam a água seguiram com eles. Mas enquanto Ganga seguia Bhagiratha ela inundou o sítio sacrificial do enorme Jahna e este ficou

muito zangado e na sua ira bebeu toda a maravilhosa água do rio. As divindades suplicaram-lhe que libertasse o rio, até que ele teve compaixão e o soltou pelos ouvidos, e então as águas novamente seguiram o carro de Bhagiratha. Por fim Ganga chegou ao poderoso rio Oceano e mergulhou nas regiões profundas; ali ela lavou o montão de cinzas e os sessenta mil filhos de Sagara foram limpos de todos os pecados e chegaram aos Céus.

Então Brahma falou para Bhagiratha: "O mais poderoso dos homens", disse ele, "os filhos de Sagara agora subiram para o Céu e lá permanecerão enquanto as águas do Oceano estiverem sobre a terra. Ganga será chamada tua filha e receberá teu nome. Então farás oferendas desta água sagrada para teus ancestrais, Sagara, Anshumat e Dilipa, e tu próprio te banharás nestas águas e, livre de todos os pecados, subirás aos Céus para onde Eu agora me dirijo". "E, ó Rama", disse Vishvamitra, "eu agora te relatei a história de Ganga. Que ela seja bem guardada por ti. Aquele que recita essa história ganha fama, vida longa e o Céu; aquele que a ouve atinge vida longa, a realização dos desejos e o perdão para todos os pecados".

Manasa Devi

Manasa Devi era filha de Shiva e de uma bonita mulher mortal. Não sendo a favorita de sua madrasta, Bhagavati, e nem de Parvati, esposa de Shiva, ela resolveu morar na terra com outra filha de Shiva, chamada Neta. Manasa desejava receber a adoração rendida às deusas e sabia que isso seria fácil se conseguisse garantir a dedicação de um príncipe mercador muito rico de Champaka Nagar chamado Chand Sadagar. Durante muito tempo ela tentou persuadi-lo; mas Chand era ardoroso devoto de Shiva, de quem não iria desertar por causa de uma deusa de serpentes. Pois Manasa era deusa e rainha de serpentes. Chand tinha feito um bonito jardim nos subúrbios da cidade, um verdadeiro paraíso terrestre onde todas as noites ele ia tomar ar e apreciar as flores. A primeira coisa que Manasa fez foi enviar suas cobras para reduzir a cinzas o jardim. Mas como Chand havia recebido do próprio Shiva o poder mágico de restaurar os mortos à vida, era-lhe fácil devolver ao jardim toda a sua beleza simplesmente pronunciando as palavras mágicas devidas. Então Manasa apareceu a Chand na forma de uma bonita moça tão argêntea e

radiante, que até a lua se escondeu atrás das nuvens quando a viu. Chand apaixonou-se loucamente por ela, mas ela não quis ouvir dele uma única palavra enquanto ele não lhe promettesse conferir-lhe seu poder mágico; e quando isso aconteceu, ela encheu-se de vaidade e apareceu no céu na sua forma própria dizendo para Chand: "Isso não é por acaso e nem de ordem natural. Mas adora-me agora mesmo e eu te devolverei teu poder". Ele no entanto não quis ouvir isso. Então Manasa Devi tornou a destruir o jardim. Mas Chand mandou buscar seu amigo Shankara, um grande mágico, que logo fez reviver as flores e árvores, deixando o jardim tão belo quanto antes. Então Manasa tentou matar Shankara pela astúcia e destruiu o jardim pela terceira vez; e dessa vez não houve remédio. Toda vez que um desses infortúnios sobrevinha a Chand ela murmurava a mesma mensagem em seu ouvido: "Isso não é por acaso...".

Então ela enviou as serpentes para que estas matassem todos os seis filhos de Chand. Quando cada um deles estava morrendo ela sussurrava a mesma mensagem em seu ouvido, dizendo: "Adora-me agora mesmo e tudo ficará bem". Chand era um homem obstinado, e apesar de toda a tristeza não cedeu. Pelo contrário; preparou seus navios para uma viagem de negócios e partiu. Ele foi muito bem sucedido e estava voltando para casa com uma carga de tesouros e mercadorias quando uma tempestade caiu sobre os navios. Imediatamente ele orou para Bhagavati, a esposa de Shiva, que protegeu seu navio. Manasa, entretanto, mostrou claramente a seu pai que aquilo não era propício. "Ela não se satisfaz com banir-me do Céu, mas deve interferir em todas as minhas ações?" Então Shiva persuadiu a esposa a voltar para o céu com ele. Ele começou jurando: "Pelas cabeças de nossos filhos favoritos, Ganesh e Kartikkeya, debes vir embora imediatamente, Bhagavati, ou..."

"Ou o quê?", perguntou ela?

"Bem, não tem importância", replicou ele; "mas, querida, devias ser razoável. Não seria bom se Manasa seguisse seu próprio caminho? Afinal de contas ela tem sido negligenciada e tu podias ser generosa."

Então Bhagavati partiu com Shiva, o barco naufragou e Chand foi deixado no mar. Manasa não tinha intenção de deixá-lo afogar-se, e lançou à água seu trono-lótus. Mas Manasa tinha outro nome, Padma, e esse também é o nome do lótus; quando Chand viu que o objeto flutuante pelo qual ele ia

salvar-se era na realidade um padma ele o abandonou, preferindo afogar-se a receber ajuda de uma coisa que levava o nome odioso de seu inimigo. E Manasa sussurrava: "Adora-me agora mesmo e tudo ficará bem".

Chand morreria de bom grado; mas isso absolutamente não convinha a Manasa, e assim ela o levou até a praia. Ele chegou à cidade onde residia um velho amigo, Chandraketu. Ali ele foi muito bem tratado e começou a recuperar-se. Mas bem depressa ele descobriu que Chandraketu era devoto de Manasa e que o templo dela era contíguo à casa. Então ele partiu imediatamente, atirando fora até mesmo as roupas que o amigo lhe havia dado. Mendigou alimentos e, descendo até o rio, tomou um banho. Mas enquanto ele estava se banhando, Manasa enviou um grande rato que comeu todo o seu arroz, de forma que ele não tinha o que comer, a não ser algumas cascas cruas de bananas deixadas por crianças na margem do rio. Então ele encontrou trabalho de segador e debulhador com uma família de brâmanes; mas Manasa havia transtornado tanto a sua cabeça, que ele trabalhou mal e o patrão despediu-o. Muito tempo depois ele encontrou o caminho de volta para Champaka Nagar, e odiou Manasa Devi mais do que nunca.

Manasa tinha duas grandes amigas apsaras do céu de Indra. Elas resolveram vencer o obstinado mercador. Uma ia renascer como filho de Chand e a outra como filha de Saha, um mercador de Nichhani Nagar que era conhecido de Chand. Quando Chand chegou em casa, viu que sua esposa o havia presenteado com um bonito filho; e chegado o tempo do casamento do rapaz não havia ninguém tão bonita nem tão rica quanto Behula, a filha de Saha. Seu rosto era como um lótus aberto, seus cabelos, cujas pontas terminavam nos mais belos cachos, caíam-lhe sobre os ombros; os olhos eram semelhantes aos de uma corça e a voz era como um rouxinol, e ela dançava melhor que qualquer bailarina da cidade de Champaka Nagar.

Lamentavelmente os astrólogos previram que o filho de Chand, cujo nome era Lakshmindara, morreria da mordida de uma serpente na noite de seu casamento. Durante todo esse tempo, é claro, as duas apsaras tinham esquecido sua natureza divina e se julgavam simples mortais inteiramente apaixonadas; também se dedicavam, ambas, ao serviço de Manasa Devi. A esposa de Chand não permitiu que o casamento fosse adiado, e assim Chand teve de prosseguir com os preparativos, embora estivesse inteiramente seguro

de que havia nisso a mão de Manasa. Entretanto, ele mandara construir uma casa de aço, cuidando para que nela não houvesse rachaduras grandes o suficiente para dar passagem a qualquer coisa que tivesse a largura de um alfinete. A casa era guardada por Sentinelas com espadas desembainhadas; mangustos e pavões ficavam soltos no jardim que a rodeava, e todos sabem que essas criaturas são inimigas mortais das serpentes. Além disso, havia amuletos, antídotos e venenos de cobra espalhados por todos os cantos.

Mas Manasa apareceu para o artesão que construiu a casa e ameaçou matá-lo, e à sua família, se ele não fizesse um buraco minúsculo na parede de aço. Ele absolutamente não desejava fazê-lo, pois dizia que não podia trair seu patrão. Mas finalmente cedeu, por puro medo, e fez uma abertura do tamanho de um fio de cabelo, escondendo-a com pó de carvão.

Então chegou o dia do casamento e os maus presságios foram muitos. A coroa do noivo caiu-lhe da cabeça, o suporte do pavilhão de casamento se rompeu, Behula acidentalmente apagou o sinal de casamento de sua testa depois da cerimônia, como seja tivesse ficado viúva.

Por fim, as cerimônias todas terminaram e Lakshmindara e Behula foram deixados sós na casa de aço. Behula escondeu o rosto nas mãos e estava demasiadamente tímida para encarar o marido ou para deixá-lo abraçá-la; e ele estava tão cansado pelo longo jejum e pelas cerimônias do casamento que adormeceu. Behula se sentia igualmente cansada, mas sentou-se perto da cama e ficou olhando-o, encantada com o fato de um homem tão adorável quanto Lakshmindara ser realmente seu marido; ele parecia-lhe um deus cultuado. Subitamente ela viu que havia uma abertura na parede de aço e que por ela deslizava para dentro uma enorme serpente; pois algumas das serpentes de Manasa tinham o poder de se comprimir dentro de um espaço mínimo para depois se expandir novamente à vontade. Mas Behula ofereceu leite à cobra e enquanto ela bebia fez deslizar um laço sobre sua cabeça e a apertou. A mesma coisa aconteceu com mais duas serpentes. Então Behula ficou com a cabeça tão pesada que não pôde conservar-se acordada; sentou-se na cama e seus olhos se fecharam, abrindo-se de vez em quando, num susto, para observar a abertura na parede. Por fim ela mergulhou no sono, atravessada sobre os pés de Lakshmindara. Então deslizou para dentro a serpente Kalnagini, a mesma que havia destruído o encantador jardim de

Chand, e mordeu o noivo adormecido; ele gritou por Behula e ela acordou exatamente a tempo de ver a serpente saindo pela abertura.

Na manhã seguinte a mãe de Lakshmindara veio até a câmara nupcial e encontrou-o morto, com Behula soluçando ao seu lado. Todo mundo culpava Behula, pois não acreditavam que uma cobra pudesse ter entrado na casa de aço e acusavam-na de bruxaria. Mas logo viram as três cobras amarradas e então entenderam que o noivo morrerá mordido de cobra. Mas Behula não dava atenção ao que eles diziam, pois só desejava que pelo menos não tivesse recusado o primeiro e último pedido de seu marido, retraída demais para deixar-se abraçar por ele.

Era costume, quando alguém morria de mordida de cobra, que o corpo não fosse queimado, e sim posto a flutuar numa jangada, na esperança de que algum médico hábil ou um encantador de serpentes pudesse encontrá-lo e lhe restaurar a vida. Quando a jangada ficou pronta, Behula sentou-se ao lado do corpo e disse que não o abandonaria enquanto ele não tivesse revivido. Ninguém acreditava realmente que tal coisa pudesse acontecer, e assim pensavam que Behula estivesse completamente doida. Todos tentavam dissuadi-la, mas ela apenas dizia para a sogra: "Adorada mãe, a lâmpada ainda está acesa em nossa câmara nupcial. Não chore mais. Vá fechar a porta do aposento e saiba que enquanto a lâmpada estiver acesa eu ainda terei esperança de que meu senhor volte a viver". Assim, não havia o que fazer; Behula se foi, flutuando, e logo Champaka Nagar estava fora de vista. Quando ela passou pela casa paterna, seus cinco irmãos a estavam esperando e tentaram persuadi-la a deixar o corpo, dizendo que, embora ela fosse viúva, eles a queriam de volta, cuidariam muito bem dela, e a fariam muito feliz. Mas ela respondeu que não podia aceitar a idéia de viver sem o marido e que preferia ficar com seu corpo morto a ir para qualquer outro lugar. Então ela se foi flutuando para longe, rio abaixo. Não se passou muito tempo antes que o corpo começasse a inchar e a se decompor; ainda assim, Behula protegeu-o, e a vista daquela mudança inevitável tornou-a totalmente inconsciente de seus sofrimentos. Ela passou flutuando por várias aldeias e todo mundo a tomava por louca. Durante todo o dia ela orou para Manasa Devi, e embora não devolvesse a vida ao corpo a divindade protegeu-o de crocodilos e tempestades e manteve a coragem e a força de Behula.

Behula estava completamente resignada. Sentia em si um poder mais do que humano. Parecia saber que tanta fé e amor não poderiam ser em vão. Algumas vezes tinha visões de demônios que tentavam assustá-la, outras vezes via anjos que a tentavam com uma vida de conforto e segurança; mas ela ficava sentada, inteiramente quieta e indiferente; continuava orando pela vida do marido.

Por fim se passaram seis meses e a balsa tocou a terra justamente onde vivia, perto do rio, a amiga de Manasa, Neta. Ela estava lavando roupa, mas Behula pôde ver, pelo resplendor em volta de sua cabeça, que não se tratava de uma mulher mortal. Um bonito menininho brincava perto dela e punha a perder todo o seu trabalho. De repente ela agarrou a criança e a esganou; em seguida deixou perto de si o corpo estirado e voltou a trabalhar. Mas quando o sol se pôs e seu trabalho terminou, ela borrifou umas poucas gotas de água sobre o menino, ele acordou e sorriu como se tivesse estado dormindo. Então Behula desembarcou e lançou-se aos pés da lavadeira. Neta conduziu-a até o Céu para ver se os deuses podiam ser levados a aceitar suas orações. Eles pediram-lhe que dançasse e ela agradou-lhes tanto que eles lhe prometeram trazer seu marido de volta à vida e devolver-lhe tudo o que ele havia perdido. Mas Manasa Devi só concordou com isso quando Behula se comprometeu a converter o sogro e a persuadi-lo a honrar e adorar a deusa. Behula prometeu fazer isso.

Então Behula e Lakshmindara partiram de volta ao lar. Depois de muito tempo eles chegaram à casa paterna de Behula e fizeram uma visita aos pais dela. Mas não quiseram parar, partindo no mesmo dia para Champaka Nagar. Entretanto, ela não quis ir para sua casa antes de cumprir a promessa feita a Manasa Devi. As primeiras pessoas que ela viu foram suas próprias cunhadas, que tinham ido até a margem do rio para buscar água. Ela se havia disfarçado como uma varredora pobre e tinha na mão um bonito leque pintado com as imagens de todas as pessoas da família de Chand. Ela mostrou o leque às irmãs e disse-lhes que ela era Behula, varredora, filha de Saha, varredor, e esposa de Lakshmindara, filho do varredor Chand. As irmãs correram à casa para mostrar à mãe o leque e disseram-lhe que o preço dele era cem mil rúpias. Sanaka ficou muito surpresa, mas lembrou-se da lâmpada da casa de aço e correu para a câmara nupcial, que havia ficado hermeticamente fechada

durante um ano; vendo que a lâmpada ainda queimava, ela correu para a beira do rio, e lá estava seu filho com Behula. Mas Behula disse: "Querida mãe, aqui está vosso filho. Mas não podemos ir para casa enquanto meu sogro não concordar em adorar Manasa Devi; foi por isso que com um artifício eu a fiz vir até aqui".

Chand não foi capaz de resistir por mais tempo; Manasa Devi tinha vencido. Naquele mesmo mês ele a adorou no décimo primeiro dia da lua minguante. É verdade que ele ofereceu flores com a mão esquerda e virou o rosto para não ver a imagem de Manasa; mas ainda assim ela ficou satisfeita e concedeu-lhe riqueza, prosperidade e felicidade, e devolveu a vida a seu amigo Shankara. Desde então o direito de Manasa Devi ao culto dos mortais tem sido largamente aceito.

Nota sobre Manasa Devi

Essa antiqüíssima lenda de Manasa Devi, a deusa das serpentes, reflete o conflito entre a religião de Shiva e a das divindades locais femininas de Bengala. Mais tarde Manasa ou Padma foi reconhecida como uma forma de Shakti (não se diz no Mahabharata que tudo o que é feminino é parte de Uma?), e seu culto foi aceito pelos shivaítas. Ela é uma fase da mãe-divindade que para tantos adoradores está mais próxima e é mais querida do que o distante e impessoal Shiva, embora mesmo ele, nessas lendas populares, seja tratado como um dos olímpianos, com um caráter bastante humano.

"No mês de Shravana (julho-agosto)", escreve Babu Dinesh Chandra Sen, "as aldeias da Baixa Bengala apresentam um único aspecto. É nessa ocasião que se cultua Manasa Devi. Em Sylhet, Backergunge e outros distritos, centenas de homens aglomeram-se na beira do rio para recitar os versos de Behula. As velozes regatas que fazem parte da festividade e o entusiasmo que caracteriza a recitação desses versos não podem deixar de impressionar o observador com uma idéia de sua grande influência sobre as massas. Às vezes há uma centena de remos em cada um dos longos botes estreitos, e os remadores, cantando num coro ruidoso, impulsionam-nos com toda a força. Os botes movem-se com a rapidez das flechas, chegando a ultrapassar os navios a vapor que navegam no rio. Essas festividades de Manasa Puja às vezes

duram um mês inteiro (...), a disseminação da popularidade desses versos em Bengala pode ser depreendida do fato de nada menos de nove distritos disputarem o título de terra natal de Chand Sadagar", e também do fato de a Manasa Mangai, ou História de Manasa, ter sido contada em nada menos de sessenta versões por poetas conhecidos, datando do décimo segundo século até os tempos atuais.

"E preciso lembrar", acrescenta Dinesh Babu, "que num país onde as mulheres geralmente buscavam a morte junto da pira funerária do marido essa história de Behula pode ser considerada o tributo genuíno do poeta aos pés do ideal delas."

O elefante e o crocodilo

Nas escarpas do Três Picos vivia um elefante real, que vagava pela floresta acompanhado de uma multidão de esposas. Encalorado, com o suor brotando-lhe da fronte, ele certo dia mergulhou num lago para saciar a sede; depois de fazê-lo, encheu de água a tromba e deu de beber às esposas e aos filhos. Mas exatamente naquele momento um crocodilo terrível atacou-o e os dois lutaram por um longo tempo, cada um tentando a todo custo puxar o outro contra si. Penalizados, os elefantes barriam na margem do lago, mas não podiam ajudar. Por fim o elefante real enfraqueceu, porém o crocodilo ainda não se extenuara, pois estava em casa, em seu próprio elemento.

Então o elefante real orou ardentemente e com devoção ao Adorável, ao Ser Supremo. Imediatamente ocorreu Vishnu, montando Garuda e escoltado pelos devas. Ele afastou o crocodilo e cortou-lhe o pescoço com um arremesso de seu disco, salvando assim o elefante real.

Com isso cumpria-se uma velha maldição: o elefante era um gandharva que em outra vida havia amaldiçoado um rishi que o atrapalhara em um jogo. Aquele crocodilo era o rishi. Pela maldição de outro rishi o gandharva fora transformado em elefante.

O elefante da história representa a típica alma humana de nossa época, agitada por desejos; demasiadamente entregue ao prazer sensual, o demônio o tinha carregado, sem que ele sequer soubesse para onde. A salvação só lhe chegou quando ele invocou Vishnu, que prontamente salva todos quem o invoca com devoção.

Nachiketas e Yama

Havia um vaqueiro de nome Vajashrava. Desejando uma dádiva dos deuses, ele fez uma oferenda de tudo o que tinha. Mas suas vacas eram velhas, não davam leite e não tinham valor; não eram de molde a poder comprar para o devoto um lugar no Céu. Vajashrava tinha um filho; este gostaria que o pai fizesse uma oferenda mais valiosa. Então falou para seu senhor: "A que Deus me oferecereis?" "À Morte eu te ofereço."

Nachiketas pensou: "Não serei o primeiro nem o último a ir para Yama. O que ele fará comigo? Comigo as coisas se passarão da mesma forma que com os outros; como o capim um homem decai, como o capim ele brota novamente". Então Nachiketas saiu a caminho do imenso lar da Morte e lá esperou durante três dias, pois a Morte estava viajando. Quando ela voltou, seus criados disseram: "Um hóspede brâmane queima como fogo; Nachiketas espera há três dias sem ter sido recebido; vós o confortareis oferecendo-lhe água, pois tudo está perdido para aquele em cuja residência um brâmane espera sem ser alimentado".

Então a Morte falou para Nachiketas: "Uma vez que tu, um hóspede de honra, esperaste em minha casa por três dias sem te alimentares, faz três pedidos, como compensação, e eu os concederei". Então ele fez o primeiro pedido: "Concedei paz para meu pai, que ele me reconheça e me receba bem quando eu voltar". A Morte respondeu: "Assim seja".

Nachiketas pediu novamente: "No Mundo dos Céus o povo está livre de ti; não há fome nem velhice, nem medo da morte. Revelai-me o fogo sagrado que leva aos Céus". Então a Morte descreveu o fogo sagrado — quais as pedras que servem para seu altar e como dispô-las; e Nachiketas repetiu o que ouvira, aprendendo a lição ensinada pela Morte. A Morte falou novamente: "Eu te concedo, além disso, que esse fogo sagrado seja conhecido para sempre pelo teu nome; teu é o fogo que leva até o Céu, tua segunda dádiva".

Nachiketas pediu novamente: "O grande mistério do que vem depois da morte; alguns dizem: ele é; outros dizem: ele não é mais. Essa grande dúvida eu vos peço que esclareçais". A Morte respondeu: "Mesmo os deuses antigos não sabiam isso; esse é um assunto difícil de ser aprendido; faz-me qualquer outro pedido, ó Nachiketas, seja ele cem filhos, riqueza incalculável, grande

extensão de terras ou vida longa. Tudo o que um homem pode desejar será teu: realeza, fortuna, as mais lindas cantoras do céu de Indra; mas não me perguntes sobre a morte. Nachiketas respondeu: "Isso são coisas passageiras e destroem a ardente energia dos homens; tua seja a riqueza, teus a dança e o canto. De que vale a riqueza quando apareces? Como um homem aproveita a vida, ainda que longa, quando ele viu a bem-aventurança daqueles que não morrem? Eu vos peço que resolvais essa dúvida do Grande Além-Mundo; não peço outra graça".

A Morte respondeu: "Dever é uma coisa, prazer é outra; essas duas coisas dirigem o homem para caminhos diferentes. Feliz aquele que escolhe o dever; transvia-se aquele que escolhe o prazer. Essas duas coisas, sensatez e leviandade, dirigem-se para fins diferentes. Nachiketas falou bem, procurando a sabedoria, sem ser incitado por desejos. Mesmo o sábio vive em erro, cego guiado por cego; enquanto ao tolo nada é revelado. Neste mundo, não em outro, ele pensa; e assim entra outra e outra vez em meu poder.

"Mas é grande aquele que fala do Único, de quem a maioria pode nunca ouvir falar, a quem a maioria, mesmo ouvindo falar, pode não conhecer; uma maravilha é aquele que conhece o Brahman Inenarrável é ele, nenhum caminho leva a ele.

"Tendo ouvido e compreendido bem, com discernimento, atingindo aquele misterioso Único, um mortal se alegra e se rejubila com muita razão. Largo é o Portal para Nachiketas, parece-me."

Nachiketas respondeu:

"Diferente de bem, diferente de mal, diferente de informe ou de formas, diferente de passado ou de futuro — falai."

A Morte retomou:

"Esse objetivo de sabedoria sagrada, de trabalho virtuoso e de fé é Om! Essa palavra é Brahman - o supremo. Aquele que compreende essa palavra obtém qualquer coisa que deseje.

"Pois aquele Cantor não nasceu nem nunca morrerá. Ele não veio de parte alguma e nem era coisa alguma. Não nascido, eterno, duradouro, antigo; não morto, embora o corpo esteja morto.

"Se o assassino pensa que ele mata ou o que morre julga que esteja morto, ambos erram, pois Aquele nunca mata nem é morto.

"Menor que pequeno, maior que grande, aquele Ser habita o coração de cada criatura.

"Sentado, ele viaja para longe; deitado, se precipita para toda parte; quem o conhece não tem mais dor.

"Esse Eu não se obtém por explanação nem por intelecto, nem por uma atenção profunda às escrituras; quem ele escolher, para ele o Ser será revelado. Mas aquele que sabe que todas as coisas são o Eu, para ele que dor, que ilusão permanece no coração, sabendo que todas as coisas são Aquele Único?

"Quando se expulsam todos os desejos que permanecem no coração, então o mortal torna-se imortal, ele se torna Brahman.

"Quando se cortam todos os vínculos do coração, então ele se torna um Ser imortal. O ensinamento chega até esse ponto."

Assim, tendo aprendido a sabedoria ensinada pela Morte e encontrando Brahman, Nachiketas libertou-se da morte. Do mesmo modo estará livre quem conhecer esse Eu Supremo.

A história de Kacha e Devayani

Antigamente as batalhas entre os deuses e os demônios eram freqüentes, pois cada parte desejava a soberania e a posse dos três mundos. Os devas indicavam Brihaspati como seu sacerdote, mestre dos ritos sacrificiais. Os asuras indicavam Ushanas. Entre esses dois grandes brâmanes havia uma forte rivalidade, pois todos os demônios mortos em combates contra os deuses eram trazidos à vida por Ushanas e lutavam novamente em um outro dia. Muitos também eram os deuses mortos pelos demônios; mas Brihaspati não conhecia a ciência de trazer de novo à vida, como Ushanas, e com isso os deuses ficavam grandemente atormentados. Assim, eles foram à procura do filho de Brihaspati, Kacha, e pediram-lhe que lhes fizesse um grande favor: tornar-se discípulo de Ushanas e aprender o segredo de dar vida. "Então tu partilharás conosco as oferendas sacrificiais. Podes facilmente fazer isso, pois és mais moço que Ushanas e assim é conveniente que tu sirvas a ele. Poderias servir também à sua filha Devayani e ganhar o favor de ambos.

De Devayani seguramente ganharás aquela ciência", disseram eles. "Então, que assim seja", respondeu Kacha e tomou seu caminho.

Para Ushanas ele disse: "Recebe-me como teu discípulo. Sou filho de Brihaspati e meu nome é Kacha. Sê meu mestre e eu praticarei reclusão por mil anos". Ushanas recebeu-o com alegria e o voto foi feito. E então Kacha começou a ganhar os favores de Ushanas e de Devayani. Ele era jovem, cantava e tocava vários instrumentos; e a ela, também jovem, não era difícil agradar. Ele lhe dava flores e frutas e lhe prestava serviços. Ela também, com canções e boas maneiras, servia-o. Assim se passaram quinhentos anos, a metade do tempo combinado no voto.

Então, tendo ficado sabendo do propósito de Kacha, os demônios indignados mataram-no num canto abandonado da floresta onde ele cuidava das vacas de seu senhor. Retalharam-lhe o corpo em muitos pedaços e deram-no aos lobos e aos chacais. Quando veio o crepúsculo, as vacas voltaram sozinhas para o curral. Então Devayani disse a seu pai: "O sol se pôs, o fogo da noite está aceso, o gado voltou sozinho. Kacha não veio; ele está perdido ou morto. E, ó pai, eu não viverei sem ele". Ushanas lhe respondeu: "Eu o trarei à vida dizendo 'Que ele venha!'." E chamou-o. Imediatamente Kacha apareceu diante de seu mestre, dilacerando os corpos dos lobos que o haviam devorado. Quando Devayani lhe perguntou o que havia impedido sua vinda, ele respondeu que os asuras tinham caído sobre ele na floresta e haviam dado seu corpo aos lobos e chacais. "Mas, trazido à vida pelo chamado de Ushanas, aqui estou diante de vós."

Em outra ocasião aconteceu que Kacha estava na floresta procurando flores pedidas por Devayani, e os demônios o encontraram e mataram-no, moeram-lhe o corpo até transformá-lo em pasta e espalharam essa pasta nas águas do oceano. Como antes, Devayani disse a seu pai que Kacha não havia voltado e Ushanas chamou-o; ele apareceu inteiro e relatou tudo o que havia acontecido.

Uma terceira vez ele foi morto e os asuras queimaram-lhe a carne e os ossos e misturaram as cinzas no vinho que Ushanas bebeu, pois naquele tempo os brâmanes ainda bebiam vinho. Então Devayani voltou a dizer a seu pai: O pai, Kacha foi colher flores mas não voltou. Seguramente ele está perdido ou morto. Eu não viverei sem ele!" Ushanas respondeu: "Ah, minha

filha! Com certeza o filho de Brihaspati foi para o reino dos mortos. Mas o que posso eu fazer? Ainda que eu o traga à vida novamente ele será novamente morto. Ah, Devayani, não fiques triste, não chores. Não devias entristecer-te por um mortal, pois és venerada diariamente pelos deuses". Mas Devayani respondeu: "Por que eu não iria entristecer-me pelo filho de Brihaspati, que é um oceano de virtude ascética? Kacha é filho e neto de rishis. Também ele observou a lei do autocontrole e estava sempre alerta e destro. Vou jejuar e segui-lo. Belo era Kacha, e querido por mim".

Então Ushanas ficou desesperado e bradou contra os asuras, que tinham assassinado um discípulo sob sua proteção; e incitado pelas preces de Devayani ele começou a invocar o retorno de Kacha, das mandíbulas da morte. Mas Kacha respondeu debilmente dentro do estômago do mestre: "Sede bondoso comigo, ó mestre! Eu sou Kacha, que vos serve. Considerai-me vosso filho". Ushanas disse: "Como, ó brâmane, vieste para dentro de meu estômago? Certamente eu desertarei dos asuras e me juntarei aos deuses!" Kacha respondeu: "Lembro-me sempre do que é preciso lembrar e tenho a virtude do autocontrole, mas sofro uma dor intolerável. Morto pelos asuras e reduzido a cinzas, eu estava misturado em vosso vinho".

Então Ushanas disse para Devayani: "O que posso fazer por ti? É com minha morte que Kacha pode ter sua vida de volta. Ele está dentro de mim e não consegue sair sem rasgar meu estômago". Devayani respondeu: "Os dois males são iguais para mim. Se Kacha morrer eu não viverei e se tu morreres eu também morrerei". Então Ushanas disse a Kacha: "Sorte tua que Devayani o olhe com tanto amor. Recebe, portanto, de mim, a ciência de trazer à vida, e quando saíres de dentro de mim me devolverás a vida". Kacha saiu do corpo de seu mestre como a lua cheia à noite; vendo o mestre caído no chão, morto, ele o reviveu, pela ciência que havia adquirido, e o venerou, chamando-o pai e mãe, e doador de sabedoria. Depois disso Ushanas decretou que nenhum brâmane jamais iria beber vinho. Em seguida ele convocou os asuras e comunicou-lhes: "Vós, tolos demônios, sabeis que Kacha conseguiu seu desígnio. Doravante ele viverá comigo. Ele, que aprendeu a ciência de trazer à vida, é também brâmane". Os demônios ficaram pasmos e retiraram-se. Kacha permaneceu com o mestre por mil anos, até chegar o tempo em que precisava retornar para os deuses. Ele obteve a permissão de Ushanas para partir; mas

Devayani, vendo-o prestes a sair, disse-lhe: "Escuta-me; lembra-te de minha afeição por ti durante teu voto de autocontrole; agora, terminado o tempo desse voto, volta para mim teu amor e toma minha mão de acordo com os ritos sagrados". Mas Kacha respondeu: "Escuta, eu te honro tanto quanto a teu pai, ou talvez ainda mais; tu me és mais cara que a vida, filha de meu mestre. Entretanto, não devias dizer-me essas palavras". Ela disse novamente: "Tu és também filho do mestre de meu pai, e eu devo honrar-te. Lembra-te de minha afeição quando os asuras te mataram. Eu sou inteiramente tua; não me abandones sem que eu tenha cometido alguma falta". Kacha replicou: "Não me tentes para o pecado; sê bondosa comigo, tu, de belas sobancelhas! Onde tu estiveste, no corpo do sábio, também eu estive; tu és minha irmã. Portanto não fales assim. Juntos passamos dias felizes, cintura fina; permite-me partir agora para minha morada e abençoa-me para que minha viagem seja feliz. Pensa em mim como em alguém que não quis pecar". Então Devayani amaldiçoou-o: "Já que me recusas, tua sabedoria será estéril".

Kacha respondeu: "Eu te recusei apenas porque és a filha de meu mestre e minha irmã, não por nenhuma falta. Amaldiçoa-me, se queres, embora eu não mereça isso. Mas falas por paixão, não por dever, e teu desejo extinguir-se-á. Atenta igualmente: nenhum filho de rishi se casará contigo. Tu dizes que minha sabedoria não dará frutos; pois que seja, mas ela dará frutos naquele a quem eu a conferir". Então Kacha tomou seu caminho para as moradas dos deuses e foi cumprimentado por Indra, que o reverenciou, dizendo: "Grande é o dom que adquiriste para nós; doravante participarás das oferendas sacrificiais: tua fama nunca se acabará".

E assim acaba a história de Kacha e Devayani.

Nota sobre Kacha e Devayani

Até mesmo os planetas, mais cedo ou mais tarde, devem ter participado do processo geral de espiritualização dos mitos estelares, e um exemplo significativo é a história de Devayani e Kacha, do primeiro volume de Mahabharata. Aqui parece que temos um fragmento muito antigo, pois como episódio poético a história se liga frouxamente a uma relação genealógica arcaica — de modo semelhante à narrativa semítica de Sara e Hagar — na qual aparecem casamentos mistos entre brâmanes e chátrias, poligamia e o costume e ideal matriarcal de as propostas feitas por uma mulher estabelecerem um compromisso para o homem. O editor final da lenda acha que todos esses traços são altamente anômalos, e de uma forma nada artística gastam-se palavras e tempo pondo-se na boca dos personagens envolvidos argumentos para a sua justificação. Mas esse é um traço muito comum no arranjo de velhas lendas para incluí-las em novas produções, e as discussões apenas confirmam o caráter absolutamente genuíno dos incidentes quando relatados pela primeira vez. Como Devayani, filha do planeta Shukra, que tem a posição social de brâmane, tornou-se ancestral de alguns príncipes e tribos reais ou de asuras, e como o rei que com quem ela se casou foi também pai de três outras puras linhagens ou dinastias de asuras — tais elementos podem ter sido as estirpes altamente consideradas de famílias e clãs. Do ponto de vista nacional o analista pode ter se sentido obrigado a incluí-las em todas as versões das crônicas épicas. Como poeta, entretanto, a questão que interessou ao último editor do Mahabharata foi um assunto que também nos interessa — um romance ocorrido com Devayani em sua juventude e que a caracterizou como filha da ordem planetária, embora casada com um rei.

O mito vem daquela época em que havia constantes lutas pela supremacia entre os deuses (devas) e os demônios (asuras). Quem eram esses asuras! Eram habitantes há muito estabelecidos na Índia ou eram novos invasores vindos do noroeste? Eles não são classificados com tribos aborígenes, deve-se assinalar, ou mencionados como dasyus ou escravos. Restam ainda no país algumas antigas comunidades dedicadas ao trabalho com metais que podem representar esses asuras pelo sangue, como obviamente o fazem pelo nome. E o nome Assíria é um testemunho

permanente da possibilidade de sua origem alienígena. De qualquer modo, um fato aceito da história de Devayani seria a habilidade dos asuras no que tange à magia. Dizem que para agir como seu sacerdote sacrificial eles conseguiram um brâmane que era uma vaga personificação de Shukra, o planeta Vênus. Os deuses, por outro lado — indicando talvez os arianos, que falavam sânscrito —, eram nesse aspecto servidos por um brâmane que representava a influência e o poder de Brihaspati ou Júpiter. As alusões planetárias nesses nomes são confirmadas pela declaração reprovadora dos deuses, de que "Shukra sempre protege os asuras e nunca protege a nós, seus oponentes". Ninguém podia se queixar de que o arcebispo de um povo rival não os protegia. Mas a queixa de que uma divindade cultuada por ambos os lados derrama influências protetoras apenas sobre um deles não é desarrazoada.

Quais foram os fragmentos originais com os quais se compôs essa história? Foi tudo um registro genealógico, em cuja inclusão numa história nacional algumas tribos e clãs tinham o direito de insistir? E todo o incidente de Devayani e Kacha foi uma pura invenção do último editor para explicar o que tinha se tornado na época dele a tradição anômala do casamento de Devayani, filha de um brâmane, com Yayati, da casta real? Pode ser que sim. Mas contra isso temos aquela declaração, que tanto parece um eco genuíno do passado, de que "antigamente as batalhas entre os deuses e os demônios eram freqüentes, pois cada parte desejava a soberania e a posse dos três mundos". Podemos ter certeza de que o último poeta foi bastante responsável pela situação atual, bastante ajustada, da história, mas muito provavelmente as partes em si, mesmo desse romance de Kacha e Devayani, estão agora como estavam no conhecimento herdado de épocas remotas.

O último poeta sentiu-se tão escandalizado quanto nós pela insistência tão pouco feminina de Devayani para que Kacha a aceite como esposa. Mas, para falar com franqueza, a história talvez lhe tenha chegado, como para nós, vinda da época do matriarcado, quando tornar-se membro da família da esposa era o comportamento adequado para o homem; e no princípio do romance Devayani pode não ter se empenhado tanto em fazer de Kacha seu marido quanto em garantir que ele permanecesse entre os asuras. Mesmo nisso ela foi mais impelida, podemos supor, pelo desejo de proteger o conhecimento da mágica de seu povo do que por motivos pessoais. E de forma similar,

independentemente da alegação de Kacha, nas mãos do último narrador, como razão para sua recusa, na versão mais primitiva ele era movido pela idéia de que essa é a última e suprema tentação que sua missão enfrenta. Kacha vê como seu único dever cumprir a tarefa que ele se impôs na juventude: deixar os demônios e voltar para os deuses, a fim de transmitir-lhes o conhecimento para cuja obtenção eles o haviam enviado. E finalmente, a história nessa apresentação completa contém mais de um vestígio da poetização das influências planetárias das quais a antiga arte da astrologia pode ser considerada a flor e o fruto aperfeiçoados.

Pururavas e Urvashi

Havia um rei cujo nome era Pururavas. Caçando no Himalaia certo dia ele ouviu um pedido de socorro; numa festa nos bosques floridos um grupo de rakshasas havia raptado duas apsaras e desaparecido com elas. Pururavas perseguiu-os e as salvou. As apsaras eram Urvashi e sua amiga Chitralkha. Ele suplicou o amor de Urvashi e ela acedeu com esta condição: "Não me deixarás ver-te nu".

Os dois viveram juntos por muito tempo e chegou a ocasião em que ela iria ser mãe. Mas os gandharvas, que são amigos e companheiros das apsaras, ficaram saudosos da companheira e disseram em uníssono: "Já faz muito tempo que Urvashi vive entre os homens; encontremos um meio de trazê-la de volta". E eles combinaram o meio do levá-la de volta. Urvashi mantinha presos ao leito do casal uma ovelha e dois cordeirinhos, seus animais de estimação. Enquanto Pururavas estava deitado ao lado de sua querida os gandharvas levaram um dos cordeirinhos. "Ai de mim!", exclamou ela, "levaram meu cordeirinho, como se não houvesse um herói, um homem comigo". Em seguida eles levaram o segundo e Urvashi fez a mesma queixa.

Pururavas pensou: "Como pode este lugar não ter um herói, um homem, se é o lugar onde me encontro?" Nu, ele lançou-se à caça, e durante muito tempo não se lembrou de vestir uma roupa. Então os gandharvas encheram de relâmpagos o céu e Urvashi viu-o, tão claro quanto o dia; e imediatamente ela desapareceu.

O desolado rei percorreu todo o Hindustão chorando por sua amada. Finalmente ele atingiu o lago chamado Anyata-Plaksha. Havia ali um grande

número de cisnes; eram as apsaras, e junto com elas estava Urvashi, mas Pururavas não as reconheceu. Ela mostrou: "Lá está aquele com quem eu vivia". As apsaras disseram, a um só tempo: "Vamos logo nos apresentar". E tornaram a dizer: "Façamos isso!" Então Pururavas viu Urvashi e suplicou-lhe dolorida e insistentemente: "Ah, cara esposa, fica e ouve-me! Segredos mudos, teus e meus, não produzirão alegria. Fica, portanto, e conversemos". Mas Urvashi respondeu: "O que tenho eu para conversar contigo? Eu parti como a primeira das alvoradas. Volta para tua casa, Pururavas. Eu sou como o vento, difícil de prender. Rompeste o pacto feito entre nós. Vai para tua casa novamente, pois sou difícil de ser vencida".

Pururavas afligiu-se e exclamou: "Então teu amigo e companheiro partirá hoje mesmo, na mais longínqua viagem, para nunca mais voltar; ele procurará a morte e os bravios lobos selvagens o apanharão".

Urvashi respondeu: "Não morras, Pururavas; não te vás embora! Não deixes que os lobos cruéis te devorem! Não leves isso a sério, pois, olha, não pode haver amizade com qualquer mulher; o coração das mulheres é como uma hiena. Volta para tua casa!" Mas veio-lhe à mente a lembrança da vida com ele e Urvashi se apiedou um pouco; ela disse a Pururavas: "Que venhas então na última noite do ano, a contar de hoje; então ficarás comigo uma noite e nessa ocasião, também, este teu filho nascerá".

Pururavas procurou por ela na última noite do ano; havia um palácio de ouro e os gandharvas gritaram para ele: "Entra!" E mandaram Urvashi ir ao encontro dele. Ela disse: "Quando vier a alvorada os gandharvas vão oferecer-te uma dádiva e deveras fazer tua escolha". "Escolhe tu por mim", disse ele, e ela replicou: "Dize: 'Deixai que eu seja um de vós!'"

Quando chegou a manhã, ele disse: "Deixai que eu seja um de vós!" Eles lhe deram fogo em uma bandeja e disseram: "Sacrifica-te com isto e serás um igual a nós! Ele recebeu o fogo, recebeu seu filho, e se foi. Depositou o fogo na floresta e foi com o filho para sua casa. Quando voltou, ele disse: "Aqui estou de volta". Mas o fogo, lamentavelmente, tinha se apagado. O que havia sido fogo era uma árvore asvattha, e a bandeja, uma árvore shami. Então ele voltou a procurar os gandharvas. Eles lhe aconselharam: "Faze fogo com um galho superior da árvore asvattha e com um galho inferior da árvore shami; o fogo dos dois galhos será o mesmo que recebeste de nós". Então Pururavas

acendeu um fogo com galhos da asvattha e da shami, e fazendo com ele oferendas tornou-se gandharva e viveu com Urvashi por toda a vida.

Savitri

Yudhishtira perguntou a Markandeya se ele alguma vez tinha ouvido falar de uma senhora tão nobre quanto a filha de Draupadi.

Markandeya respondeu:

Havia um rei chamado Senhor dos Cavalos; ele era virtuoso, generoso, corajoso e muito amado. Entristecia-o sobremaneira não ter filhos. Por isso ele cumpria votos difíceis e seguia a lei dos ermitões. Por dezoito anos ele fazia diariamente oferendas ao Fogo, recitava mantras em louvor de Savitri e comia uma refeição frugal à sexta hora. Então Savitri ficou finalmente satisfeita e revelou-se para ele de forma visível dentro do fogo sacrificial. "Estou satisfeita", disse ela, "com teu ascetismo, teus votos bem cumpridos, tua veneração. Pede, grande rei, qualquer dádiva que queiras". "Deusa", disse o rei, "que nasçam filhos para mim, dignos de minha estirpe, pois os brâmanes me dizem que muito mérito reside nos filhos. Se concordardes comigo, peço-vos essa dádiva". Savitri respondeu: "O rei, conhecendo teu desejo já falei com Brahma que tu devias ter filhos. Por seu favor terás uma gloriosa filha. Não debes responder novamente: essa é a dádiva do ancestral, que está satisfeito com tua devoção". O rei fez uma reverência e orou. "Que assim seja", disse ele. E Savitri desapareceu. Pouco tempo depois sua rainha lhe deu uma magnífica menina de olhos de lótus. Por ter ela sido uma dádiva da deusa Savitri, a esposa de Brahma, chamaram-na Savitri, com toda a devida cerimônia, e a menina cresceu graciosa e encantadora, tal como a própria Shri. O povo a via como uma imagem dourada, e dizia: "Uma deusa veio morar conosco". Mas ninguém ousava casar-se com aquela dama de olhos de lótus, pois sua índole vibrante e aquele esplendor radiante assustavam os pretendentes.

Num dia santo, depois de cumprir seus serviços aos deuses, ela foi até o pai oferecendo-lhe flores. Tocou-lhe os pés e ficou ao seu lado, de mãos postas. O rei se entristeceu, vendo a filha em idade núbil e ainda sem noivo. Então ele lhe disse: "Filha, chegou o tempo de ficares noiva; no entanto ninguém te procura. Assim, escolhe para ti um marido que será teu igual.

Escolhe um que desejes; eu refletirei e dar-te-ei a ele, pois um pai que não dá sua filha não é feliz. Age, portanto, de forma que não possamos sofrer a censura dos deuses".

Savitri inclinou-se humildemente até os pés do rei e saiu com suas acompanhantes. Subindo num carro real, ela visitou os eremitérios dos sábios na floresta. Reverenciando os pés daqueles reverendos santos, percorreu todas as florestas até encontrar seu senhor.

Savitri voltou num dia em que o pai estava em audiência pública conversando com os conselheiros. Vendo-o sentado ao lado do rishi Narada, ela inclinou-se a seus pés e cumprimentou-o. Então Narada perguntou: "Por que retardas o casamento de tua filha, que está em idade núbil?" O rei replicou: "Foi por isso que ela partiu daqui e só agora está de volta. Escutai quem ela escolheu para marido". Assim dizendo, ele voltou-se para Savitri, pedindo-lhe para relatar tudo o que havia acontecido.

De pé, com as mãos postas, diante do rei e do sábio ela respondeu: "Havia um virtuoso rei dos shalwas chamado Dyumatsena. Ele ficou cego; então um velho inimigo usurpou-lhe o reino e ele foi para a floresta com a esposa e o Olhinho, entregando-se às penitências próprias da vida de ermitão. A criança, seu filho, cresceu naquele eremitério da floresta. Ele é digno de ser meu marido; a ele eu aceitei em meu coração como senhor".

Então Narada exclamou: "Savitri cometeu um grande erro escolhendo para seu senhor a esse moço, cujo nome é Satyavan, embora eu o conheça bem e ele prime por todas as boas qualidades. Desde criança Satyavan gostava muito de cavalos e os modelava em barro ou os desenhava; por isso ele é chamado Pintor de Cavalos".

O rei perguntou: "Esse Príncipe Satyavan tem inteligência, clemência, coragem e energia?" Narada respondeu: "Em energia ele é como o sol, em sabedoria, como Brihaspati, corajoso como o rei dos deuses, generoso como a própria terra. E também sincero e justo". Então o rei fez mais uma pergunta: "Dizei-me agora quais são os seus defeitos". Narada respondeu: "O único defeito que ele tem supera todas as suas virtudes e é uma falta irremediável: ele está fadado a morrer dentro de um ano".

Então o rei dirigiu-se à sua filha: "Tu, ó Savitri, bela jovem, escolhe para ti outro homem; pois ouviste as palavras de Narada". Mas Savitri respondeu: "O

dado pode cair apenas uma vez; pode-se entregar uma filha apenas uma vez. Sem dúvida, seja curta ou longa sua vida, seja ele virtuoso ou corrupto, escolhi meu marido de uma vez por todas. Não farei uma segunda escolha. Uma coisa é primeiro pensada no coração, depois falada e depois realizada; minha mente é testemunha disso". Então Narada disse ao rei: "O coração de tua filha é determinado; ela não pode ser desviada do caminho certo. Além disso, ninguém excede Satyavan em virtude; o casamento tem minha aprovação". O rei, com as mãos entrelaçadas, respondeu novamente: "Qualquer que seja vossa ordem, será feito". Narada disse outra vez: "Que a paz acompanhe a doação de Savitri. Agora seguirei meu caminho; fiquem todos bem", e em seguida subiu novamente para o Céu.

Num dia auspicioso, o rei Senhor dos Cavalos viajou com Savitri para o eremitério de Dyumatsena. Entrando a pé, ele encontrou o sábio real sentado debaixo de uma árvore nobre, em contemplação; o rei reverenciou-o devidamente, com presentes adequados a um homem sagrado, e anunciou o propósito de sua visita. Dyumatsena respondeu: "Mas como pode tua filha, delicadamente educada, levar conosco essa vida árdua da floresta, praticando sacrifícios e seguindo a lei dos eremitões?" O rei replicou: "Não devias dizer-nos tais palavras; pois minha filha sabe, como eu próprio, que felicidade e infelicidade vêm e vão, e nada permanece. Não devias desconsiderar minha oferta". Assim, tudo foi providenciado e na presença dos sábios dos eremitérios da floresta, duas vezes nascidos, Savitri foi dada a Satyavan. Depois da partida de seu pai ela pôs de lado as jóias e vestiu-se com roupas de anagem. Encantou a todos por sua gentileza, desprendimento de si mesma, generosidade e uma fala muito doce. Mas as palavras de Narada estavam presentes em sua mente.

Por fim a hora aprazada para a morte de Satyavan estava próxima; quando ele tinha apenas mais quatro dias de vida, Savitri jejuou dia e noite observando o sacrifício das "Três Noites". No terceiro dia ela estava fraca e tonta, e passou a última infeliz noite em reflexões angustiadas sobre a morte iminente de seu marido. De manhã ela cumpriu os ritos habituais e foi ficar diante dos brâmanes e dos pais de seu marido, e eles, querendo ajudá-la, oraram para que ela pudesse jamais ser viúva.

De nada suspeitando, Satyavan foi para o bosque com um machado na mão, a fim de buscar a madeira para o fogo sacrificial. Savitri lhe pediu para acompanhá-lo, e ele consentiu, se seus pais também permitissem. Delicadamente ela suplicou a estes seu consentimento, dizendo que não podia suportar ficar para trás e que ansiava por ver as árvores em flor. Dyumatsena deu-lhe permissão, dizendo: "Desde que Savitri me foi dada por seu pai para ser minha nora, não posso lembrar que ela me tenha pedido alguma coisa. Assim, que seu pedido seja atendido. Mas não atrapalhe", acrescentou ele dirigindo-se à jovem, "o sagrado trabalho de Satyavan".

Savitri partiu com seu senhor; parecia sorrir, mas tinha o coração pesado, pois, lembrando-se das palavras de Narada, ela já o via morto. Com uma metade do coração ela pranteava, esperando o fim de seu marido; com a outra metade ela lhe respondia sorrindo enquanto passavam por fontes sagradas e bonitas árvores. Logo ele começou a trabalhar, e quando cortava os galhos de uma árvore enorme ele se sentiu fraco e tonto e foi até a esposa queixando-se de que sua cabeça estava supliciada por dores lancinantes e que ele queria dormir um pouco. Savitri sentou-se no chão e colocou a cabeça dele no colo; aquela era a hora marcada para a morte de Satyavan. Imediatamente Savitri notou um deus luminoso avermelhado, de olho escuro e vermelho, terrível de ver; ele trazia nas mãos um laço corredio. De pé, olhava para Satyavan. Então Savitri levantou-se e perguntou-lhe humildemente quem era ele e o que ia fazer. "Sou Yama, o Senhor da Morte", respondeu ele, "e vim buscar Satyavan, cujo período de vida terminou". Assim dizendo, Yama retirou a alma do corpo de Satyavan, presa no laço e em total desamparo, e com ela partiu na direção do sul, deixando seu corpo frio e sem vida.

Savitri seguiu-o de muito perto; mas Yama disse: "Desiste, ó Savitri. Volta. Realiza os rituais funerais de teu marido. Não podes ir mais longe". Contudo ela respondeu: "Para onde meu senhor é levado ou vai por vontade própria, eu o sigo; essa é a lei eterna. O caminho está aberto para mim por causa de minha obediência e virtude. Ai de mim, os sábios disseram que a amizade tem sete passos. Confiada na amizade assim contraída, eu vos direi mais uma coisa. Vós me ordenais que eu siga outra lei que não a da esposa; quereis fazer de mim uma viúva, seguindo a lei doméstica. Mas as quatro regras são para aqueles que não atingiram seu objetivo, verdadeiro mérito

religioso. Comigo é diferente, pois eu atingi a verdade apenas pelo cumprimento de meu dever de esposa. Não é preciso fazer de mim uma viúva". Yama replicou: "Dizes bem e me agradas muito. Agora me pede uma dádiva, qualquer que seja ela, exceto a vida de teu marido". Ela pediu que Dyumatsena recuperasse a visão e a saúde, e Yama concordou. Ainda assim Savitri não voltou, dizendo que seguiria seu senhor e que, além disso, a amizade com o virtuoso sempre deve dar bom fruto. Yama admitiu a verdade disso e lhe concedeu outra dádiva. Ela pediu que o pai recuperasse seu reino. Yama prometeu que aquilo seria concedido e ordenou a Savitri que voltasse. Ela tornou a recusar e falou do dever dos poderosos e bons ajudarem a todos aqueles que pedem sua ajuda. Yama então lhe concedeu um terceiro pedido: que seu pai teria cem filhos. Savitri ainda persistiu. "Sois chamado o Senhor da Justiça", disse ela, "e os homens sempre confiam nos justos, pois é só a bondade de coração que inspira a confiança de cada criatura". Quando Yama lhe concedeu outro favor, exceto a vida de Satyavan, Savitri suplicou cem filhos nascidos dela e de Satyavan. Yama replicou: "Obterás, ó Senhora, cem filhos renomados e poderosos, que te darão grande alegria; mas vieste até muito longe; e agora eu te peço que volte". Porém ela novamente louvou os justos. "São os justos que suportam o planeta por sua vida austera; eles protegem a todos". Outra vez Yama foi aplacado pelas palavras edificantes de Savitri e lhe concedeu mais um favor; mas então Savitri respondeu: "O doador de honra, o que já me concedestes não pode acontecer sem união com meu marido; portanto peço a sua vida junto com as outras dádivas. Sem ele estou morta, nem mesmo desejo felicidade. Destes-me uma centena de filhos e no entanto tirastes meu senhor, sem o qual não posso viver. Peço a vida dele, para que vossas palavras possam realizar-se".

Então Yama cedeu e devolveu a vida a Satyavan, prometendo-lhe felicidade e uma existência de quatro séculos, e descendentes que seriam todos reis. Concedendo tudo o que Savitri pediu, o Senhor dos Ancestrais tomou seu caminho. Então Savitri voltou até onde estava o corpo de Satyavan e colocou a cabeça dele em seu colo; ele voltou à vida, como se voltasse de uma estadia em uma terra estranha. "Eu dormi muito tempo", disse ele; "por que não me acordaste? Onde está aquele ser escuro que parecia querer me levar?" Savitri respondeu: "Dormiste um sono longo. Yama foi embora. Estás

recuperado. Levanta-te, se podes, pois a noite vem caindo". Então os dois voltaram, caminhando pela noite alta ao longo dos caminhos da floresta.

Enquanto isso, Dyumatsena e sua esposa e todos os sábios permaneciam aflitos. Mas os brâmanes tinham esperanças, pois julgavam que a virtude de Savriti podia valer até mesmo contra a morte, e diziam para o rei palavras animadoras. Além disso, Dyumatsena repentinamente recuperou a vista, e todos tomaram isso como um presságio de boa sorte que indicava a segurança de Satyavan. Então Savitri e Satyavan voltaram através da noite escura e encontraram os brâmanes e o rei sentados ao lado da fogueira. Foram recepcionados calorosamente e avidamente interrogados; Savitri relatou tudo o que tinha acontecido e todos a cumprimentaram. Já de madrugada, todos foram para casa.

Ao raiar do dia seguinte chegaram embaixadores de Shalwa dizendo que o usurpador tinha sido assassinado e o povo convidava Dyumatsena para que ele voltasse a ser seu rei. Então ele retornou a Shalwa e viveu muitos e muitos anos; e teve cem filhos. Savitri e Satyavan tiveram também os cem filhos dados por Yama. Assim Savitri, por sua bondade apenas, fez com que ela própria, seus pais, seu senhor e todos aqueles que descenderam deles fossem elevados de uma posição pobre à mais alta fortuna.

"E", disse Markandeya a Yudhishtira, "exatamente assim Draupadi salvará todos os Pandavas."

Shakuntala

Essa velha história, mais conhecida dos leitores ingleses pelas traduções da peça de Kalidasa, é um episódio do Mahabharata que apresenta um relato do próprio Bharata, o ancestral de príncipes guerreiros da grande epopéia, o qual, além disso, deriva o nome da Índia, "Bharatvarsha". A história de Shakuntala aqui apresentada é quase inteiramente calcada na versão javanesa publicada há pouco por D. Van Hinloopen Labberton — uma versão muito direta e simples, e nesse sentido superior à do Mahabharata em sânscrito, e superior como história (não como dramaturgia, obviamente) à de Kalidasa.

Havia um rajá, Dushyanta, cujo império se estendia até as praias dos quatro mares. No reino de Dushyanta não se fazia nenhum mal; a bondade prevalecia, pelo seu exemplo. Um dia ele estava caçando nas florestas do Himalaia e embrenhou-se mais e mais nos bosques; ali encontrou um eremitério com um jardim que tinha belas flores, todo tipo de frutas e também uma fonte de água clara. Havia animais de todas as espécies; até os leões e tigres eram muito amigáveis, pois o espírito pacífico do ermitão os refreava. Pássaros cantavam em todos os galhos e os gritos dos macacos e ursos repercutiam como uma recitação de preces védicas, deliciando o coração do rei. Ele ordenou aos seus súditos que ficassem para trás, pois desejava visitar o eremita sem perturbar sua pacífica reclusão. O jardim estava vazio; mas quando ele olhou para dentro da casa viu uma moça bonita pairando acima da terra, como uma apsara. Ela o recebeu e ofereceu-lhe água para lavar os pés e enxaguar a boca, conforme se costuma fazer com as visitas. O rei perguntou de quem era o eremitério e por que ele estava vazio. Ela respondeu: "Com licença de Vossa Alteza, este é o eremitério do sábio Kanva. Ele foi recolher carvão para o fogo sacrificial. Por favor, Marajá, esperai aqui até que ele volte, pois não demorará".

Enquanto a donzela falava, o rei foi tomado de amor por ela. Mas Dushyanta respondeu com uma pergunta. "Perdoa-me, bela mãe", disse ele; "tenho ouvido falar do piedoso Kanva. Mas dizem que ele não quer saber de mulheres; em que termos te relacionas com ele?" A donzela ermitã replicou: "Com licença de Vossa Alteza, ele é meu pai; e quanto à maneira como isso aconteceu, está aqui um hóspede brâmane que pode informar-vos. Por favor indagai-lhe sobre a história de meu nascimento".

O brâmane relatou a história do nascimento da moça. O grande iogue Vishvamitra tinha sido outrora rei; mas renunciara à realeza, desejando obter a mesma dignidade espiritual de Vashishtha. Ele praticou penitências tão severas que o próprio Indra temeu perder para ele seu reinado. Então Indra chamou uma das mais belas dançarinas do céu, Menaka, a pérola das apsaras, e enviou-a para tentar o homem piedoso. Ela aceitou a missão, depois de fazer lembrar a Indra que Vishvamitra era um homem de imensos poderes ocultos, capaz de com sua vontade destruir os Três Mundos; ao que ele respondeu enviando com ela os deuses Vento e Desejo. Menaka foi para o eremitério e se

entretive inocentemente, e quando Vishvamitra a estava contemplando o Vento veio para revelar os encantos da apsara; nesse instante o deus Desejo disparou sua flecha e atingiu Vishvamitra no coração, e assim ele amou Menaka. Quando a apsara viu que estava grávida, considerou que seu trabalho tinha sido feito, sendo já o momento de voltar para o Céu. Menaka partiu, caminhando à margem do rio Malini e subindo o Himalaia; ali ela deu à luz uma menina e em seguida voltou para Indra, deixando a criança guardada apenas pelos pássaros. Kanva encontrou a criança na companhia dos pássaros shakuni e por esse motivo lhe deu o nome de Shakuntala. "Essa Shakuntala", disse o jovem brâmane hóspede, "é a mesma donzela ermitã que deu as boas-vindas a Vossa Alteza".

Dushyanta falou outra vez para a moça: "És bem nascida", disse ele, "filha de uma apsara e de um grande sábio; tu, mulher formosa, te tornas minha noiva pelo rito de consentimento mútuo". Mas ela não consentiu, preferindo esperar até que Kanva chegasse; mas o rei insistiu com grande empenho e ela acabou por consentir, sob a condição de que seu filho seria o príncipe herdeiro e lhe sucederia no trono. O rei concordou, e os dois se uniram pelo rito gandharva de consentimento mútuo. Então o rei partiu para sua cidade, dizendo que sem demora mandaria buscar Shakuntala. Kanva não demorou a chegar, mas Shakuntala, tímida, não foi encontrá-lo. Contudo ele sabia do que havia acontecido, procurou-a, disse-lhe que seu comportamento fora correto e previu que ela conceberia um imperador. Depois de longos meses ela deu à luz uma criança perfeita, um belo menino, e Kanva realizou o rito chátia por ele. Enquanto crescia, o menino estava sempre com o ermitão e partilhava um pouco seu poder, e dessa forma pôde submeter todos os animais selvagens, até mesmo leões, tigres e elefantes, e ganhou o nome de Domador de Todos. Ele tinha as marcas de linhagem de imperador.

Mas por todo esse tempo não chegou nenhuma mensagem do rei Dushyanta. Então Kanva mandou Shakuntala e a criança para a corte aos cuidados dos ermitões; ela se apresentou ao rei quando ele dava audiência e pediu-lhe que proclamasse o filho príncipe herdeiro. Ele respondeu: "Eu nunca me casei contigo, ó ermitã sem-pudor! Nunca vi teu rosto antes. Pensas que não há moças bonitas na cidade? Vai-te embora e não aspiras ser feita imperatriz". Ela retrucou: "Ah, rei! Como é grande o vosso orgulho! Mas vossas

palavras são indignas de vossa estirpe. Pensais: 'Ninguém estava lá quando me casei com Shakuntala'; esse era o vosso ardil. Mas saibais que o Ser divino que habita o coração estava lá, sim, e o Sol e a Lua, e o Vento e o Fogo, a Terra, as Águas e o Senhor da Morte estavam lá também; essas treze testemunhas, incluídos o Dia e a Noite, os Crepúsculos e a Lei, não podem ser ludibriadas, todos eles estão certos daqueles passos. Não sei se estou sendo contestada em punição por algum pecado que cometi. Mas aqui está vosso filho inteiramente perfeito; entretanto ele não tem um pai para fazê-lo feliz! Não sentis amor por ele, que é vossa própria carne e tão parecido convosco? Na verdade vosso coração é mau".

"Ah, Shakuntala", disse o rei, "eu ficaria feliz se ele fosse meu filho. Mas, veja, ele é muito grande; nenhuma criança poderia ter crescido tanto em tão pouco tempo. Não façais essa simulação contra mim. Parte". Mas enquanto o rei falava desceu do Céu uma voz. "Ó Marajá", exclamou a voz. "Esse é teu filho. Shakuntala diz a verdade". Então Dushyanta desceu de seu trono de leão e acolheu nos braços o Domador de Todos. Para Shakuntala ele falou entre lágrimas: "Mãe Shakuntala, fiquei realmente alegre quando te vi. Foi por causa de minha condição de rei que te neguei; pois como poderia o povo ter acreditado que esse era meu filho e herdeiro? Agora a voz vinda do Céu tornou a filiação clara para todos; ele sentar-se-á no meu trono de leão e me sucederá como protetor do mundo, e seu nome não mais será Domador de Todos, e sim Bharata, por causa da voz divina". E ele pediu a Shakuntala que o perdoasse; mas ela permaneceu imóvel, com as mãos postas e os olhos baixos, muito feliz para responder e muito tímida, agora que tudo estava bem.

É por causa da bravura de Bharata que existe agora uma Terra de Bharata. A história é contada no Mahabharata.

Nala e Damayanti

Era uma vez um jovem rei de Nishadha, na Índia Central, cujo nome era Nala. Num país vizinho chamado Vidarbha reinava outro rei, cuja filha, Damayanti, era tida como a moça mais bonita do mundo. Nala era um jovem talentosíssimo, competente em todas as sessenta e quatro artes e ciências com que os reis deviam estar familiarizados; e perito sobretudo na condução

de carruagens; mas, por outro lado, ele gostava demasiadamente de jogar. Um dia, quando ele caminhava no jardim do palácio, observando os cisnes entre os lótus, resolveu pegar um. O inteligente cisne, no entanto, sabia como negociar sua liberdade. "Poupai-me, bom príncipe", disse ele, "e eu voarei para Vidarbha e cantarei em teu louvor diante da bela Damayanti". Então todos os cisnes voaram juntos para Vidarbha e pousaram aos pés de Damayanti. Logo um deles começou a conversar com a moça. "Há um príncipe inigualável em Nishadha", disse ele, "mais justo que qualquer homem de Deus. Tu és a mulher mais adorável; seria perfeito se vocês se casassem". Damayanti ruborizou-se e cobriu o rosto com um véu, como se aquilo lhe tivesse sido dito por um homem; mas ela não podia deixar de imaginar como seria Nala. Então ela disse ao cisne: "Talvez fosse melhor fazeres essa sugestão ao próprio Nala". Damayanti sentia-se inteiramente a salvo nos jardins de seu pai e tinha esperança de que Nala se apaixonasse por ela, pois sabia que seu pai andava planejando um swayamvara para muito em breve, quando ela finalmente teria de aceitar um pretendente.

Daquele dia em diante Damayanti começou a emagrecer; sentava-se só e devaneava tanto, que suas criadas se afligiam por ela. Quando Bhima soube disso, apressou-se a preparar para a filha a escolha própria, inteiramente seguro de que ela só poderia se curar casando-se. Ele convidou todos os príncipes e rajás vizinhos, e preparou tudo para recebê-los com grande pompa. Enquanto isso Narada, que andara em breve excursão na Terra, subiu ao Céu e entrou no palácio de Indra. Depois de cumprimentá-lo, Indra perguntou-lhe o que estava acontecendo, visto que os reis da terra não lhe vinham fazendo suas visitas costumeiras. Então Narada relatou a história de Damayanti e descreveu os preparativos na corte de Bhima para a escolha própria. Os deuses manifestaram sua intenção de tomar parte na festividade; subindo em carruagens eles partiram para Vidarbha. Não demoraram muito para encontrar Nala e, impressionados com sua beleza e seu porte real, dirigiram-se a ele com uma ordem para levar uma mensagem em nome deles. "Estou às vossas ordens", respondeu Nala e permaneceu com as mãos postas, esperando a resolução deles. Indra tomou a palavra: "Saibas, ó Nala", disse ele, "que eu, Agni, Varuna e Yama viemos aqui, do Céu, em busca do amor de Damayanti; anuncia-lhe isso para que ela possa escolher um de nós quatro". Nala ficou

intimidado por essa ordem; pediu aos deuses que encontrassem outro mensageiro. Mas os deuses o fizeram lembrar-se de sua palavra e ele de fato foi imediatamente para o palácio de Damayanti. Lá viu a dama que ele já adorava brilhando como uma lua de prata. Damayanti e as donzelas que a acompanhavam estavam assustadas com a aparição de Nala entre elas e, mais ainda, maravilhadas com sua beleza; secretamente, todas o adoraram. Mas Nala, contendo o próprio desejo, transmitiu a mensagem dos deuses. "Decidi de acordo com vossa vontade", disse ele. Damayanti respondeu: "Eu e tudo o que tenho somos teus; em troca não me amarás? E por tua causa apenas que os príncipes estão convocados. Se não quiseres aceitar-me, preferirei a morte a qualquer outro". Mas Nala respondeu: "Como podes escolher um mortal, quando até os deuses solicitam tua mão? Além disso, se tiverem sua vontade contrariada eles no mínimo me matarão. Veja como são grandes os deuses, e o que será aquela que se casa com eles!" Damayanti respondeu: "E meu voto não me casar com ninguém exceto tu". Nala replicou: "Como mensageiro não posso advogar em minha própria causa, contudo fazes me lembrar que, quando estiver diante ti, estarei como um pretendente falando no meu próprio interesse". Damayanti sorriu e respondeu: "Sim, tu podes seguramente, sem pecado, estar presente no swayamvara, embora os deuses estejam também ali; e eu te escolherei como meu senhor; não caberá a ti nenhuma censura por isso". Então Nala fez uma reverência e, afastando-se, imediatamente postou-se diante dos deuses e contou tudo o que havia acontecido. "Quanto ao que resta, fica convosco, ó supremo entre os deuses".

O dia do swayamvara raiou. Na corte dourada de Bhima eram muitos os soberanos da terra, cerimoniosamente sentados, brilhantes como as estrelas do céu, fortes como leões da montanha, belos como as nagas, numerosos como as serpentes de Bhogavati. Então Damayanti foi conduzida até o local; ao lado dela caminhavam suas damas de companhia com a grinalda que indicaria a sua decisão, e à frente do grupo ia Sarasvati. Ela passou diante das fileiras de pretendentes, recusando-os um a um quando seu nome e linhagem eram anunciados. Então notou cinco nobres príncipes sentados juntos, todos eles com a aparência de Nala. Damayanti fitou-os desesperada, pois não podia reconhecer qual deles era Nala nem quem seriam os outros. Era impossível reconhecer os deuses pelos atributos visíveis, pois eles haviam posto de lado

suas formas originais. Houve um longo silêncio enquanto ela permanecia de pé em frente dos cinco, até que ela resolveu dirigir-se a eles com uma prece humilde, pois nem mesmo os deuses podem recusar a oração dos bons e virtuosos. "O vós, grandes deuses", disse ela, "visto que eu me prometi a Nala, suplico que reveleis o meu senhor". Enquanto ela falava, os deuses assumiram sua própria forma e os atributos originais; sem sombra projetada, com olhos que não pestanejavam, grinaldas em perfeito estado, pairando sobre o chão, eles permaneciam diante dela. Mas Nala estava de pé e a sombra de seu corpo, a grinalda murcha e sua testa suarenta o revelaram. Então Damayanti inclinou-se e tocou-lhe a barra da veste, depois se levantou e atirou sobre seus ombros a grinalda, entre os gritos de pesar dos pretendentes rejeitados e do aplauso dos deuses e sacerdotes. Assim, Damayanti escolheu seu senhor. Os deuses deram a Nala belos presentes e tomaram novamente o caminho do Céu. Os rajás partiram. Bhima entregou a filha a Nala. A festa de casamento foi majestosa e rica, e Nala e Damayanti foram para seu lar, em Nishadha.

Havia no entanto um demônio chamado Kali, o espírito da Quarta Idade, que com seu amigo Dvapara não conseguira chegar a tempo para o swayamvara. Encontrando os deuses que voltavam de Vidarbha, Kali foi por eles informado de que Damayanti havia escolhido Nala. Sabendo que um mortal tinha sido preferido a um deus, ele ficou iradíssimo. Apesar das tentativas de dissuasão feitas pelos deuses, determinou-se a vingar o insulto. Convidou seu amigo Dvapara para jogar dados e ele próprio procurou uma oportunidade de dominar o rei. Doze longos anos depois, um pequeno descuido na observância da pureza cerimonial colocou Nala à mercê do demônio. Kali penetrou nele e imediatamente convidou Pushkara, irmão de Nala, para jogar. Quando ele chegou, os dois sentaram-se para jogar. Nala perdeu e tomou a perder. Dia após dia o jogo continuou, até que meses se passaram. Em vão os cidadãos desejavam audiência, em vão a rainha implorava a seu senhor para que ele se reunisse com os ministros. Logo o tesouro estava quase exaurido, mas Nala continuava jogando. Então Damayanti chamou seu cocheiro fiel e, prevenindo-o de que maus tempos estavam se aproximando, mandou embora com ele os dois filhos, para que amigos queridos em Vidarbha cuidassem deles. Quando tudo estava perdido, Pushkara pediu ao irmão que lançasse os dados por Damayanti; mas isso já

era demais. Ele levantou-se, atirou fora coroa e jóias e foi embora da cidade onde havia sido rei, seguido por Damayanti, que assim como seu senhor se vestia apenas com uma túnica simples. Durante seis dias eles vagaram, enquanto o reino era usurpado por Pushkara. Então Nala viu alguns pássaros e quis pegá-los para comer. Ele atirou sobre as aves sua única roupa, que fez as vezes de rede, mas os pássaros levantaram vô e se foram deixando-o nu. Ao se erguer no ar, eles disseram: "Tolo Nala, nós somos os dados, insatisfeitos porque tens ainda uma veste". Então o infeliz rei virou-se para a esposa e a aconselhou a deixá-lo e ir encontrar sozinha o caminho para Vidarbha. Ela no entanto replicou: "Como posso deixar-te só na floresta selvagem? Prefiro servir-te e cuidar de ti, pois não há ajudante igual a uma esposa. Ou seria talvez melhor irmos juntos para Vidarbha e sermos acolhidos ali por meu pai?" Mas Nala recusou; ele não voltaria pobre para Vidarbha, onde o haviam conhecido como um grande rei. Assim, eles vagaram, falando de sua má sorte; depois, chegaram a uma cabana abandonada, deitaram-se no chão e Damayanti dormiu. Então brotou na mente de Nala, por obra de Kali, a idéia de abandonar a esposa; isso lhe pareceu melhor para ela e para si próprio. Havia uma espada no chão; ele levantou-a e com ela cortou em dois pedaços a veste de Damayanti, colocando um deles sobre si. Duas vezes ele deixou a cabana e duas vezes voltou, incapaz de abandonar a esposa, mas por fim ele se foi levado por Kali, e chegou a um ponto muito distante.

Quando Damayanti acordou, notou a falta de seu senhor e chorou e soluçou, de tristeza e solidão. Mas logo ela pensou mais nele do que em si mesma e deplorou o sofrimento do marido; orou para que aquele que havia levado para Nala tais sofrimentos viesse a sofrer, ele próprio, dez vezes mais. Em vão, caminhando pela floresta, ela procurou seu senhor, até que uma grande serpente a agarrou. Então veio um caçador, matou a serpente, libertou-a e pediu-lhe que lhe contasse sua história. Ela contou-lhe tudo o que havia acontecido; mas ele contemplava sua beleza e desejou-a para si. Damayanti ficou profundamente indignada ao ver o que ele pretendia; num ato de fidelidade, ela o amaldiçoou. "Assim como eu sou fiel a Nala", disse ela, "assim também possa esse maldoso caçador morrer neste instante", e ele caiu ao chão sem um som.

Damayanti vagou pela floresta e as feras não a atacaram. Ela caminhou muito chorando por seu senhor, até que por fim encontrou um eremitério e saudou os homens sagrados. Eles receberam-na como a um espírito da floresta ou da montanha; porém, ela contou sua história. Eles acolheram-na com palavras de conforto e certeza de reunião com seu senhor. Mas logo depois desse diálogo o eremitério e os ermitões desapareceram. Muitos dias depois ela encontrou uma caravana de mercadores cruzando um vau. Eles também a acolheram como uma dama da floresta ou do rio, até que ela lhes contou sua história. Os mercadores disseram que iam para a cidade de Subahu, rei de Shedi, e seguiram viagem, levando em sua companhia a exausta rainha. Naquela mesma noite, enquanto os mercadores dormiam, um bando de elefantes irrompeu dentro do acampamento, esmagou todos os animais e matou mais da metade dos viajantes. Os sobreviventes puseram a culpa de sua má sorte naquela desconhecida que eles haviam acolhido, e a teriam matado se ela não tivesse fugido novamente floresta adentro. Depois de muitos dias de caminhada ela chegou à capital de Shedi e se postou diante do portão do palácio como uma louca sem lar, suja, desarrumada e com aquela roupa reduzida à metade. Ali a rainha de Subahu viu-a e a recebeu bondosamente. Quando ela lhe contou sua história a rainha designou-lhe um lugar onde ela podia ficar retirada, sem ver ninguém a não ser santos brâmanes, que poderiam trazer-lhe notícias de seu marido.

Não fazia muito tempo que Nala havia deixado sua esposa quando ele viu na floresta um fogo ardente de dentro do qual uma voz dizia; "Depressa, ó Nala; venha depressa ajudar-me; depressa". Ele correu para aquele lugar e viu uma grande naga real enrolada no chão, cercada pela fogo. Disse a serpente: "Por uma maldição de Narada estou circundado por este fogo até que Nala me salve. Sou um rei de serpentes grande em poder e sábio em muitos conhecimentos secretos. Salva-me e eu farei muito por ti". Então, não podendo a naga mover-se devido à maldição de Narada, Nala tirou-a do círculo flamejante para a frescura da floresta, levando-a até um ponto a dez passos do fogo. De repente a serpente picou-o e sua aparência modificou-se; mas a serpente assumiu sua forma real e então aconselhou a Nala: "Com meu veneno eu alterei tua aparência para que os homens não possam reconhecer-te. Isso é para confundir o demônio por quem estás possuído. Viaja para

Ayodhya, onde Rituparna é rei, e procura serviço com ele, como cocheiro. Virá o tempo em que ele trocará contigo a aptidão dele para o jogo de dados pela tua de dirigir. Não te apoquentes, pois tudo o que era teu te será restituído. Quando retornares tua forma original pensa em mim e veste esta túnica". Quando Nala recebeu a túnica mágica, a serpente desapareceu.

Assim aconteceu. Nala tornou-se cocheiro de Rituparna. Nesse meio tempo mensageiros de Bhima, que procuravam Nala e Damayanti pelos quatro quadrantes do mundo, encontraram a rainha na capital de Shedi e levaram-na para seu país. Novamente ela enviou outros mensageiros brâmanes à procura de Nala. Eles deviam esquadrihar o mundo inteiro, perguntando por toda parte: "Aonde foste, ó jogador, que deixaste tua esposa com meia veste? Por que me deixaste só?" Se alguém respondesse, eles mandariam notícias imediatamente. Chegados em Ayodhya, fizeram a pergunta a Nala, agora o cocheiro Vahuka, de pernas tortas e pequeno, com muito pouco de sua aparência anterior; ele respondeu-lhes louvando a fé e a indulgência das mulheres, pois uma, cujo marido a havia abandonado, não conservava mágoa mas procurava-o por todo o mundo. Os brâmanes levaram essa notícia para Vidarbha. Imediatamente Damayanti procurou sua mãe. "Consintai que o brâmane que veio de Ayodhya", disse ela, "volte para lá e traga meu senhor. Que ele anuncie diante de Rituparna que Damayanti, não sabendo onde Nala vive ou deixa de viver, promove um segundo swayamvara e se casará na madrugada do dia em que ele entregar a mensagem. Ninguém, além de Nala, é capaz de dirigir uma carruagem de Ayodhya a Vidarbha em apenas um dia".

Quando Rituparna ouviu essa mensagem, chamou seu cocheiro e ordenou-lhe que atrelasse os cavalos, pois queria chegar a Vidarbha antes do pôr-do-sol. Vahuka obedeceu, mas disse consigo mesmo: "Será que isso é verdade ou é um artifício usado por minha causa? Descobrirei cumprindo a ordem de Rituparna". Ele fez seus cavalos voarem como o vento; no meio da viagem, quando caiu a echarpe do rei e este quis parar para apanhá-la, Nala respondeu: "Não; o tempo é curto e agora a echarpe já está a cinco milhas de distância". O rei ficou imaginando quem seria Vahuka; pois ele não conhecia nenhum cocheiro, a não ser Nala, que dirigisse cavalos com tanta velocidade e segurança. Mas Rituparna tinha outro dom, o dom dos números. Quando eles passavam por uma mangueira ele disse: "No chão há cem frutos caídos e em

dois galhos há mil e noventa e cinco frutos e cinqüenta milhões de folhas". Imediatamente Nala parou os cavalos, abaixou os galhos e contou os frutos; o número estava certo. Nala, assombrado, perguntou ao rei o segredo de sua sabedoria e Rituparna respondeu: "Ela provém de minha aptidão para os jogos". Então Nala propôs ensinar a Rituparna a aptidão para dirigir e receber dele o conhecimento dos números, e isso foi feito. Mas quando Nala deteve o conhecimento dos números e a habilidade com os dados, Kali o deixou imediatamente e assumiu sua própria aparência. O demônio suplicou a indulgência de Nala, pois ele havia sofrido durante muito tempo com o veneno da serpente; e prometeu que em qualquer parte onde se ouvisse o nome de Nala o medo de Kali seria desconhecido. Então o demônio, poupado pela clemência de Nala, entrou numa árvore arruinada e desapareceu. Nala ficou contente, livre de seu inimigo, e, subindo na carruagem, correu ainda mais que antes; pela noitinha eles chegaram a Vidarbha. Ao ouvir o troar das rodas da carruagem, Damayanti soube que Nala tinha chegado. "Se esse não for Nala", disse ela, "eu morrerei amanhã". Bhima recebeu o hóspede e perguntou a razão de sua visita, pois ele nada sabia do ardil de Damayanti ou que Ritupama havia ido até lá por causa de sua filha. Ritupama, não vendo sinal de swayamvara ou de preparativos para o hóspede real, respondeu ao seu anfitrião: "Vim apenas, grande Bhima, para saudar-te". Bhima sorriu, pensando: "O rei de Ayodhya não faz uma viagem tão longa e com tanta pressa por um assunto tão pequeno". Mas ele não insistiu no assunto e cortesmente mostrou os aposentos onde o esgotado rei poderia descansar. Vahuka conduziu os cavalos para os estábulos, escovou-os, acariciou-os e sentou-se no assento da carruagem.

Damayanti não sabia o que pensar, pois, embora tivesse conseguido dar uma olhadela no carro no momento em que ele entrou, não havia visto Nala. Contudo, ela pensou: "Nala deve estar ali, ou então Ritupama aprendeu sua destreza". Ela enviou ao cocheiro um mensageiro que lhe fez muitas perguntas com a finalidade de saber se ele tinha alguma notícia de Nala. Vahuka respondeu: "Apenas Nala sabe, e Nala não trairá a si mesmo". Então o mensageiro repetiu novamente a pergunta do brâmane: "Aonde foste, ó jogador?", e em resposta Vahuka elogiou a constância das mulheres e introduziu na resposta uma indicação de sua verdadeira identidade. O

mensageiro, notando que ele estava muito agitado, foi encontrar Damayanti. Ela o enviou novamente para espionar o cocheiro. Ordenou-lhe que não fizesse nenhum trabalho para ele: não buscasse água e nem preparasse a fogueira. O mensageiro contou que o cocheiro exibia poderes divinos, controlando os elementos, o fogo e a água, como queria. Então aumentaram as suspeitas de Damayanti de que o homem seria Nala disfarçado. Mandando o mensageiro mais uma vez, ela lhe ordenou trazer um bocado da comida feita pelo cocheiro; quando a provou, teve certeza de que aquele prato só poderia ter sido preparado por Nala. Então ela mandou seus filhos, Indrasena e Indrasen, e quando o cocheiro os contemplou, caiu em pranto, tal era a semelhança entre eles e seus filhos perdidos tanto tempo atrás. Ainda assim, ele não se revelou.

Damayanti procurou sua mãe e lhe pediu permissão para que o cocheiro fosse chamado ali à presença dela, e assim foi feito. Ele estava muito desejoso de ver a mulher que abandonara na floresta há tanto tempo. Quando ela lhe pediu notícias de Nala, ele se revelou e disse que a febre de jogo e a deserção de sua esposa tinham sido atos de responsabilidade de Kali, não dele próprio. "Mas como podes tu, nobre senhora, deixar teu senhor e procurar outro marido? Pois o segundo swayamvara foi anunciado e é por isso que Rituparna e eu viemos aqui". Então Damayanti explicou seu artifício e invocou o testemunho dos deuses sobre sua total fidelidade; e uma voz vinda do céu proclamou: "É verdade!" e caíram flores do céu e ouviu-se música celestial. Então Nala exibiu a túnica mágica e sua própria aparência, e Damayanti foi para os braços dele. Aquela dama de olhos grandes encontrou novamente seu senhor.

A cidade inteira e o palácio rejubilaram-se e se surpreenderam quando se espalhou a notícia daquela reconciliação. Rituparna partiu com outro cocheiro enquanto Nala ficava um mês na corte de Vidarbha. Então Nala foi para Nishadha e se apresentou ao irmão, Pushkara, desafiando-o para jogar dados e convidando-o para competir outra vez, numa partida definitiva. Pushkara respondeu confiantemente: "Assim seja; agora, por fim, Damayanti será minha". Por pouco Nala não o matou em sua ira; mas ele pegou os dados, lançou-os e ganhou, e Pushkara perdeu.

Então Nala perdoou seu malvado irmão, deu-lhe uma cidade, e despachou-o em paz. O próprio Nala, com Damayanti, reinaram em Nishadha, e todos os homens ficaram felizes.

A virtude da compaixão

Contado por Bhishma a Yudhishthira

Era uma vez um caçador que vivia na cidade de Benares. Certo dia ele partiu em busca de antílopes, levando uma aljava cheia de flechas envenenadas. Encontrou, muito embrenhada na floresta, uma horda dos animais que procurava e arremessou uma flecha na direção deles. Mas errou o alvo e a seta envenenada penetrou numa grande árvore da floresta. Ferida pelo veneno mortal, a grande árvore secou e perdeu as folhas e os frutos. Mas um papagaio santo havia morado toda a sua vida em um buraco do tronco da árvore, protegido pelo senhor da floresta, e não quis sair dali, tal era o seu amor por ela, embora a árvore estivesse agora enfraquecida. Silencioso e triste, imóvel e sem alimento, o agradecido e virtuoso papagaio fenecia com a árvore.

O trono de Indra esquentou; olhando para a terra, lá embaixo, ele maravilhou-se com a devoção e a extraordinária resolução do nobre pássaro, igualmente fiel na felicidade e na desdita.

"Como pode esse pássaro", refletiu ele, "ter tais sentimentos, que não encontramos nos animais inferiores? Entretanto, talvez não seja tão estranho, pois toda criatura é nobre e generosa com as outras". Então, para examinar melhor a questão, Indra assumiu a forma de um brâmane velho e aproximou-se da árvore. "Bom pássaro", disse ele, "por que não desertas dessa árvore seca?" O papagaio fez uma reverência e respondeu: "Bem-vindo, rei dos deuses; pelo mérito de minha disciplina, eu vos reconheço". "Muito bem!", exclamou a divindade de mil olhos, maravilhando-se com a sabedoria do pássaro. Então Indra tornou a perguntar: "Por que te agarras a essa árvore sem folhas, imprópria para abrigar qualquer espécie de pássaro? Renuncia a ela e escolhe alguma outra árvore, pois há na floresta, por todo lado, muitas árvores belas".

Então o papagaio suspirou: "Sou vosso servo. Eis a razão disso: aqui, nesta mesma árvore, eu nasci; aqui aprendi toda a sabedoria que tenho; aqui fiquei protegido de todos os meus inimigos. Por que procurais desviar-me de meu caminho, eu que sou compassivo e grato? Não me aconselheis a deixar a árvore; enquanto ela viveu, foi minha protetora; como posso abandoná-la agora?" Então Indra ficou muito satisfeito e concedeu à ave uma dádiva à sua escolha. O papagaio pediu esta dádiva: "Que a árvore reviva". Então Indra borrifou-a com a água da vida e ela se encheu de seiva e brotaram folhas e flores.

Assim, a árvore foi restaurada em virtude do mérito do papagaio, e ele também, ao fim da vida, obteve um lugar no céu de Indra. Assim, os homens conseguem o que querem graças à amizade com os seres virtuosos e sagrados, tal como a árvore, graças à amizade com o papagaio.

O rei, o pombo e o falcão

Contado por Bhishma a Yudhishthira

Uma vez um bonito pombo, perseguido por um falcão, caiu do céu e procurou a proteção do rei Vrishadarbha, de Benares. O rei, vendo o terror do pombo, disse-lhe: "Fica tranqüilo, bom pássaro. Por que estás quase a morrer de medo? És tão bonito, tua cor é como o azul de um lótus recém-desabrochado, teus olhos é como a flor de um árvore ashoka. Não tenhas medo, pois ninguém que pede proteção aqui precisa ter medo. Para tua proteção eu entregarei todo o meu reino; sim, se necessário for, minha própria vida. Fica tranqüilo, pombo".

Mas o falcão ouviu as palavras do rei. "Esse pássaro", disse ele, "é o alimento que me cabe. Não devias proteger minha presa lícita, obtida por um esforço estrênuo. O rei, a fome está roendo meu estômago. O pombo é a minha presa lícita e traz no corpo a marca de minhas garras. Tens o direito de intervir quando seres humanos se batem; mas que legítimo poder tens sobre os pássaros que percorrem o espaço? Ou, se procuras ganhar mérito religioso dando tua proteção ao pombo, olha também para mim, que estou quase morrendo de fome". Então o rei disse: "Pois que seja assim; um boi ou um porco, ou um cervo, será preparado para ti, pois não terás o pássaro". Mas o

falcão replicou: "Eu não como carne de boi, porco ou cervo. Os pombos são o alimento que me cabe. Mas, grande rei, se tens uma tal afeição pelo pombo, dá-me carne de teu próprio corpo, em peso igual ao do pombo".

Vrishadharba respondeu: "Grande é a tua bondade em fazer essa sugestão. Sim, o que dizes será feito". Dizendo isso o rei começou a cortar sua própria carne e a pesá-la numa balança diante do pombo. Nesse meio tempo, rainhas ornadas de ouro, ministros e servos deram um amargo grito de pesar, que se elevou no palácio como o som de nuvens ribombantes. Aquele ato de verdade levou também a terra a tremer. Mas o rei cortava a carne dos braços e das coxas, enchendo a balança em vão, porque o pássaro pesava cada vez mais em relação à carne. Quando o rei não era mais que um esqueleto, ele desejou dar todo o seu corpo e subiu para dentro do prato da balança.

Então os deuses se apresentaram, encabeçados por Indra, e ouviu-se o som de músicas celestiais; uma chuva de néctar caiu sobre o rei e enquanto isso todo o seu corpo se refez. Flores divinas caíram do céu e os gandharvas e as apsaras dançaram e cantaram; um carro esplêndido surgiu, e quando o rei nele se sentou, levou-o embora para o Céu.

"E, ó Yudhishtira", disse Bhishma, "qualquer pessoa que protege outra certamente chegará ao mesmo bom final. E aquele que contar essa história será purificado de todo pecado, e também aquele que a ouvir."

O preço das vacas

Contado por Bhishma a Yudhishtira

Houve uma vez um grande rishi chamado Chyavana. Ele seguiu a lei Udvasa por doze anos na floresta, livre do orgulho e da fúria, da alegria e do pesar. Chyavana inspirava todas as criaturas com uma alegre confiança, não só aquelas que vivem na terra como também as da água; com todos o grande sábio era tão brando quanto é suave a lua. Era este o voto que ele observava: entrando na água, na confluência do Jamna e do Ganges, ali ele ficava, como um poste de madeira inanimado, inclinando-se para a frente e sustentando sobre a cabeça a torrente forte e rumorosa das correntezas reunidas, rápidas como o próprio vento. Às vezes ele se deitava na água e dormia calmamente.

Todas as criaturas da água iam observá-lo amigavelmente e aproximavam-se de seus lábios para sentir-lhes o odor.

Um dia chegaram pescadores com redes, curvados, apanhando peixes. De peito largo, fortes e destemidos, eles viviam do que suas redes lhes rendiam. E na junção dos rios eles atiraram uma rede feita de uma corda nova, larga e comprida, e então, caminhando dentro da água, arrastaram a rede com muita força; todos eles eram audazes e dispostos, e agiam de modo coordenado. Eles apanharam muitos peixes, e com estes arrastaram o próprio Chyavana. Seu corpo parecia muito maior, ampliado pelas ervas do rio e pelas conchas que nele se haviam prendido; a barba e as mechas desgrenhadas da cabeça eram verdes. Ao ver o grande sábio, os pescadores adoraram-no de mãos postas e se inclinaram até o chão. Mas os peixes apanhados na rede e arrastados para a terra estavam morrendo, e o rishi, penalizado, dava profundos suspiros.

Os pescadores perguntaram o que poderiam fazer a fim de expiar o pecado de arrastar o sábio para fora da água. Ele respondeu: "Ouvi-me e respondi-me; ou eu morrerei aqui com os peixes ou vós vender-me-eis com eles, pois eu não os abandonarei nessa situação". Os pescadores ficaram aterrorizados, mas, empalidecidos, pegaram os peixes e o rishi e foram ter com o rei Nahusha. De mãos postas e com um ar obediente, o rei foi ao encontro do sábio. Chyavana disse: "Esses homens estão exauridos pelo seu trabalho; pagai-lhes o valor do peixe e o preço que for estabelecido para mim". Nahusha ofereceu mil moedas. Chyavana recusou: "Mil moedas não é o preço da minha pessoa. Pagai o que for justo, de acordo com vosso julgamento". Nahusha ofereceu cem mil e um milhão, a metade de seu reino e por fim todo o seu reino. Mas o rishi declarou que era muito pouco. Nahusha foi tomado de tristeza. Então um eremita dos bosques, que vivia de raízes e frutas, se aproximou e disse ao rei: "Eu satisfarei a ambos: a vós e também ao rishi; fazei o que vos sugiro, pois eu nunca falo em vão". Então Nahusha disse: "Dizei qual é o preço do sábio; salvai-me; salvai meu reino e minha linhagem; pois Chyavana, se enfurecido, destruirá os Três Mundos, a mim e a toda a minha terra. Sede vós nossa jangada sobre o mar tempestuoso".

Então o iogue disse: "Os brâmanes, ó rei, estão muito além das quatro classes de homens; neles não se pode pôr preço, por mais alto que seja, pois

seu valor é incalculável. Mas as vacas também são de valor infinito; portanto, ó senhor dos homens, deveríeis oferecer uma vaca em pagamento pelo rishi\ Então Nahusha ficou contente e ofereceu uma vaca em pagamento por Chyavana. Apaziguado, o rishi disse: "Sim, ó rei, agora me compraste por um preço justo, pois eu não conheço valor superior ao das vacas. Até mesmo falar sobre vacas ou ouvir falar delas é algo que purifica de todo pecado. As vacas são puras, a fonte e a raiz de toda prosperidade, as principais ministrantes nos sacrifícios, adoradas por todo o mundo, cheias de energia e doadoras de alegria; sem pecado é a terra onde as vacas estão felizes. Elas são os degraus que levam ao Céu; são adoradas no próprio Céu".

Então os pescadores entregaram ao sábio aquela vaca e adoraram aquele que em energia era como um fogo ardente; e ele deu-lhes sua benção aceitando a oferenda. "Ide logo para o céu, e os peixes também". Grandemente maravilhado ficou o rei Nahusha quando viu os pescadores subindo para o céu com os peixes. Então os dois rishis concederam-lhe muitas dádivas, até que ele gritou: "Basta!" Então ele adorou-os e os dois voltaram para onde moravam. Assim é a santidade e o preço das vacas.

O elefante de Gautama

A história a seguir foi relatada por Bhishma a Yudhishtira a fim de familiarizá-lo com os vários estados desfrutados pelos homens bons depois da morte.

Era uma vez um sábio compassivo e comedido chamado Gautama, que residia num eremitério da floresta. Ele encontrou um filhote de elefante que havia perdido a mãe e estava muito triste. O bom sábio cuidou do animalzinho até ele se tornar um elefante grande e vigoroso.

Um dia Indra observou aquela criatura, enorme como uma montanha, e, transformando-se no rei Dhritarashtra, agarrou o elefante e começou a levá-lo consigo. Então Gautama dirigiu-se a ele: "Rei ingrato, não leves meu elefante, que traz para mim combustível e água, que guarda meu eremitério quando estou fora, que é manso e obediente e me é muito caro". Dhritarashtra

ofereceu-lhe cem vacas, servas, ouro e pedras preciosas. Mas para que um ermitão necessita de riqueza? Dhritarashtra argumentou que os elefantes são animais reais, próprios para o serviço de reis, e quis seguir seu caminho levando o animal. Mas Gautama replicou: "Embora vás para a terra de Yama, tomarei de ti meu elefante". O rei replicou: "Vão para a terra de Yama os que são incrédulos, pecadores e dedicados aos prazeres dos sentidos". Gautama respondeu: "Na terra de Yama está a verdade, e lá o fraco pode vencer o forte". Mas o rei retrucou: "Ninguém que não seja pecador vai para Yama; eu atingirei um lugar mais elevado". Gautama respondeu: "Ainda que vás para o reino de Vaishravana, onde vivem os gandharvas e as apsaras, eu trarei de volta meu elefante". Dhritarashtra respondeu: "Bem, eu procurarei um lugar ainda mais alto". Gautama disse: "Se fores para o cume do Monte Mero, onde os bosques floridos ecoam com os cantos de kinnaras, ainda assim eu irei no teu encalço e pegarei novamente meu elefante".

Assim, falou-se em todos os locais elevados: os bosques floridos de Narada, lugar freqüentado por todos aqueles que se dedicam à dança e à música; a terra perfumada de Soma; os céus de Indra com as apsaras; os céus dos rishis; os céus de Brahma. "Lá", disse Dhritarashtra, "não poderás descobrir-me". "Mesmo lá", replicou Gautama, "eu te encontrarei e pegarei de volta meu elefante. Mas agora sei quem sois. Sois Indra, que anda pelo universo em diversas formas. Perdoai-me por minhas más palavras. Eu não sabia que éreis vós".

Então Indra ficou satisfeito por Gautama reconhecê-lo e ofereceu-lhe uma dádiva. Gautama disse que o elefante devia ser-lhe restituído; e argumentou: "Ele é tão jovem: tem apenas dez anos. Eu o criei como se fosse meu próprio filho. Nestes bosques ele tem sido o meu amigo querido". E Indra respondeu: "Vê! O elefante que tem sido tão teu amigo vem em tua direção e baixa a cabeça até teus pés. Que tudo esteja bem contigo". Então Gautama fez uma reverência para o rei dos deuses e pegou o elefante. Mas Indra o abençoou e o levou consigo, junto com o elefante, para o céu, para onde mesmo os justos dificilmente vão.

Aquele que contar ou ouvir essa história atingirá o mesmo lugar.

O trono de Vikramaditya

A lenda indiana tem associado grande santidade e fama de sabedoria ao nome de Vikramaditya, que é historicamente um rei um tanto obscuro, em geral ligado a Chandragupta II (A.D. 375-413); mas talvez o Vikramaditya dessa história seja outro, anterior a ele. De qualquer maneira, aconteceu que no tempo de um rei posterior o trono de Vikramaditya foi descoberto perto do que tinha sido a antiga cidade de Ujjayini. O rei tinha ordenado que levassem o trono para sua capital e pretendia sentar-se nele em cerimônia pomposa e, nele instalado, realizar diariamente seus julgamentos. O assento de mármore era sustentado por trinta e dois anjos de pedra. Cada dia em que o rei estava prestes a subir ao trono um desses anjos se dirigia a ele e, solicitando-lhe que não se sentasse no trono sagrado, contava-lhe a história da sabedoria de Vikramaditya.

Esta é a história relatada pela décima oitava estátua, chamada Rup-Rekha, Raia de Beleza:

Certa vez dois ermitões em disputa foram à presença do rei Vikramaditya e pediram-lhe que resolvesse sua dúvida, referente a uma questão filosófica. O rei perguntou de que se tratava e o primeiro ermitão disse: "Ó rei, eu afirmo que o Intelecto é superior à Sabedoria e à Alma, uma vez que estas e os sentidos estão submetidos ao Intelecto, visto que as Ações se originam na Mente. Assim, a Mente domina tudo". Mas o segundo ermitão disse: "É a Sabedoria que rege a Mente. Pois a Mente reprime os pensamentos rebeldes que surgem no Intelecto. Na verdade os sentidos são dominados pela Mente mas a Mente é dominada pela Sabedoria. Por meio da Sabedoria nossos sentidos são controlados e nos desenvolvemos na ioga".

O rei replicou: "Ó asceta, seguramente este corpo mortal, feito de fogo, ar, terra e água, é dominado pelo Intelecto. Mas seguindo apenas os ditames da Mente este corpo morre precocemente. Portanto, penso que a Sabedoria é maior do que a Mente, pois é a Sabedoria que nos protege contra a destruição. Além disso, aquele que é perfeito em Sabedoria não morre nunca; e nenhum iogue consegue chegar à perfeição se não tem Sabedoria".

Os ascetas ficaram, ambos, satisfeitos com esse julgamento e deram ao rei um pedaço de giz, dizendo: "Qualquer coisa que desenhardes durante o dia com esse giz ganharás a vida à noite". Dito isso, eles partiram.

O rei imediatamente se fechou sozinho num quarto e passou o dia todo desenhando deuses e deusas nas paredes. À noite todos os desenhos adquiriram vida e gritaram "Salve! Salve!" para o rei e conversaram uns com os outros. No dia seguinte o rei desenhou em uma outra parte da parede exércitos de homens, cavalos, elefantes e outras criaturas, e à noite ficou encantado por encontrá-los vivos. No dia seguinte, novamente, ele desenhou gandharvas e apsaras que tinham nas mãos tambores, alaúdes e instrumentos de cordas, e à noite eles se tornaram vivos e tocaram primorosamente, de acordo com as leis da música.

Assim, o rei passava os dias desenhando e as noites vendo desenhos vivos, e negligenciava todas as rainhas e os deveres de Estado. Uma noite as rainhas chorando e lamentando-se nos seus esplêndidos palanquins foram encontrá-lo. Vikramaditya perguntou-lhes por que elas choravam. "O senhoras", disse ele, "por que vossos rostos estão pálidos como a lua?" Uma delas respondeu numa voz doce: "Ah, Marajá, prometestes nunca deixar-nos sós; por que, então, desertastes agora?" Mas o rei não lhe deu atenção; estava absorvido, olhando para as figuras que se moviam na parede.

No dia seguinte, quando todos os desenhos da parede estavam novamente imóveis, as rainhas tornaram a falar ao rei, suplicando-lhe que não as deixasse no infortúnio.

Ele sorriu e perguntou: "O que devo eu fazer, então?" "O rei", responderam elas, "se concordais em conceder-nos uma dádiva, então dai-nos o giz que tendes em vossa mão direita". Então Vikramaditya entregou o giz às rainhas e a partir daquele momento elas o conservaram escondido. Nunca, desde então, os desenhos ganharam vida.

Os Ashvins

Os Ashvins são gêmeos divinos de grande beleza e mestres de medicina. A princípio não lhes era concedido um lugar entre os deuses por causa de sua origem humilde; mas o rishi Chyavana, que deles recebeu a juventude perpétua, obteve de Indra que eles participariam das oferendas.

Conta-se esta história sobre a obtenção da eterna juventude por Chyavana:

O idoso rishi Chyavana tinha uma bonita esposa, Sukanya — que significa "Bela Donzela". Um dia os Ashvins viram-na no banho, sem roupa alguma. Eles se acercaram dela e perguntaram: "O menina de pernas bonitas, de quem és filha e o que fazes aqui nestes bosques?" "Saibam que sou filha de Saryati e esposa de Chyavana". Os Ashvins responderam: "Por que teu pai deu-te a um homem tão idoso e que já está perto da morte, se és radiante como um relâmpago de verão? Não vimos igual a ti nem mesmo no céu. Nua de adornos como estás, ninguém, a não ser tu, embeleza toda a floresta; como parecerias mais bonita usando roupas suntuosas e jóias esplêndidas! Deixa teu marido idoso e toma um de nós, pois a juventude não dura".

Ela respondeu: "Sou dedicada a meu marido Chyavana". Eles tornaram a suplicar-lhe, dizendo: "Nós somos os médicos do Céu. Tornaremos jovem e bonito teu marido; então escolhe entre nós três — nós dois e ele — quem queres por marido!"

Bela Donzela contou a Chyavana o que lhe fora dito e ele consentiu. Então os Ashvins mandaram Chyavana, que estava muito interessado em recuperar a juventude, entrar na água, e eles também mergulharam na água do poço. Pouco depois apareceram os três em radiantes figuras juvenis, usando brincos lustrosos. Todos tinham a mesma aparência, agradabilíssima de ver, e pediram a Bela Donzela: "Escolhe um de nós para ser teu marido. Escolhe aquele que mais desejares". Mas Bela Donzela viu que todos tinham a mesma aparência e hesitou por longo tempo; quando finalmente reconheceu seu marido, só então, ela escolheu, e não escolheu outro senão ele.

Chyavana, contente por ter de volta não só a juventude e a beleza como também sua esposa, prometeu, em recompensa, obter para os Ashvins o direito de participar das oferendas de suco de soma feitas aos deuses. Os gêmeos, não menos contentes, tomaram seu caminho para o Céu. E Chyavana e Bela Donzela viveram juntos muito felizes, assim como os deuses.

A história de Dhruva

Entre os mitos que representam uma interpretação espiritualizada das estrelas, a verdadeira jóia é provavelmente a história de Dhruva. Esse mito é

abertamente um relato de como a Estrela Polar veio a ser tão firme, e o nome indiano para estrela polar é Dhruva-lok, ou Lugar de Dhruva.

Dhruva era uma criança e um príncipe, o filho mais velho de um rei e de sua principal rainha. Entretanto uma esposa mais nova ganhara grande ascendência sobre a mente do pai de Dhruva e, em consequência do ciúme e da antipatia que ela nutria pelo príncipe e por sua mãe, Suniti, os dois foram banidos da corte e mandados para uma cabana na borda de uma grande floresta para ali viver em isolamento. Estamos tratando, devemos lembrar, de uma história indiana do período em que toda história constitui uma epopéia da alma, e na epopéia da alma o evento principal é aquele que faz surgir uma aversão pelo mundo material. O jovem Lutero vê seu amigo cair morto, atingido por um raio, e imediatamente entra para uma ordem monástica.

Na história do menino Dhruva a crise surge quando ele tem sete anos de idade e pede à mãe que lhe conte quem é seu pai. Informado, o menino tem ainda outra pergunta: ele pode ir ver seu pai? A permissão lhe é dada prontamente e no dia aprazado o menino parte. Sentado no joelho do pai, em meio a toda a alegria de seu amor e da boa acolhida — pois o meninozinho é o preferido do rei —, acontece a grande desilusão. Entra a madrasta de Dhruva, e o pai, vendo a cólera em sua face, apressadamente põe o filho no chão.

Profundamente ferida, a criança se volta, sem falar, e em silêncio sai furtivamente. Procura apoio e não encontra nenhum. Até mesmo o amor mais forte do mundo, o de um pai, e sendo esse pai um rei, está sem força ou coragem para ser fiel e proteger. Chegando à casa de seu exílio, o menino tem apenas uma pergunta para fazer à zelosa mulher que esperou tão ansiosamente pela sua volta: "Mãe, há alguém no mundo mais forte que meu pai?"

"Ah, sim, meu filho", disse, admirada, a rainha; "há Olhos de Lótus. Nele está toda a força". "E, mãe", indagou a criança gravemente, "onde mora Olhos de Lótus? Onde ele pode ser encontrado?" Havia naquelas palavras simples uma sugestão de perigo, uma nota de rompimento que iria lançar sua sombra sobre os anos futuros? Deve ter havido, porque a mãe deu, como se receosa, uma resposta que de bom grado tornaria impossível a procura.

"Onde mora Olhos de Lótus, meu filho? Ah, no coração da floresta, onde vive o tigre, onde vive o urso. É lá que ele mora."

Naquela noite, quando a rainha dormia, a criança se ergueu sorrateiramente do leito para ir ao encontro de Olhos de Lótus. "O Olhos de Lótus, eu vos dou minha mãe!", disse ele enquanto parou por um momento ao lado da mãe. Depois, quando parou no limiar da porta: "O Olhos de Lótus, eu me ofereço a vós!" E caminhou corajosamente floresta adentro. Caminhou muito. A dificuldade nada representava, a distância nada representava. Ele era uma criança e ignorava os perigos do caminho. E o menino caminhou, caminhou, sem fraquejar. Depois de algum tempo, ainda seguindo seu caminho através daquela floresta impenetrável, encontrou os Sete Sábios mergulhados profundamente em sua adoração, e parou para pedir-lhes que lhe informasse qual era o caminho. Por fim ele chegou ao coração da floresta e ali parou, esperando. Enquanto esperava veio o tigre, mas o menino Dhruva caminhou para ele ansiosamente, perguntando: "Sois ele?" E o tigre, envergonhado, virou-se e o deixou. Então veio o urso, e outra vez Dhruva perguntou: "Sois Ele?" Mas o urso também baixou a cabeça e foi embora.

Então, enquanto o menino de coração firme ainda esperava e vigiava, um grande sábio, o próprio Narada, apareceu diante dele. E Narada deu-lhe uma oração e mandou-o sentar-se ali, no coração da floresta, e fixar toda a sua mente na oração, dizendo-a incessantemente, pois desse modo ele sem dúvida encontraria Olhos de Lótus. Assim, lá, no coração da floresta, onde vemos a Estrela Polar, está sentado Dhruva, recitando sua prece. Há muito tempo ele encontrou Olhos de Lótus — encontrou-o em seu próprio coração —, pois fixou a mente em sua oração com uma firmeza tão perfeita que, mesmo quando as formigas brancas vieram e construíram à sua volta o enorme formigueiro do céu da meia-noite, o menino Dhruva não soube de nada, nunca se moveu. Ali, sem um movimento, inteiramente absorvido, ele sentava, e ainda senta, adorando Olhos de Lótus para todo o sempre.

Shani

No conjunto da literatura conhecida como Puranas inclui-se uma enorme quantidade de mitos desconhecidos de todos, menos dos hindus contemporâneos que se interessam pelo assunto. No entanto, todos esses mitos devem ter tido importância na época de sua origem, e por um exame cuidadoso poderiam levar à revelação de seu segredo histórico. Uma lenda

curiosa nesse sentido diz respeito a Saturno (Shani). No nascimento de Ganesha, o filho mais velho da mãe do Universo, seu berço foi visitado, segundo se afirma, por deuses e semideuses. Houve apenas uma exceção. Shani não compareceu. A Grande Mãe notou esse fato e quis saber a razão daquela ausência. Disseram-lhe que Shani temera causar dano ao filho dela, pois sabia-se que seu olhar podia reduzir a cinzas a cabeça daquele em quem ele pousasse. Com um orgulho afável a mãe sorriu e enviou a Shani um caloroso convite, garantindo-lhe que seu filho não estava sujeito ao poder dele. Assim, Shani fez sua visita. Mas, para o horror de todos os presentes, quando ele olhou para o bebê a cabeça da criança desapareceu instantaneamente numa chama. Shani era maior do que qualquer um teria suspeitado.

A mãe ficou profundamente perturbada com essa catástrofe e num tom áspero ordenou ao hóspede que de alguma forma restaurasse a cabeça de seu filho. Mas Shani sorriu suavemente e salientou que a cabeça, como tal, já não existia mais; estava ali, em cinzas, diante deles. "Então envia um criado e que ele me traga a cabeça do primeiro bebê que encontrar!", ordenou a mãe, e Shani só pôde mesmo obedecer. Apenas aquele que cometeu alguma falta pode estar sujeito a Shani, e seu emissário não encontrou ninguém inadvertidamente praticando más ações, até que repentinamente deparou com um elefante dormindo com a cabeça para o norte. Essa falta insignificante colocou-o sob o poder de Shani, e o criado cortou-lhe apressadamente a cabeça e voltou para colocá-la no corpo da criança. É por essa razão que Ganesha tem cabeça de elefante.

Duas ou três questões são dignas de nota nesse ponto. Evidentemente a intenção da história é mostrar o poder de Shani e, conseqüentemente, a necessidade de sua propiciação. Mas, obedecendo como sempre à tendência para a síntese manifestada pelos hindus, o novo pretendente a honras mais ou menos divinas é também levado a explicar alguma anomalia da fé que o antecedeu. E a fé a que Shani se liga, a árvore em que a nova crença se enxerta, é o culto de Ganesha, talvez o mais antigo dos cultos populares hindus organizados e com sacerdotes. Esse fato, por si só, demonstra a antigüidade da propiciação de Shani. É interessante também observar que esse mesmo aspecto da imagem de Ganesha, que é tão anômalo e torturante para nós, foi mantido semelhantemente inexplicável na época da introdução de

Saturno e dos outros planetas. Todo e qualquer traço de simbolismo que essa cabeça branca num corpo vermelho expressasse originalmente, fosse o sol poente encoberto por nuvens ou sabe-se lá o que mais, estava há muito tempo esquecido. E os filhos de Ganesha, não duvidando de sua divindade, estavam prontos para aceitar qualquer explicação que lhes pudesse ser oferecida sobre sua origem. Essa explicação veio, junto com a novidade do culto dos planetas, de um povo que temia e aplacava suas divindades. Muito tempo antes o culto do bondoso Ganesha havia chegado aos países do Oriente longínquo, e agora o temor a Shani havia se acrescentado a ele na terra de seu nascimento a partir de fontes estrangeiras. Teria sido a Caldéia o centro do qual se irradiou esse culto dos planetas?

Imagens de estrelas

Para a maioria de nós houve talvez uma hora dourada da infância em que devaneamos com o mesmo amor e reverência do homem primitivo pelo céu estrelado. Nos tempos primitivos, especialmente nos países quentes do sul, onde o dia era uma agonia e a noite um regalo, a aproximação do pôr-do-sol devia ser aguardada por mentes contemplativas como a abertura de um grande livro, o único então existente. Inegavelmente a paixão pela astronomia decresceu com o desenvolvimento do que conhecemos como civilização. Nós, da Europa, seríamos hoje incapazes de dividir uma Igreja por causa de diferenças de opinião sobre a data da Páscoa.

A ciência primitiva se entretencia inextricavelmente com o estudo das estrelas pela simples razão de cedo o homem ter se tornado desejoso de fixar uma data. Dificilmente podemos duvidar que esse tenha sido o quarto dos grandes passos pelos quais evoluímos para a condição de humanidade. Primeiro, a definição e a acumulação da linguagem; em seguida a utilização de pedras como ferramentas; depois a descoberta do fogo, e, ao fim de tudo isso, a medição do ano. Hoje, com nossas complexas teorias do cosmo, o instrumento óbvio de medição do tempo parece ser o sol, que com a mudança do comprimento das sombras imprime os passos de seu progresso hora a hora, estação por estação. E de um modo assim empírico alguma coisa desse tipo pode ter estado por trás da antiga sacralização dos pilares, postes e obeliscos. Embora sendo o clímax de uma grande teoria científica sobre o

assunto, na contagem de tempo o sol é apenas o sucessor da lua, pois o cálculo do ano pela coincidência da lua cheia com uma determinada constelação já era consideravelmente antigo quando surgiu a medida solar.

Um olhar de relance mostra-nos como se desenvolveu o processo. À medida que as nações se organizaram e se consolidaram, a primitiva ciência popular de medição do tempo se transformou numa importante função sacerdotal e num grande mistério. O ano era cultuado em conjunto e também em suas partes componentes. A reverência com que as mulheres da Grécia consideravam alguns de seus festivais anuais de purificação é sem dúvida o vestígio de um estado de coisas mais antigo, no qual eles eram responsáveis pelo cômputo ansioso do ano circular. Os festivais hindus, dispersos por todos os meses lunares, já constituíram passos com os quais as pessoas se asseguravam da repetição de dias específicos. A produção dos calendários conserva, mesmo hoje, algo desse remoto caráter religioso. Assim, a ciência antiga se ligava à religião, e as estrelas foram observadas antes de a lua ou o sol terem sido conhecidos, ainda que confusamente.

Um livro de imagens

Seria um engano, entretanto, pensar que o olhar daquele homem primitivo para o céu da meia-noite era sempre sério. Naquela época longínqua a página azul e prateada foi para ele mais que um mundo de reflexão e reverência, mais que uma esfera de crescente inquirição e conhecimento ampliado. Ela foi também um gigantesco livro de imagens, uma história maravilhosa e absorvente. Quantos dos seres semidivinos que povoavam a fantasia desse homem primitivo poderiam ser vistos à noite brilhando lá em cima, contra o azul! Há quanto tempo deve ter sido reconhecido o herói que viaja pelo espaço seguido por seu cão! E até hoje o nome bengalês de Orion — Kal-Purush, o Homem do Tempo — nos diz algo sobre seu significado antigo. Estranhas relações de causa e efeito sem dúvida foram afirmadas sobre aquele herói-mundo. Algo semelhante a diferenças de opinião teológica pode ter ocorrido entre diferentes povos com relação às várias funções de uma determinada constelação na economia divina. Os homens tinham sonhado por muito tempo com um imenso pássaro cujas asas eram as nuvens, cujos movimentos eram sentidos como o vento, que carregava o sol e as estrelas em

sua trajetória circular. Ora, perscrutando avidamente os céus na hora do nascer e do pôr-do-sol ou nas mudanças de estação, quando o tempo e as chuvas diziam o que se podia esperar para as próximas colheitas, se ao anoitecer se conseguia divisar vagamente os vastos contornos de um pássaro no desenho imperfeito formado por sóis distantes, por que Aquila ou Garuda, a Águia divina, não poderia ser considerado o carcereiro da luz que estava desaparecendo? Um povo pode perfeitamente ter visto nas estrelas da Ursa Maior o leito do deus sol, ao passo que para outro elas eram suas rédeas. Quantas das mais belas histórias da mitologia antiga poderiam assim se revelar no fundo narrativas sérias e simples de ocorrências astronômicas; quantos dos Trabalhos de Hércules, por exemplo, foram na realidade histórias de sua constelação! Se Alceste devolvida à casa de Admeto não é, na verdade, o sol trazido de volta para seu lugar entre as estrelas, ou se Perseu não foi sempre considerado um herói visto em esboço entre Andrômeda e Cassiopeia — essas perguntas, e outras semelhantes, talvez nunca venham a ser totalmente respondidas. Somos capazes apenas de escrever um pouco sobre a periferia desse extenso assunto, mas não podemos decifrar a história completa da origem psicológica da mitologia. Uma coisa, entretanto, é inteiramente certa: o mundo divino das estrelas, o grande palco das almas brilhantes, era, de saída, um mundo confuso. O homem tinha seus pontos luminosos de compreensão, pois em atos arbitrários de devoção ou de espanto dedicava determinadas estrelas a personagens; mas não podia esboçar um plano geral.

Agastya

Podemos ver bastante facilmente que diferentes comunidades podem ter adotado diferentes pontos de partida em seus estudos do céu da meia-noite ou em sua medição de tempo. Talvez uma tribo observasse os movimentos da estrela Agastya, nome com que então se chamava Canopo, segundo se afirma. A idéia claramente indiana de que os heróis do céu eram almas meditativas, mergulhadas na reflexão e brilhando com uma luz da qual não tinham consciência, deve ter sido elaborada gradualmente; mas com sua aceitação final a estrela Agastya viria a ser conhecida como Agastya-Muni, ou Agastya, a Sábua, enquanto as tribos que mediam o ano por Canopo — como podem ter

feito os Cholas, Cheras e Pandyas, no sul da Índia — começariam a vê-la como um ancestral divinizado ou canonizado. Num vale do Himalaia há uma aldeia antiga chamada Agastya-Muni. Nessa aldeia viveu alguma tribo pré-histórica ou o segredo dessa homenagem não poderá jamais ser penetrado?

O nome dessa Agastya Canopo é bastante conhecido no folclore do hinduísmo. De acordo com uma história ela engoliu o oceano. De acordo com outra ela partiu no primeiro do mês para o sul e no seu caminho do Himalaia para o oceano passou pelo Vindhya. Então houve, por um longo tempo, uma pendência entre as duas cadeias de montanhas, a do Himalaia e a do Vindhya, sobre qual delas levantava mais alto as cabeças. O Vindhya, por sua ambição, tinha ameaçado apagar a luz para os mortais. Como a grande Agastya passava, no entanto, o Vindhya não pôde se recusar a curvar-se em reverência, o que levou a astuta sábia anciã a dizer: "Está bem, meus filhos! Permaneçam assim até que eu volte!" Ao atingir as praias do Sul, no entanto, ela mergulhou no oceano e nunca mais voltou, razão pela qual o Vindhya conserva suas cabeças abaixadas até hoje. Numa referência a essa história sempre se diz daquele que parte no primeiro do mês que ele realiza uma Agastya-Jatra, a viagem de Agastya, e é mais do que sugerido que ele pode não voltar. Enquanto isso a figura da partida do Norte para o Sul, o mergulho final no oceano, o nunca mais voltar pelo caminho que veio — embora nas noites estreladas ela seja vista passando sobre as cabeças do Vindhya, vindo do Norte —, soa notavelmente como uma versão popular da observação astronômica de uma estrela brilhante que desce abaixo da linha do horizonte.

A Ursa Maior

Mas Agastya Canopo não foi a única progenitora estelar dos homens. A fantasia primitiva se aplicou às sete estrelas da Ursa Maior. Contam-se histórias sobrenaturais sobre a flecha mortal — arremessada no fim do ano pelo Caçador Selvagem —, a flecha que matou o sol. E os homens amavam, como sempre amaram, a luz branda das Plêiades, das Mulheres Tecelãs, das Donzelas Dançarinas, entre as quais brilhava Rohini, a Rainha do Céu. Arundhati, a Coroa do Norte, foi outra das estrelas que levou à prosperidade um povo predestinado. Sírius, a estrela-Cão, fez o mesmo. E devemos lembrar

que em todos esses casos a personificação pode, por uma série natural de transições, tornar-se um culto ao ancestral.

A Estrela Polar

Afirma-se que o mais antigo dos deuses masculinos antropomórficos é a Estrela Polar, e há um toque de humor na maneira pela qual ela é freqüentemente representada nas páginas da mitologia antiga. A Estrela Polar, ao que parece, pela sua posição solitária no ápice do sistema estelar, fez surgir a idéia de um deus que tinha um único pé. A idade dessa concepção pode ser estimada no momento em que sabemos que as tribos selvagens da Austrália têm uma estrela-deus, Turunbulun, que é senhor e protetor das Plêiades, e possui apenas um olho e um único pé. Depois disso Odin, ou os Ciclopes com um único olho, ou Hefestos, o Ferreiro do Céu, com seu pé aleijado, não nos surpreendem. Além disso esse deus manco constitui um óbvio degrau para o pé de cabra do grande deus Pan, aquela profunda e terna concepção asiática que penetrou nas idéias helênicas vinda da Frígia mais antiga. Embora seja difícil acreditar, afirma-se que a divindade Estrela Polar foi, numa época, identificada como cabra. Assim, o Rig-Veda contém várias referências a Aja-Ekapada — um nome que pode ser traduzido como Cabra de um Pé ou O Não-nascido de Um Pé. Supõe-se geralmente que a segunda dessas versões seja a correta, e que ela se refira ao sol. E não fora pelo grande deus Pã e seu único pé de cabra, a mitologia comparada teria tido de concordar. De fato, não é fácil ignorar inteiramente essa versão quando lemos no Veda que "ele, que tem um pé, ultrapassou aqueles que têm dois". Para alguém da nossa época isso soaria mais como o sol do que como a Estrela Polar. Mas o antigo cantor possivelmente queria dizer que ele, que tinha apenas um pé, havia atingido o domínio e a altura do universo. Nesse sentido, do ápice do cosmo, Aja-Ekapada está constantemente oposta a Oceano e o Dragão das Profundezas, que supostamente seria a Nuvem de Chuva, o ventre de toda vida, e personificaria o vasto e incomensurável abismo do céu meridional. Assim, temos um par de deuses — deuses do norte e deuses do sul.

Capítulo VIII

CONCLUSÃO

Resumo da teologia indiana

O esquema a seguir expõe muito resumidamente as concepções fundamentais da teologia e cosmologia indianas, tal como pressupostas na maioria dos mitos e lendas narrados aqui.

Os deuses

A Realidade Única, Absoluta, é Brahman (neutro), que, assumindo atributos, torna-se Ishvara, deus ou senhor. Ishvara tem três aspectos, a saber: Brahma, Shiva e Vishnu, com as Shaktis, ou energias, Sarasvati, Devi, e Lakshmi. Os adoradores afirmam que um desses aspectos é o mais alto Ishvara, variável conforme a seita a que eles pertencem; quanto aos dois outros, eles os consideram meras divindades. Conseqüentemente, há uma certa confusão de status nas lendas, de acordo com o ponto de vista sectário a partir do qual elas são relatadas. As seitas mais importantes são: os shivaítas, que adoram Shiva, os vaishnavas, que adoram Vishnu (principalmente nos seus adaptares, como Rama ou Krishna), e os shaktas, que adoram Devi como o Supremo. Quase todo adorador indiano é monoteísta; para o adorador não há nenhuma confusão entre Deus e deuses.

Os avatares são encarnações especiais assumidas por porções do Supremo para ajudar nos processos da evolução e da libertação. Normalmente se reconhecem dez desses avatares do supremo Vishnu, dos quais Rama, Krishna e Buddha são os últimos e Kalki ainda está por vir. "Em qualquer ocasião em que a lei falhar", diz Shri Krishna, "e a ilegalidade surgir, ó tu, do povo Bharata, então eu me faço nascer corpóreo. Para proteger os justos, para destruir os malfeitores, para estabelecer a lei, estou sempre nascendo."

Nomes diferentes

Uma fonte de confusão para o estudante de mitologia indiana surge inicialmente nos muitos nomes pelos quais uma e a mesma Divindade Suprema pode ser conhecida.

Os nomes mais importantes são, para Shiva: Mahadeva, Hara e Nataraja, e para Vishnu: Hari, Narayan. Gradualmente se adquire uma familiaridade com esses nomes e entende-se que os nomes diferentes referem-se aos vários aspectos do Ser Único. Pois os deuses têm uma consciência múltipla e pela divisão de seus atributos aparecem e agem em muitos lugares e de muitas formas ao mesmo tempo. Cada deus, seja ele Ishvara ou deva, tem um aspecto ou um equivalente feminino. Essas esposas são as Shaktis ou poderes sem os quais seria impossível haver criação ou evolução. Por exemplo, a Shakti de Shiva é Devi, e alguns de seus outros nomes são: Sati, Uma, Durga, Chandi, Parvati, Kali; é ela que é venerada por muitos milhões como a mãe, e todos esses adoradores ao falar de Deus dizem "Ela". A grande distinção de sexo atravessa todo o Universo, e a psicologia do sexo é a mesma em toda parte: todas as coisas que são masculinas provêm de Shiva e todas as que são femininas provêm de Uma.

Poderes cósmicos

Diferentes de Ishvara são os devas, Indra, Agni, Varuna e Yama, antigos poderes cósmicos personificados que eram os únicos cultuados nos velhos tempos védicos, antes do surgimento de Shiva e de Vishnu. Esses devas vivem em Swarga, um paraíso olímpico; concedem diversas dádivas a seus adoradores, mas nunca são salvadoras de almas. Sua estrutura moral é como a dos homens, e Swarga é um lugar onde todos os desejos são satisfeitos, onde também os seres humanos recebem a recompensa pelas boas ações nos intervalos entre um nascimento e outro. Os devas não cumprem tapas (ascetismo) nem se sacrificam pelo mundo, nem tampouco encarnam como avatares. Os seres humanos, por tapas ou sacrifícios rituais, e geralmente por boas ações, podem atingir um lugar no Swarga e mesmo a posição de um deva; mas isso não contorna a necessidade de renascimento na terra, nem deve ser visto com um sentido de salvação (mukti, moksha) ou como equivalente à obtenção do nirvana. Nirvana é um estado, Swarga, um lugar.

Entre os devas estão Kamadeva e sua esposa Rati. No Swarga os devas se associam aos rishis, (incluindo, por exemplo, Narada, Vishvamitra, Vashishta etc.) e aos Prajapatis (incluindo Daksha); os primeiros são sacerdotes e os últimos são os adoradores dos devas. O Swarga é também a fonte de uma série de seres míticos, as apsaras, os gandharvas, os kinnaras e os animais especiais, que são veículos dos deuses, como o Garuda de Vishnu e o rato de Ganesha. As apsaras são as dançarinas da corte de Indra; os gandharvas e os kinnaras são os músicos, e estes têm formas que são apenas parcialmente humanas, sendo a natureza de alguns parcialmente animal e a de outros parcialmente de pássaros. Apsaras, gandharvas e kinnaras não entram no ciclo de encarnação e evolução humanas, mas, como as fadas da mitologia ocidental, podem em raros casos fazer aliança com seres humanos.

Yama, apesar de ser um dos devas, é o Senhor do Hades, onde as más ações dos seres humanos são expiadas nos intervalos entre um nascimento e outro. É preciso frisar que uma parte do intervalo entre os nascimentos é passada no Hades, um lugar no Céu, variando sua duração de acordo com a proporção entre mérito e demérito alcançada pelo indivíduo em questão. Os demônios (asuras, daityas, rakshasas) estão constantemente em guerra contra os devas, representados pedindo a ajuda de Brahma, Shiva ou Vishnu.

O universo

Quando se fala da cosmologia hindu deve-se pensar sobretudo no nosso sistema solar; mas evidentemente princípios semelhantes são aplicáveis a qualquer outro sistema ou a um universo inteiro composto de muitos sistemas.

Não se pode imaginar a criação original do universo; mas há alterações, parciais e completas, de manifestação e retração. No começo de um ciclo (kalpa) o mundo é criado pelo aspecto Brahma de Ishvara; durante o ciclo ele é sustentado por Vishnu; e no fim, como Shiva, ele o destrói. Esse processo cósmico ocorre de acordo com o seguinte esquema de tempo:

Um ciclo, ou Dia de Brahma, um kalpa, o período de duração do sistema solar, é doze mil anos dos devas, ou quatro bilhões e trezentos e vinte milhões de anos-terra. No começo de cada Dia, quando Brahma acorda, os "Três Mundos", tão freqüentemente mencionados nos mitos, junto com os devas,

rishis, asuras, homens e criaturas, se manifestam novamente de acordo com seus merecimentos (karma, feitos); apenas aqueles que no kalpa anterior obtiveram libertação direta (nirvana, moksha) ou que transpuseram os Três Mundos, passando para planos mais elevados, não mais reaparecem. No término de cada Dia os Três Mundos, com todas as suas criaturas, novamente se desintegram no caos (pralaya), conservando apenas um germe latente de necessidade de voltar a se manifestar. A Noite de Brahma tem a mesma duração do dia.

A vida do nosso Brahma ou Ishvara é cem Brahma-anos, e no fim desse tempo não apenas os Três Mundos como também todos os planos e todos os seres — o próprio Ishvara, os devas, os asuras, os homens, as criaturas e a matéria — novamente se desintegram no caos (maha-pralaya, o "grande caos"), durando outra centena de Brahma-anos, quando aparece um novo Brahma e uma nova criação. Ver-se-á que todas as alternâncias de evolução e involução, tanto as maiores quanto as menores, são apresentadas como necessárias por lei natural — a força latente da ação passada (karma). A casualidade governa toda existência condicionada. O esquema inteiro é altamente científico.

O dia de Brahma é dividido em catorze manvantaras, sendo cada um deles presidido por um Manu, ou professor. Cada manvantara é seguido de um Dilúvio que destrói os continentes existentes e engole todos os seres vivos, exceto os poucos que são preservados para o repovoamento do planeta. O nome do nosso Manu é Vaivasvata, que é a fonte das Leis de Manu, formulando a estrutura básica da sociedade hindu. O dia de Brahma é também dividido em mil ciclos-yuga (maha-yuga), sendo cada um deles composto de quatro idades, Satya, Treta, Dvapara e Kali, das quais as últimos três são períodos de degeneração progressiva. Os quatro yugas juntos duram 4.320.000 anos; o primeiro, 1.728.000, o segundo, 1.296.000, o terceiro, 864.000 e o último, 432.000. O ano presente (1913) é o ano 5.013 do yuga Kali do atual maha-yuga; esse maha-yuga é o vigésimo oitavo do sétimo manvantara do nosso kalpa, chamado o kalpa Varaha, porque nele Vishnu encarnou como um javali (varaha); e esse kalpa é o primeiro dia do quinquagésimo primeiro ano da vida do nosso Brahma.

Os acontecimentos relatados no Mahabharata ocorreram no yuga Treta de nossa maha-yuga; os do Ramaiana no yuga Dvapara. As histórias mais antigas de batalhas de deuses e asuras e as lendas dos rishis recuam bem mais no passado; a Batedura do Oceano, por exemplo, aconteceu no sexto manvantara; o elefante escapou do crocodilo no quarto manvantara; a encarnação no javali ocorreu no primeiro; e o surgimento de Brahma, que por causa de sua origem de um broto de lótus que nasceu no umbigo de Narayana se chamou O Nascido do Lótus, deu-se bem no início do kalpa.

Os Três Mundos (trilokí), aos quais se fazem constantes referências, são o plano físico (Bhur), o plano astral (Bhuvar) e o Céu (Swarga); apenas esses três, com seus infernos, participam da criação e dissolução diárias. Eles constituem também o Samsara, ou círculo do renascimento, a condição de nascimento e renascimento em que o desejo (kama) e a personalidade (ahamkara) são os regentes da vida. Acima dos Três Mundos existem quatro outros planos que duram todo o período de vida de um Brahma; eles são atingidos pelos que passam além dos Três Mundos sem conseguir libertação direta; estes vão até Ishvara e a conseguem com ele no encerramento de um período de cem anos-Brahma.

Abaixo dos Três Mundos estão os sete Patalas, ou mundos subterrâneos (diferentes do reino de Yama); estes são habitados pelas nagas, serpentes semi-humanas que têm uma rica civilização material própria. Esses submundos são sustentados pelas cabeças da naga Ananta (Infinitude), que também sustenta Narayana durante seu repouso na Noite de Brahma.

A terra é sustentada por oito elefantes, um em cada quadrante. Há também deuses guardiões dos quadrantes para o leste, sul, oeste e norte, sendo eles Indra, Yama, Varuna e Kuvera. De acordo com os budistas, entretanto, os guardiões dos quadrantes são os regentes desses deuses, e são esses regentes que estão representados nas figuras divinas indianas mais antigas, as do Bharhut Stupa (século II a.C). Antes disso os brâmanes tiveram também representações dos devas, mas elas foram feitas com materiais não duráveis; ao passo que as representações de Ishvara e do Buddha Supremo são um desenvolvimento posterior, atingindo seus tipos mais elevados no século VII ou VIII.

A causa original da criação é inexplicável, pois, num universo condicionado pela causalidade, antes de uma causa deve haver outra, infinitamente. Mas o processo de manifestação ou criação é considerado mais propriamente como atemporal e igualmente passado, presente ou futuro. Nenhum propósito pode ser atribuído a essa Vontade, um fato que se representa miticamente dando-se ao processo de criação do mundo o nome de Lila, o entretenimento de Deus; ou então dizendo-se que o Ser deseja contemplar o reflexo de sua própria perfeição refletido no Não-Ser.

Geografia mítica

É preciso também expor a geografia mítica do nosso sistema. Há sete ilhas-continentes cercadas por sete mares. Jambu-Dwipa (o mundo) é o mais secreto deles; no centro desse continente surge a montanha de ouro, Meru, elevando-se oitenta e quatro mil léguas acima do nível do mar. Em torno da base do Meru estão as montanhas que são linhas divisórias do planeta, das quais o Himalaia fica ao sul; a terra de Bharat-Varsha (Índia) fica entre o Himalaia e o mar salgado. O Meru é apoiado por quatro outras montanhas, cada uma com dez mil léguas de altura. Destas, uma é Mandara, usada como pivô para a batida do oceano. O nome do continente Jambu-Dwipa deriva da árvore jambu, que cresce em uma dessas quatro montanhas. Seus frutos são grandes como elefantes; quando maduros, eles caem sobre a montanha e seu suco forma o rio Jambu, cujas águas dão saúde e vida àqueles que as bebem. Há também lagos e florestas e contrafortes de montanha.

No cume do Meru está a cidade de Brahma, que se estende por catorze mil léguas e é famosa no Céu. Rodeiam-na as cidades de Indra e de outros regentes das esferas. Em volta da cidade de Brahma corre o Ganges, circulando-a. De acordo com um relato, o rio divide-se em quatro, correndo em direções opostas; de acordo com outros, o Ganges, depois de escapar do céu e das trancas de Shiva, divide-se nos sete rios sagrados da Índia. Nos contrafortes vivem os gandharvas, os kinnaras, e os siddhas; os daityas, asuras e rakshasas vivem no vale. Todas essas montanhas estão incluídas no Swarga (Paraíso), onde se usufrui o fruto das boas ações. Bharat-Varsha (Índia, ou talvez todo o mundo humano) é uma das nove terras, situadas nas áreas cercadas pelas várias montanhas já citadas. Dessas nove, é apenas em Bharat-Varsha que há tristeza, exaustão e fome; os habitantes de outras varshas estão livres das desgraças e das dores, e neles não há distinção de yugas. Bharata é a terra do trabalho, onde os homens realizam ações, ganhando um lugar no Céu ou a libertação; ou talvez o renascimento no Inferno, de acordo com seu merecimento. Assim, Bharata é a melhor das varshas; outras varshas são para diversão apenas. São felizes aqueles que renascem, mesmo que tenham sido deuses, como os homens de Bharat-Varsha, pois é esse o caminho para o Supremo.

História da teologia

Com referência à história de algumas idéias de que aqui falamos: dos hinos do Rig-Veda que remontam a um tempo em que os arianos ainda não estavam estabelecidos no vale do Ganges, e viviam entre os tributários do Indo, ficamos sabendo de um tempo em que não havia castas nem culto privilegiado, nem sistema bramânico de governo, mas havia muitas tribos pastorais, governadas por régulos hereditários. A antiga religião védica consistia na adoração dos poderes personificados da natureza, deuses do céu, do ar e da terra. Gradualmente a crença nessas várias divindades cede à convicção de que elas são manifestações do Único, que tem muitos nomes, entre os quais Prajapati e Vishvakarman, chamado finalmente Brahman, uma palavra que nos hinos mais antigos não significa nada mais que o poder da oração, semelhantemente, de certo modo, à concepção cristã do Logos. A isso se agregou a idéia de que esse Brahman não era outro senão o Eu que a tudo penetra (atman), conhecê-lo é conhecer tudo. Assim, temos lado a lado duas fases da religião: o antigo culto sacrificial — por meio do qual o homem ganha um lugar no Paraíso graças ao comportamento moral e às oferendas feitas aos deuses — e a busca do mais alto conhecimento, o conhecimento do Brahman. Essa proposição foi atingida antes da época de Buddha; o sistema bramânico plenamente desenvolvido acima descrito tomou forma nos séculos posteriores.

Filosofia

A filosofia predominante (por certo há também outros sistemas, embora sejam todos intimamente interligados), a doutrina da realidade esotérica à qual se relaciona o esquema acima, é uma forma de monismo inflexível chamada Vedanta; ela sustenta que há apenas Uma Realidade, o Brahman, da qual nada se pode afirmar. É o Oculto, o Deus Oculto; quaisquer qualidades ou atributos que se queira usar para exprimir sua natureza são contestados por uma famosa frase védica: "Não é isso, não é isso" (neti, neti). Conhecer essa realidade é conhecer tudo, tal como conhecer a argila é conhecer tudo o que é feito de argila — as diferenças aparentes consistem apenas em nome e forma (namarupa). Essa realidade está dentro de nós mesmos, e nós, dentro dela. Ela é, de fato, nosso único e verdadeiro Eu (atman), que a personalidade (ahamkara) e os atributos (upadhis) obscurecem dentro de nós. O

conhecimento dessa Realidade é Libertação (moksha, nirvana), tal como quando um pote de barro se quebra percebe-se que o espaço interior e o espaço exterior são o mesmo. Atingir essa libertação é o mais alto desígnio da vida.

A vida de cada alma (jivatman) segue um caminho duplo — o primitivo Desejo de Experiência (pravritti margaya) e o posterior Desejo de Contestação (nivritti margaya), ou, em resumo, os caminhos de Busca e Regresso, conhecidos dos místicos de todas as idades e países. O processo de Encarnação e Libertação está sempre em andamento, mas, visto que os Libertados não voltam mais, é claro que os Buscadores devem estar sempre em maioria. Entretanto, é um mal para qualquer comunidade se ela for composta inteiramente daqueles que buscam, sem a influência transformadora daqueles que voltam.

Sociedade humana

Com base nisso os antigos rishis formularam os quatro alvos da vida humana: Dharma, Artha, Kama, Moksha, ou seja, Moralidade, Enriquecimento, Realização de Desejos e Libertação. A teoria das castas (yarna, literalmente: cor), cada qual com sua moralidade apropriada {sva-dharma), reflete a concepção de que as almas estão em diferentes estágios de desenvolvimento, além de ter capacidades especiais ou tendências tanto quanto méritos especiais, de acordo com a natureza da ação passada. "Casta", segundo disse a Irmã Nivedita, "é a continuidade da linhagem; é o sentido histórico; é a dignidade da tradição e o objetivo para o futuro. É ainda mais: é a familiaridade de um povo inteiro em todos os seus graus com o único motivo humano supremo - a idéia de noblesse oblige".

Casamento

A Moksha, ou Libertação é, em última instância, atingível apenas pelo indivíduo e depende da sua relação com Deus. Mas os fins seculares da vida, moralidade, riqueza, vontade e, acima de tudo, o nascimento das crianças, exigem a cooperação de homens e mulheres. Conseqüentemente, no sistema

social hindu enfatiza-se bastante o casamento; embora no campo religioso se aconselhe o celibato ao cidadão, declara-se expressamente que se não tiver um filho ele não atingirá o Céu depois da morte, nem tampouco seus ancestrais permanecerão ali. O casamento hindu é indissolúvel, exceto na quarta casta. Permite-se a poligamia, mas ela é relativamente rara, uma vez que o número de homens e mulheres é quase igual. A razão mais freqüente para um segundo casamento é a falta de filhos no primeiro. Como em tantos outros sistemas, a base do casamento é o dever, mais que o amor romântico. A elevada posição espiritual da mulher hindu se reflete na mitologia. De fato, como já vimos, milhões de hindus pensam em Deus como Ela.

E Ela (diz Shankaracharya), com quem Shiva procura abrigo (...)

Cujas palavras são doces,

A destruidora de males,

Sempre e em todo lugar penetrando,

Planta que alastra terna de Inteligência e Beatitude.

"A mãe", diz Manu, "é superior a mil pais no direito à reverência e na função de mestre". E, mais uma vez, no Kubjika Tantra: "Quem quer que tenha visto os pés de uma mulher, que os cultue como os de seu mestre".

Renúncia

A vida do cidadão é ordenada para todos, exceto para os poucos que sentem, já na juventude, o chamado irresistível da renúncia (*vairagya*, afastar-se) e assim se tornam monges ou monjas. Para essas pessoas o ascetismo é uma vocação. Por outro lado, o cidadão, como já vimos, deve se casar e ter filhos. Mas a vida não é apenas a vida como cidadão, mesmo para o homem comum; chega um momento em que ele também se vai deste mundo. Sua vida está planejada em quatro estágios (*ashramas*): vida de estudante, vida de chefe de família e homem de negócios, aposentadoria e finalmente a renúncia completa a todos os elos. É a fortaleza de caráter, o mérito acumulado em muitas vidas assim ordenadas, que amadurece gradualmente a alma do indivíduo até ele por fim sentir o chamado irresistível e concentrar toda a sua força na direção da Libertação (*nirvana*).

TEXTO SOBRE A OBRA (ABAS)

Esta obra, proveniente de fontes literárias antigas, apresenta a grande epopéia espiritual do povo hindu, desde suas fontes primitivas até seu pleno desenvolvimento. Nas palavras dos autores: "Neste livro tratamos desses dois estágios da mitologia. Por um lado, oferecemos alguns relances das formas primitivas que a mitologia assumiu depois de passar pela nebulosa indefinição das épocas primitivas. Por outro lado, fizemos um relato mais completo das histórias da época em que a mitologia atingiu sua maturidade".

Congrega, pois, os tesouros da literatura da Índia antiga. Traz reunidos os grandes épicos o Mahabharata e o Ramaiana, narrados, como declara Coomaraswamy, do modo como são conhecidos pelo povo hindu e tão próximo quanto possível do original. Fonte do pensamento e crenças do povo indiano, essas duas epopéias representam uma herança espiritual permanente, que pertence a toda a humanidade. Neste volume ainda estão as principais narrativas da mitologia hindu e budista, as histórias de Krishna, do Buda, Shiva, e histórias míticas derivadas dos Puranas. Jataka, Vedas e outras epopéias integrantes do hinduísmo e do budismo.

A beleza dessas narrativas se enuncia na linguagem elevada, no heroísmo, virtude e esplendor heróico do homem em contato com um mundo divinizado. Um belo exemplo é a história de Savitri. Nela conta-se que "havia um rei chamado Senhor dos Cavalos; ele era virtuoso, generoso, corajoso e muito amado. Entristecia-o sobremaneira não ter filhos. Por isso ele cumpria votos difíceis e seguia a lei dos ermitões. Por dezoito anos ele fazia diariamente oferendas ao Fogo, recitava mantras em louvor de Savitri e comia uma refeição frugal à sexta hora". Por fim, esse rei teve uma filha de beleza formidável, com olhos de lótus, de índole Vibrante e esplendor radiante, uma filha gloriosa, a quem ele deu o nome de Savitri por ter sido essa filha uma dádiva recebida da deusa Savitri. A filha gloriosa empreenderá, em virtude de seu amor puro, a bela façanha de obter de Yama, o Senhor da Morte, o retorno à vida de seu amado marido.

Mitos Hindus e Budistas é obra preparada por dois eminentes estudiosos da vida e cultura hindus: Irmã Nivedita (1867-1911), discípula de Svami

Vivekananda, é autora de diversas obras nas quais aborda e interpreta o pensamento e o espírito da Índia. Seu trabalho mais conhecido é The "Web of - the Indian Life. Ananda Kentish Coomaraswamy (1877-1947) é uma figura de relevo no campo do esoterismo tradicional. Nasceu no Ceilão, filho de Mutu Coomaraswamy, jurista de origem indiana, e de Elisabeth Clay, de origem inglesa. Obteve sua formação acadêmica em Londres. Tinha um conhecimento, quase sem paralelo, da cultura, religião, língua e filosofia da Índia. Foi crítico de arte, historiador, filósofo e sua contribuição no campo da arte e da literatura foi significativa. Consolida uma obra, a partir de 1930, inteiramente inspirada no esoterismo tradicional. Sua obra publicada em inglês é extensa. Traditional Art and Symbolism, Metaphysics, History of Indian and Indonesian Art, The Vedas, Essays in Translation and Exegesis são alguns de seus trabalhos.